

DIARIO
DE
JOÃO CHAGAS

1918

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA — RUA AUGUSTA, 44 A 54
LISBOA — 1930



EDDIFER

DIARIO
DE
JOÃO CHAGAS

DIARIO
DE
JOÃO CHAGAS

1918

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA — RUA AUGUSTA, 44 A 54

LISBOA — 1930

802
21269

278744

1918

JANEIRO

O Bernardino Machado telegrafa-me de Madrid, onde se tem eternisado: «Fica ahi? Cumprimentos». Este telegramma põe-me fóra de mim. Assim este homem não tem outra coisa a dizer-me depois do que se passou! Se fico aqui? Onde quer elle que eu fique?

JANEIRO

A's oito horas da fria e invernosa manhã que hoje esteve fui esperar o Bernardino Machado, exilado, á estação do Caes d'Orsay. Estavam comigo a aguardá-lo mais tres pessoas: o Paulo Osorio, o Augusto Pina e o Ortigão Peres, que deu a sua demissão de adido militar e não tem medo de ir á estação. Mais ninguem. O Bernardino Machado veio com duas das filhas, a Maria e a Gigi, espavoridas como avesinhas que tivessem

apanhado um temporal. Ao apoiar-se na mão que lhe offereci para o ajudar a descer da carruagem, foi com o mesmo sorriso que sempre lhe conheci e que nem a morte talvez lhe fará desafivellar, que elle saudou a minha apparição. E logo ali se desentranhou em apresentações, impingindo-nos dois officiaes portuguezes que vinham com elle no mesmo compartimento e que tinham talvez contribuido para a sua deposição! Os dois officiaes, de resto, pareciam extremamente embaraçados. Só elle estava á vontade, caminhando pela gare fóra com um pé tão lesto como se viesse a ferias. D'aquella mesma gare, no entanto, tres mezes antes, partia elle para Portugal, num comboio de luxò, depois da sua viagem triunfal pela França, pela Inglaterra e pela Belgica livre, coberto de condecorações! Estou ainda a vê-lo, de pé, conversando com o velho Ribot, enquanto esperavamos o Presidente Poincaré, que lhe dera a suprema honra de vir pessoalmente despedir-se d'ello á estação. Em volta do grupo official havia multidão. O Silva Graça do *Seculo*, embrulhado num cachenez de lã, chegara-se por detraz d'elle, dissera-lhe ao ouvido: — Apresenta-me? E logo o Bernardino Machado se pozera a apresentá-lo com prolixidade ao Ribot, presidente do Conselho, que sorria com um bom sorriso de velho, surprehendido no entanto talvez de que, naquellas circumstancias officiaes, o Presidente da Republica Portuguesa lhe apresentasse um homem de cachenez. Quando o presidente Poincaré chegou com a sua casa militar e civil, o secretario Saint-Orè, o general Deparge, houve sensação e a gente portuguesa que assistia a esta scena teve a im-

pressão de que Portugal se tornava outra vez grande. Depois, no comboio luxuoso, principeseo, regio, a comitiva, ou sequito, como lhe chamavam os jornaes de Lisboa para os achinealhar, desembrulharam os escrinios de marroquim, entregues na gare pelo chefe do Protocolo e contendo as condecorações: a grã cruz para o Presidente, o grande officialato para o Affonso Costa e para o Augusto Soares, e para toda a gente o grau de cavalleiro, e enquanto o comboio rolou pelas planicies da Beauce, as fitas e placas da Legião d'Honra passaram de mão em mão, no meio do regosijo de todos. Agora, tres mezes depois, nem tanto, ali o tinhamos outra vez ao Presidente da Republica Portuguesa, na gare do Caes d'Orsay, destituído, banido, proscripto, descendo sem honras de uma carruagem do comboio de Bordeus e tão obscuro que para o fazer transpôr o *contrôle* na plataforma superior da estação foi preciso que elle esquadrinhasse as algibeiras, exhibisse o bilhete da viagem ao homem da porta. Como foi isto possivel? Entretanto esmão uma surda colera contra este homem desorganizador que por onde passa semeia a confusão. Com effeito, esta volta a França do Presidente banido podia ter-se passado de outro modo. O Governo Francês fizera-me saber que desejava receber Bernardino Machado com as honras devidas ao seu alto cargo, o que me trouxe uma grande satisfação. Preveni para Madrid, pedi a Bernardino Machado que precisasse a data da sua chegada a França. Bernardino Machado precisou. O Protocolo poz tudo a postos. Bernardino Machado, á ultima hora, adiou a viagem. Quando pela segunda vez me communicou que final-

mente vinha, absteve-me de avisar o Protocolo para não cabir noutra. Mesmo esta manhã quando fui á estação, não estava certo de que elle chegasse. Podese lá contar com semelhante homem! Um rapaz que anda por Paris a servir de *cicerone* aos officiaes do Corpo Expedicionario e que appareceu na estação a prestar serviços, arranjou um velho taxi de remise, com as almofadas cheias de nodos, e como nada estivesse preparado para receber o incerto homem que chegava, nem hotel, nem coisa alguma, nelle o levei e mais as filhas para minha casa, onde se resolveria o que houvesse a fazer. Toda a manhã até ao meio dia, no meu escriptorio, se passou a parlamentar pelo telefone com o Hotel Majestic, onde acabei por arranjar um excellente *appartement*, em excellentes condições, para estas *épaves* da vida publica portugueza, mas aqui interveiu a mesquinharia que é um dos traços do character de Bernardino Machado, achando tudo caro, regateando tudo, dando batalhas campaes para obter um abatimento de dois francos. Ao meio dia veio o Guilaines do *Temps*, ao qual eu tinha promettido que o Presidente faria as suas primeiras declarações, e durante uma hora foi um inferno para reduzir a uma linguagem clara as prolixas, confusas, emaranhadas dissertações de Bernardino Machado sobre os ultimos accidentes da politica portugueza. Quando o Guilaines partiu com a cabeça em agua á procura do seu almoço retardado, levámo-lo então e enfim para o Hotel Majestic, onde o installámos. Os creados vieram pôr a meza no salão que lhe ficou reservado. Neste instante, pensei comigo que Bernardino Machado ia ter um gesto

e nos ia convidar para almoçar. Enganei-me. Quando tudo ficou dito em materia de installação, o Presidente da Republica Portugûesa desfechou-nos o seu sorriso de sempre, dos dias de fortuna como dos dias de adversidade, e disse-nos naquelle tom ao mesmo tempo affirmativo e interrogativo que é tão seu:— Até lôo...go? — Até logo!

29 DE JANEIRO

O desastre consuma-se. Passou hoje por aqui, a caminho de Lisboa, o Roberto Baptista, chefe do Estado Maior do Corpo Expedicionario — demittido. Segue tambem com elle o general Abel Hipolito, demittido. Trazem esta noticia: a gente de Lisboa decidiu reduzir a nossa cooperação militar a uma divisão, ficando a da rectaguarda de reforço a esta.

31 DE JANEIRO

A noite passada, os Gothas vieram bombardear Paris. Eram onze e meia. A Maria e eu terminavamos a nossa ultima, triste, solitaria partida de dominó, quando se fez ouvir o mugido prolongado da busina. Depressa! apagar as luzes! Oh! o enervamento d'esses primeiros momentos! A Maria percorre a casa, fecha a electricidade, recommenda-me que vista um sobretudo para o caso de termos de sahir para a rua, porque a noite está fria. Chamo-a, inquieto por a ver demorar-se em certos cantos da casa que julgo mais expostos... Nisto tiros de canhão, a campainha da porta retine e o nosso visinho do quinto andar apparece-nos

como ha dois annos, quando vieram os Zeppelins, com a mulher, os dois filhos, as tres creadas . . . Já estavam deitados, embrulharam-se em agasalhos colhidos á pressa, e desfazem-se em desculpas. Levamo-los para o salão grande, que é o logar da casa que me parece offerecer mais garantias. As creadas ficam na galeria, ás escuras e em silencio, como se recciassem que as suas vozes fôsem ouvidas lá em cima, no ceu d'onde vam cahir as bombas homicidas. Madame Montégudet senta-se num fauteuil, aperta contra si a filhinha. Como abri as vidraças das janellas, pois diz-se que é necessario tomar esta precaução, faz muito frio na sala. Minha mulher vae buscar um *couvre-pieds*, cobre a mãe e a filha. O rapaz senta-se-lhe ao lado e todo o tempo palra. Nenhuma das duas creanças parece ter a menor consciencia do perigo. Com a sua precoce intelligencia e essa desinvoltura tão propria das creanças francêsas, o rapazito, que não terá dez annos, emite no entanto opiniões sobre o poder destructivo das bombas, os gazes asfixiantes, etc. Só nós estamos tranzidos, prestando ouvidos ao ruido cada vez mais proximo do canhão. Tambem falamos, trocamos impressões, mas tudo o que dizemos é febril e a nossa conversação é entrecortada de silencios angustiosos. Na rua passa gente apressada. Chego á janella. A noite fria está clara e estrellada, mas logo cerro as persianas e volto a sentar-me junto do sr. Montégudet. Dir-se-ia que o ruido do canhão se aproxima. Subito, no meio de um dialogo entre minha mulher e Madame Montégudet, ouço um estampido fragoroso. Olho para o sr. Montégudet, que olha para mim. Digo-lhe baixo: — Lá cahiu uma bomba! O

canhoneio torna-se incessante e de novo outro estampido igual nos chega aos ouvidos. Offereço ao sr. Montégudet um cigarro, que elle acceita, e pomo-nos a fumar nervosamente em silencio, no salão apenas illuminado a um canto pela grande lampada de *abat-jour* amarelo. Tenho a bocca secca e os pés gelados. O canhoneio entretanto parece cessar, faz-se mesmo por instantes um silencio profundo, tão profundo porrem, que ainda é mais angustioso, como no meio de uma trovoadá o silencio que se faz entre um trovão e outro. No meio d'este silencio, um estroudo enorme de derrocada, muito perto d'aqui, fez-nos curvar involuntariamente a cabeça, como se tivesse estalado um raio. Ao mesmo tempo, a nossa casa foi sacudida por um violento estremeimento. Quando aquillo passou, eu disse: — Foi perto d'aqui! — Muito perto! respondeu simplesmente o sr. Montégudet. Em seguida, fez-se um novo silencio, mais terrivel ainda do que os anteriores, porque o facto de não ouvir o ruido do canhão deu-me a impressão de que um ou mais Gothas pairavam por cima de nós e não eram perseguidos. Nestas circumstancias, a cada momento esperamos ver desabár a nossa propria casa. Pela rua começaram a passar automoveis á desfilada e logo depois os carros de bombeiros. A voz do canhão voltou a fazer-se ouvir, lenta, espaçada. Veio um novo silencio, que se prolongou. Ouvimos ruidos de passos na rua, depois o de vozes. — *Il parait qu'il y a du grabuge tout près d'ici!* disse uma voz. — *Avenue de la Grande Armée!* disse outra. Alguem passou a assobiar. Extraordinaria alma! Duas mulheres soltaram uma risada. Extraordinario país! Os car-

bombardeamento. Na Avenida da Grande Armée lá estava o grande predio attingido pela bomba que na vespera fizera estremecer tão violentamente a nossa casa. Os dois andares superiores são um montão de escombros. Em baixo, na rua, estão cahidos os grossos blocos de pedra, destacados da fachada. Olha-se para aquillo com espanto. Eu calculo, pelo que vejo, as probabilidades de salvação dos que habitam como eu nos andares inferiores. Mais adiante, numa pequena rua que passa por detraz da Avenida do Bosque, uma bomba rebentou no chão. O solo está cheio de estilhaços de vidro, das vidraças partidas. Pergunto a um agente de policia como aquillo foi. Elle explica-me com bonhomia o successo, exclama:— *C'est la guerre!* Os jornaes apenas publicam sobre o que se passou dois succintos comunicados officiaes, mas diz-se que ha muito mais estragos em todo Paris e nos arrabaldes. O bairro da Opera foi attingido. Na rua du Quatre Septembre, um *bureau* de tabaco foi feito em estilhaços. A' tarde, Mademoiselle Bontemps, que mora em Saint Denis, diz-me que os *Magazins Généraux* ainda estão a arder. Para esta noite annunciou-se novo raid. Estivemos até á uma hora com o Presidente no Majestic, que offerece com os seus altos andares de cimento armado um abrigo melhor do que a nossa fragil casa da Avenida Kleber. Terriveis tempos! Os jornaes de Lisboa annunciam que o Teixeira Gomes foi ali preso. Este pobre Teixeira Gomes passou ha dias por aqui, muito murcho e inquieto, por ver, dizia elle, que «aquillo tinha fugido das mãos do Camacho.» Tinha sido chamado a Lisboa

ros de bombeiros não cessavam de passar. Consultei o relógio. Eram quasi duas da madrugada. Fui abaixo á porteira, a saber noticias. Encontrei-a na sua loge, junto do filho, que está tuberculoso e parecia um cadaver todo embrulhado em cobertores e recostado numa velha poltrona. Não sabia nada. Apenas ouvira, como nós. O rapaz estava muito *émotionné*. Fora preciso tirá-lo da cama, vesti-lo, sentá-lo ali para o caso de se ter de sair. O tísico não dizia uma palavra, a cabeça toda pendida para traz, pallido como cera. Tornei a subir. Na sala gelava-se. Levamos os nossos hospedes para uma outra sala aquecida. As creadas de Madame Montégudet já se tinham familiarisado com a nossa *bonne*, circulavam com ella pela casa. Recommendei-lhes que estivessem attentas ao toque da *breloque*. Na salinha confortavel de minha mulher, as nossas emoções foram-se pouco a pouco dissipando. Deitada num sofá, perto do fogão, a pequenita abria para nós os seus olhos azues, risonhos de innocencia. O pequeno parecia considerar o que se estava passando em torno d'elle como um facto infinitamente curioso. Offercei Porto. Falamos de Portugal e dos nossos desastres politicos e já elevavamos a voz, já esquecíamos os Gothas e as suas abominações, quando a Anna veio annunciar a *breloque*. Ninguem crê na *breloque* sem a ouvir. O sr. Montégudet e eu corremos á janella. Não! não era ainda a *breloque*. Subito porem a *joyeuse sonnerie* ressoou na rua e elle não quiz ouvir mais, correu a recolher a sua mulher, os seus filhos, as suas creadas e lá foram todos pela escada acima, num murmurio de agradecimentos. De manhã fui verificar os estragos do

bombardamento. Na Avenida da Grande Armée lá estava o grande predio attingido pela bomba que na vespera fizera estremecer tão violentamente a nossa casa. Os dois andares superiores são um montão de escombros. Em baixo, na rua, estão cahidos os grossos blocos de pedra, destacados da fachada. Olha-se para aquillo com espanto. Eu calculo, pelo que vejo, as probabilidades de salvação dos que habitam como eu nos andares inferiores. Mais adiante, numa pequena rua que passa por detraz da Avenida do Bosque, uma bomba rebentou no chão. O solo está cheio de estilhaços de vidro, das vidraças partidas. Pergunto a um agente de policia como aquillo foi. Elle explica-me com bonhomia o successo, exclama:— *C'est la guerre!* Os jornaes apenas publicam sobre o que se passou dois succinctos comunicados officiaes, mas diz-se que ha muito mais estragos em todo Paris e nos arrabaldes. O bairro da Opera foi attingido. Na rua du Quatre Septembre, um *bureau* de tabaco foi feito em estilhaços. A' tarde, Mademoiselle Bontemps, que mora em Saint Denis, diz-me que os Magazins Généraux ainda estão a arder. Para esta noite annunciou-se novo raid. Estivemos até á uma hora com o Presidente no Majestic, que offerece com os seus altos andares de cimento armado um abrigo melhor do que a nossa fragil casa da Avenida Kleber. Terriveis tempos! Os jornaes de Lisboa annunciam que o Teixeira Gomes foi ali preso. Este pobre Teixeira Gomes passou ha dias por aqui, muito murcho e inquieto, por vcr, dizia elle, que «aquillo tinha fugido das mãos do Camacho.» Tinha sido chamado a Lisboa

pelo Sidonio. Não sabia o que lhe queriam. Já o ficou sabendo.

1 DE FEVEREIRO

O Norton de Mattos, banido e considerado desertor, chegou hoje vindo de Gibraltar, onde tem estado. Vem com a mulher e a filha e dirige-se a Londres, onde vae trabalhar. Parece que arranjou uma situação numa Companhia de Navegação. Diz-me: «Os homens que se deixaram vencer no 5 de Dezembro não têm o direito de voltar á vida publica.» Comtudo, dá uma impressão de robustez e de energia. Pergunto-lhe como foi aquillo possivel. Responde-me que o Affonso Costa estava nuito inpopular.

2 DE FEVEREIRO

Gréves na Allemanha. Começa-se a falar na possibilidade de uma revolução ali. Em Zurieh, ameaças maximalistas. Da anarehia russa dir-se-ia querer sahir o quer que seja e propagar-se pela Europa. O quê, não sei. O que por ora se vê é fatal e, por isso, feio.

5 DE FEVEREIRO

O Alvaro Poppe, ehogado de Lisboa, conta o que aquillo foi, mas o que me interessa é conheeer o estado actual da opinião e se ainda existe o velho espirito republicano. As suas respostas são imprecisas. O povo republicano estava aborreeido, mais do que com a politica, com a condueta pessoal do Affonso Costa, que irritava a todos com a sua arrogancia, feehado no seu

gabinete do Ministerio das Finanças com o irmão, o Arthur, e não recebendo ninguem. Os democraticos eram mal vistos. Porquê? Certos casos tinham causado muito mau effeito — a nomeação do Daniel Rodrigues para a Caixa Geral dos Depositos, a presença do Alexandre Braga no poder e a nomeação para presidir á embaixada intellectual ao Brazil. Só isso? pergunto eu, surprehendido. O Poppe não sabe precisar. Em summa, os democraticos eram mal vistos. Quando o Sidonio appareceu para os deitar abaixo, uinguem se oppoz. O Poppe commandou um dos pelotões da columna que atacou o parque Eduardo VII. Pelo caminho, diz elle, não encontrou viv'alma. Todas as portas estavam fechadas e, a partir da rua da Prata, começou a ser recebido por um vivo tiroteio, feito das janellas. O povo republicano d'outr'ora não appareceu. E' o eclipse da Republica?

14 DE FEVEREIRO

Bolo Pachá condemnado á morte. A Maria disse-me hoje:—E' muito desagradavel ter conhecido um homem que foi condemnado á morte. Se é desagradavel! Para nós este facto é tanto mais desagradavel quanto Bolo Pachá, recordando-se das fugazes relações que contrahimos em casa do Finot, se lembrou de me convocar para sua testemunha de defeza. E eis aqui o meu nome nos jornaes, como testemunha de defeza de Bolo, accusado de entendimentos com o inimigo! Não tendo nada a dizer em favor d'este extraordinario aventureiro, que podesse influir na sua sorte, tomei o conselho do Clunet, abstive-me de comparecer no tribunal de

guerra que o julgou e sobre o qual, durante dias, estiveram fixadas as atenções da França e do mundo inteiro. Não importa! Este caso Bolo trouxe-me momentos de grande aborrecimento. Não posso então resistir a tornar responsavel o Finot pelo que me acaba de succeder, pois foi em casa de Finot que o conheci. Finot podia pelo menos ter-se abtido de me fazer jantar com elle em sua casa. Não se juntam homens que se conhecem pouco. Mas Finot é assim: amfitrião sem conta, peso, nem medida. As minhas relações com Bolo tiveram o seu echo em Portugal, onde os apaches que ali estão mandando pretendem agora insinuar que eu teria sido o amigo do Pachá e, porventura, o seu cumplice. Homem Christo Filho, que hoje se intitula aqui agente do Governo Português, andou pelas redacções dos jornaes de Paris a offerecer um papel encontrado em Lisboa num cofre do Affonso Costa e no qual se fala em Bolo Pachá. Tive de fazer declarações, de dirigir cartas aos jornaes... Um horror!

17 DE FEVEREIRO (DOMINGO)

Esta noite, ás dez e meia, novo alerta. Estava com o Presidente no entresol que elle occupa no Magestic, quando se ouviram os primeiros tiros de canhão. Enfiámos os casacos, descemos ao *hall*. Pelos corredores corria já gente assustada, ouviam-se gritinhos de senhoras. Aquella hora ainda estava quasi tudo a pé no Hotel. No *hall* tinham-se apagado as luzes e o gerente encaminhava uma onda de damas para o sub-solo, onde era antigamente a sala de baile e onde, depois da guer-

ra, se installou a casa de jantar. O gerente garantia que o sub-solo era *unabri tout à fait sûr*. No sub-solo juntou-se uma boa parte do hotel. Havia muitas senhoras de varias idades, algumas jovens e bellas, calçadas com elegancia e mostrando um pedaço de decote. Umás sentaram-se no chão, junto das paredes fortes, outras em cadeiras trazidas do salão de musica, mas as mais novas conservaram-se de pé, falando com vivacidade e sem medo. Entre ellas havia alguns rapazes, o primeiro secretario da Argentina, o secretario de Cuba, dois mocetões trajando uniformes inglêses. A filha do sr. Maur, que habita o hotel desde que começou a guerra, muito mundana, *flirtou* longamente com um janota de cara rapada. Uma dama, embrulhada num roupão e despenteada, passou com uma maleta de mão e uma garrafa d'agua. Rodearam-na, perguntaram-lhe o que era aquillo. A dama, muito regosijada por se sentir objecto de tanto interesse, declarou que aquillo era a mascara e o hyposulfito para os gazes asfixiantes. Gracejou-se, riu-se. O Presidente, rodeado pelas filhas e minha mulher aguardavam os acontecimentos. Em baixo não se ouvia nada. De vez em quando o P. Osorio ia acima; voltava declarando que não se ouviam tiros e estava uma noite linda. Subi tambem. Havia gente sentada nas escadas e junto das paredes do *hall*. Sahi a espreitar o céu. A noite estava com effeito, maravilhosa. Dois automoveis, estacionados á porta do hotel, projectavam a luz intensa dos seus faroes. Uma mulher increpou os *chauffeurs*, ameaçou-os de os denunciar á policia. Nisto ouviu-se o toque da *breloque* annunciando que o perigo passara e eu ia voltar a

baixo a dar a boa nova, quando senti no braço a pressão do braço de minha mulher, que subira no meu calçado, já inquieta por me haver perdido de vista naquelle momento de perigo. Querida Maria! Ella não quer que eu corra perigo algum, mesmo imaginario, sem estar ao meu lado, a partilhá-lo comigo!

20 DE FEVEREIRO

Melhor fôra que o Bernardino Machado não tivesse vindo a Paris. O que está fazendo nem o engrandece a elle, nem ao país. O seu exagerado espirito de economia leva-o a esquecer-se completamente do decoro da sua situação. Anda por ahi nos tramways, nas carruagens do *metro*, e faz visitas em sordidos taxímetros de praça. Por outro lado, *cet epouvantable désir de plaire, d'être aimable, qui l'amène aux plus abjectes lachetés* (Port-Tarascon-Alph. Daudet) e que continua a ser a sua característica, está-o tornando terrivelmente ridiculo. Recebe toda a gente, a toda a gente estende a mesma mão. Prende as pessoas que o procuram durante interminaveis horas. Junta a todos na mesma sala e a todos apresenta. Hoje encontrei-o entre varios individuos. Apresentou-me todos. Nem lhes sabia os nomes! O que quer é agradar, captivar. Só é feliz quando se sente rodeado. Quando está só soffre. Então queixa-se, recrimina. O Presidente da Republica já o recebeu, já mesmo lhe deu um almoço no Eliseu, na intimidade, está claro, e com as filhas. Como porém os poderes publicos não se tenham apressado a visitá-lo, a procurá-lo no hotel, a dar-lhe

a impressão de que a sua soberania desrespeitada em Portugal é reconhecida aqui, queixa-se da França e dos seus homens, diz que a guerra ha de acabar mal, fala em derrota. . . Aconselhei-o a ir para Biarritz, e a installar-se ali numa villa com a familia, aguardando o desenlaee, em que já se fala, da situação em Portugal. Era um excellente ensejo de tomar algum repouso e o Martinet justamente annuncia que estão ali para alugar duas *villas* mobiladas, ambas excellentes e baratissimas; mas Bernardino Maehado não se decide, fluetua, fala em ir a Inglaterra. Para quê? Simplesmente para isto: — para ser reeebido pelo rei Jorge, como foi reeebido pelo rei de Hespanha, depois da sua destituição e dar-se assim a si mesmo mais uma satisfação de amor proprio e de vaidade, pois quanto mais o observo mais reconheço que este homem não é movido por outro sentimento que não seja o do amor proprio e o da vaidade. O que se passou em Portugal só attingiu o seu amor proprio e a sua vaidade. Nada mais! O que o faz soffrer (e está visivelmente abalado) não é a crise que a Republica está atravessando e o mallogro das nossas esperanças de engrandecimento nacional, mas a sua humilhação pessoal. Assim, o que o detem em Paris é a esperança de uma reparação de estrondo emquanto aqui estiver. Pessoas vindas de Portugal trazem noticias animadoras. Os republicanos sentem o perigo que a Republica está correndo e voltam a unir-se. Fala-se numa revolução proxima. Bernardino Maehado espera angustiadamente essa hora, e emquanto ella não vem, vae-se dando a illusão da sua soberania. Reebe visitas de officiaes portuguezes republicanos,

passa o dia de pé a dar apertos de mão, como em Belem, fala pelos cotovellos, sorri, é por momentos feliz. Em Biarritz era o deserto! O que o preocupa é o hotel, que continua a achar caro, apesar de lhe fazerem condições extremamente modicas. Assim, planeou installar-se num andar mobilado da rua Marignan, aos Campos Eliseos. Observei-lhe que a vida domestica está neste momento extremamente cara em Paris, que para obter o assucar, o pão, o carvão são necessarias auto-risacões especiaes, que a creadagem é má e custosa, etc. Oppoz ás minhas razões o vago sorriso que é a sua resposta a tudo. A par da sua vaidade, o seu egoismo não tem limites e é tão grande que transparece em todos os actos da sua personalidade, sem que elle mesmo o procure dissimular. Os seus ministros e colaboradores d'hontem, hoje proscriptos, como o Norton de Mattos, como o Leotte do Rego, sem fortuna, debatem-se em difficuldades. De Gibraltar o Leotte do Rego escreveu para Paris que a sua situação reclamava promptos auxilios. Estes factos não o preocupam e parece ao contrario desinteressar-se completamente d'elles. Tudo o que este homem dá aos outros são apertos de mão, sorrisos. Isso dá prodigamente. Que porém não appellem para a sua solidariedade, ou para o seu coração. Isso importuna-o. O Pinto Lima, demittido da situação que tinha de delegado do governo junto dos operarios portuguezes em França e que aqui se debate em atrozess difficuldades, pediu-lhe algum dinheiro, e já elle se me queixou d'isso, falou em «assalto á bolsa.»

8 DE MARÇO

Acabavamos de jantar. Finot tinha vindo fazer-nos um boeado de companhia e dissertava com a sua habitual loquella quando se ouviu o mugido das businas annunciando outra vez os Gothas. Logo, o habitual reboliço. Minha mulher correu a metter as suas joias-nhas e o seu dinheirinho num sacco, para o caso — diz ella — de termos de sahir precipitadamente. O Finot desapareceu pelas escadas, mas logo voltou preferindo recommendar á mulher pelo telefone que descesse ao rez-do-chão, se resguardasse. Pouco depois, a campainha retinia e o nosso visinho Montegudet apresentava-se-nos com a mulher, as creadas, os filhos embrulhados em agasalhos. Os tres homens installámo-nos no salão inglês. Minha mulher e Madame Montegudet deixaram-se ficar no toueador, aquecido, confortavel, com o seu largo divan encostado a uma parede interior e onde a pequena acabou por adormecer. O ruido do canhão tardou em se ouvir, mas logo começou incessante e com muito menores intervallos do que da ultima vez. As detonações succediam-se, a espaços, sem interrupção, mas entretanto não nos chegava aos ouvidos o ruido secco e fragoroso do explodir das bombas. Assim se passou meia hora, durante a qual Finot falou interminavelmente e um pouco de tudo, como costuma, da Romenia vencida, da America e do seu novo exercito que continua chegando, da Inglaterra e dos seus estadistas, de quem diz sempre muito mal, finalmente dos fundos russos, que parecem interessá-lo muito. O ruido da voz do Finot abafaba o ruido ainda longinquo

do canhão, mas uma detonação proxima reduziu ao silencio as baterias da sua loquella. Emmudeceu, apontou com um dedo silencioso para a janella e os tres, calados, um pouco *angoissés*, ficamo-nos a escutar. Pela rua desfilavam automoveis e passava gente sem interrupção, mas sem pressa, falando em voz alta. Dois ou tres transeuntes passaram assobiando a *Marselhesa*. O sr. Montegudet, muito nervoso, observou: — *C'est de l'inconscience!* A mim pareceu-me, ao contrario, heroico. O que diria Victor Hugo d'estes desconhecidos que passam na noite, debaixo do bombardeamento, assobiando o himno de Rouget de l'Isle! E como elle os tornaria immortaes! Ah! nesta guerra falta o genio! A humanidade que a soffre é bem mediocre! Consultamos os relogios. Eram dez horas. Havia hora e meia que aquillo durava e o sr. Montegudet lembrando-se de que o ataque de 30 de janeiro durara duas horas pensou talvez comsigo que faltava pouco para acabar. Com effeito o canhoneio havia já algum tempo que cessara e Finot fechara os olhos, como se dormitasse, quando o canhão se fez ouvir de novo ao longe. — Parece que se distanciam... disse eu. Os dois concordaram com *empressement*, porque é sempre agradavel reconhecer estas coisas, mas ás onze e depois de um longo intervallo, o tiroteio irrompeu subito e tão perto que todos dissémos que deveria ser na Estrella. Recordaram-se então os estragos do ultimo bombardamento e o sr. Montegudet observou que a casa destruida da Avenuo de la Grande Armée era *impréssionante*. Minha mulher veio sorridente, com aquella coragem cheia de dignidade que não lhe consente mostrar que tem

miedo, saber como estavamos e trazer noticias do toucador, onde a pequena continuava abençoadamente a dormir e onde o rapaz affrontava bravamente o perigo. Nisto, a um fragor caracteristico a que os nossos ouvidos já se habituaram e que nos permite distinguir os estampidos dos canhões das quedas das bombas, pisquei o olho ao sr. Montegudet. — Lá cahiu uma! — Não ha duvida! concordou elle. Ponco depois, a um novo fragor o Finot endireitou-se no sofá de ouvido á escuta. O sr. Montegudet disse: — Parece que andam por aqui... Logo porém se fez um novo e espaçado silencio e já suppunhamos passado o perigo quando o canhão recomeçou, longinquo a principio, mais perto depois, ora intenso, ora com breves intervallos, e todos convimos em que aquillo ameaçava não acabar. Era quasi meia noite. Estavamos os tres extremamente enervados. Por duas vezes me levantei, dei uma volta pela casa. No quarto da creada, onde se tinha reunido toda a domesticidade do quinto andar, reinava a cordialidade, conversava-se, ria-se, a cosinheira dos Montegudets, que perdeu um filho na guerra, deitava as cartas. E' curioso como a gente do povo tem mais coragem do que nós. Subito, a uma nova acalmia, o Finot ergueu-se, passou em volta do pescoço o pequenino *cachenez* de sêda com que se abriga e que parece uma tripa, e declarou que aproveitava a abertura, para recolher a casa. — Não vá por ora!... Não é prudente!... Deixe ver... Mas já elle ia na escada, de lampada electrica em punho, desejando boas noites *et ses hommages à Madame*. Ainda corren uma estirada meia hora, sem que o canhão se fizesse ouvir e já o sr. Monte-

gudet e eu nos tínhamos embrenhado numa eonversa sobre a politica francêsa, o Daudet e a sua execravel *Action Française*, o Caillaux e a possibilidade de o fusilarem, já abandonando este assumpto eu tinha passado para Portugal e lhe dizia as miserias da nossa actual situação, esquecidos ambos do bombardeamento, quando ainda ao longe, ainda imprecisa, raiou a *breloque*. Calamo-nos, de ouvido á eseuta e, no meio do sileneio, a aria alegre do elarim de Paris retiniu — Ta... ta... rara... Ta... ta rara! Emmoldurada na porta, alta, bella, Madame Montegudet appareceu. O seu semblante irradiava tanta satisfação que a felieitei. Depressa. Toca a entrouxar outra vez as creanças e aqui vam elles pela escada acima, num murmurio de agradecimentos felizes, preedidos do pae que sobe pesadamente com um eoto de vella na mão. — Que seena! exelamei. Que seena de gravura para os nossos netos! E ali mesino puz o titulo á estampa — 1918. *Rentrée d'une famille parisienne, après une nuit de bombardement*. E foi entre risos desafogados, risos felizes, que a noite aeabou.

12 DE MARÇO

E' uma hora da madrugada. Os bandidos vieram outra vez esta noite e foram terriveis. Das nove e meia á meia hora da noite, estivemos nesta easa sob a ameaça das bombas assassinas, vindas do ceu eonstellado. Tínhamos acabado de jantar quando a *sirène* se fez ouvir. Resignadamente levantamo-nos e a Maria foi como sempre recolher o saquinho das suas joias e do dinheiro. Ah! esses primeiros momentos do alarme! Como

os nossos eorações se confrangem! Como as nossas feições se alteram! Como as nossas boceas so crispam. Cheguei á janella. O eanhão ainda não se fazia ouvir. Sobre Paris pairava um resto da bruma que o envolveu durante todo o dia, mas o eeu estava estrellado. Na Avenida Kleber, a escuridão era quasi eompleta. Em todas as direeções passava gente apressada em busca dos abrigos. Ao lado da nossa easa ha justamente uma cave eom logar para eincoenta pessoas. Os Montegudet não tardaram. A mulher e as creanças installaram-se na sala da Maria; cu e o sr. Montegudet ficamos d'esta vez na galeria, sentados nas cadeiras de couro de Portugal. O canhão começou a fazer-se ouvir a distancia. Depois que vi hontem a easa desmoronada da rua Geofroy Marie, a minha inspira-me uma bem mediocre confiança. Estou eonvencido de que se uma bomba eahisse aqui, ia tudo abaixo. Justamente, nos topos da galeria ha dois pequenos patcos. Se uma bomba enfiasse por um d'elles, esta easa abria ao meio. No entanto, eu e o sr. Montegudet deixamo-nos estar ali. Para que mudar de sitio? A morte quer-nos, ou não nos quer. Irá ter eomnoseo onde estivermos. O troar do eanhão eomeçou a approximar-se. E' sempre assim: primeiro distante, depois perto, eada vez mais perto, até á intensidade maxima. O periodo agudo começa. Na galeria prestamos ouvidos. Por momentos ainda falamos, trocamos impressões, mas quando o estampido das bombas começa a fazer-se ouvir, a garganta sceea-se-nos e emudecemos. Entra em scena um eanhão que eu ainda não tiuha ouvido e que tem um som rouco e sibilante, como uma garganta que escarrasse fogo. O ea-

nhoneio é tão intenso que os estampidos do canhão succedem-se sem intervallo. No meio do ruido o sr. Montegudet diz: — *C'est le feu de barrage*. Eu não aere-dito na efficacia do *feu de barrage*. Não se oppõe uma barreira de fogo num espaço tão vasto, como é o ceu. O canhão tem apenas um effeito moral. Dá a impres-são da defeza, mas que pode elle defender? De resto, ei-los aqui — os Gothas. Estes barbaros têm uma no-menclatura barbara para a sua barbarie. Os francêses chamaram aos seus primeiros aeroplanos *demoiselles*. Gothas é uma designação *qui sent le moyen-âge*. A's dez e meia deseneadeou-se o inferno. Os canhões en-traram a troar com furia e, no meio dos seus rugidos, á direita e á esquerda, as bombas entraram a explodir fragorosamente, como se Paris desabasse em volta de nós. Na galeria quasi podiamos precisar os pontos de queda d'esses engenhos monstruosos — umas vezes para as bandas do Trocadero, outras para os lados dos Campos Eliseos. O sr. Montegudet, visivelmente angus-tiado, dizia entre dentes: — *Oh! les bandits!* Eu pen-sava em Madame Osorio e em seus filhos, que justa-mente viviam no Trocadero, pensava nos nossos ami-gos esparsos por Paris e expostos como nós áquella tempestade de destruição. Minha mulher chegou á porta da sua sala, sorridente, e eu, vendo-a de pé, de costas para a vidraça da galeria, não pude deixar de lhe di-zer: — Tira-te d'ahi! Pueril preeaução! Do *officc* vinha-nos o ruido das risadas dos creados reunidos, o que in-dignou o sr. Montegudet que repetiu o seu estribilho: — *C'est de l'inconscience!* Minha mulher foi fazê-los calar e durante um momento, como o canhoneio ces-

sasse, como tivesse cessado o fragor das bombas, em toda a casa se fez um longo silencio na cidade silenciosa. A'quella hora, a população de Paris, encafuada nas caves, refugiada nos tunneis do Metropolitano, aguardava o fim d'aquelle horror. O silencio prolongou-se por tanto tempo que acabamos por pensar que era realmente o fim. Mais tranquillos, respirando melhor, acabamos mesmo por nos levantar, saecudimos o torpor que ha tantas horas nos prendia os movimentos e eu fiz servir Porto, para reconfortar. Interrogamos o pequeno Montegudet. Nove annos. O que pensava elle d'aquillo tudo. — *Je pense*, respondeu a creança, *qu'ils viennent un peu trop souvent!* Então, Madame Montegudet declarou *qu'elle en avait assez* e que, no dia seguinte partiria fôsse para onde fôsse com as creanças, e já aguardavamos o toque alegre da *breloque* quando o canhão se fez ouvir de novo. O mesmo suspiro de angustia, de aborrecimento, de desespero nos sahiu dos peitos. — *Çà ne va donc pas finir?!* exhalou o sr. Montegudet. Não! Aquillo não tinha acabado ainda e ainda durante meia hora, de ouvido inquieto, escutamos o canhão, primeiro longinquo, depois proximo outra vez, como se procurasse embargar a passagem a novas esquadilhas de bombardeamento. O canhão rouco entrou outra vez em scena, tão perto de nós, que dir-se-ia estar em bateria na nossa rua, mas a sua intervenção durou pouco. D'ahi a momentos, o canhoneio foi abrاندando, foi-se tornando distante, e finalmente cessou. Consultamos os relogios. Era meia noite. Passou um longo quarto d'hora, depois outro, sem que o silencio da noite tragica fôsse outra vez perturbado. Subito, um

toque longinquo de clarim.—Escutem! não ha duvida! E' a *breloque!* e d'ahi a pouco, o carro dos bombeiros passou como um bolide, diante das nossas janellas fazendo resoar as notas vibrantes do seu clarim. Parisienses! Sahi das vossas tocas. Os barbaros vam longe. O mal que deveriam fazer está feito. Por esta noite podeis dormir tranquillos! Madame Montegudet, os seus dois filhos, os seus creados sobem ao seu quinto andar. Eue o sr. Montegudet sahimos a saber noticias. E' impossivel que não tenha havido desmoronamentos ali perto. Na *loge* do porteiro, o filho tuberculoso parecia agonisar. O pac, que vem abrir-nos a porta, diz-me, ainda tremulo das emoções por que acaba de passar: — *Ah! Monsieur! Cela a été terrifiant!* E indicando com um gesto o filho, inanimado no *fauteuil* para onde o transportaram da cama, murmura: — *Pauvre enfant! Il se meurt!* Em toda a Avenida Kleber não ha um unico candieiro acceso. A escuridão é tão completa que caminhamos ás apalpadclas, para não esbarrar com as pessoas que vêm em sentido contrario. Passa muita gente, que sahiu dos abrigos e recolhe a casa. No Hotel Majestic, onde vamos procurar noticias, não se sabe nada. A' porta, um grupo diz que parece ter cahido uma bomba na rua Schaeffer, em Passy, outra na Avenida d'léna. Um agente de policia, que acabamos por descobrir na escuridão, não nos pode informar. Ouviu dizer que cahiram bombas no Boulevard Saint Germain. Um manto negro de estrellas cobre Paris.

17 DE MARÇO

Esta manhã, ainda muito cedo, sahimos ás noticias. Por ordem das autoridades, os jornaes são mudos sobre o que se passou, publicam apenas um succinto communicado. Tudo o que conseguimos saber é que uma casa de Passy foi attingida por estilhaços de granada. Lá estivemos, no meio do mulherio do bairro, a olhar pasmados para as vidraças partidas de um velho easebre. Ouve-se dizer por toda a parte que o Ministerio da Guerra foi attingido. O moral da gente do povo parecee excellente. Todos conceordam em que foi terrivel, mas ninguem diz uma palavra que revele fadiga moral, desejo de fugir, de desertar, de aeabar. Ao almoço, o Richard diz-me que numa estação do Metropolitano, a estação do Bolivar, muita gente eneontrou a morte num apertão produzido pelo panico dos primeiros momentos do bombardeamento. O filho do porteiro morreu ás tres da madrugada. Está estendido no leito em que agonisou durante mezes. A sua face parecee de marfim. O *raid* da noite passada eneurto-lhe a vida, já prestes a extinguir-se. A mãe ehora como uma Magdalena. — Durante o bombardeamento, meu senhor, diz debulhada em pranto, o meu pobro filho resava pelos que estavam morrendo debaixo das bombas allemãs. Tudo isto eria um terrivel ambiente de angustia o de dôr collectiva. Deeidimos deixar Paris. O que estamos aqui a fazer? o que deveres nos obrigam a viver uma tal existencia de emoções? A Maria lembra Bordeus. Seja Bordeus.

O Bernardino Maehado, que apesar dos meus con-

toque longinquo de clarim.—Escutem! não ha duvida! E' a *breloque!* e d'ahi a pouco, o carro dos bombeiros passou como um bolide, diante das nossas janellas fazendo resoar as notas vibrantes do seu clarim. Parisienses! Sahi das vossas tocas. Os barbaros vam longe. O mal que deveriam fazer está feito. Por esta noite podeis dormir tranquillos! Madame Montegudet, os seus dois filhos, os seus creados sobem ao seu quinto andar. Euc o sr. Montegudet sahimos a saber noticias. E' impossivel que não tenha havido desmoronamentos ali perto. Na *loge* do porteiro, o filho tuberculoso parecia agonisar. O pae, que vem abrir-nos a porta, diz-me, ainda tremulo das emoções por que acaba de passar: — *Ah! Monsieur! Cela a été terrifiant!* E indicando com um gesto o filho, inanimado no *fauteuil* para onde o transportaram da cama, murmura: — *Pauvre enfant! Il se meurt!* Em toda a Avenida Kleber não ha um unico candieiro acceso. A escuridão é tão completa que caminhamos ás apalpadelas, para não esbarrar com as pessoas que vêm em sentido contrario. Passa muita gente, que sahiu dos abrigos e recolhe a casa. No Hotel Majestic, onde vamos procurar noticias, não se sabe nada. A' porta, um grupo diz que parece ter calido uma bomba na rua Schaeffer, em Passy, outra na Avenida d'léna. Um agente de policia, que acabamos por descobrir na escuridão, não nos pode informar. Ouviu dizer que cahiram bombas no Boulevard Saint Germain. Um manto negro de estrellas cobre Paris.

17 DE MARÇO

Esta manhã, ainda muito cedo, sahimos ás noticias. Por ordem das autoridades, os jornaes são mudos. sobre o que se passou, publicam apenas um succinto. communicado. Tudo o que conseguimos saber é que uma casa de Passy foi attingida por estilhaços de granada. Lá estivemos, no meio do mulherio do bairro, a olhar pasmados para as vidraças partidas de um velho casebre. Ouve-se dizer por toda a parte que o Ministerio da Guerra foi attingido. O moral da gente do povo parecee exeellente. Todos coneordam em que foi terrivel, mas ninguem diz uma palavra que revele fadiga moral, desejo de fugir, de desertar, de acabar. Ao almoço, o Richard diz-me que numa estação do Metropolitano, a estação de Bolivar, muita gente eneontrou a morte num apertão produzido pelo panico dos primeiros momentos do bombardeamento. O filho do porteiro morreu ás tres da madrugada. Está estendido no leito em que agonisou durante mezes. A sua faee parecee de marfim. O *raid* da noite passada encurtou-lhe a vida, já prestes a extinguir-se. A mãe elhora como uma Magdalena. — Durante o bombardeamento, meu senhor, diz debullhada em pranto, o meu pobre filho resava pelos que estavam morrendo debaixo das bombas allemãs. Tudo isto eria um terrivel ambiente de angustia e de dôr collectiva. Decidimos deixar Paris. O que estamos aqui a fazer? e que deveres nos obrigam a viver uma tal existencia de emoções? A Maria lembra Bordeus. Seja Bordeus.

O Bernardino Machado, que apezar dos meus eon-

selhos teimou em se installar na casa mobilada da rua Marignan, volta para o Majestic. Está doente, cheio de grippe, muito acabado. Parece ter renunciado á viagem á Inglaterra e estar decidido a ir para Biarritz.

13 DE MARÇO

Fazemos as malas. Por quanto tempo não sei. Eu penso que a solução do nosso problema pessoal não irá além de junho. Aquillo em Portugal tornou-se abertamente monarchico e allemão. Quem d'ali chega informa que se prepara uma nova revolução e que toda a gente conspira. Entretanto, assentei não voltar a occupar o posto de ministro de Portugal. Sete annos de serviços não reconhecidos, sete annos de amargos de bocca, chegam-me. Alem d'isso pobre. Quando voltei de Portugal depois do attentado que me ia custando a vida, trouxe commigo vinte mil francos de vencimentos que me pagaram. Custou-me isso o ser coberto de ultrages pelos amigos de B. Camacho na Camara dos Deputados. Esse pequeno peculio salva-me neste momento de conhecer as angustias de uma situação terrivel. Sem elles, o que fariamos, santo Deus! minha pobre mulher e eu, proscriptos, neste immenso Paris devastado pela guerra? O meu contracto de arrendamento da casa da Avenida Kleber termina em setembro que vem, mas felizmente temos com que o pagar. No entanto é preciso fazer economias. Ha muito tempo já que reduzimos o nosso pessoal e restringimos os nossos *menus*. Deixamos o Richard a guardar a casa. Elle vive com pouco. Tres francos por dia bastam-lhe. Cal-

culamos já não gastar mais de mil francos por mez e já é muito, mas a vida está carissima.

14 DE MARÇO

Esta noite fomo-nos despedir do Bernardino Maehado ao Majestic. Encontrámo-lo em ehinellos, ealças de flanela branca, e encolhido no easaeo eom que fez a visita ás linhas da frente e queixando-se muito. A easa da rua Marignan, fria, gelada, foi, segundo elle agora reconheee, uma triste aventura. Apanhou lá uma constipação tremenda de que se quer ver livre, sem eom-tudo chamar muitas vezes o medico. Está eheio de medo de morrer. No entanto fala pelos eotovellos, conta anedotas de Coimbra e do tempo passado, celebra o talento do Fontes.

O Majestic está cheio, a deitar por fóra, de gente persuadida de que encontra entre as suas solidas paredes um abrigo melhor do que em suas casas. O A. Pina e a mulher, que anda assustadissima, têm ataques de nervos, para lá vam ámanhã. Todos os dias se annuncia que os Gothas virão á noite. Estou persuadido de que a gente que espalha estas noticias tem o proposito de erear na população um estado permanente de sobresalto.

17 DE MARÇO (AREACHON)

Partimos de Paris a 15, pelo eomboio da manhã, que vinha eheio, e lá deixamos a nossa easa da Avenida Kleber entregue ao Riehard. A viagem foi muito agradavel. Deixámos Paris sem saudades. Pelo ea-

minho fui repousando o olhar na bella França. O Giovetti, que nos tem acompanhado com uma grande amisade em toda esta crise, veio connosco até Bordeus. Ali, como o Martinet nos tivesse promettido uma recommendação para o Grand Hotel em Arcachon, decidimos não perder tempo no sombrio Terminus e marchar para Arcachon. No Grand Hotel não se tinha conhecimento da recommendação do Martinet. Entretanto installámo-nos. O hotel é caro e mau. O nosso quarto é gelado. Durante a noite tivemos de nos cobrir com os nossos agasalhos, por não haver roupa sufficiente nas camas. Arcachon dá-me a impressão de ser um lindo sitio. O hotel está á beira d'agua.

18 DE MARÇO (ARCACHON)

Os jornaes de Bordeus vêm cheios de referencias aos portuguezes, que estão sendo vivamente atacados e se estão conduzindo maravilhosamente. O nosso communicado no entanto desapareceu. Agora é no communicado inglês que se registam as nossas façanhas. Eis o que diz o ultimo:

«QUINZE JOURS MOUVEMENTÉS
CHEZ LES PORTUGAIS

FRONT BRITANNIQUE, 16 MARS.

Les troupes portugaises vivent depuis une quinzaine de dures, mais glorieuses journées. Récapitulons:

Le 2 mars, les Allemands tentent un gros raid et:

réussissent à enlever quelques prisonniers. Une brillante contre-attaque de Séranos chasse l'ennemi de la première ligne où il s'était installé.

Le 7 mars, l'ennemi tente vainement un nouveau raid contre nos alliés.

Le 9 mars, ce sont les Portugais qui pénètrent chez l'ennemi, tuent quarante Allemands, ramènent une mitrailleuse et cinq blessés allemands, dont deux officiers. L'opération ne leur a coûté qu'un seul tué.

Le 10 mars, très grande activité de l'artillerie allemande contre le front portugais.

Le 11 mars, l'ennemi tente une attaque qui est repoussée par un feu précis d'artillerie et de mitrailleuses.

Le 12 mars, après un violent bombardement préalable, l'ennemi réédite l'opération du 1^{er} mars avec deux bataillons. Les Portugais, qui pendant ce bombardement se sont installés dans la seconde ligne, causent tant de pertes à l'ennemi que celui-ci ne peut tenir même dans la première ligne et l'évacue précipitamment.

Enfin, le 14 mars, nouvelle tentative allemande, nouvel échec.

Tel est le bilan d'une quinzaine au front des Séranos. Jamais période aussi courte n'avait été aussi mouvementée chez nos amis et jamais leur vaillance traditionnelle n'avait eu l'occasion de se manifester avec plus d'éclat. » (*Havas*).

E' este o principio da grande offensiva em que ha tanto tempo se fala? E é neste momento alto da nossa

historia que a Republica cae nas mãos de reaccionarios e germanofilos! O desapparccimento do communicado official portuguez é já o signal da queda da nossa personalidade na guerra. De manhã dei uma volta por Arcachon á procura de um hotel mais barato. Como vam começar as ferias da Paschoa, estão todos cheios. Assentamos esperar o fim das ferias para mudar de poiso. Cartas de Paris. Escapamos de boa. No dia em que partimos, a explosão do deposito de granadas de Courneuve abalou a cidade de tal modo que todos julgaram ser os Gothas, que vinham de dia. Contam-me assim o que se passou: a primeira impressão na cidade foi a de um novo *raid*. Tudo corria ás *caves*, aos abrigos. Estabeleceu-se uma confusão enorme. As pessoas que estavam nos restaurantes incluindo os creados correram para as *caves*. Isto passava-se pouco depois do meio dia. Lia-se o panico em todos os semblantes. O abalo foi tal que cada bairro teve a impressão de ter recebido uma bomba. Felicito-me por termos escapado a este mão bocado. Continua a sair gente de Paris. A' tarde, um telegramma do Osorio noticia-me a morte do Ortigão Peres. Pobre Ortigão Peres! Este é bem uma victima da Republica. Entrou nella, depois do seu triumpho, para encontrar um destino que não conquistou e que se lhe abria de par em par, pois a Republica foi o paraizo dos monarquicos e o inferno dos republicanos. O golpe do Sidonio Paes foi-lhe direito ao coração. O seu primeiro movimento foi nobre. A sua situação de adido militar tornava-o feliz. Paris não lhe trouxera satisfações espirituaes, de que elle de resto não carecia, mas fizera-lhe conhecer pela pri-

meira vez a vida sob um aspecto agradável, longe dos sertões africanos por onde andara, longe do seu Algarve e da intrigalhada dos seus eleitores, longe de Lisboa e das suas revoluções, olhado com sympathia num grande meio social, graças ao prestigio do seu uniforme, olhado sem duvida pelas mulheres... tão differentes das que conhecera e amara no seu país. Além d'isso, ao abrigo das vicissitudes da guerra, bem pago. Quando o Sidonio veio, não hesitou. Pelas suas proprias mãos deitou este sonho abaixo e pelo telegrafo demittiu-se. A partir d'então começámos a vê-lo definhar-se, a emmagrecer. O pescoço, tornara-se-lhe delgado dentro da gola alta do uniforme. Aparecia-me ás vezes em casa, batendo os tacões e berrando como sempre contra o Affonso Costa que, dizia elle, fôra o auctor de tudo aquillo. Eu, que me impacientava ás vezes a ouvir as suas *boutades* de militarão, passei a ouvi-lo com indulgencia, a ter estima por esse lusitano, autoritario, duro, um pouco bronco, mas homem de bem. D'uma vez disse-me: — O que me apavora é a restauração da monarquia! Procurei tranquillisá-lo, persuadi-lo de que a restauração era impossivel. No meio das nossas conversações impertigava-se, dizia: — Vossa Excellencia não manda mais nada? E rodava nos tacões. Mais tarde appareceu-me mais animado. Tinha noticias de Lisboa. Aquillo não podia durar. Voltava então a bramir contra o Affonso Costa. Eu dizia com brandura: — Não é este o momento de ser muito severo para com elle. Pedira para Lisboa que lhe dessem a honra de ir combater ao lado das nossas tropas. Quando recebeu a noticia de que o seu desejo

fôra satisfeito, appareceu a dar-ma. Felicitei-o por isso, mas elle recebeu as minhas felicitações sem enthusiasmo. No fundo, tudo o que lhe estava succedendo ralava-o profundamente. Não fôra evidentemente para aquillo que cntrara na Republica e se filiára no partido demoaeratico. A ultima vez que o vi descia elle os Campos Eliseos, fazendo soar as esporas e deixando ondear ao vento a sua capa cinzenta. Ouvi dizer que as damas das suas relações lhe chamavam — *le beau colonel*.

20 DE MARÇO (ARCACHON)

Os portuguezês continuam a portar-se bem. Um telegramma de Londres diz: «Les Allemands continuent a hareeler et essayaient d'effectuer des coups de main contre les Portugais, mais nos vaillants alliés offrent une magnifique résistance et rendent aux Allemands coup pour coup.» O communicado inglês de 18 (pois é sempre no communicado inglês que figuramos agora) diz: «Les Portugais ont ramené des prisonniers et deux mitrailleuses à la suite d'un raid sur les tranchées allemandes, à l'est de Neuve Chapelle.» Eu penso comigo que estes pobres soldados nos estão talvez salvando de um terrivel desastre. De Lisboa não vem uma palavra de sympathia ou de estímulo para esta gente! O Corpo Expedicionario Português está na frente de batalha, porque alguns homens para ali o levaram, mas dir-se-ia que este assumpto deixou de interessar a Portugal.

21 DE MARÇO (ARCACHON)

A grande offensiva, tão annunciada, começou. Os allemães atacam os ingleses com violencia entre La Fere e Vimy, pobres regiões já destruidas e que voltarão a sê-lo. Foi justamente esse o país desolado que eu vi em outubro do anno passado, quando o Bernardino Machado, Presidente da Republica, visitou a frente francêsa: Chauny, Bapaume, Peronne, Noyon, Nesle. Quando por ali passamos, Chauny especialmente era uma cidade inteiramente incendiada e sem habitantes. A' tarde, depois de jantar, precipitamo-nos sobre o vendedor dos jornacs.

22 DE MARÇO (ARCACHON)

A offensiva continua. Os allemães lançam para a frente divisões sobre divisões, quasi tudo o que têm na frente occidental e mais as tropas vindas da frente russa. Eu espero tranquillamente o fim de tudo. A confiança irraciocinada, a confiança mistica que sempre tive na victoria da causa do mundo contra os allemães, não me abandona, a ponto de que factos que emocionam toda a gente, como a anarquia russa, a offensiva de Verdun e esta agora, deixam-me quasi indifferente. No entanto, como isto dura! e como fatiga!

23 DE MARÇO (ARCACHON)

Esta manhã, o gerente do hotel appareceu-me com a noticia de que Paris estava sendo bombardeado por

um canhão monstro, a cento e vinte quilometros de distancia. Soubera-o por um redactor da *Petite Gironde*, que está hospedado no hotel e a recebera pelo telefone, mas em Arcachon toda a gente a conhecia já. Os lojistas do Boulevard de la Plage discutiam-na ás portas. As *ménagères* paravam á beira dos passeios, interrogavam-se, soltavam exclamações. Toda esta gente, porém, parece occupar-se de factos occorridos noutro país, tão longe estão do theatro da guerra e tanto ao abrigo dos seus perigos.

24 DE MARÇO (ARCACHON)

O Paulo Osorio diz-me de Paris que Bernardino Machado foi ver Clemenceau, a quem se queixou dos impedimentos que têm sido postos pela censura franceza á publicação de noticias relativas á situação de Portugal. O Clemenceau chamou logo um funcionario do Ministerio, a quem deu as ordens mais catheticas a este respeito. Segundo o Paulo Osorio, Clemenceau disse a Bernardino Machado que, seja qual fôr a attitude das outras nações, a França não reconhecerá o governo dos reaccionarios portuguezes.

25 DE MARÇO (ARCACHON)

A offensiva continua. Os ingleses recuam, os allemaes avançam, mas não passam. Carta de Paris, de 24: «Esta manhã, ás sete horas, somos acordados pelos creados do hotel, que nos annunciam a alerta. E' Paris que vac ser bombardeado pelo canhão, a cento e

vinte quilometros de distancia! Esta noticia já hontem não tive tempo de a mandar, porque só uma hora depois de escrever me chegou o boato do bombardeamento pelo canhão, a que não quiz dar credito. Nem os militares acreditavam em tal, mas á tarde o communicado official publicado no *Temps* tirou-nos de duvidas. Sahiram d'aqui a tempo. Felizmente já não conheceram o effeito d'estas longas horas em que o silencio da cidade, onde quasi toda a vida está paralisada, é contado de quarto em quarto d'hora pelo estampido de um novo obuz. A manhã está linda — de primavera! O espirito da população é admiravel. No entanto, como isto encerva! Meio-dia. O bombardeamento continua.»

26 DE MARÇO (ARCAEHON)

Noticias de Paris: a vida continúa, os negocios seguem. Hontem, por toda a parte, em toda a gente, a impressão de noites mal dormidas. Carta de Bernardino Machado: «Veio tambem o bombardeamento. Que dias e que noites de inquietação. Mas tudo isto é nada. Desde o seu começo, a offensiva traz-me numa ansiedade torturante!» Não tinha entrado por certo nas suas previsões que a presidencia da Republica, que elle tanto desejou, o trouxesse um dia para debaixo das granadas allemãs. Grande surpresa deverá ser a sua e muito grande deverá ser a sua decepção, e decepções na sua idade matam. Affigura-se-me que elle não resistirá por muito tempo a tamanhos golpes. Já quando o deixei em Paris estava muito acabado.

Só um milagre de energia o amparará por algum tempo.

30 DE MARÇO (ARCACHON)

Hontem, sexta-feira da Paixão, um obus do canhão que bombardeia Paris cahiu na igreja de Saint Gervais. Cerca de oitenta pessoas encontraram ali a morte. De Paris está sahindo muita gente segundo ouço aqui. Arcachon está eheio de forasteiros vindes de Bordeus a passar a Pasehoa. A offensiva allemã tem side um massacre allemão. Clemeneeau, que se distribue entre Paris e a frente de batalha, é o homem do dia. A França e o mundo inteiro estão suspenses des seus labios, e elle todos os dias diz uma palavra de eenfiança. Tem setenta e nove annos.

31 DE MARÇO (ARCACHON)

B. Machado partiu para Hendaia. Diz-se muito enfraquecido. Carta de Paris: «Levantei-me ás seis e meia para me despedir do Bernardino Machado, que devia seguir esta manhã para Hendaia, por onde afinal se decidiu depois de muitas hesitações. Não consegui vê-lo na gare. Supponho que terá resolvido outra coisa. Escrevo nervesamente, aqui de um pequeno café. São dez horas e um quarto e justamente acaba de se ouvir a explosão de um obus. Já devem saber do estúpido erime que esses barbaros praticaram com o seu celebre canhão. Numa igreja, setenta e cinco mortos, noventa feridos! Gente de todas as condições, gente do povo, da burguezia, da nebreza, militares, e sempre,

sempre as pobres mulheres e as infelizes creanças! Calculem o effeito moral que isto produziu. Nós resolvemos partir. Para onde não sei. Talvez para Hendaia. Seguimos com as mallas de mão, porque já não é permitido despachar grossa bagagem. Nas ruas, a gente tem o ar inquieto. Estremece-se a cada nova explosão. Esta manhã, ás nove e meia, no Boulevard Saint Germain, o movimento era tão insignificante que dir-se-hia ser madrugada. No *metro* já não ha multidão. Hontem, nos Armazens do Louvre, ás onze horas da manhã percorri secções inteiras, completamente desertas. O comboio que partiu esta manhã pelo Quai d'Orsay ia a transbordar. Cá em cima, umas quatrocentas pessoas fazendo cauda, com toda a especie de embrulhos esperavam vez para outro comboio. Outro tiro! Este parece proximo. Meio dia e dez.»

1 DE ABRIL (ARCACHON)

Os allemães parecem fatigados, depois da tremenda sangria. Clemenceau continua a affirmar confiança. Tem-se a impressão de que a offensiva falhou. Foch assumiu o commando do exereito franco-britannico. No entanto Lloyd George pede desesperadamente á America que não demore a remessa de novas tropas. Pensamos em mudar para um hotel barato da floresta — o Regina, trinta francos, um achado!

2 DE ABRIL (ARCAÇON)

O Maurice Barrès conta no *Echo de Paris*: «Une parisienne, Madame B... était avec ses deux fils dans l'église bombardée, dans l'église martyre du Vendredi-Saint. Tous deux sont atteints: on emporte l'un grièvement blessé à la tête; cette mère crucifiée saisit l'autre qui se meurt, le porte aux pieds de l'autel et d'un grand cri, lui dit: Mon fils, fais ton sacrifice pour la France et pour Dieu!»

Dir-se-hia que *c'est trop beau pour être vrai*. Todavia é possível que assim tenha sido. As mulheres são sublimes.

3 DE ABRIL (ARCAÇON)

O Giovetti veio. Quer a todo o transe que vamos para Les Tours, onde a mulher já está com as filhas. Por pouco tempo? Por muito tempo? Por todo o tempo que fôr preciso! diz elle. Este amigo que nos apparece no meio d'esta crise é verdadeiramente providencial. Vamos para Les Tours. Oxalá não chova! exclama elle. Les Tours são tão lindos quando o tempo está bom! Que importa! Em Arcachon faz frio e muito vento. Hontem em Paris, ás tres da manhã nova *alerte* que durou até ás quatro e meia da madrugada, bombas, tiros de barragem. O P. Osorio, pobre, sem vintem, debatendo-se em tremendas difficuldades, annuncia-me que arranjou meio de partir.

CHATEAU DES TOURS, DOMINOO, 7 DE ABRIL

Abro a janella do nosso quarto sobre a fachada de Les Tours. No ceu cinzento, passa lentamente uma pequenina nuvem carrancuda, mas que doçura de paisagem! Como este recanto da terra de França parece feliz e como abril gorgicia! Coucou! Coucou! O cuco annuncia a primavera, diz o Giovetti. A ramagem dos salgueiros, que começam a rebentar, ondula ligeiramente como plumas de leques. Diante dos meus olhos estende-se o tapete verde da pelouse que dá um ar tão aristocratico e rico a esta propriedade. Ao longe, numa airosa collina, as casas brancas de Saint-Christophe, com as pintinhas negras das suas janellas, parecem brinquedos de creanças. Os jornaes não chegaram, e a unica coisa que nos lembra a guerra neste remoto paraíso são os quatro prisioneiros allemães que andam pela quinta a trabalhar. Quando hontem, ao chegar, vi um d'estes figurões, não pude conter um movimento de surpresa misturada de uma vaga colera. Pois quê? Emquanto os alliados morrem aos milhares nos campos da Somme, emquanto em Paris mulheres e creanças são victimas das mais estupidas crueldades, estes brutos engordam nesta terra feliz e debaixo d'este ceu clemente, alimentados, bem tratados, pagos! O Giovetti diz no entanto que são excellentes trabalhadores e que fazem tudo á maravilha. Os quatro que aqui estão cuidam-lhe da vinha e, diz elle, enxofram, sulfatam admiravelmente. De resto, não abrem a bocca, são pontuaes, sobrios, disciplinados. Uma rapariguita do Cha-

teau atravessa a *cour*, cruza-se com o prisioneiro e eu observo que lhe sorri.

LES TOURS, 8 DE ABRIL

Repos! Doux repos! Ceu entroviseado, com abertadas de sol, ora risonho, ora carraneudo. Pela manhã dei uma volta pelo parque, regalei-me de respirar o ar fresco, de pisar a terra humida, de prestar o ouvido absorto ao unico ruido da natureza que aqui se escuta, que é o das aves gorgeiando incansavelmente no arvoredo que rebenta. Antes do almoço veio a *Petite Gironde*, vieram cartas de Paris, mas estes interesses por um momento dir-se-hia terem cessado para mim. Passo a vista pela *Petite Gironde*. As noticias da offensiva não permitem ter uma idéa exacta da situação. Os allemães bombardeiam furiosamente Compiègne e não perdem de vista Amiens, mas a linguagem dos correspondentes de guerra continua a ser optimista. O Presidente Poincaré negou o indulto a Bolo Paehá. Este desgraçado deve ser fusilado amanhã, se não o foi já. Pergunto a mim mesmo se este homem estará verdadeiramente culpado e a idéa de que não-o está talvez, e de que apesar d'isso vae ser passado pelas armas, traz-me um momento de angustia. Não será este desventurado victima de circumstancias terriveis — o seu passado, cheio de manchas, a tentação de apparecer, de figurar, a embriaguez da fortuna e, peor do que isto, as terriveis imprudencias que o levaram a sahir da sua obscuridade e a misturar-se com individualidades superiores, que compromettem com o seu contacto

e que o fiaram por esse motivo detestando. — *Vous avez des ennemis puissants!* disse-lhe o juiz Bouchardon, que instruiu o seu processo. Quaes? Eu suppuz reconhecer um d'elles uma noite, durante o jantar, no comboio de luxo que nos conduzia atravez da terra devastada da Somme, ao Presidente da Republica Portuguesa, ao Presidente da Republica Francêsa, a um grupo de generaes, Fayolle, Micheler, Gouraud e o Barthou, ministro do Estado e, entre outros portuguezes, a mim. Falou-se de Bolo, cujo processo era o caso do dia, e das palavras de Barthou e das curtas observações do Presidente Poincaré, eu concluí que Bolo era um homem perdido. Conservo ainda hoje d'essa conversação um poueo enigmatiea, cautelosa, maliciosa ás vezes e cheia de sub-entendidos, uma impressão penosa. Foi principalmente Barthou quem falou, com a sua loquacidade habitual e diriamos que falava para os tres generaes presentes, em especial para o general Gouraud, que se sentava á esquerda do A. Soares, o qual se sentava á esquerda do Presidente Poincaré. Lembra-me ouvir-lhe dizer: — *Pois quê! on condamne à la mort des pauvres petits soldats, pour un moment de faiblesse, et on hesiterait devant des cas de trahison, comme celui de cet horrible individu?* O Presidente tinha o ar de estar perfeitamente d'aceordo. Os generaes não diziam uma palavra. As nossas relações, minhas e do Affonso Costa, com Bolo, deu logar a gracejos por parte de Barthou, que conversa sempre num tom de insupportavel zombaria. Poincaré perguntou-me sorrindo onde tinha eu conhecido Bolo, e quando lhe disse, porque sabia das suas relações com este, que toda a gente em Paris co-

nhecia Bolo Pachá, confirmou com gravidade ser isso exacto, lembrando-se de que o conhecia tambem. Apesar do tom ligeiro com que este assumpto foi tratado, percebi que elle preoeeupava os dois homens — Poincaré e Barthou, alem do que seria lieito suppôr. D'esta conversação deprehendi que havia um interesse qualquer em condemnar Bolo Pachá passando por cima das razões da justiça. Em Portugal, a Republica está nas mãos do Sidonio e dos monarchieos, e os republicanos, sem exclusão do abominavel Brito Camaeho, falam outra vez em a defender. Num jornal de Lisboa leio que um irmão do Sidonio acaba de fallecer no Hospital do Conde de Ferreira—doido! Porque é que os dementes têm um tão grande papel no nosso país? De um grande numero de individuos se diz correntemente: — E' doido! E o certo é que o são. Com a Republica então parece ter-se aberto a porta a um manicomio.

LES TOURS, 9 DE ABRIL

Esta manhã fui á pequena aldeia de Montagne, aqui perto, estender as pernas, respirar o ar freseo, fazer appetite para o almoço. Na grande *épicerie* da localidade comprei a *Petite Gironde* d'hoje e quando suppunha ler a noticia da execução de Bolo, li em grossos caracteres, isto: *Un coup de théâtre! L'exécution de Bolo-ajournée. Le condamné fait des révélations.* Que especie de revelações? O jornal não o diz; mas para que a execução tenha sido sustada (tudo estava preparado para Bolo ser executado esta manhã) é preciso que

ellas tenham uma importancia consideravel. Que quer isto dizer e que quer dizer esta carta que tambem vem na *Petite Gironde* d'hoje?

«Paris, 8 avril. — La lettre suivante avait été selon un de nos confrères, adressée par Bolo au Président de la République :

Paris, 6 avril 1918.

Monsieur le Président.

Non seulement je suis innocent du crime pour lequel on m'a condamné, mais je n'ai jamais fait que rendre service à mon pays.

Je ne crois donc pas devoir accepter une exécution injuste, ni paraître l'accepter en omettant un moyen quelconque d'en éviter l'accomplissement.

C'est pourquoi je fais appel à votre pouvoir souverain pour que cette injustice ne soit pas commise.

Paul BOLO.»

Pelo caminho, depois em casa, leio, releio, analiso esta carta e quanto mais a analiso mais singular me parece. Esta carta nem é uma nova tentativa de justificação, nem um appello á clemencia. E' altiva e dir-se-hia ameaçadora. A expressão de que Bolo se serve no principio: «Não só estou innocente do crime pelo qual me condemnaram...» parece importar uma affirmacão que elle está certo de ser comprehendida e accete pela pessoa a quem a dirige. Se assim não fôsse

Bolo não dizia:— «Não só estou innocente», mas simplesmente:— «Estou innocente...» Se o periodo seguinte não contem uma ameaça, não sei o que possa conter. O que quer dizer Bolo quando escreve que não deve *acceitar* uma execução injusta? Dir-se-hia que empregou a palavra *acceitar* no sentido de lhe ser imposta. E que significa a expressão... «*omittindo um meio qualquer* de evitar que ella se consumma» — a injusta execução? Bolo dá evidentemente a entender que *omittiu* até aqui esse meio, mas que não quer persistir nessa omissão. Finalmente em virtude de que razões se dirige elle ao Presidente Poincaré neste tom: «Eis porque appello para o seu poder soberano para que esta injustiça não seja commettida? Porque é mesmo que lhe dirige esta carta enigmatica para toda a gente e que parece ter sido escripta para ser comprehendida unicamente pela pessoa a quem é endereçada?» Bolo não appella para a benevolencia, a clemencia, a piedade do Presidente. Não pede sequer justiça e parece ameaçar de a fazer elle proprio, por suas proprias mãos. A sua carta não termina sequer por uma formula de cortezia. A sua invocação ao *poder soberano* do Chefe do Estado parece traduzir-se assim:— O sr. que tudo pode, faça o que deve! Que misterio se contem neste novo facto e o que vae sahir d'aqui? Recordo mais uma vez a conversação na sala de jantar do comboio presidencial, em outubro, e a penosa impressão que ella me deixou. A *Petite Gironde* informa que os magistrados que intervieram no processo Bolo conferenciaram longamente. Nós, aqui ao abrigo de tempestades, continuamos gosando a hospitalidade dos

Giovetti e a doçura d'este sitio arcadico. Os Bontemps escrevem-nos de Paris. Deixaram Saint Denis, que se tornou inhabitavel. A Clotilde escreve á Maria: «*Me voici habitante de Paris!*» Para esta velha habitante do arrabalde de Paris, viver em Paris mesmo é quasi a felicidade.

LES TOURS, 10 DE ABRIL

Más noticias. Os portuguezes foram fortemente atacados entre Armentières e La Bassée. Á tarde, Madame Giovetti e eu vamos a Libourne esperar a sua amiga Madame Velardi, que chega de Paris. Em Corbin Madame Giovetti faz parar o carro, mostra-me a pequena lavoura que seu marido ali possui. O feitor, a mulher, a filha vêm ao seu encontro. O feitor tem um filho e dois netos na guerra. Queixa-se. Queixa-se sobretudo da ração de pão, cem grammas por pessoa, *à peine de quoi se nourrir*. Coitados! Quasi não têm outra coisa! Falta tudo: o assucar, o café, a banha. — *C'est la misère!* diz o velho. — E a horta? lhe pergunto eu. Qual! Quem a hade trabalhar? Não ha pessoal! Libourne está cheia de americanos como toda a Gironde. Na grande praça estacionam dezenas de camions e por toda a parte se vê o uniforme americano. A policia das ruas é feita por soldados americanos, que trazem uma pistola automatica á cinta e preso ao pulso direito, por uma tira de couro, um cilindro de madeira, como aquelles de que se servem os policias de Paris e Londres para regular o transito das carruagens. Percorremos algumas lojas, Madame Giovetti e eu, fazemos algumas compras. Numa

pastelaria, em que ha mezinhas dispostas para o chá, que os americanos não dispensam, compro alguns pastéis de arroz e de ameixas. A dona do estabelecimento garante-me que são feitos com assucar. Quanto á massa é feita com batata. Estes mesmos expedientes de pastelaria não poderão porem durar muito tempo. Na gare eompro os jornaes de Bordeus. Eis aqui o que diz o communicado inglès d'hontem :

« 9 Avril, après midi. — Ce matin de bonne heure l'artillerie allemande a déployé une grande activité sur le front, depuis le canal de la Bassée jusqu'au sud d'Armentières.

Sauf un violent bombardement ennemi dans les environs de Villers-Bretonneux et Méricourt l'Abbé, rien d'autre à signaler.

Soir. — Ce matin, après un intense bombardement de nos positions, depuis le Canal de la Bassée jusqu'au voisinage d'Armentières, d'importantes forces ennemies ont attaqué les troupes britanniques et portugaises qui tenaient ce secteur de notre front. Favorisé par une brume épaisse rendant difficile l'observation, l'ennemi a réussi a pénétrer dans les positions alliées dans le voisinage de Neuve-Chapelle, de Fauquissart et de la Ferme de la Cordonnerie.

Après un combat qui a duré toute la journée, l'ennemi a réussi a repousser, au centre, les troupes portugaises et, à une aile, les troupes britanniques jusqu'à la Lys, entre Estaires et Bac-Saint-Maur.

Nous maintenons nos positions aux deux ailes, aux environs de Givenchy et de Fleurbaix. En ces deux

points, il y eut un rif combat et l'ennemi fut repoussé. Richebourg-Saint-Vaast et Laventie ont été pris par l'ennemi.

La lutte continue violente sur tout le front.

Au cours de la journée, un engagement de moindre importance a eu lieu sur le front britannique, au sud d'Arras, au cours duquel nous avons fait quelques prisonniers.

Laventie, Neuve-Chapelle, Aire-sur la Lys. Estes nomes tinham-se tornado familiares aos ouvidos portuguêsês. Era aqui que os nossos soldados se encontravam desde janeiro de 1917. Foi em Laventie que Bernardino Machado recebeu o Presidente Poincaré, por ocasião da sua viagem ás linhas de França. Ainda conservo na memoria a impressão de desordem, de desrespeito e de indisciplina que me causou a multidão de officiaes portuguêsês que se apinhavam na gare, á chegada de Poincaré. Todos fumavam, a principiar pelo general em chefe, que não largava o cigarro da boeca, falavam em voz alta, chamavam-se uns pelos outros. O Bernardino Machado e a gente que o acompanhava não eram bem olhados, logo o vi. Mesmo nas manifestações de respeito a que eram obrigados, como as continencias ao Chefe do Estado, havia em muitos officiaes má vontade, mau humor, muito d'essa animosidade que mais tarde se havia de traduzir pela revolução de 5 de dezembro. Os reaccionarios portuguêsês têm um tipo que reflecte o fundo autoritario dos anti-gos senhores de Portugal. Quasi todos os officiaes portuguêsês reunidos nessa tarde, na pequena gare de La-

ventie, tinham esse tipo. Conhecidos entre elles pelas suas idéas republicanas apenas lobriguei uns trez. A partida d'ali para o Aire, onde foi offerecido um jantar ao Presidente Poincaré, fez-se no meio da maior confusão, tudo mal organizado, todos a darem ordens, no meio de grande vozeria, e ainda me recordo do meu vexame, encontrando-me num automovel aberto com o velho general Deparge, da casa militar do Presidente Poincaré, que todo se encolhia sob a friagem da tarde e todo o caminho, pela interminavel estrada que nos conduziu ao Aire, por certo praguejou largamente no seu fôro intimo contra os portuguezes. Chegamos ao Aire já noite fechada, porque tudo fôra, como disse, mal organizado. A' beira da estrada uma companhia de infantaria prestava as honras, mas a escuridão mal permittia ver os soldados. Ahi, nova confusão, nova trapalhada. A longa fila de automoveis parou, cercada por uma multidão em que havia paisanos e soldados, mulheres e creanças. Apeião-nos. Eu perdi de vista o general e encontrei-me ás escuras, sem saber para onde ir, no meio de uma turba ruidosa, d'onde partiam gritos, chalaças, graçolas portuguezas: O' rapazes? O' 36? O' 42? Viste os gajos? Por fim, nem sei já como, lá demos entrada num *chateau*, onde os dois Presidentes já se encontravam e onde se realisou o jantar, que devia acabar e acabou ás nove horas, para o Presidente Poincaré poder partir em seguida para Paris. A impressão que tudo isto me deixou foi tão má que ali mesmo resolvi regressar nessa mesma noite a Paris no comboio do Presidente, o que fiz. Estavamos a uma distancia bastante grande, creio que quinze ki-

lometros, das linhas de fogo. Foi essa região, onde durante mais de um anno estiveram installados, que os portuguezes foram obrigados a abandonar. Como se passou isto? Lloyd Georges fez um discurso, mais pessimista do que optimista. Ao jantar, Madame Velardi diz que em Bordenes não ha um quarto livre nos hoteis e que ella mesmo para ficar uma noite teve que alugar um coehieho em casa de uma velha mulher.

LES TOURS, 11 ABRIL

Um correspondente inglêz diz que os portuguezes se bateram corajosamente. A *poussée* foi formidavel, segundo o *Petit Parisien*, que pergunta se não será por esta linha que Guilherme II quer tentar o novo arranco que premedita, afim de quebrar o muro de bronze que lhe opõem. Esta linha seria aquella que occupamos. Emquanto não chegam outras noticias continuo a perguntar a mim mesmo o que se passou. A mentalidade dos nossos officiaes, o seu nenhum espirito de sacrificio e o seu nenhum desejo de combater, as tendencias germanofilas de muitos, coineidindo com a situação de Portugal e a reacção sidonista contra a guerra levam-me a previsões bem pessimistas. Tenho a impressão de que o recuo dos portuguezes foi desmedido. Oxalá não seja assim e elles tenham cedido como os outros á formidavel pressão. Um desastre para as nossas tropas seria um desastre nacional. Seria o malogro de todas as nossas esperanças de gloria para o nosso

país. O dia amanheceu turvo, mas para a tarde poz-se lindo. Escrevo diante de uma janella aberta do meu quarto. Ha pouco ainda ouvia em baixo, na alameda que passa diante da fachada do *château* a voz de minha mulher, misturada á de Madame Giovetti, mas agora não ouço senão a chalrada dos passaros nas ramarias que cada vez rebentam com mais força e o cuco que não cessa de fazer ouvir o seu incansavel *cou cou*. O sol doura a vaga de feno que se estende diante de mim. Uma vaca malhada pasta ao longe entre esguios salgueiros. Um gallo cantou. No eeu azul está parada, immovel, como esquecida ali uma pequena nuvem côr de perola. Que delicia de sitio! e como os Giovetti tiveram uma idéa amiga, uma idéa providencial em trazer para aqui os nossos pobres corpos e as nossas pobres almas! O correio chegou. Carta de Bernardino Machado, de Hendaia, desconnexa, deseozida, feita de frases soltas e sem ligação. Queixa-se do tempo. Chuva, vento. Como não seria assim, ali á beira do Oceano, num logar tam pouco indiéado! Diz-se sempre em anciedade pelo desenlace da offensiva. O Paulo Osorio encontrou finalmente um meio de sahir de Paris. Ainda bem.

LES TOURS, 12 ABRIL

Esta manhã apenas aqui chegou a *Petite Gironde*; mas á tarde a *épicière* de Montagne emprestou-me o *Petit Parisien*. Em ambos estes jornaes procurei pormenores da acção dos portuguezes no ataque que con-

tinua, dos allemães, entre Armentières e La Bassée. Nada! Dir-se-hia que os portuguezes desapareceram. Um eorrespondente inglês escreve: «Não possuímos por ora elementos de informação que nos habilitem a julgar, com precisão os successos da jornada de 9. Tudo o que sabemos é que a batalha foi terrível. A natureza e os azares da guerra deram aos ingleses e aos portuguezes neste sector uma situação muito menos favoravel do que a que tinham os allemães na sua frente. Ingleses e portuguezes occupavam uma terra rasa e encharcada, sem a menor crista, cortada de ribeiros e regatos, e tão humida que não foi possivel abrir ali trincheiras. A tropa abrigava-se por detraz de saecos de terra, trazidos com muita difficuldade.» O avanço allemão deve ter sido fulminante por quanto no mesmo jornal encontro a noticia de que um certo numero de ambulancias eom o seu pessoal cahiram em poder do inimigo. Quaes? As nossas? Sem duvida. O Giovetti, que foi a Paris, está de volta amanhã. Estou ancioso pelo seu regresso para saber noticias, oxalá a nossa escassa divisão não tenha sido desfeita e com ella o nosso sonho. Entretanto em Portugal não ha ninguem, ninguem que represente legitimamente o país perante esta situação, ninguem que queira, ou possa procurar remediá-la!

LES TOURS, 13 ABRIL

O Giovetti ehegou de Paris. Fomos esperá-lo a Li-bourne eu e as senhoras que aqui estão, Madame Ve-lardi, Madame David, minha mulher... Assaltei-o de

perguntas á sua chegada e tive logo a satisfação de lhe ouvir dizer que os portuguezes se portaram bem e que os correspondentes inglêses lhes fizeram grandes elogios. — Onde? — Mas nos jornaes! exclama o Giovetti. Corro á *marehande de journaux* da gare e encho as algibciras de gazetas. De volta a casa desdobro-as e leio com regosijo estas linhas na *France* de Bordeaux d'esta tarde :

«L'HÉROISME DES PORTUGAIS

FRONT BRITANNIQUE, 11 avril. — M. Perry Robinson, correspondant du *Daily News*, télégraphie :

«Les prisonniers, dont nous avons fait un millier environ, nous disent que cette bataille est le second grand eoup de l'offensive qui doit terminer la guerre et que d'autres eoups suivront, destinés à anéantir l'armée britannique.»

Tous les correspondants rendent hommage à la résistance héroïque des troupes portugaises. Le eho principal de l'attaque du 9, dit M. Perry Robinson, *ne porta pas principalement sur les troupes britanniques, mais sur les Portugais qui occupaient le centre du plan d'attaque.* Le bombardement préliminaire, violent sur tout le secteur, fut plus terrible eontre les Portugais, et l'infanterie ennemie les attaqua à cinq heures du matin, après une heure de bombardement, tandis qu'ailleurs elle n'attaqua que trois heures plus tard. Sur un front d'environ dix-sept mille yards, les Allemands lancèrent huit divisions presque toutes fraiches. Sous le poids des masses allemandes, la première

ligne portugaise dut se replier vers six heures du matin. De petites unités continuèrent à combattre désespérément contre des effectifs très supérieurs. Un bataillon portugais, dans le voisinage de la Couture, se distingua par son admirable vaillance; il se battit jusqu'à ce qu'il eut épuisé ses munitions; il en envoya chercher d'autres et resta obstinément accroché à ses positions jusqu'à ce qu'il eut été presque anéanti.

L'artillerie portugaise se distingua également par sa très belle conduite; *presque tous ses canons furent détruits par le feu de l'ennemi*, ceux qui étaient encore intacts furent rendus inutilisables par les artilleurs portugais, avant leur repli. A bien des reprises les artilleurs firent feu de leurs pièces à bout portant sur les masses allemandes.»

Nos jornaes de Paris não encontro outras referencias aos portuguezes, mas esta me basta. Quando mais tarde se der o balanço do esforço feito para defender a liberdade do mundo, como se diz agora, contra o mais formidavel ataque que ella soffreu, a humanidade encontrará que tres povos lhe oppozeram a barreira dos seus peitos: os francezes, os inglezes e os portuguezes. Ao jantar o Giovetti contou Paris. Na cidade ha evidentemente menos movimento, sobretudo de manhã, mas no centro, nos *boulevards*, não se nota differença na circulação habitual. Os grandes restaurantes, o Larue, o Viel, o Griffon, estão cheios á hora das refeições. O que ha são muitos taxis e fiacres devolutos, o que não succedia antes do exodo. A noite passada vieram os Gothas entre as dez e as dez e meia. Tiro de barra-

gem furioso. Uma bomba incendiaria cahiu sobre os armazens de moveis Bueheron, da rua de Rivoli, que parece terem ardido. Giovetti diz que o clarão do incendio se via de toda a parte e que era impressionante. De dia, o canhão monstro bombardeou Paris. Um obus cahiu numa clinica de partos, matou e feriu mulheres e creanças recém-nascidas. Bolo continua a fazer revelações que ninguem conhece. No meio d'estes horrores fala-se muito da deploravel situação em que ficou o imperador da Austria depois da publicação feita por Clémenceau da carta do principe Sixto de Bourbon em que o imperador reconhece legitimas as reivindicações da França sobre a Alsacia e a Lorena.

LES TOURS, 14 ABRIL

Esta manhã, ao passar de novo pela vista os jornaes de Paris que trouxe hontem de Libourne, encontrei novas refereneias ás tropas portugûsas, que hontem me escaparam e que me perturbam. Essas refereneias não são boas. Aqui está por exemplo o que diz o correspondente do *Petit Parisien* junto do exercito inglês :

« Cette fois, ainsi que vous le savez, c'est sur les Portugais que les Allemands ont donné d'abord leur coup de bélier. Y a-t-il eu surprise? Non. Par un prisonnier fait il y a quatre jours, nous savions qu'une offensive se préparait du côté de la Bassée, qu'elle s'étendrait au nord sur Armentières et peut-être plus loin jusqu'à Messines. Nous connaissions cette préparation. Nous prévoyions l'imminence du choc. Mais les Por-

tugais, empoisonnés par l'avalanche d'obus à gaz qui, sans discontinuer, pendant douze heures, s'abattit sur eux, se trouvaient déjà quelque peu déprimés quand la première vague d'assaut ennemie surgit tout à coup du brouillard et se dressa devant leur tranchées.

Dès le début de l'attaque, après que les Portugais eurent été mis hors de cause, le plan du commandement allemand fut mis en échec grâce à la résistance indomptable qu'opposa le flanc droit britannique, lequel tenait le canal de la Bassée. Là, se trouvait établie une division du Lancastre, la 55^e, qui sera certainement citée dans le communiqué. C'est le moins qu'on puisse faire pour elle.»

Todos os jornaes celebram com effeito a 55.^a divisão, a qual, segundo a impressão que tenho, parece ter salvado a situação comprometida pelos portugueses. Mas o correspondente do *Matin* é mais explicito que o do *Petit Parisien* e informa que os ingleses tiveram de tomar conta da defeza do sector português e de proteger a nossa retirada. Corto a informação do *Matin* de 13 :

«Ecrasée dès les premières heures sous des milliers d'obus asphyxiants et refoulée avant d'avoir pu dominer sa stupeur, la division portugaise qui se trouvait en ligne, au voisinage de Laventie, dut nous confier la charge de défendre son secteur et de protéger le retrait en bon ordre sur des positions calculées. L'attaque ennemie, développée selon son plan d'une part vers la frontière belge lui permit de s'allonger jusqu'au bois de

Ploegsteert. D'autre part, dans la soiréc, les Allemands poussèrent en masse vers Messines. Une série d'attaques furieuses les guinda un instant jusqu'au bord de la crête. Fugitif avantage, dont ils ne purent tirer parti. Un fougueux retour offensif des nôtres nous rendit, en moins d'une heure, les ruines brûlantes du village et la maîtrise, dès lors incontestée, des hauteurs.»

Em virtude d'estas informações parece averiguado que os portugêses foram *culbutés* (já mesmo encontrei esta expressão noutro jornal a seu respeito) e que perderam o valor de unidade combatente. Penso comigo que, no fim de contas, outrotanto succedeu a outras unidades francêsas e inglêsas; mas na casa de jantar, entre os jornaes trazidos hontem de Libourne, encontro numa edição das cinco da manhã do *Petit Parisien* de 13 uma nova referencia aos portugêses, que me intriga. Eis aqui o que diz o correspondente d'este jornal junto do exercito inglês :

«DE NOTRE ENVOYÉ SPÉCIAL ACCRÉDITÉ
AUX ARMÉES

(FRONT BRITANNIQUE)

Nous assistons en vérité à une réédition de ce qui s'est produit au cours de la première phase de la bataille. Sur la Somme, les Allemands ont fait un bond en avant et ils ont été stabilisés. Ils viennent d'en faire un autre dans le Nord. Cette fois, ils ont profité de circonstances atmosphériques qui leur ont été éminem-

ment favorables et soit que le hasard les ait servis, soit qu'ils eussent été renseignés par leurs espions, ils ont profité de la relève qu'opéraient les bataillons portugais pour tomber sur eux. *Fait curieux qu'il importe de noter, car il est jusqu'ici sans précédent.*

La première vague allemande, masquée par le brouillard épais qui, ce jour-là, masquait toutes choses, est arrivée à quelques mètres des tranchées, *sans tirer un coup de fusil* et s'est ruée à la baïonnette sur les Portugais, avant qu'ils eussent le temps de se mettre sur la défensive. Ne pouvant supporter un pareil choc, débordés par un ennemi bien supérieur en nombre, *puisque leurs effectifs étaient incomplets*, ils durent se replier sur la ligne anglaise. Là, ils se reconstituèrent et soutenus cette fois par l'infanterie britannique, ils firent face à leurs agresseurs et luttèrent courageusement. C'est alors seulement que s'engagea vraiment la bataille qui devait bientôt déborder sur Estaires.»

O que significa isto? O que quer dizer este «facto curioso, e sem precedentes» que o correspondente do *Petit Parisien* julga importante notar, de os alemães começarem o seu ataque no momento em que se fazia a *relève* das tropas portuguesas? Acaso? Obra de espões? O correspondente parece inclinar-se para a hipótese de que os alemães foram prevenidos, e então pergunto claramente a mim mesmo pelo conhecimento que tenho da mentalidade de muitos dos portugueses que servem em França, se não foi d'entre elles que partiu o aviso que facilitou o ataque fulminante que os levou de roldão. De certos portugueses espero

tudo e d'esta fauna ha exemplares em França. Entre os papeis que trouxe comigo de Paris tenho a extensa carta que me dirigiu de Madrid em 8 de fevereiro ultimo o Luiz Galhardo, e na qual me dá uma idéa tão precisa do que foi o golpe de mão de Lisboa e as suas causas. Nessa carta dizia-me elle alludindo ao proposito de Sidonio de não enviar novas forças portuguezas para França: «Irão para França e para Africa apenas os officiaes democraticos, as unidades democraticas e as forças indispensaveis, para não descobrir a intriga, que a *fracassada offensiva sobre a frente occidental, com a qual se contava immediatamente*, deveria occultar na confusão da derrota.» As palavras que sublinho estão sublinhadas na carta de Luiz Galhardo, que acrescenta: «Como vê, eu estou razoavelmente informado.» Quando recebi esta carta, não se dera ainda a grande offensiva que se está dando agora e que vinha sendo annunciada. Traduzi a allusão de L. Galhardo como sendo uma referencia a um possivel entendimento entre a gente de Lisboa e a Allemanha, embora isto me parecesse monstruoso, e na minha resposta á sua carta pedi-lhe a este respeito eselarecimentos que elle até hoje não me deu. Agora, ao ler a informação do correspondente do *Petit Parisien*, pergunto a mim mesmo o que queria dizer o L. Galhardo na sua carta de Madrid. Entretanto, leio na *Petite Gironde* d'hoje que ao receber os feridos portuguezes vindos da frente franceza, Sidonio Paes «*a poussé des vivats émus en l'honneur de la République du Portugal et des Alliés et des cris de mort à l'Allemagne.*» Que abominavel comedia! Em Portugal conspira-se para acabar com estes

horrores. No mesmo jornal annuncia-se que foram presos no Porto trinta officiaes e sargentos da guarnição suspeitos de conspirar.

LES TOURS, 15 ABRIL

Os inglêses continuam resistindo na Flandres e esperam-se os reforços de Foch. Paris continuou hontem a ser bombardeado pelo canhão. Os Gothas vieram tambem : uma bomba penetrou numa estação do Metropolitan ; sessenta pessoas foram atingidas pelos estilhaços. Os allemães pretendem reduzir Paris pelo terror, semeando a morte e a destruição e não dando aos parisienses um momento de descanço. Este é evidentemente o ultimo esforço dos barbaros. Vieram jornaes portuguezes. O detestavel Brito Camacho procura descartar-se das responsabilidades que teve no golpe de mão do Sidonio, declara a Republica em perigo, faz apello á solidariedade republicana. Num jornal de provincia leio : «O que o Governo fez ao sr. João Chagas seria o eumulo das injustiças, se não fôsse o eumulo das ingratições. Não ha por certo ninguem no país que desconheça os relevantes serviços que este grande cidadão tem prestado á Patria e á Republica e o sem numero de sacrificios que por ellas tem feito. Esses sacrificios não são de hoje : vem do tempo em que ainda não se falava de Machados dos Santos, nem de Sidonios. Para o attestarem estão ahi as varias cadeias por onde transitou, as inhospitas plagas africanas e as cicatrises das balas de um fanatico. Esta demissão mais pareceu uma satisfação dada aos germanofilos do que

outra coisa.» (*Voz da Officina*, Vizeu, 24 fevreiro). Parece que em Portugal é materia corrente que eu fui demittido. Não importa. E' num obscuro jornal de provincia que leio pela primeira vez, no meio d'esta terrivel erise, uma palavra de simpatia a meu respeito. Para a torpe imprensa de Lisboa eu continuo a ser um antigo jornalista que fez carreira, e isto não se perdoa. O que é curioso observar é que nas turvas circumstancias que a Republica está atravessando, é a imprensa de provincia que tem soltado os unicos gritos que em sua defeza ainda tem chegado aos meus ouvidos. Mau tempo, chuva, frio, lenha a arder nos fogões do *château*. A doce hospitalidade dos Giovetti vae-nos repondo á Maria e a mim dos estragos das nossas ultimas amarguras. Vim de Paris tão magro como nunca o estive. *Je reprends mes joues*. Depois de ter abandonado por tantos mezes este diario (não mo perdôo) retomo-o com assiduidade e prazer. Cada vez mais penso que as existencias que têm interesse social deviam ficar registadas nestas memorias. Quem sabe se não será esta a unica litteratura d'amanhã e se o homem, depois de ter repellido com tedio o ultimo romance de imaginação, não se voltará com gula para o romance real que cada um escreverá de si mesmo? Seja como fôr, é bem agradavel ir assim confiando ao papel, na mais pura intimidade, a vida que vamos vivendo.

LES TOURS, 16 ABRIL

Começam a chegar, pelos jornaes de Paris, informações mais precisas sobre as circumstancias em que se

deu o ataque do dia 9, sobre o sector português. O correspondente do *Temps* (*) na frente inglêsa descreve d'este modo o que se passou. Os allemães começaram por um bombardeamento de uma violencia extrema e de uma grande precisão, dirigido contra Givenchy e Bois Grenier ás duas horas da manhã. «Á six heures du matin — prosegue o correspondente do *Temps* — une première vague se porte à l'attaque de la position, qui a été fort malmenée par le bombardement et qui est tenue par les Portugais, dans de mauvaises conditions, car ils sont en pleine relève.» Aqui encontro confirmada a informação do correspondente do *Petit Parisien*. O correspondente do *Temps* continua: «As duas primeiras linhas denominadas A e B são tomadas com uma grande facilidade e a resistencia só assume um caracter verdadeiramente serio na linha C, muito felizmente *jalonée* por baterias inglêsas e que segue a linha Laventie-Fleurbaix-Neuve Chapelle. Tambem ali se encontravam reservas britannicas, de modo que os portugêses param junto d'estas e nesta linha resistem energeticamente. Neste momento, os allemães, em frente dos portugêses, que d'esta vez atacam resolutamente á baioneta (*qui cette fois attaquent résolument à la baïonnette*), soffrem grandes perdas e são obrigados a marcar um compasso de espera das oito horas ás oito e meia. Desenvolvendo então um tiro de barragem de uma rara violencia sobre a posição C, os allemães emprehenderam o seu movimento para a frente. Em pre-

(*) *Le Temps* — 14 abril.

sença da sua consideravel superioridade numerica, os defensores viram-se estrangidos a recuar passo a passo e vieram apoiar-se sobre o Lys. Os allemães precipitam-se em seguida sobre a *écluse* de Bac-Saint-Maur, onde esbarram de encontro a uma resistencia encarniçada, mas conseguem dominá-la á custa de grandes perdas, passam o Lys e avançam até Croix-du-Bac, em virtude do que contornam as posições de Armentières pelo sul e por oeste e avançam na direcção de Bailleul. Por felicidade, as duas charneiras (*les deux charnières*) da frente atacada, Bois Grenier e Givenchy aguentaram-se bem, pois de outro modo a situação de conjuucto teria sido muitissimo comprometida (*autrement la situation de l'ensemble aurait été fort compromise*).» Confirma-se que foi a 55.^a divisão inglêsa que salvou a situação, dando a mão á 51.^a divisão escocêsa, mas o correspondente do *Petit Parisien* cita uma outra divisão, composta de regimentos do Yorkshire, do Durham e do Northumberland, que igualmente contribuiu com a sua heroica resistencia para a salvar. Foi esta divisão que, no dizer do mesmo correspondente, se substituiu aos portuguezes. (*Derrière Lavantie elle prend en mains la tâche des Portugais.*) De resto os inglêses fizeram nestas circumstancias prodigios de valor para travar o avanço allemão. Esta batalha ficou sendo designada pelo nome de batalha d'Armentières e assim ficará sendo conhecida na nossa historia. Tomam parte nella (pois a batalha continua) dois exercitos allemães. O exercito d'onde partiu o ataque do dia 9, contra o sector portuguez, entre Armentières e o canal de La Bassée, é commandado pelo

general Von Quast. A maior parte das tropas d'este exercito é composta de bavaros. Onde se encontra neste momento a divisão portugueza, ou o que resta d'ella? Segundo leio — e Deus sabe com que satisfação o leio! — estaria ao sul do Lys, entre o Lawe e o Clarence, combatendo ao lado dos inglezes e cobrindo Bethune. Depois das escassas informações que me têm passado pelos olhos a minha impressão é esta: os allemães tentaram romper a frente pelo sector occupado pelos portuguezes. Porquê? Porque suppozeram eucontrar ali uma resistencia menor? No entanto os seus ataques da primeira quinzena de março deveriam ter-lhes mostrado que os portuguezes se batiam bem. Porquê então? Porque a penetração por ali se impuua ao seu plano estrategico? Seja como fôr, o facto referido pelo correspondente do *Petit Parisien* e coufirmado pelo do *Temps* de que elles aproveitaram a occasião em que no sector portuguez se estava fazendo a *relève* para atacar, o que prova que elles tinham conhecimento de que ella se ia fazer, toma aos meus olhos proporções talvez exageradas, mas toma grandes proporções. A evidencia entretanto é esta: ou porque tivessem sido surpreendidos em condições desfavoraveis (e a surpresa é um facto já verificado por todos os correspondentes da guerra) ou cedendo á violeucia do ataque e á força do numero, o que é certo é que os portuguezes abandonaram o sector confiado á sua guarda. As duas primeiras linhas denominadas A e B foram tomadas com extrema facilidade. Os allemães enfiaram pelo terreno dentro e, sem a resistencia das divisões inglezas, a frente de batalha, que tão encarniçadamente está sendo de-

fendida, teria sido rompida por ali. Os portuguezes continuam talvez a combater ao lado dos inglezes, mas o Corpo Expedicionario Portuguêz não existe já. O pensamento da Republica foi o de manter na frente de batalha uma unidade militar que representasse a nação. Reduzido pela traição de Lisboa ás proporções de uma divisão e repellido do sector que occupava em condições que por certo diminuíram consideravelmente o valor do seu concurso, o Corpo Expedicionario Portuguêz, resultado do maior esforço que Portugal ainda fez para afirmar a personalidade nacional, passou á historia. Era este o momento de redobrar esse esforço e de o tornar mais heroico ainda enviando para a batalha que se está travando e de que dependem os nossos destinos, forças sobre forças até ao maximo das nossas possibilidades. Ai de nós! Os traidores que se apossaram do nosso pobre país não só não mandam mais forças, como fazem recolher apressadamente a Lisboa muitas que poderiam ser aproveitadas para combater. No dia 9 chegaram a Lisboa o *Pedro Nunes* e o *Gil Eannes*, levando mil e tantos officiaes, sargentos e praças. O *Pedro Nunes* levou 11 officiaes, 48 sargentos e 700 praças; o *Gil Eannes* levou 1 official, 10 sargentos e 242 praças. Nem todos eram feridos e muitos d'estes com certeza eram curaveis e recuperaveis. Lá ficam todos. Foi ao receber estes homens no caes do Posto de Desinfecção, que Sidonio Paes deu o seu morra á Allemanha, immediatamente telegrafado para os jornaes de Paris, que o publicaram como uma pura manifestação de aliadofilismo. Tem esta situação algum remedio? Não sei qual. Em Portugal é voz corrente

que vae rebentar uma revolução e todos os dias correm a este respeito boatos. Os agentes de Sidonio Paes fazem rusgas diarias e as tropas estão constantemente de prevenção e eu quero crer que uma revolução — outra revolução — se fará mas nem por isso vejo dias melhores para o meu país. Uma nova revolução em Portugal só seria fecunda se fôsse seguida da denuncia feita ao mnndo inteiro do caso monstruoso de traição que ella deveria castigar — so o castigasse. Quem ha nesse país que seja capaz de realisar esta obra de justiça? O Affonso Costa? O Affonso Costa acaba de sahir da cadeia d'Elvas onde esteve preso quatro mezes, sob o peso das mais infames accusações. Apesar das ferozes inimizadas que o cercam e do feroz empenho dos seus inimigos em o perder, nada se provou contra elle e elle sahe do carcere illibado, e diriamos que da sua consciencia revoltada deveria logo que se encontrasse em liberdade partir um grito. Pois não partiu nada. Quando o Sidonio Paes, impossibilitado de o manter por mais tempo preso, sem base de accusação e sem culpa formada, se decidiu emfim a abrir-lhe as portas da cadeia, Affonso Costa metteu-se simplesmente num automovel, e evitando Lisboa dirigiu-se para casa do seu amigo Eliseo do Castro em Fiães. Pelo caminho parou em algumas terriolas, onde foi muito cumprimentado — dizem os jornaes; e já acompanhado como sempre do numeroso cortejo familiar que o não larga nunca, deteve-se em Aveiro, deu um passeio pela ria numa lancha, «seguido de um delicado almoço offerecido por alguns amigos d'aqui» — diz o correspondente de um jornal de Lisboa. Esta

passeiata na ria d'Aveiro e este almoço é bem o Affonso Costa que volta depois da tormenta, com a sua côrte e os seus amigalhaços que tanto o indisporeram com a opinião; mas d'esta vez é peor, porque Affonso Costa não só se esqueee de si mesmo e dos protestos que devia fazer ouvir, como se esqueee d'aquelles a quem os dispauterios e as imprudencias da sua politica arrastaram para o exilio, a começar no B. Machado, de quem elle fez, contra a vontade de todos, presidente da Republica, até mim, que não sendo nem seu partidario, nem mesmo seu amigo, tenho sido arrastado na orbita do seu destino pelos motivos de justiça que se têm imposto á minha consciencia. O que porem em tudo isto me choea é o seu silencio perante a situação que destruiu o seu poder e o quiz deshonnar. Dir-se-ia que o facto de o terem posto em liberdade é para elle sufficiente reparação e que o que lhe resta a fazer agora é simplesmente esperar em Fiães, na casa do seu amigo Eliseo de Castro e em companhia do José d'Abreu, que uma nova revolução o ponha outra vez no poder. A verdade é que Affonso Costa nada diz porque nada sabe dizer. Este homem é um instrumento sem cordas e portanto sem sonoridade. E' de pau. Nada nelle vibra, ou tem vibração. Falta-lhe toda a eloquencia. Em toda a sua vida politica não encontrou quer falando, quer eserevendo, uma expressão feliz e que ficasse. Fora do dominio da sua estreita educação juridica, estes fructos seccoos da nossa cultura não dão nada.

LES TOURS, 17 DE ABRIL

A batalha de Armentières desdobrou-se na batalha do Lys. Aqui os allemães não parecem ter feito progressos, mas na região de Armentières tomaram Bailleul e Neuve Eglise. O Quartel General Inglês publica um despacho complementar sobre o papel da 55.^a divisão, que salvou a situação comprometida pelo abandono das posições portugêsas. Esta occupava uma frente de cerca de cinco mil e quatro centos metros, que se estendia do canal da Bassée até ao sul de Richebourg l'Avoué, onde entrava em ligação com a linha portugêsa. O ataque contra esta foi lançado por tres regimentos da 4.^a divisão d'Ersatz, com os seus effectivos quasi completos. A ordem de batalha datada de 6 de abril e publicada pelo estado maior da divisão que atacou e que cahiu em poder dos ingleses, mostra que os objectivos allemães eram o terreno e as posições inglesas no triangulo formado por Givenchy-Festuberre-Gorre. Durante toda a primeira parte da manhã de 9 de abril a 55.^a divisão repelliu todos os ataques na zona avançada, mantendo a sua linha completamente intacta. Quando a infantaria allemã rompeu a linha das posições portugêsas á sua esquerda, a 55.^a divisão formou um flanco defensivo, mantendo-se ahí durante seis dias no meio de encarniçados combates. O *compte rendu* hebdomadario do Ministerio da Guerra dos Estados Unidos diz :

« Dans leur offensive de Picardie, les Allemands ont cherché le point faible dans la ligne, au point de liai.

son des forces franco-britanniques. N'ayant pas pu obtenir des résultats définitifs à longue portée dans cette opération, ils ont assailli promptement d'autres parties, esperant, en enfonçant un coin dans ce secteur, le long du front portugais-britannique, qu'ils pourraient faire refluer les Britanniques vers la mer et effectuer une trouée. C'est cette opération qui a été tentée cette semaine.»

De Lisboa são enviados telegrammas para a imprensa de Paris, d'este teor :

«TOUTE LA GARNISON DE LISBONNE DEMANDE Á ALLER AU FRONT

LISBONNE, 16 AVRIL. — Tous les officiers et sous-officiers de la garnison de Lisbonne ont adressé au Ministre de la Guerre, par l'intermédiaire du général commandant la place, une pétition par laquelle ils expriment leur désir d'être envoyés au front.

Le ministre de l'Intérieur et les officiers de la maison du Président de la République ont fait connaître le même désir.»

«LES PORTUGAIS FÉLICITÉS

LISBONNE, 15 avril. — M. Balfour a adressé à M. Sidonio Paes un télégramme exprimant au gouvernement et au peuple portugais son estime pour la valeur déployée par les troupes portugaises.

Le commandant de la première division britannique

a télégraphié au 15^e régiment d'infanterie, à la caserne Thomar, faisant l'éloge du bataillon du 15^e, qui est au front et qui, jusqu'à nouvel ordre, prendra place à la droite de la 3^e brigade britannique.»

«LES VOLONTAIRES PORTUGAIS

LISBONNE, 15 avril. — Le lieutenant-colonel Pimenta Castro, commandant le 16^e régiment d'infanterie, a fait sonner le rassemblement de son régiment, et, dans un discours patriotique, a demandé ceux qui voulaient aller remplacer leurs camarades victimes du devoir et de l'amour de la patrie. Tous les hommes du régiment, des officiers au plus modeste soldat, se sont offerts avec enthousiasme pour partir.»

A sollicitude com que estas informações são enviadas á imprensa de Paris obedece ao pensamento de dissipar em França a suspeita de germanofilia que pesa sobre a situação Sidonio. Não importa! o seu effeito é excellente e o que é preciso antes de tudo salvar é o país, o seu nome, o seu credito. Se alguma coisa se perdeu para nós na Flandres, é preciso que não se perca tudo. No decurso de uma reunião que se realisou no dia vinte e oito do mez passado, na frente da batalha, o general Pershing apresentou-se ao general Foch e disse-lhe: «Je viens pour vous dire que le peuple américain tiendrait à grand honneur que nos troupes fussent engagées dans la présente bataille. Je vous le demande en mon nom et au sien. Il n'y a pas en ce moment d'autres questions que de combat-

tre. Infanterie, artillerie, aviation, tout ee que nous avons est à vous. Dispozez-en eomme il vous plaira. Il en viendra eneoze d'autres, aussí nembreux qu'il sera néeéssaire. Je suis venu tout exprès pour vous dire que le peuple amérieain sera fier d'être engagé dans la plus belle bataille de l'histoire.* Esperemos que o faeto de, por nossa vez, termos tomado parte na mais bella batalha da historia, não seja de todo perdido para nós, e se os nossos se portaram bem, eomo pa-reee, ha ainda muita eoisá a salvar. Esta noite jantá-mos á luz de velas. O petroleo aeabou. O pão é dado ás fatias. O nosso reeebemo-lo em troca dos vales que trouxemos de Paris. Como me é muito desagradavel tomar o meu eafé sem assuear, a Maria faz prodigios para que este não me falte. Trouxe de Paris dois quilos, que ainda duram e deixou em easa uma reserva que nos será enviada, á medida que nos fôr preeisa, pelo Riehard. Este esereve-me que a bomba de um dos Gothas, que vieram uma d'estas noites, destruiu una easa de que só fiaram as paredes. A gente que lá estava morreu. Está fazendo muito frio e os *vigne-rons* d'esta região, onde não ha senão vinhas, estão reeeiando as geadas.

LES TOURS, 18 DE ABRIL

Bolo Paehá foi fusilado esta madrugada. As suas revelações *in extremis*, que até agora não se tornaram eonhecidas, não o impediram de ser levado ao *poteau* de Vineennes. O traidor expiou! dizem os jornaes de Bordeus. Foi elle realmente um traidor? Uma grande

duvida a este respeito subsiste no meu espirito. Seja como fôr, a noticia d'este caso que nos seria indifferente, se não tivéssemos conhecido Bolo, traz-nos por este motivo, esta manhã, um momento de desagradavel impressão moral. Conheçemo-lo a Maria e eu, em casa do Finot, mais tarde jantamos com elle e a mulher em casa d'este, mais tarde ainda almoei em sua propria casa, no seu elegante *appartement* da rua de Phalbourg, com o Affonso Costa, o Augusto Soares e o Charles Humbert. Bolo, que gostava de apparecer, de ter boas relações (e no tribunal se provou que as tinha) quizera reunir em sua casa o Affonso Costa, que vinha de Londres, com o Caillaux. Este era então muito impopular, como ainda o é. Evitei o almoço com o Caillaux. Então Bolo propoz um almoço com Charles Humbert. As eircumstaneias que eoneorriam neste não eram as mesmas. Humbert, senador, vice-presidente da commissão do exereito, director do *Journal*, fazia então a campanha da guerra a todo o transe, reclamava nos seus artigos diarios: *Des canons! des munitions!* tinha prestigio, era popular. Concordei no almoço com Humbert, que se realisou no principio de outubro de 1916, na casa da rua de Phalbourg. Além de Bolo e de Madame Bolo, de mim, do Affonso Costa, do Soares e do Charles Humbert, estavam o Gabriel Astruc e Madame Astruc e mais duas pessoas secundarias, cujo nome não me ocorre. Madame Bolo preparara a sua mesa com muito gosto. A toalha, com um entremeio de fio de prata, era de uma grande riqueza. Não retive das conversações que tivemos senão o facto de que Charles Humbert pôz as columns do *Journal*

á nossa disposição para a dceza da Republica. Foi durante esse almoço, ou no fim, ao café, que Bolo offereceu a Affonso Costa uma lista do nomes de titulares portugêses que se haviam conluiado em tempos, num *complot* contra este. Os nomes d'esta lista eram seguidos de algumas indicações relativas á situação de fortuna d'esses individuos. Como poudo Bolo obtê-la ou organisá-la, não sei. Bolo, conforme me disse quando o conheci em casa do Finot, tinha estado em Portugal, conhecera a rainha Maria Pia e muita gente da côrte. Affonso Costa, quo nunca me falou neste episodio do almoço em casa de Bolo e que assim só mais tarde conheci, arquivou este documento rubricando-o: *documento entregue pelo sr. Bolo Pachá em sua casa, em outubro de 1916*, o accrescentando a esta nota a palavra *atentados*. Quando os agentes de Sidonio Paes deram busca ao cofre que Affonso Costa possuia num banco de Lisboa, encontraram lá este papel e explorando o seu aspecto enigmatico o a circumstancia de Bolo Pachá estar na ordem do dia, publicaram-no nos jornaes de Lisboa e fizeram-no publicar nos jornaes de Paris, o que durante um momento fez um barulho enorme em França o eu todo o mundo. Foi esta uma das maiores torpezas da dictadura de Sidonio Paes. A ultima vez que vi Paulo Bolo foi nesse mesmo agosto do 1916 em Ville d'Avray. Aproveitando um domingo de sol fômos de passeio a Saint Germain e a Versailles. Na volta, ao passarmos por Ville d'Avray, fiz parar o automovel e descemos a vêr ainda o *étang* tão celebrado por Corot. A tarde, que cahia, estava linda e nunca esse sitio

me pareceu tão seductor. Na agua do lago reflectiam-se, como no vidro d'um espelho, o arvoredo da margem e a gente que ia passando, em grupos e aos pares. Eu gabava a paisagem, em que tudo parecia arranjado por mãos de artista. Seguíamos pela beira d'agua, penetrados pela doçura da tarde, quando, ao fundo da vereda, um par de braço dado começou caminhando para nós. Vinham conversando num passo lento e pareciam alheados, felizes como um par de namorados. Naquelle lindo scenario e naquelle cahir da tarde, a sua *silhouette* era tão fina e elegante, que eu disse: — Vê tu que lindo quadro! O homem era ainda uma mancha escura; a mulher, modelada num d'esses jerseys brancos que estavam então muito na moda, uma mancha clara. Por um momento, o par de namorados reflectiu-se no *étang* e caminhou pelo espelho da agua. Mas ao darmos mais alguns passos reconheci Bolo Pachá e a mulher. Elles por sua vez, reconhecendo-me, fizeram-nos um acolhimento festivo, cobriram-nos de perguntas affectuosas, gabaram Ville d'Avray, e sem me dar tempo de respirar, sob uma effusão amigavel, Bolo propoz immediatamente jantarmos no Cabassou, acabarmos juntos aquelle lindo domingo d'agosto. E desatou a correr para o Cabassou a encommendar o jantar para todos. Jantamos com effeito num dos caramanchões do pittoresco restaurante, tendo diante de nós o lago e a sua verdura. Bolo falou muito. Não me recordo hoje do que lhe ouvi. Do que me lembra é que, no fim do jantar, cahiu num vago scismar, emquanto Madame Bolo palavra. Separamo-nos na estrada de Versailles, onde o esperava o seu automovel, e não

tornei mais a vê-lo, senão nos pessimos retratos que d'elle publicaram os jornaes de Paris. A Maria não quer que eu lhe fale neste assumpto. Diz que lhe parecee um *cauchemar* ter eonhecido um homem que foi fusilado.

LES TOURS, 19 DE ABRIL

Num bilhete postal André Brun fala da jornada de 9. Está redigido em francês, escripto a lapis e tem a data de 11 de abril, sem a designação de local. No carimbo do correio, leio — *Pas de Calais*. Aqui está o que elle diz: *Des choses terribles pour nous viennent de se passer. J'en suis sorti sans une égratignure. Je suis au bord de la mer et je doute encore d'être vivant*. Assim, o que resta da divisão portugêsa foi retirado da linha de combate, pois só assim se explica que André Brun, que não foi ferido, esteja junto do mar. Entretanto, em Portugal parecee que se começa a abrir os olhos e a ver a verdade. Em jornaes que d'ali me chegam encontro frequentes refereneias ao nenhum interesse que Sidonio Paes e os seus agentes manifestam pelo Corpo Expedicionario e pelo exito da nossa acção militar. A *Capital* (12-4-18) publica um artigo em que encontro estas linhas:

«Não queremos immiseuir-nos na direcção da guerra, embora saibamos que capitães de artilharia que estavam de licença em Portugal pediam instantemente, sem ser attendidos, para regressar ao *front*, dando a sua auseneia em resultado que muitas baterias estivessem commandadas por alferes. Embora saibamos

que onde devia haver oito medicos só estavam tres, enquanto havia aqui medicos que reclamavam insistentemente a sua partida para o *front*. Embora saibamos que estavam em Portugal, tendo terminado como os outros, o tempo da sua lieença, capitães de infantaria espeecializados no serviço de morteiros, e que pediam insistentemente para seguir. Embora saibamos que não podia ser maior o desleixo na base das operações, que foram sómente agora repatriados militares que tinham sido feridos em agosto do anno findo; que todos se queixam, e com justifieada razão. E' uma falta de solicidade que chega a revestir os aspectos dum crime.»

Noutro numero do mesmo jornal leio esta nota:

«AOS POUCOS E POUCOS

Chegou hoje novo barco com mil feridos, doentes, convalescentes, dos nossos bravos que em França honram tão alevantadamente o nome portugûes.

Ha pouco menos de um mez, chegou um outro barco cheio de soldados em identicas condições. No porto de Brest ha, naturalmente, ainda mais para vir, e nos hospitaes do interior, nas ambulancias do C. E. P. com certeza ha soldados, ligeiramente feridos, em condições de poderem voltar á frente: ha cá em lieença bastantes officiaes, muitos mesmo, que devido a ter-se decretado o *roulement* esperam não voltar, nem voltarão naturalmente, pelo que já estão fazendo outros serviços. Os alumnos do I. S. T. e provavel-

mente d'outras escolas, cujos cursos estavam terminando quando foram mobilizados, acabam de regressar em virtude d'um decreto qualquer os auctorisar a terminarem os seus cursos.

Contando com as baixas, embora relativamente em fraco numero, havidas em eombate, por doença ou desastre, pergunta-se em quanta gente está desfalcada a nossa participação no conflito? Quem tem sido mandado em substituição dos que eumpriram o seu dever, quem por motivo do *roulement* decretado tem ido aliviar os que ha um anno vivem sob a metralha, ao frio, á neve, longe da patria?

O C. E. P. é o nosso dia de amanhã. Foi feito com muitos sacrificios, e muita honra; não o deixemos escangalhar-se, aos poueos e poueos.»

LES TOURS, 20 DE ABRIL

Os resultados formidaveis da grande offensiva parecem conjurados. Impressões do *raid* de Gothas, na noite de sabbado para domingo passado, em Paris:

«L'on disait, en regardant le ciel bleu si limpide au-dessus des feuilles transparentes:

— Comme il fait beau! Ils viendront ce soir, e'est certain!

Car maintenant, on est habitué: les nuits de printemps n'amènent plus le rêve ni l'amour, mais la mort. Les barbares prennent comme complices toute cette pure douceur, toute cette jeunesse de l'année.

On le disait d'ailleurs sans y croire tout à fait. Mais on était «paré», comme disent les marins. On avait préparé sa «toilette de gothas», les manteaux, le sac aux papiers précieux, le coffret aux bijoux, la lampe électrique, tout cela paisiblement, méthodiquement, gaiement presque. Et puis on attendait, le doigt sur un livre. Le grand calme; au loin, une valse passionnée de Chopin.

Dix heures. Un dernier regard au ciel laiteux sur un semis d'étoiles presque invisibles. Non, décidément, ils ne viendront pas. On va dormir.

Et puis, tout à coup, ça y est: le long hurlement sinistre des sirènes, le grondement du tir de barrage, le court silence haletant, le frémissement de la maison en éveil, les portes qui s'ouvrent, les pas qui courent, les appels qui se croisent: — N'oublie pas les clefs! — Prends ta fourrure, surtout! — Ne vous affolez pas, on a le temps... Oui, comme les autres soirs. Connue tout cela.

Dans la cour, un bruit saccadé de moteur. Déjà? Il n'y a pas une minute... Et brusquement, brutalement tout s'abolit: un immense disques rouge tourne, tourne éperdument, un souffle d'ouragan vous colle au mur, la terre se soulève et cède, entraînant vos entrailles, fracas formidable, pans de murs qui croulent, cascades de verre brisé, cris aigus, enfin du noir... Cette fois, c'est fini, on est mort!...

Mais dehors... l'air alourdi vous pousse dans la gorge une âcre saveur de poudre. Des gens crient, courent, les mains sur les yeux. Et là-bas, au fond de la rue, une immense colonne de flammes jaillit droite

comme une flèche pour s'épanouir en gerbe dans tout le ciel qu'elle emplit d'un rouge sanglant. Une maison à cinq étages flambe; des langues de feu sortent par les fenêtres sur lesquelles se détachent les silhouettes noires, les casques jaunes des pompiers. Les braves gens!... D'autres arrivent sur leurs voitures, à grands ronflements de moteurs. L'eau ruisselle partout des conduites crevées et l'on enfonce, jusqu'aux chevilles, dans une épaisse litière de verre brisé. Déjà passent lentement des voitures d'ambulance où l'on aperçoit des formes prostrées sur lesquelles on se penche. Et la foule sort de partout, grondante, poings serrés, visages pâles, la mâchoire en avant, les yeux noirs de colère et d'indignation. On entend encore le tir de barrage. Mais qui pense au danger? Ah! s'ils pouvaient voir, écouter, les forbans qui rôdent encore là-haut et s'imaginent tenir une ville terrorisée! Ce n'est pas la peur, mais la haine, le désir de vengeance qui monte vers eux, des rues meurtries, haute, rouge et violente comme cette colonne de flammes...

Une femme, une pauvre... une femme du peuple, aux cheveux gris tombants, répète d'une voix monotone:

— Je n'ai plus rien... plus rien... plus rien... »

LES TOURS, 21 DE ABRIL

Os jornaes de Lisboa publicam este telegramma:

«PARIS, 8. — O sr. Clemenceau reeebeu do sr. Sidonio Pais um telegramma dizendo-lhe que tomava a peito exprimir-lhe pessoalmente os sentimentos de

confiança inabalavel do governo portuguezs na causa do direito e da justiça e a sua admiração pelos gloriosos soldados da França. O ministro da França, em Lisboa foi encarregado de exprimir ao sr. Sidonio Pais os agradecimentos do sr. Clémenceau.»

Com effeito, assim foi: Clemenceau não respondeu ao telegramma de Sidonio Paes.

LES TOURS, 22 DE ABRIL

Jornaes de Paris da semana passada, que se referem á offensiva de 9, contra os portuguezs. Um correspondente da *Reuter* na frente britannica diz:

«Les troupes portugaises ont souffert cruellement au commencement du combat, mais elles ont opposé une résistance acharnée jusqu'au moment où elles ont été contraintes de céder sous le seul poids du nombre.»

Um correspondente do *Petit Journal* escreve: (14-4-18):

«L'offensive principale ne pouvait guère avoir lieu dans cette dernière région, Armentières, celle-ci offrant des obstacles naturels d'un sol marécageux sur lequel l'avance des troupes et particulièrement des canons est chose difficile. Je l'ai visitée à diverses reprises, j'y ai entendu siffler les balles des guetteurs sur les sacs de terre et de ciment que les Anglais et les Portugais ont érigés et qui constituent des tranchées en

relief sur un assez long parcours. En certains points, le «no man's land» n'y est qu'une mince bande de terrain de cinquante ou soixante mètres de profondeur. Il faut ajouter que ce front ne mesure pas plus de trente kilomètres entre les bastions de Notre-Dame-de-Lorette et de Messines. Il n'y a point la possibilité de s'y déployer comme dans la Somme et l'Oise. Tout cela le désignait comme pouvant être le théâtre d'une action secondaire, et voici qu'elle vient, en effet, de s'engager avec des forces assez importantes entre le canal de La Bassée et le sud d'Armentières. Le bombardement préliminaire, cette fois-ci, dura deux jours, mêlé d'obus à gaz qui imprégnèrent à longue distance les positions et les batteries de nos alliés. Je n'ai jamais approché les lignes portugaises sans assister à des exercices assidus de masque protecteur. Les *serranos* agiles sont depuis longtemps aussi rompus à cette pratique que leurs moniteurs anglais. Les uns et les autres ne se sont donc pas laissé surprendre.

En somme, cette lourde attaque est surtout dirigée contre les soldats du Portugal. Ceux-ci, aguerris, comme on le sait, par de nombreuses escarmouches depuis leur entrée en ligne, se battent comme des léopards et font preuve de magnifiques qualités de réaction. A l'instant où je rédige cette dépêche, m'arrive la nouvelle qu'en plein milieu de leur centre ils ont contre-attaqué, repris une localité dans la gorge de l'ennemi.»

No numero do dia seguinte do mesmo jornal, encontro esta outra referencia:

«Au centre, nos amis Portugais, surpris en pleine relève, combattirent de leur mieux. Certaines de leurs unités se firent hacher sur place, non sans avoir vendu chèrement leur existence».

Um correspondente do *Petit Parisien* dá esta impressão do campo de batalha e intitula assim a sua narrativa: *Une effroyable canonnade a précédé l'attaque ennemie*:

«Du côté d'Armentières, où nous étions allés hier soir, la canonnade faisait trembler les maisons. Des portes, des fenêtres s'ouvraient d'elles-mêmes et les carreaux qui restaient s'émiettaient en pluie de verre à nos pieds. Je n'avais entendu pareil fracas que le deuxième jour de l'offensive entre Péronne et la Fère. De la terre détrempée, montait un épais brouillard saturé de fumée âcre e de soufre qui enserrait la gorgo et devenait presque aussitôt irrespirable. L'horizon à moins d'un kilomètre de l'endroit où nous nous trouvions en était voilé et empesté. Impossible de rien voir, de rien distinguer. Il faisait grand jour encore et un rideau de ténèbres épaisses comme la tombe mettait une muraille d'ombre et de mystère devant nos yeux. Et la voix du canon s'élevait toujours, plus haute, plus forte, plus angoissante!

Des officiers d'état-major, rencontrés en cours de route, nous donnèrent quelques renseignements: l'attaque, favorisée par une brume matinale qui masquait toutes choses, s'était déclanchée à l'aube sur une étendue de vingt kilomètres environ. Les colonnes enne-

mies avaient dû marcher toute la nuit dans une terre saturée d'eau et transformée à certains endroits en véritables marécages.

Devant le nombre, les Portugais, après une résistance magnifique qui leur fait le plus grand honneur, durent se replier sur des positions plus fortes, au delà de Laventie et de Richebourg-Saint-Waast. *Tout le choc de cette ruée a été supporté par les bataillons portugais, dont le centre, qui peut être fixé à Laventie, a été l'objet des assauts répétés de l'ennemi.*

Soutenus à leurs ailes par les Britanniques qui, tout de suite, ont remis la bataille à leur compte, les Portugais étaient bientôt dégagés et l'équilibre un moment chancelant était en partie rétabli. A Givenchy, une contre-attaque nous donnait 750 prisonniers et nous a permis de reprendre du terrain à la baïonnette après de sanglants corps à corps.

A l'heure où je vous écris ces lignes sur la table boiteuse d'une auberge, en bordure des champs, la bataille continue et les contre-attaques se succèdent sans interruption. »

Estas noticias consoladoras dissipam as minhas apprehensões sobre o modo como as coisas se passaram na terrível jornada do dia 9. Não as encontro porém nos jornaes portuguezes, que se limitam a publicar sobre um dos maiores successos da nossa historia um secco communicado do general Tamagnini:

«INFORMAÇÃO DA FRENTE PORTUGUESA

(NOTA OFICIOSA)

A's quatro horas e um quarto da manhã do dia nove foi iniciado violento bombardeamento contra a frente portugueza.

Foram especialmente visados os comandos desde os batalhões até ao corpo, cortadas as comunicações telefônicas e tornadas impossiveis outras comunicações em virtude das cerradas barragens.

Quatro divisões inimigas desenvolveram ás sete e meia violento ataque contra as nossas forças, o qual se sustentou até ás dez horas e meia.

As nossas forças combateram com valor, mas foram obrigadas a retirar, sem panico, em consequencia do bombardeamento muito prolongado e constante e da superioridade numerica da infantaria inimiga.

Além d'isso, o nevoeiro muito intenso, que durou todo o dia, originou que a infantaria inimiga só fôsse vista a cincoenta metros de distancia das nossas trincheiras.

As nossas perdas em pessoal e material serão comunicadas logo que haja pormenores garantidos. —
(a) *Tamagnini*, general.»

A circumstancia do nevoeiro ter facilitado o ataque allemão encontro-a confirmada nos jornacs de Paris que recebi hontem. Um d'elles diz:

«Une épaisse brume régnait sur toute la région

quand, la période de préparation d'artillerie terminée, les divisions allemandes se portèrent à l'assaut des lignes tenues aux ailes par les Britanniques, et au centre en partie par les Portugais. Cette brume favorisa le mouvement ennemi, rendant impossible l'observation et empêchant les barrages de se produire utilement.»

Outro diz :

«La lourdeur opaque et persistante du brouillard, comme au matin du 21 mars, annihila, pendant les premières heures, toute observation aérienne ou terrestre.»

LES TOURS, 23 DE ABRIL

Jornaes portuguezês. O *Mundo*, que reappareceu depois das devastações de que foi victima em 5 de Dezembro, começa a fazer historia, como ella se faz em Portugal, por meio de anedoctas. Entre ellas encontro este pormenor da sedição de 5 de dezembro em Coimbra. E' referido por um correspondente d'aquelle jornal (4-4-18):

«Vou narrar, diz elle, em duas linhas o que se passou em Coimbra após o movimento de dezembro.

As tropas do sr. Machado Santos, que estavam acampadas junto da estação da Pampilhosa havia já tres dias, marcharam finalmente sobre Coimbra.

Uma coisa houve que impressionou todas as pessoas que, silenciosamente, assistiram ao desfile dos revoltos-

sos: as carrctas de artilharia traziam em letras pintadas a branco o seguinte distico: — C. E. P. — Havre-França.

Houve um popular ingenuo que, na minha presença, perguntou a um dos soldados quando é que elle e os companheiros iam para a guerra.

«Nós não vamos — retorquiu o interpelado. Assim nos prometteram em Vizeu.»

Passam-se meses e os jornaes noticiam a criação da guarda pretoriana em Lisboa, e uma das unidades d'essa guarda é o regimento de artilharia 7! »

De Lisboa telegrafaram para os jornaes francêses que o tenente-coronel Pimenta de Castro formara o seu regimento *«et dans un discours patriotique a demandé ceux qui voulaient aller remplacer leurs camarades victimes du devoir et de l'amour de la patrie.»* O telegamma accrescentava: *«Tous les hommes du régiment, des officiers aux plus modestes soldats, se sont offerts avec enthousiasme pour partir.»*

Mas este Pimenta de Castro, filho ou sobrinho do outro e por certo tão germanofilo como elle, veio logo a publico (*Seculo* de 15-4-18) e desmentiu formalmente esta noticia. «Não formei, diz elle, o regimento, não fiz alocação alguma; e nada ha que diga ou deixe perceber que o 1.º batalhão do meu regimento soffresse algum revez em França, nem mesmo que entrasse em combate, porque, sendo reforço, foi dividido por varios regimentos».

A germanofilia d'este bravo não lhe consente collaborar na impostura de Sidonio Paes. Entretanto em

Lisboa a atmosfera continua carregada. Durante a noite de 11, como durante as anteriores, circularam boatos terroristas e houve annuncios de revolução democratica para hora certa. Na policia dizia-se que rebentaria á uma hora. Depois da meia noite correu que infantaria 2, que está em Mafra, se revoltara, mas fôra submettida. No Porto tambem rebentara o movimento, bem como em Braga. Neste regime e com breves acal-mias, se vive em Portugal desde 1910. Os monarquicos estão senhores do país e propõem-se eleger o Sidonio presidente da Republica. O Aires d'Ornellas, delegado de D. Manuel, tem conferencias no Ministerio do Interior. Por quanto tempo ainda se prolongará esta absurda situação?

LES TOURS, 24 DE ABRIL

Mais jornaes de Paris de 11 e 12, que se referem á offensiva do dia 9. Um telegramma de André Tudesq, dirigido em 11, da frente de batalha, ao *Journal*, dá uma das mais completas impressões que até agora tenho lido, do que foi o ataque dos allemães contra a frente portugêsa :

«FRONT DE BATAILLE, 10 AVRIL. — Les Allemands savent à merveille jouer des brumes et du brouillard. La météorologie, chez eux, forme un service essentiel d'armée. Leurs «vieux majors» sont d'étonnants *starters* pour fixer par anticipation l'heure et le jour favorables d'attaque. Comme au matin du 21 mars, c'est sous le couvert d'un ciel bas, lourd de bruine, qu'ils

ont lancé hier, 9 avril, à la pointe de l'aube, une nouvelle ruée d'envergure au sud d'Armentières.

Ce front, longtemps silencieux, ne connaissait, depuis 1915, qu'escarmouches et coups de main. Tissé d'anciens marécages, vrai labyrinthe de fossés et de canaux, mou, avec nappes peu profondes qui affluent au premier coup de pelle, ce terrain d'embûches naturelles ne poussait guère aux vastes actions. Les tranchées, comme dans les Flandres, ne sont ici qu'un réseau pourrissant de remparts polygonaux, faits de sacs de terre en hauteur: pour renforcer les défenses, çà et là, s'épanouissent massivement quelques fortins de béton à ras du sol.

UN MASCARET

Une partie du secteur, entre le canal de la Bassée et Fleurbaix, demeurait confiée à la garde de la jeune armée portugaise qui, ces derniers mois, faisait œuvre active de guerre, à multiplier les raids en terre ennemie et à patrouiller dans le *no man's land*. Ce harcèlement continu exaspérait les Allemands. *C'est sur l'armée gris-horizon des serranos que le Boche vient de fondre avec une violence de mascaret.*

La préparation d'artillerie dura un jour et demi. C'est le 8, à minuit, que le feu des pièces allemandes s'ouvrit par barrages progressifs, accablant une à une les batteries de campagne et d'obusiers, détruisant abris et postes de commandement, défonçant les routes, écrasant les convois. Très loin, en arrière, jusqu'à Saint-Venant et Estaires, le bombardement mé-

thodique se poursuivait: Aire, Hazebrouck, Saint-Pol, pris à partie, marquaient les limites de l'éventail de feu.

Le vent s'étant mis à souffler en tempête N.-O., c'est-à-dire complice du Boche, les nappes empoisonnées et les obus toxiques déversèrent leurs volutes jaunes et vertes sur les camps de baraquements et les bivouacs en flamme. Rude nuit de misère et d'épouvante pour l'armée portugaise que celle qui précéda le choc! Les Britanniques *aux deux ailes* (Nã é exacto. A ala esquerda cedeu) c'est-à-dire, géographiquement, à Givenchy-la-Bassée, au nord du canal, et à Fleurbaix, sous le hameau de Bois-Grenier, appuyaient de leurs tirs efficaces de contre-batterie et de leurs divisions alertées, comme de deux puissants contreforts, la petite armée alliée.

LA RÉSISTANCE DES PORTUGAIS

A l'aube du 9, l'attaque allemande se déclencha, forte de plusieurs divisions. Sur ce front de bataille, d'environ 20 kilomètres, les masses de *stosstruppen* concentrèrent leur fureur entre Neuve-Chapelle et Fleurbaix, en direction de Laventic. Les Portugais, après une honorable défense, qui dura tout le matin, et de sévères combats corps à corps, se replièrent par ordre sur des positions préparées. Les divisions d'assaut de Ruprecht essayèrent, sans succès, d'accélérer cette retraite, dont nos amis gardèrent à tout moment la maîtrise. *Aux ailes, les Britanniques tenaient avec une exemplaire bravoure* (Nã é exacto) fauchant au

pied des entonnoirs, couchant dans les réseaux barbelés les vagues nombreuses de l'assaillant. Leurs barrages empêchèrent les Allemands au sud de déboucher. A Givenchy, quelques heures après le premier choc, les Tommies se lançaient hardiment à la contre-attaque et, nettoyant le champ de bataille jusqu'à Festubert, faisaient une intéressante rafle de 750 prisonniers.

Au centre, les lignes ont dû être reportées assez loin en arrière, à 8 kilomètres du point extrême. Les Allemands ont pu ainsi assez aisément occuper Fauquissart, Laventie, Richebourg-Saint-Vaast; en quelques points, ils touchent aux marais qui bordent la rivière de la Lys. Leur avance s'analysait ce matin par un saillant risqué en direction d'Estaires et de Sailly-sur-la-Lys.

LE REVE IMPÉRIAL

Les combats à gros effectifs se poursuivent, depuis vingt-quatre heures, furieux, implacables. Les rafales d'artillerie enflent et déferlent sans arrêt. Tout ce pays des Flandres françaises frémit de rumeurs de bataille. Le jeu allemand apparaît ici, fort clair encore: *envelopper*, ou s'il ne se peut, *assommer sur place l'armée portugaise*, pousser en pointe sur Calais pour reprendre le vieux rêve impérial de la course à la mer.

Ce matin du 9 avril l'offensive boche du nord est déclenchée. »

LES TOURS, 25 DE ABRIL

Pelo dia lindo que esteve hontem, fui a Bordeus fazer algumas compras. Na estrada, ao pé de Montagne, encontrei uma bateria de artilheria americana, que fazia exercicios de *tracteurs* — subir e descer rampas. Todo o material, os poderosos camions automoveis como as enormes bôcas de fogo de 155, estava *camouflé*, isto é pintalgado de verde, amarello e preto, para melhor se encobrir e dissimular no terreno. Entre Libourne e Bordeus, ao longo da linha ferrea, os americanos estão construindo um acampamento monstro, constituido de vastas barracas de madeira. Na carruagem um commerciante de Bordeus celebra o prodigioso esforço d'esta raça; informa que o estado maior americano fez construir quarenta e oito linhas ferreas partindo do litoral a entroncar com a linha de Bordeus-Paris. Todo o material lhes pertence e foi trazido da America. Os trabalhos da installação do acampamento fazem-se no entanto no meio de uma ordem perfeita, sem accumulacão de pessoal e sem o ruido de uma martellada. Dir-se-hia que essas enormes barracas de madeira são aparafusadas. Nos logares em que devem ser erigidas aquellas que ainda não o estão, ha pilhas ordenadas e simetricas de tabuas, que parecem já vir cortadas e numeradas para esse effeito. Bordeus extremamente animado, como sempre, depois da guerra. O *Chapeau Rouge* onde fui almoçar, cheio a transbordar. Preços elevados, mas nada falta. O pão é em abundancia e as raparigas que fazem o serviço de creadas até assucar me dão.

LES TOURS, 28 DE ABRIL

Esta manhã, o commandante da artilheria americana, que anda em exercicios nesta região, veio visitar o *château*, acompanhado de quatro officiaes. E' um suiso naturalisado americano, bello homem, muito cortez e falando o francês correntemente, mas com uma ligeira accentuação britannica. Gabou o *château*, offereceu jornaes de Bordeus e annunciou que as suas baterias passarão ámanhã pela estrada entre as dez e o meio dia, o que trouxe um grande alvoroço entre as senhoras que habitam esta casa e se propõem não faltar a esse espectáculo. A' noite o cura de Montagne jantou cá. Suprehendeu-me vê-lo beber vinho e cognac, pois supunha os padres francêses muito differentes dos ossos.

LES TOURS, 29 DE ABRIL

Esta manhã, quando me encaminhava para a estrada, a ver passar a artilheria americana, o Giovetti estendeu-nos a *Petite Gironde*, que num breve telegramma de Lisboa annuncia que o Sidonio Paes foi eleito presidente da Republica. Gente vinda de Portugal assegurava que esta eleição não chegaria a dar-se e que a revolução viria antes. Não veio, e embora eu não tenha duvidas sobre o resultado final da horrivel aventura de Lisboa, a noticia d'hoje não me regosijou. Até ao meio dia circulamos pela estrada esperando os americanos, que sempre passaram com as suas duas baterias *camouflées*. A primeira que passou deteve-se um momento á espera da outra, que ficára para traz. Durante

essa paragem, os artilheiros e serventes mantiveram-se dentro dos *camions*, ou sentados na culatra das peças, no mais absoluto silencio. Quando a outra bateria chegou, o commandante, que as precedia num automovel, examinou uma carta da região, tirou o charuto dos dentes, deu uma ordem breve e foi tudo o que se ouviu. As duas baterias, com os seus longos canhões, pozeram-se lentamente em marcha. Vendo-nos á beira da estrada, um official disse — . . . *Morning!* Nós respondemos — . . . *Morning!* e todos aquelles formidaveis maquinismos de guerra faziam menos barulho do que a carroça de um vindimador.

De volta a casa, correio. Uma carta de Bayonna diz-me: «Passaram por aqui varios officiaes portugêses e entre elles o filho do João de Menezes, todos de passagem para Portugal. O Menezes foi o que mais informações deu sobre o que se passou na jornada de 9. Eis resumidamente o que elle disse: a nossa frente foi *sacrificada* (as palavras sublinhadas são da carta) pela *fraqueza* da ala direita inglêsa, que CEDEU, que NÃO SE MANTEVE, o que determinou um violento ataque ao flanco da divisão portugêsa, com risco de ser envolvida. Isto parece ser positivo e está reproduzido em uma correspondencia de um jornal de Genebra. Toda a nossa gente se bateu como leões. A' UMA, todos o affirmam. *A falta de reforços de Portugal foi a razão basica do desastre.* Se tivessemos sido secundados por *tropas frescas*, nossas, os resultados teriam sido differentes. Esta é a opinião de todos. O Gomes da Costa não está prisioneiro, nem ferido. Parece ter cahido muito no conceito que os

oldados formavam d'elle. Sobre a nossa gente caíram sessenta mil obuses de gazes e setenta e tantos mil d'explosivos. Contra isto não havia resistencia possivel. A artilheria pesada inglêsa não disparou um tiro. A unica peça que atirou era servida por gente nossa. Era tanta a falta de officiaes que o Menezes, que é alferes, esteve na *penultima* offensiva commandando uma bateria. Dizem os companheiros que elle se portou muito bem. Um pormenor curioso: mostrou-nos as suas botas sem tacões. «Isto representa, disse-nos, a marcha a pé de noventa quilometros, que tivemos de fazer na actual retirada. O que da nossa gente mais soffreu foram a artilheria e a infantaria. O pobre Americo Olavo lá ficou numa carga á baioneta. Segundo elles dizem, as baixas devem ser de duzentos e tantos officiaes e quatro a cinco mil soldados.»

O que vam fazer a Lisboa os officiaes que dceram estas informações? Com licença? Neste momento? Espantosa situação!

LES TOURS, 30 DE ABRIL.

Por muito que eu presuma, e por muito forte que seja a minha presunção de que as vergonhas por que estamos passando em Portugal devem ter um termo, nem por isso ellas pesam menos sobre o meu moral, e por mais que eu procre resistir a este sentimento, ha dias em que elle como que se infiltra em mim e me traz num estado de indescriptivel angustia. Hoje é um d'esses dias. Bastou-me para isso ler no *Matin* estes commentarios á eleição de Sidonio Paes:

«Ce résultat des élections avait été prévu à Lisbonne. Depuis le mois de décembre, qui a marqué le bouleversement intérieur du Portugal, M. Sidonio Paes était devenu incontestablement la personnalité politique la plus en vue de son pays.

Sidonio Paes n'est pas un homme nouveau ; depuis 1911 il a été trois fois ministre dans différents cabinets démocratiques. Au moment où éclata la guerre européenne, il représentait le Portugal à Berlin, qu'il quitta en mars 1916, date à laquelle son pays avait déclaré la guerre à l'Allemagne. A ce moment, M. Sidonio Paes avait fait des déclarations qui résumaient bien la politique portugaise : «Le Portugal, avait-il dit, n'a jamais fait des protestations de neutralité. Au contraire, dès le début de la guerre, il se déclara l'allié de l'Angleterre, il le restera toujours.»

M. Sidonio Paes maintint ce point de vue lorsqu'en décembre 1917 il devint président du conseil portugais et ministre des affaires étrangères.

«Quels que puissent être les changements intérieurs au Portugal, avait-il déclaré alors, les alliés peuvent entièrement compter sur nous.»

C'est donc un allié fidèle que le suffrage universel proclame aujourd'hui chef d'Etat de la République portugaise.»

Renunciei já a influir de qualquer maneira para que a imprensa de Paris veja claro no que se está passando em Portugal. Ella não quer ver, como não quis ver o que se passou na Grecia, sob Constantino, como não quis ver o que se passou na Russia, sob Raspoutine. Por um lado nenhum espirito demoeratico e nenhum

interesse pelo destino das democracias, por outro incorrigivel ignorancia em tudo o que respeita os negocios das outras nações e um sistematico optimismo levam-na aos erros de apreciação, mais grosseiros umas vezes, mais injustos outras. No entanto esta solidariedade com o Sidonio Paes excede os direitos da imprensa mais leviana. Não importa! Isto traz-me um momento de colera que não se expande, de irritação que fica dentro de mim, a revolver-me as entranhas. A Eugenia escreve de Famalicão á Maria: «Estamos chegados ás eleições. Não sei o que isto vae ser. Parece que nos approximamos de uma guerra civil.»

LES TOURS, 3 DE MAIO

O tempo está de rosas. Em volta do *château* tudo são trillos, gorgeios, cri-cris de cigarras, coaxar de rãs. Os castanheiros estão floridos como para uma festa. Depois que a grande offensiva parece frustrada, os ornaes de Bordeus são lidos com menos interesse. Continuam a chegar-me jornaes de Lisboa, uns que me são enviados para Paris, outros que me remettem de Paris, e nelles continuo seguindo, entre angustiado e enfasiado, o que ali se vae passando.

A *Republica* do Antonio José d'Almeida qualifica a situação de paradoxal. O que se está passando em Portugal é, com effeito, a restauração da monarchia, sem o rei, de quem ninguem parece occupar-se, nem mesmo os monarchicos, mas uma restauração miguelina e que resuscitou o *cacete*. Em Braga, o republicano Simões d'Almeida, que foi julgado commigo nos

conselhos de guerra de Leixões, ia sendo assassinado á porta da sua casa. No Arco do Bandeira, em Lisboa, um grupo de caceteiros deu uma sova no Bourbon e Menezes, antigo secretario de Bernardino Machado. No Cartaxo está correndo um processo crime contra uns individuos d'ali que queimaram foguetes quando se soube que o Affonso Costa tinha sido posto em liberdade. Continuam as demissões de republicanos. Da guerra não se fala. O proposito de a fazer esquecer, ou de a dar por finda para nós, é manifesto. A censura restabelecida impede a publicação de communicações em que se celebra o heroismo dos soldados portugêses. O *Diario de Noticias* (24-4-18) queixa-se de que não lhe foi permittido publicar «um dos documentos mais honrosos e mais glorificadores, mais encomiasticos e mais nobilitantes para o exercito portugêes e especialmente para a parte d'esse exercito que entrou no combate do dia 9» que poderia deixar archivado nas suas columnas. «Mas, accrescenta, atraz de tempos, tempos vêm e alimentamos a esperança de que esse telegramma, em que um official nosso compatriota, entrevistado em Paris, relatava os extraordinarios feitos de armas dos nossos soldados, encarecendo com enthusiasmo as façanhas de bravura e de heroismo que elles praticaram e que constituirão uma das paginas mais admiraveis da historia do exercito nacional, esse telegramma, que religiosamente conservamos, ainda ha-de ver publicidade em lugar de honra, no *Diario de Noticias*, para que o leiam com orgulho e commoção quantos sentem bater no peito um coração verdadeiramente portugêes.»

Das revelações feitas por Alexandre Braga sobre os agentes allemães, que collaboram com Sidonio Paes, não voltou a falar-se. A imprensa monarchica, desafogada, reclama contra o facto de ser proposto candidato a deputado o José Carlos da Maia, «que poderá ser, escreve o *Liberal*, um official muito distincto da Armada e, segundo nos informam um homem honrado — mas que para nós monarchicos é e será sempre um dos que em 5 de outubro ajudou a derribar a bandeira pela qual temos sacrificado vidas, fazendas, futuro...» Tudo entrou nas minhas previsões, mesmo a restauração. Semilhante crise, não! O Giovetti, que voltou hoje outra vez a Paris, diz-me que é preciso explicá-la á opinião franceza. Explicar o absurdo, como? Como dizer á França que a Republica em Portugal está esmagada, sem a declarar *ipso facto* impotente? A eleição do Sidonio fez na imprensa de Paris o effeito de um acto regular. O *Temps*, que sabe no entanto o que se passa em Portugal, publica telegrammas de Lisboa em que se accentua que as eleições fôram um triumpho para o governo, sendo o Sidonio Paes «*reélu président de la République à une majorité écrasante.*» Quem devia intervir neste momento com uma palavra era o Bernardino Machado, que nunca toma uma resolução opportuna ou acertada, e que está sosinho em Hendaia, sem alguém que o aconselhe, ou pegue por elle na penna que elle não sabe manejar. Do resto, a guerra dispersou-nos. O Norton do Mattos está em Londres, o Luiz Galhardo em Madrid, o Leotte do Rego em Paris, eu aqui, e o Bernardino, intoleravelmente egoista, não tem qualidades de

caracter que façam d'elle um centro de dedicações. Por sua vez, os republicanos de Lisboa, sempre falhos de iniciativa, não proeuram ercar ligações com elle ou comnoso. O Affonso Costa metteu-se na quinta do Eliseo de Castro, *d'onde pediu tres mexes de licença, como professor da Universidade de Lisboa, para gosar no estrangeiro*. Este acto administrativo é no entanto um acto de reconhecimento do estado a que o Sidonio preside e que elle devia abster-se de praticar. Mais regular seria que renunciasse ao seu logar até ao dia da reparação. Dos homens do seu partido não se ouve falar. Assim, todas as manhãs me entra pelo nosso quarto dentro, eheio de sol e de primavera, o ar mefítico da nossa terra empestada.

LES TOURS, 3 DE MAIO

Dia de calor, como em agosto. Tenho estado a ler as *Memorias de Gérard*, o embaixador que representava a America em Berlim, quando rebentou a guerra. Continuei a leitura durante esta tarde quente, á sombra do bosque de castanheiros do *château*. E' um livro pesado, que me traz algumas luzes sobre a Allemanha e os allemães. O que principalmente me surprehendeu foi ler as observações de Gérard sobre a situação dos operarios allemães, que toda a gente suppõe gosarem de extraordinarias vantagens e nadarem em bem estar. Gérard esereve que os operarios allemães gosam de um bem estar muito menor do que os dos outros países, trabalhando talvez mais. As leis allemãs que nós tanto admiramos, leis, diz o embaixador, feitas na apparen-

cia para os proteger, como os seguros contra o *chômage*, a doença, os accidentes de trabalho, a velhice, etc., «são na realidade outros tantos meios habeis de os prender ao solo e isto de um modo tão escravizador como o que prendia ás terras dos seus senhores os servos da Idade Media» (pag. 104, 105). «Tendo vivido durante algum tempo na Allemanha (pag. 106) verifiquei que o operario allemão, que eu via na minha imaginação sentado á mesa familiar, bebendo cerveja e ouvindo musica classica, só se sentava na realidade á mesa quando cahia de fadiga.» Em Berlim, não ha signaes apparentes de pobreza, ou indigencia, mas, acerescenta elle, a maior parte das familias (mais de cincoenta e cinco por cento) vivem num só quarto. A tutela que o Estado impõe ao cidadão allemão e a independencia d'este para com elle, faz dizer ao embaixador (e esta é talvez em todo o livro a unica impressão em que encontro algum relovo): «*La façon dont les Allemands sont élevés et éduqués peut être comparée à celle employée aux Etats Unis à l'égard des pensionnaires d'un asyle d'indigents, ou d'un penitencier.*» Este estado de tutela e de escravidão leva-o a concluir que uma revolução é impossivel na Allemanha, embora constate que os sociaes democraticos são anti-dinasticos e estão representados no Reichstag por um terço da assembleia, o que não me pareceo levar á conclusão immediata de que a revolução é impossivel. Os sociaes democraticos, na Allemanha, eselarece elle, são parias. São justamente os parias que fazem as revoluções e se, a despeito da situação de inferioridade social que o embaixador regista, elles

podem manejar uma força politica susceptivel de levar ao parlamento um terço da sua representação, não é absurdo admittir que possam transformar essa força politica num fautor de revolução. Gérard insiste no entanto em que essa revolução é impossivel. «Le peuple allemand n'est pas de ceux qui accomplissent des révolutions (pag. 10). Il se produira des émeutes partielles dans l'empire, mais il n'y aura jamais un soulèvement du peuple tout entier, emporté par le même élan. Les officiers de l'armée appartiennent tous à la même classe, une classe soumise aux idéales de l'autocratie. Une révolution dans l'armée est impossible, et, à l'intérieur, il ne reste plus que de tout jeunes gens et des vieillards, facilement tenus en respect par la police.» Comtudo, a revolução russa operou-se sem o concurso dos officiaes do exereito. Foram soldados que a fizeram e soldados bem mais escravizados do que presumo o sejam os soldados allemães. Depois, não é natural que a guerra tenha eliminado das fileiras do exereito allemão uma boa parte dos *junkers* e filhos de *junkers*, aos quaes o embaixador se refero quando diz que os officiaes pertencem todos á mesma classe social? Em França, o quadro dos antigos officiaes de carreira soffreu uma sensivel redução e é natural que outrotanto tenha succedido na Allemanha. Por outro lado, o estado de tutela e de dependencia em que se encontra o povo allemão não impede que, por occasião do caso de Saverne, esta tenha manifestado tendencias tão inquietadoras que, no dizer do embaixador, foi esse um dos fautores da guerra. E' fóra de duvida, esereve o embaixador (pag. 77) que o partido militar «fut vi-

vement alarmé par l'affaire de Saverne, par l'attitude que cette affaire provoqua chez le peuple, aussi bien que par le vote extraordinaire du Reichstag (refere-se á votação desfavoravel que acolheu as declarações do ministro da Guerra allemão sobre a conducta do tenente Forsterer em Saverne). E accrescenta: «*Ce fut peut être ce dernier facteur qui amenâ les partisans du vieux système militaire allemand à se prononcer en faveur d'une guerre européenne.*» A attitude da opinião, relativamente ao caso de Saverne, exasperou de tal modo o imperador que o embaixador diz ser sua convicção que isso o levou a consentir na guerra. «*Je sais que cet incident exaspera l'Empereur* (pag. 77) *et je crois qu'il contribua à l'amener à consentir à la guerre.*» Quanto á attitude da opinião, o embaixador reconhece que ella se manifestou em todo o territorio do imperio e mesmo em regiões em que as idéas socialistas não tinham partidarios. «*L'annonce de ces évènements* (os de Saverne) *provoqua une immense agitation dans les esprits et cela dans tout le territoire allemand. Une grande clameur s'éleva contre le militarisme, même dans les régions où les idées socialistes n'avaient nullement cours.*» (pag. 71) O reconhecimento da existencia de um tal estado de espirito parece-me inconciliavel com a affirmacão de que uma revolução é impossivel. Se já antes da guerra, e por motivo de um incidente no fundo de minima importancia, a opinião allemã se pronunciava tão clamorosamente contra o militarismo, não acho inadmissivel que uma catastrophe nacional, da responsabilidade d'este ultimo, a levante em peso e não tão parcialmente como o

affirma o embaixador. As revelações de Gérard sobre um dos factos que, segundo elle, determinou a guerra, não deixam entretanto de ser preciosas para a historia. A ser exacto o que elle affirma, a guerra teria sido preeipitada por motivos de preponderancia da casta militar e por motivos de interesses dinasticos, que se viram ameaçados. Tenho a impressão de que ao embaixador americano, que ao contrario do que succede aos diplomatas proeourou informar-se, faltou no entanto o *coup d'œil d'ensemble*, unico que permite ver e prever. Gérard traça um perfil bastante apagado do imperador, diante do qual ainda parece inclinar-se através das paginas das suas *Memorias*. Um pormenor de uma visita que fez ao castello real de Posen não é no entanto para desdenhar. Conta elle ter visto nos aposentos do imperador um sellim sobre um baneo alto, collocado em frente de um *bureau*. Gérard perguntou ao guia o que aquillo queria significar. O guia respondeu-lhe que o imperador tinha o costume de trabalhar sentado naquelle sellim. «Le guide m'apprit que l'empereur avait l'habitude de s'asseoir sur cette selle pour travailler.» (pag. 48)

LES TOURS, 5 DE MAIO

Manhã de emoções. A's sete horas, Madame Giovetti já estava á janella, interrogando angustiosamente a alameda do *château* e a volta do carro, que foi buscar á estação o marido, que devia chegar de Paris. Está ha quatro dias sem noticias do filho, e como o marido lhe telegrafou simplesmente que voltava hoje

sem lhe falar do rapaz, as inquietações do seu coração materno tomaram porporções angustiosas. A's oito, o carro voltou sem o Giovetti, o que ainda mais a veio alancear, persuadida de que o marido traz uma má noticia e a quer retardar. Finalmente, eom o correio, veio carta do rapaz, que está numa esquadilha de aviões e em todas ellas lhe conta as suas proezas de aviador, e mais tarde carta de Giovetti annunciando a sua chegada pelo comboio da tarde. Fui a Libourne esperá-lo e pelo caminho, de volta aos Tours, ouvi as noticias de Paris, quo segundo ella, passados os primeiros sustos da offensiva dos Gothas e do canhão monstro, eomeça a retomar a fisionomia que teve depois da guerra. Justamente a artilheria franceza eonseguiu determinar a posição dos *grosses Berthas* e, segundo se confirma, destruiu uma. Esta noticia está eausando impressão em toda a França e, junta á suspensão quo parece ser definitiva da grando offensiva allemã, está fazendo voltar a confiança aos espiritos. Num numero da *Capital* chegado hoje tiram-se as eonclusões das ultimas eleições. Segundo esta gazeta, o acto eleitoral, se assim se lhe pode chamar, «demonstrou que a Republica se encontra definitivamente eonsolidada». E' muito estranho que a Republica Portuguêsa se reconheça consolidada, quando os seus inimigos acabam por assim dizer de a derrubar, substituindo-a por uma parodia da monarchia, mas em Portugal quanto mais a Republica soffre mais a declaram saudavel. Na vespera de todas as agitações que lhe tem amargurado a existencia, os republicanos julgam-na perdida; mas ella sobrevive, sobrenada e então, elles, repostos do seu susto, declaram-na

forte e para todo o sempre victoriosa. Robustecida assim a sua confiança num organismo que resiste a todas as provações, submettem-no a novas provas de resistencia, o que já fazia dizer expressivamente ao Jorge Cid, em carta que me dirigiu para Paris em 1912: «Só lhes falta fazerem-lhe passar por cima um comboio carregado de pedras.» Segundo a *Capital*, aqui está porque a Republica se encontra definitivamente consolidada. Os monarchicos perderam as eleições em que haviam depositado a esperança de um verdadeiro triunfo, e quem as ganhou, mais uma vez, foram os republicanos. Quaes? Os do Sidonio. Ha então em Portugal duas republicas? Uma de reaccionarios e outra de liberaes? Quanto ao Sidonio, obteve, diz a *Capital*, a sancção de todos os republicanos que foram ás urnas e que eu continuo a ignorar quaes tenham sido, pois nenhum dos tres partidos republicanos lá foi. Votaram tambem nelle os monarchicos. «Se os abstencionistas tivessem ido á urna, conclue a *Capital* em tortuoso estilo, e um outro nome, mais do agrado de todos os republicanos, tivesse apparecido em opposição ao do sr. Sidonio Paes, não é provavel, antes pelo contrario, que da derrota o salvasse a escassa votação monarchica. Quem foi afinal que votou nesse aventureiro? Não o ficio sabendo. O Silvio Rebello, com quem o Giovetti se encontreou em Paris, disse-lhe no entanto que a revolução é inevitavel. Tambem o presumo.

LES TOURS, 7 DE MAIO

Hoje, durante todo o dia, choveu copiosamente e os Tours estiveram envoltos numa nevoa triste. Os jornaes sem interesse. O canhão monstro não tornou a disparar sobre Paris e os Gothas não voltaram. O Giovetti parte amanhã para Lisboa, aonde vae por causa dos seus negocios. Madame Giovetti, desolada, queixa-se de que elle não pára em casa e mostra-se preocupada com essa viagem a Portugal, que a assusta com as suas revoluções e os seus attentados. Recommendo ao Giovetti que não se mostre em publico com certos amigos que tem em Lisboa e que tambem o são meus, e que seja prudente, se abstenha de se pronunciar sobre a situação politica do país. Elle sorri, porque é bravo, mas eu insisto, não vá elle fazer-se engavetar pela canalha do Sidonio.

LES TOURS, 8 DE MAIO

O Giovetti lá partiu esta manhã. Madame Giovetti fala em ir a Paris pôr em ordem a casa que lá deixou. Madame David tambem parte, mas como as pequenas ficam, Madame Giovetti quer que fiquemos tambem até ao seu regresso. Dia chuvoso, frio, feio. Jornaes de Lisboa. A *Manhã* entrevistou um capitão de infantaria que veio das trincheiras, e que lhe disse: (*Manhã*, 1-5-18) «Os allemães sabem tudo o que nós fazemos, onde temos os commandos, pontos fracos, alvos, referencias. A espionagem — exercida por quem? — é uma maravilha de organização.» Associo no meu espirito esta informação ao facto referido pelo *Petit Parisien*

de a offensiva do dia nove de abril sobre o sector portuguez ter sido feita na occasião em que as nossas tropas eram rendidas (*a relève*) e pergunto a mim proprio que genios maus cooperaram com os allemães no meio da nossa propria gente. A reacção sidonista continua grassando com furia. Os jornaes vêm cheios de córtes feitos pela censura. A insolencia dos agentes do Sidonio não tem limites. O admiuistrador de Portalegre dirige-se d'este modo a um periodico local:

«Fazer substituir tudo quanto seja censurado. — Espaços em branco não são permitidos, bem como qualquer noticia referente a locacs censuradas. — Portalegre, 20-4-918. — *M. Miranda.*»

No Porto, bandos nocturnos continuam a espancar os republicanos. Um d'estes, um certo Florido Pinto, empregado do Hospital da Misericordia, foi assassinado na madrugada de 28 do mez passado, na rua da Restauração. Numa nova organização policial, decretou-se a creação de um serviço de espionagem, que será feito por homens e mulheres de todas as classes sociaes. Este decreto appareceu já no *Diario do Governo*. «Estes agentes (os auxiliares da policia preventiva) — diz o paragrafo 2.º do art. 65 — serão individuos de ambos os sexos e de todas as classes sociaes e constantes de um registo secreto, não tendo outras attribuições senão as de vigilancia e informação.» Entretanto o Sidonio Paes, desvairado, decreta que o Presidente da Republica tenha um uniforme. Este decreto appareceu no *Diario* de 30 e diz assim:

«Não estando previsto na legislação vigente qual deve ser o uniforme a usar pelo presidente da Republica e tornando-se necessario estabelecer esse uniforme, hei por bem decretar o seguinte:

Art. 1.º O uniforme do presidente será o que se ahea estabelecido para os officiaes generaes com distinctivo de estrelas de ouro do padrão da fig. 21 do plano de uniformes para o exereito de 1911, apostas pela forma seguinte: No casaco seis estrelas, no canhão acima do silvado, e tres sobrepostas ao silvado da gola, eolocadas horisontalmente a cada lado: nas dragonas tres estrelas como é indicado na figura 135 do mesmo plano; no «dolman» de campanha tres estrelas na gola, horisontalmente, e seis nos eanhões em triangulo; na peliça seis estrelas nos canhões acima dos galões, em triangulo; na gola do capote e da eapa tres estrelas pela fórma indieada na fig. 109 do mesmo plano; no barrete uma estrela; esporas e botões dourados.»

Quanto mais esta situação se prolonga menos a entendo. Não é já uma revolução que lhe póde pôr termo, mas um tremor de terra. O Affonso Costa está em Hendaia, o que não me surprehende, porque está nos seus habitos tomar o caminho do estrangeiro sempre que a Republica joga alguma das suas cartadas. Já em 1910 e no mais aecesso da conjuração de que sahiu a Republica, elle se eseapuliu para a Suissa. Voltou, e dois dias antes do dia 3 de outubro, em que a revolução estalava, o *Mundo* annunciava o seu proposito de partir de novo para a Suissa, o que teria feito se o

José Relvas o não avisasse do que se ia passar, não lhe sendo d'este modo licito escapulir-se outra vez. Em abril de 1916, isto é, nas vespervas da revolução de 14 de maio, vendo-me chegar a Lisboa, procurou-me para me annunciar o seu projecto de viagem á Inglaterra. — A' Inglaterra? Que vae v. fazer nesta occasião á Inglaterra? Respondeu-me que ia tratar da questão da nossa entrada na guerra. Objectei-lhe que não tendo elle funcções officiaes ninguem o receberia em Londres para tratar de semelhante assumpto, mas a minha objecção não o desconcertou e retorquiu-me que tinha ali amigos, o que eu sabia ser falso. Afinal não foi a Inglaterra. Foi, creio, outra vez á Suissa e mais tarde a Paris, onde se demorou a ganhar tempo, a ver se as coisas se resolviam em Portugal. Como não se resolvessem e a sua ausencia começasse a tornar-se objecto de commentarios desfavoraveis, voltou; mas quando rebentou a revolução de 14 do maio, mettu-se num automovel e tomou o caminho do Norte. Foi então que se encontrou commigo no Porto, precisamente na vespera do dia em que eu ia sendo morto pelo João de Freitas. Esquecia-me dizer que no 5 de outubro, apenas viu as coisas mal paradas, tomou as suas disposições para se safar no *Cap Blanco*, que estava fundeado no Tejo. Agora, quando tudo se prepara para uma nova revolução em Portugal, evita Lisboa, evita o Porto, ao sahir da prisão d'Elvas e passando pela quinta do seu amigo Eliseo de Castro, toma outra vez o caminho do estrangeiro. Assim, este homem de apparencias tão energicas seria simplesmente um medroso, a quem todo o perigo assusta.

LES TOURS, 9 DE MAIO

Hoje, quinta-feira da Assumpção. As senhoras foram á missa, o que não sei se fazem em Paris, mas se julgam obrigadas a fazer aqui. De resto, creio que o fazem por devoção, pois são catholicas militantes, como todas as mulheres da America do Sul, onde a Igreja exerce grande dominio. Minha mulher tambem foi para não dar nas vistas e não parecer hereje, nesta republica catholica que é a França da Revolução. O tempo, de chuva, as terras molhadas. Um jornal de Stoekholmo diz que a situação politica e social na Austria é má e que só uma paz rapida poderá salvar a monarchia. Na Allemanha, a situação não seria tão grave, pois, apesar das desilusões da grande offensiva na frente occidental e das suas enormes perdas (o jornal sueco computa-as em seiscentos mil homens) os allemães ainda não perderam a esperanza do triumpho. *«Mas se a guerra se prolongar — aereescenta o jornal de Stoekholmo — il est possible que les lnetes politiques créent en Allemagne sinon la révolution, du moins une situation extrêmement grave.»* E' o ponto de vista do embaixador Gérard: revolução impossivel, desordens prova-veis. Não creio. Não creio que a Allemanha imperial sobreviva a uma catastrophe e que as responsabilidades dos Hohenzollern se liquidem com algumas desordens. Esta palavra — *Allemanha*, do resto, o que significa? Politicamente, nada! A Allemanha é a Prussia. O resto são Estados subalternizados, como os que constituem o imperio austriaco, como a Baviera, como Bade, como o Wurtemberg, ou conquistados como a.

Alsacia e o Sleswig, e quem nos diz que este edificio monumental não desabará num dia talvez proximo? Só a victoria, tal como a concebeu a Prussia, no seu sonho imperialista, o poderia consolidar. Ao cabo de quatro annos de esforços inauditos, a victoria não veio nem virá. A França está fatigada, a Inglaterra tambem, mas estas nações defendem-se com exito e a Allemanha ataca sem exito. A França e a Inglaterra habituaram-se de tal maneira á idcia da guerra e de a levar até ao fim, que para os filhos d'estas nações a guerra só existe e lhes causa apprehensões quando a Allemanha desencadeia as suas offensivas. Nos intervallos d'estas crises, de resto passageiras, o espirito publico, na França como na Inglaterra, está calmo e espera. Na Allemanha a situação é muito outra, porque dentro em pouco ali não se deve esperar mais nada e não ha forças moraes que resistam ao insuccesso sistematico de uma empreza a que votamos as nossas forças até ao exgotamento.

LES TOURS, 11 DE MAIO

Os americanos, que installaram um quartel general em Montagnac, chegaram hoje. Encontrei-os esta manhã na estrada de Libourne, quando ia tomar o comboio de Bordeus, enchendo enormes camions. Em Bordeus, têm-se a impressão de que sessenta por cento da população é constituida por americanos. A' tarde, na *terrasse* do Café de Bordeaux não havia senão officiaes americanos e enquanto ali estive não vi passar senão soldados e marinheiros americanos. A população local está por assim dizer reduzida a velhos, mulheres e

creanças. Na volta aos Tours e ao passar por Montagne encontrei a aldeia como que em festa e o mulhério ás portas a olhar para a soldadesca, que engrinaldara os chapéus com as primeiras rosas de maio. Em grupos, alguns soldados procuravam entender-se com os habitantes por meio de pequenos manuaes de conversação de que andam munidos. O official que vem commandar esta gente apresentou-se á noite nos Tours, onde fica aboletado com o seu ajudante. Madame Giovetti, que fala muito bem o inglez, foi reeebê-los á porta do *château*. Elles não falam uma palavra de francez. Contaram que acabam de chegar da America, por Brest, com uma viagem de tres semanas. Tres semanas causou surpresa. Porque tanto tempo? Mas elles esquivaram-se a responder, disseram apenas ter tocado em muitos portos.

LES TOURS, 12 DE MAIO

O *Matin*, ehgado esta manhã, annuncia que Sidonio Paes, eleito por mais de quinhentos mil votos sobre oito centos mil eleitores, foi proclamado presidente da Republica «à l'hôtel de ville e au milicu d'un grand enthousiasme.» As missões ingleza e franceza assistiram de grande uniforme a esta cerimonia. O presidente «très acclamé» passou revista na Avenida da Liberdade a uma parte da guarnição. Ao ser acclamado, Sidonio Paes pronunciou um discurso «un brillant discours» no qual affirmou «mais uma vez» «*la sincerité de ses sentiments republicains et a dit cathégoriquement que les décisions de sa politique extérieure sont toutes prises d'accord avec les Alliés, aux côtés des*

quels le Portugal luttera jusqu'à la victoire finale.» (Matin 11-5-18). Estas horrendas mentiras continuam a passar aqui como verdades felizes, e assim uma das mais abjectas situações da historia da guerra encontra na imprensa d'esta nação democratica uma cega cumplicidade. A solidariedade da imprensa franceza com a Russia imperial tinha ao menos um fundamento — o czar que, no meio das traições da sua côrte, dava garantias de lealdade para com a causa dos alliados. Na Grecia, ao menos, a imprensa franceza deu apoio e força a Venizelos. Com respeito a Portugal, a imprensa franceza é cega á evidencia; e nem o facto de ver perseguidos os mais reconhecidos amigos que a França conta no nosso país, nem o facto de saber que a nova situação politica, apoiada na opinião germanofila, teve por effeito sustar a remessa de novas tropas para França, conseguem abrir-lhe os olhos. Eu renuncio a esclarecer esta gente mais do que já o fiz. Para quê? Para que me tomem por um despeitado e acabem por me voltar as costas? Entretanto em Portugal, e a despeito dos annuncios de uma revolução proxima, Sidonio Paes vigora como coisa normal, apesar de ser a mais odiosa e absurda anormalidade da nossa historia e da historia de todos os povos livres. Installado no palacio de Belem dá audiencias, recebe diplomatas, recebe commissões, visita quartéis e estabelecimentos publicos, é reconhecido como chefe de Estado e tratado como tal. E' ao mesmo tempo presidente da Republica e presidente do Conselho e é duas vezes ministro — ministro da Guerra e ministro dos Negocios Estrangeiros, mas esta revoltante e ridicula

anomalia não parece surprehender ninguem. Os proprios jornaes democraticos reaparecidos não parecem surprehendidos por ella ou pelo menos não a disentem. A linguagem do *Mundo* não é differente d'aquella que empregava antes da sedição de 5 de dezembro. A questão da guerra, a que esta veio dar uma feição tão *louche*, tampouco é discutida. Sabe-se que depois d'aquella data não foram enviadas mais tropas para França, mas este facto apenas dá logar a vagas insinuações e reeriminações. Dir-se-hia que, aparte alguns votos isolados, em Portugal ha um accordo tacito em não continuar a guerra e eu tenho a impressão de que o poder de Sidonio se funda nisto e que a sua força vem das eobardias que encontraram nelle o seu homem. Esta ideia eonfrange-me o eoração. Estou aqui isolado. Dir-se-hia que para fóra d'estas ridentes eollinas, não ha mais mundo, nem mais patria para mim. Sinto-me então exilado como nunea o estive.

LES TOURS, 13 DE MAIO

O *château* esteve hontem em alvoroço. O dia foi todo consagrado aos amerieanos. O major e o capitão, que aqui estão alojados, um tenente vindo de Montagne passeiaram pela propriedade, eonversaram largamente comnoseo e eu eobri-os de perguntas. A sua decisão de pôr termo á guerra é admiravel. Todos elles dizem que vieram para isso e que não se irão embora emquanto ella não acabar. Perguntei-lhes se a entrada da America na guerra não encontrava ainda resistencias. Resposta: a entrada da America na guerra foi

reconhecida pelos americanos como uma coisa necessaria. E foi tudo o que me responderam. Perguntei-lhes por que razão não entrou a America mais cedo o porque pareceu o presidente Wilson por tanto tempo hesitar. Resposta: o presidente Wilson é um idealista o um pacifista e só lançou a America na guerra quando se convenceu de que a Allemanha tinha um «mau coração». Perguntei-lhes se os germano-americanos não constituíam um elemento de resistencia á guerra. Resposta: os germano-americanos têm sentimentos americanos. Quanto tempo durará ainda a guerra? Um d'elles respondeu: um anno. Outro: anno e meio. Perguntei-lhes se a força militar da America lhes inspirava confiança. Resposta: se falhar a primeira offensiva, a segunda não falha. Estão dispostos ao sacrificio maximo. Muitos estão convencidos de que não voltam mais á sua terra. Perguntei ao tenente como supportam as mulheres americanas a ideia de um tal sacrificio. Respondeu-me:—Minha mãe ficou triste, mas não ficou inactiva. Trabalha para a guerra. Faz conservas. E como se adaptava elle á sua nova profissão? perguntei-lhe ainda. Respondeu-me que era architecto e não gostava da vida militar, mas, repetiu — a guerra é necessaria. No seu batalhão todos, com excepção do major, que é militar do carreira, são voluntarios. E disciplina, ha? Respondeu-me que havia a sufficiente. Os tres jantaram no *château*. A' sobremesa appareceram dois coroneis e outros officiaes que estão aquartelados em Saint-Emilion e que vieram cumprir Madama Giovetti. São todos extremamente polidos. No decurso das minhas conversações com estes

officiaes, observei que as suas sympathias vam muito mais para a França do que para a Inglaterra.

LES TOURS, 15 DE MAIO

Hontem, com o dia lindo que esteve, eom a vinda do general Benavides, antigo presidente do Peru e eom os americanos que trouxeram um gramofone foi dia de festa nos Tours. Depois do almoço tomou-se o café no parque, e ouviu-se a musica do gramofone. A' noite, Madame Giovetti fez abrir o salão que está sempre fechado e dançou-se. Os americanos vieram assim quebrar a calma monotonia da vida que levamos no *château*. Ao vel-os hontem dançar, ao som do gramofone, que até ás dez da noite incansavelmente fez ouvir as suas valsas e os seus *two steps*, lembrei-me de que era assim que no tempo de Napolcão os inglezes faziam a guerra. Num livro de velhas *memorias*, um tenente inglez, o tenente Woodberry, que fez parte do exercito anglo-luso hespanhol que invadiu a França em 1814, conta que nas easas onde se aboletavam em Hespanha, os seus camaradas organisavam bailaricos que se prolongavam pcla noite fóra. Bebiam-se os vinhos de Hespanha, cada um palrava na sua lingua procurando fazer-se entender e os mais novos faziam a côrte ás raparigas. A presença dos americanos aqui dissipa um pouco as minhas idéas negras. O Giovetti telegrafa de Lisboa: — *Mille amitiés*, o que quer dizer, na linguagem convencional que combinamos, que as cousas ali permittem esperar um desenlace proximo. A isto chegou a Republica e a isto cheguei eu depois

de me ter devotado por ella até ao sacrificio, durante cerca do trinta annos! O dia d'hoje amanheceu tão bello como o de hontem e como os jornais portuguezes não chegaram... Mas ei-los aqui! E eis aqui os seus horrores. Os presos politicos que estão no Aljube do Porto são espancados. Uma commissão de republicanos (*Manhã* 8-5-18) procurou o governador civil para protestar contra estes factos. O *Seculo* (7-5-18) escreve: «Consta que no commissariado de policia do Porto se estão dando factos pouco regulares (sic) quo por certo o governo desconhece.» E como protesto é tudo. Timidamente a *Manhã* acrescenta: «Achamos bem que o governo tome conhecimento do que de grave se está passando no Porto.» Com os jornaes vem uma carta do Giovetti, expedida de Madrid, annunciando que esteve em Hendaya com o Bernardino Machado e com o Affonso Costa e os convidou a vir aos Tours. Diabo!

LES TOURS, 16 DE MAIO

Esta tarde a banda de musica dos americanos veio tocar om frente do *château*. Emquanto ella tocava, fui percorrendo com os olhos um numero do *Seculo* que descreve o que elle ehama — a solemne proclamação do Presidente da Republica, mas o que prende a minha attenção é a amnistia concedida a todos os ladrões e assassinos de Portugal para commemorar este fausto acontecimento. Leio duas vezes o artigo unico d'este decreto, que esvasia as cadeias de Portugal:

Artigo 1.º Sob proposta dos ministros das respectivas

pastas, e ouvida a Procuradoria Geral da Republica, será concedido, no todo ou em parte, o indulto áqueles que assim o requererem no praso de trinta dias quando se encontrem no continente e de noventa quando no ultramar.

Não creio haver memoria de um facto semelhante na historia de nenhum Estado civilisado. Quanto á cerimonia da proclamação, se ella foi o que contou o *Seculo*, não sei como interpretar o que se passou. Recuso-me, porem, a dar credito a tantas «acclamações entusiasticas» e continuo ao contrario a crer que por baixo d'esta odiosa farçada alguma coisa se prepara. O discurso de Sidonio Paes, sem modificar a minha opinião de que elle actua em Portugal como um agente allemão, dá-me mais uma vez a impressão d'esse baixo nivel intellectual que é o seu e o dos seus congeneres em Portugal. Não ha num documento um pensamento que não seja mesquinho, uma palavra que não seja rasteira. Quando se quer levantar é grotesco. «Povo de Lisboa, eu te saudo! Tu és o digno representante do povo portuguez e a ti está confiada a guarda sagrada da Patria e da Republica!» Está este inepto convencido de que a sua aventura pode durar, ou vingar? Não o creio. Tudo na sua fala é vazio de sentido e sem sinceridade. Não importa! Que a Republica tenha chegado a isto em Portugal é horrivel. Minha mulher pergunta-me so a amnistia concedida aos delictos politicos nos permite voltar a Portugal. Nem me dou ao trabalho de o procurar saber. Não tenho fortuna e não sei como poderei viver alem de um prazo de tempo que não poderá ser muito longo,

pois os meus recursos actuaes são reduzidissimos. Seja porem como fôr não voltarei a Portugal, emquanto a Republica não se lavar da mancha que a está emporcalhando. Quando a banda dos americanos acabou de toear procurei esqueer estas miserias e voltei á leitura do novo livro que trouxe de Bordeus: *L'odyssée d'un transport torpillé*. Ha muito tempo que a já longa litteratura da guerra não nos proporciona a leitura de uma obra tão instructiva e tão attrahentemente escripta. Imagine-se a historia contada em cartas familiares, e em estilo de marujo, de um navio mercante, mobilisado ao serviço da guerra e que durante dois annos não cessa de navegar, através de todos os perigos da navegação e da guerra, de porto para porto, tomando carga ali, largando-a acolá, ora nas ilhas do mar Egeu, ora nos gelos de Archangel, ora nas costas da Argelia, ora nas da Senegambia, da Europa para a America, da America para a Europa, com dois officiaes na ponte, uma pequena guarnição, uma velha careassa que ás vezes mette agua por todas as costuras e uma velha socata de maquina que lá se vae concertando sabe Deus como. Sempre que toea em terra franceza e se avista com as autoridades maritimas do seu paiz, o commandante do *Pamir* — é assim que se chama o barco heroico — reelama que lhe dêem um posto de telegrafia sem fio e um canhão para se defender dos submarinos. Em terra ninguem aerecita nos submarinos e as autoridades riem-se do marinheiro ou chamam-no á ordem quando elle levanta a voz, e assim depois de ter feito como tres vezes e meia a volta ao mundo e transportado em trinta mezes de guerra como cem

milhões de peso, o *Pamir* vae finalmente fazer companhia aos peixinhos, mettido no fundo por um submarino allemão.

A impressão que fica da leitura d'esta obra de apparencia inoffensiva e talvez pueril é terrivel, porque é a impressão de que a guerra tem sido dirigida, por parte dos Alliados, por espiritos rotineiros e incompetentes. No decurso da minha leitura deparei com este periodo a pag. 235: «À Lisbonne on fait du charbon et le *Pamir* a pris le materiel qui nous a passé la marine portugaise pour le corps expeditionnaire que le Portugal forme en France. Nous avons été très bien reçus à Lisbonne; ce n'est pas comme dans d'autres pays alliés, où ça n'est ni chair, ni poisson. Les Portugais y vont franc jeu. Ils ne sont pas riches et leur armée n'est pas immense, mais ils ne demandent qu'à taper sur les boches et à les demolir, ce qui devrait être l'idéal de tous les alliés, au lieu de faire de combinaisons louches comme certains.» O auctor d'este livro é desconhecido, pelo menos do publico. (Tenente Larrouy.)

LES TOURS, 17 DE MAIO

Hoje nova ida a Bordeus, com minha mulher. Durante o almoço no *Chapeau Rouge*, toda a gente se levantou, correu ás portas para ver passar os soldados da legião polaca, que vêm da America e que desfilaram, com banda de musica á frente e bandeiras desfraldadas. Quando me dispunha a pagar a conta, entrou na salla um official portuguez que veio sentar-se a curta distancia de nós, passou a vista pela *carte*, interrogou a

creada, tudo porem muito contrafeito como se se sentisse observado e não soubesse que fazer da sua pessoa. Os portuguezes são quasi todos assim: tímidos. Os inglezes tambem o são, mas a timidez dos inglezes traduz-se por cortezia embaraçada. A dos portuguezes traduz-se por impertinencia umas vezes, arrogancia outras, outras pelo que os francezes chamam — *pose*; um portuguez simples e sociavel é encantador, mas poucos são assim. Este encontro com o official portuguez não nos dispoz bem. Durante a tarde, um calor tropical, trovoadas, chuva. Pelo caminho, de pé, no corredor da carruagem que nos trouxe para Libourne, vim examinando os progressos da installação do campo americano que se estende das margens do Garonne até Libourne. E' prodigioso o que estes homens estão fazendo. Dezenas de linhas ferreas já construidas por elles partem do Garonne (Bassens), onde estão atracadas dezenas de transportes seus a entroncar na linha de Paris. Ao lado d'esta uma linha paralela, igualmente construida por elles, prolonga-se na extensão de cerca de cincoenta kilometros e dir-se-hia que pretende ir até Paris, ou até ás linhas de batalha, que sei eu! Isto é, ao lado dos serviços ferro-viarios francezes, ha um complicado serviço ferro-viario americano, a que nada falta, pois até pontes de madeira estão construindo para fazer passar o seu material. Onde encontram difficuldades, os americanos removem-nas á picareta. Assim têm deitado abaixo os cetros de alguns tunneis, para installar as suas linhas terreas. O campo americano estende-se de Bordeus a Libourne, em terras planas, ora de vinha, ora de semeadura, ora de pastos.

Verdadeiras cidades de madeira surgem em toda esta extensão, mas que digo eu? Parece que os americanos se propõem construir uma cidade a valer, ou pelo menos á americana, porque já vejo elevarem-se construções de cimento armado. Todos os serviços do seu campo, de Bordeus a Libourne, estão ligados por telegrafia propria. Pois se já Madame Giovetti fala em termos Tours luz electrica, que os americanos vam trazer! Que lição de energia dá este povo e como elle nos amesquinha!

LES TOURS, 18 DE MAIO

Aquillo em Portugal toma proporções fabulosas. A amnistia para os delictos politicos, segundo as declarações de um certo Martinho Nobre de Mello, de quem ouço falar pela primeira vez e que é ministro da Justiça, não se torna extensiva ao Bernardino Machado, porquanto, disse esse extraordinario homem, «o sr. Machado não se encontra na situação forçada de emigrado, por ter commettido um crime politico, mas em virtude da necessidade de affastar do paiz um antigo chefe do Estado, que não reconhece legitimidade á actual situação.» Um jornal esclarece que Bernardino Machado se encontra na situação do D. Manuel. O Norton de Mattos e o Leotte do Rego tambem não são comprehendidos na amnistia porque, esclarece Martinho de Mello, «são desertores e a amnistia neste ponto só abrange as praças de pret.» Do Luiz Galhardo ou de mim não se fala. Em compensação, Paiva Couceiro, João Coutinho etc., podem entrar. «Nenhuma lei, disse Martinho de Mello, os coage a viverem fóra do

paiz.» Por outro lado, o poder de Sidonio continua a afirmar-se illimitado. Depois de se ter outorgado um uniforme, creou uma casa militar, que a Republica Portugueza, sempre avara de attenções para com os seus presidentes, systematicamente lhes recusou e decretou que elles «usarão como distinctivo cordões e agulhetas douradas, pendentes do hombro direito.» Um jornal catholico chama-lhe «Presidente por Direito Divino» (*A Manhã*). Estes casos levam-me a fazer uma reflexão que me inquieta e é que uma tal situação só é possivel numa sociedade de baixa mentalidade e que mesmo uma reacção como a que se espera e estou certo virá não a resgatará de tanta vergonha. Estes Sidonios são evidentemente creaturas de baixa cathegoria intellectual, mas que outra sociedade os engendrou senão a nossa? Entretanto e embora por outros caminhos, Sidonio e a gente que o acompanha segue a derrota do franquismo, cuja politica de provocação acabou pelo regicidio e pela Republica. Não me surprehenderia muito que o Sidonio acabasse como o D. Carlos. Não entrevejo no seu destino — o exilio. (*)

LES TOURS 20 DE MAIO

Hontem de manhã, a mulher do correio de Montagne avisou pelo telefone que dois portuguezes, vindos em minha procura, se dirigiam para o *château*. Emo-

(*) Assassinado a 14 de Dezembro em Lisboa.
Paris 24-12-18.

ção, está elaro. Quem seriam os dois portuguezes? Talvez dois diabos vindos de Lisboa para me pôrem ao corrente d'aquillo. A Maria opinava que talvez fôsem o Bernardino Machado e o Affonso Costa. Afinal os dois portuguezes annunciaram-se e resultou que era um só — o Alfredo de Mesquita, vindo de Roma para New-York, para onde o transferiram e que teve a boa idéa de me vir ver. Aqui passou o dia e aqui dormiu e agora aeabo de o acompanhar ao tramway, que o levará a Bordeus. Exeellente Mesquita! Falei pelos cotovellos. De volta a casa, eneontro no meu diminuto correio uma carta de A. e outra do Bernardino Machado. A conta-me a sua ultima visita a Hendaya, onde eneontrou mais dois officiaes que seguem para Portugal. «Desesperados eomo todos, diz-me elle, pela situação militar, que lhes crearam não mandando mais soldados para a frente. Creio que mandei dizer em tempos que se preparava a 1.^a divisão com restos da 2.^a, para seguir para as linhas. Não era exacto. Hoje, por estes officiaes, ha dias por outro, soube que vae seguindo para as trineleiras, ou para a *frente*, tudo o que se pode organizar, ou prestar qualquer auxilio, indo aos *pacotes* encorporarem-se entre inglezes os homens que podem seguir para o eombate. A situação é desoladora!» Esteve eom o Bernardino Machado. «Fui encontrá-lo rodeado de toda a especie de apontamentos, notas, paginas escriptas espalhadas pela eama, eahidas pelo elião, enehendo as mezas, o fogão, as cadeiras. O que elle esereve constantemente, de manhã e á noite! Preparava qualquer coisa para mandar imprimir. Quando cheguei concluia dois telegrammas

extensos, um dirigido a Lloyd Georges, outro a Clémeneau, acerca da situação perante a eleição presidencial, começando por lastimar a presença, ao acto da proclamação, dos adidos militares francez e inglez...»

Na sua carta Bernardino Machado confirma esta espantosa informação, envia-me mesmo o texto dos dois telegrammas a que A. se refere e que são dirigidos não como este diz a Lloyd Georges e a Clémeneau, mas ao rei de Inglaterra e ao Presidente Poincaré. Li-os (os dois telegrammas são quasi do mesmo teor) e eahiram-me os braços. Este documento é a condemnação da Republica do Bernardino e quasi a justificação do acto que o depoz. Ei-lo aqui :

À SA MAJESTÉ GEORGES V
ROI D'ANGLETERRE — LONDRES

Je regrette profondément que votre mission militaire à Lisbonne se soit associée à l'acclamation présidentielle du chef militaire d'une revolte soulevée devant notre ennemi commun, par des indisciplinés et des agitateurs mêlés d'éléments suspects. En menant ce mouvement séditieux, son chef, qui avait été notre ministre plénipotentiaire à Berlin, quand l'Allemagne nous declara la guerre, a trahi la confiance politique de son gouvernement et son uniforme même, qui devrait le porter sur le front entre nos premiers combattants. Et dès qu'il est devenu dictateur, non seulement il a trahi la constitution qu'il invoquait au moment de la révolte et le parti constitutionnel auquel il déclarait appartenir encore après elle, mais il vient de tra-

hir la Démocratie portugaise par un simulacre d'élections qu'il a mis en scène avec le concours et la participation des réactionnaires généralement germanophiles, en confisquant tous les droits civiques au peuple et aux trois partis republicains. Vous conviendrez que ce ne sont pas des titres de légitimité. Et, contrairement aux déclarations officielles, souvent répétées, les garanties individuelles sont en fait suspendues chez nous. Le régime terroriste continue. C'est donc bien étrange que, depuis les premières heures de l'insurrection jusqu'au jour de la prétendue acclamation, soit apparu incessamment, à côté du meneur de la conspiration, devenu dictateur présidentiel, le chef de la mission militaire anglaise, comme s'il fut le garant et le porteur du bon accueil de son gouvernement. Certes, les Alliés ne voudront pas qu'on pratique en leur nom un acte quelconque, envers la situation gouvernementale si anormale que nous traversons, qui risquerait de paraître un acte de partialité et d'intervention, qui ni nous, ni eux assurément n'admettons en aucun cas et qui serait en outre incompréhensible en faveur d'une faction usurpatrice de la souveraineté nationale. Le droit public externe, pour lequel nos soldats se battent avec les vôtres, ne peut pas, pendant la bataille même, sanctionner la violation de tout notre droit public et privé interne. Il y a une morale dans le monde, votre nation l'atteste héroïquement et vous en êtes un de ses plus hauts représentants. C'est pour cette morale que j'appelle. Mes meilleurs hommages. — *Bernardino Machado — Président de la République Portugaise.*

Não foi sem esforço que copiei neste livro este documento inepto e ridículo, em que tudo elama a ineptidão intellectual do seu auctor. Quero porem que elle aqui fique o assim não se perea, como um elemento mais para a biografia do homem mais nefasto da Republica Portugueza, pois como tal sempre o eonsidereei. Devo porem fazer aos homens que com ello a eomprometteram a justiça de reconhecer que tenazmente combateram a sua influencia, desde que ella naseu até que eahiu nas mãos dos reaccionarios. O homem a quem unieamente se deve a funesta acção de Bernardino Machado na politica da Republica é Affonso Costa. Já antes do 5 de outubro os republicanos temiam a influencia possivel do B. Machado na Republica. Quando o Directorio republicano de 1910 organizou a lista de nomes dos homens que haviam de constituir o Governo Provisorio, o seu nome foi affastado. Na madrugada do 4 de outubro estava assente que B. Machado não faria parte do Governo Provisorio. Quem á ultima hora o metteu lá foi Affonso Costa, numa reunião do Directorio e outros individuos, que nessa occasião se encontraram na casa dos Banhos do Largo de S. Paulo. A sua acção no Governo Provisorio viu-se o quo foi. Anarchisou tudo. Foi ainda Affonso Costa quem pretendeu impô-lo ao primeiro parlamento republicano como Presidente da Republica, do que resultou a quebra immediata da unidade republicana e os desastres que se lhe seguiram. Foi finalmente Affonso Costa quem, pela segunda vez o eontra a vontade de todo o parlamento e dos seus proprios amigos politieos, o fez eleger Presidente da Republica, da Republica quo — estava es-

cripto — elle havia de conduzir á beira do abismo em que se encontra hoje. No intervallo d'estes dois successos, o mallogro da sua primeira candidatura e o triumpho da outra, foi presidente do Conselho, e esse foi talvez o maior desastre que podia succeder á Republica, porque durante o seu governo começou a guerra e Portugal teve de se pronunciar a esse respeito. Tudo o que de desastroso occorreu depois, a campanha anti-intervencionista, a confusão estabelecida em volta da idéa da intervenção, as infelizes negociações com a Inglaterra, o ambiente de equívocos e suspeitas consentido e nunca dissipado que não cessou de acompanhar a nossa politica de guerra, tudo se deve á duplicidade da sua politica, á sua falta absoluta de rectidão, á sua fraqueza miseravel, á sua incapacidade sem limites. Ainda nestas circumstancias quem o tornou possivel e quem o apoiou foi Affonso Costa. E traz-me o Giovetti estes dois homens aos Tours! Justamente recebeu-se hoje um telegramma de Lisboa annunciando o seu regresso.

LES TOURS, 22 DE MAIO

O filho do Giovetti chegou hontem da frente, com licença de dez dias. Appareceu aqui de manhã, conduzindo elle mesmo o seu automovel de *course*, que faz um barulho de todos os diabos. Rugidos de alegria da mãe, *remue-ménage* no *château* para receber o heroe, que volta com mais duas palmas na cruz de guerra. Depois do almoço puxei-lhe pela lingua sobre a guerra. Tem opiniões muito commedidas e fala sem falso optimismo, no que não se parece com os francezes, que ou são

optimistas, ou pessimistas. Ha dias que os jornaes vêm falando numa nova offensiva allemã proxima. Elle confirma-o. Os allemães preparam essa offensiva com todos os meios que ainda lhes restam e que são consideraveis. Não se mostra inquieto, mas dá a entender que Amiens pode ser tomada. Se esta offensiva falhar? pergunto eu. — Ah! se os allemães a falham, estão *fi-chus!* Falamos das tropas portuguezas e pergunto-lhe o que se pensa d'ellas. Responde: — *Les soldats sont épatants!* De dia esteve um calor de agosto. A' tarde, a banda militar dos americanos veio tocar no parque. Pouco depois desabou uma trovoada. A' noite, para celebrar a chegada do jovem aviador, jantaram cá os americanos, e como o tempo limpasse, passeou-se ao luar no jardim. O Giovetti chega esta tarde de Lisboa. Jornaes de Lisboa. O *Seculo* reclama contra «o facto vergonhoso» de a censura se oppôr á reprodução de artigos de jornaes estrangeiros em que as tropas portuguezas são elogiadas.

Do *Seculo* (17-5-18):

«O que a censura cortou na nossa edição da noite de hontem era apenas uma tradução d'um jornal francez — já censurado pela censura franceza. O crime d'esse artigo? Elogiar largamente as nossas tropas em França. Os srs. censores não podiam ter visto outra coisa nesse trecho de prosa, só alta e expressivamente agradavel para Portugal.

Mais ainda: a transcrição d'esse artigo tinha-nos sido directamente pedida por um soldado portuguez

que está na frente de batalha e que se comoveu vendo honrado num jornal estrangeiro o nome da sua Pátria.»

No mesmo jornal (11-5-16) leio isto :

«Informa o *Liberal*, falando do regresso ao exercito de varios officiaes realistas, que na segunda-feira ultima uma commissão de officiaes, depois de se aeordarem para esse cfeito com os comandantes dos corpos da guarnição de Lisboa, proeurou, em nome d'estes, o sr. Presidente da Republica, a quem pediu a reintegração dos seus camaradas demitidos. O sr. dr. Sidonio Paes promptamente acedeu ao pedido da comissão.»

No *Primeiro de Janeiro* (15-5-18) esta curiosa nota:

«*Lisboa, 14*— Ha acontecimentos de tal maneira publicos e testemunhados por um tão extraordinario numero de pessoas, que seria ingenuo e até ridiculo pretender occultá-los ou diminuir-lhes a importancia e a significação, sejam ellas quaes forem. Torna-se, decerto, preferivel fazer-lhes o registo, quando não o relato minucioso e imparcial, deixando ao leitor o cuidado de tirar dos simples factos as ilações que entender mais rasoaveis o justas. O que se passou, ao fim da tardo de domingo, em Lisboa, por occasião do Presidente da Republica regressar dos touros a Belem, constituiu um espectáculo unieo, impressionante, sem precedentes, quer sob a Republica, quer sob a monarchia constitucional. O chefe do Estado, a quem tinha sido feita

uma ealorosa manifestação na praça do Campo Pequeno, viu repetidas e multiplieadas cá fóra as ovações; e o seu automovel preeceido, eercado e seguido de innumerous individuos de todas as classes, a pé ou de earro, euja variedade era enorme, eaminhou quasi a passo até ao Roeio, gastando no pereurso cerea de duas horas, emquanto, ininterruptos, reboavam os vivas ao dr. Sidonio Paes que os agradeeia, ora eom a eontinencia militar, ora descobrindo-se, quasi sem se ter sentado. As senhoras, erguidas nos trens, debruçadas nas janellas, agglomeradas ao longo das avenidas, davam palmas e aeenavam eom os lenços num fremito de enthusiasmo que attingiu o delirio por vezes. Gente alheia e refractaria a paixões politicas e a interesses de seita ou de partido, eonsiderando muito para meditar o que estava oeeorrendo, declarava que nunea havia assistido a tão estrondosa, prolongada e eoneorrida manifestação como jámais se fizera á realza em tempos aureos. O Presidente da Republica, ehogado ao Roeio, julgou do seu dever afirmar aos que o eereavam quanto estava eommovido com as demonstrações affectuosas de que era alvo e de novo proelamou veementemente os seus propositos de se eonsagrar á causa naeional, promettendo saerificar-se pela regeneração do paiz e dizendo esperar que o eoadjuvassem todos os homens de boa vontade. O sr. dr. Sidonio Paes falou com singular fervor e não lhe regatearam applausos ao terminar o seu improviso estuante do energia e do fé eommunieativa. A grandiosidade imponente do cortejo, a boa ordem em que elle se desenrolou, o eontaeto directo do presidente eom a

população, sem que a minima nota discordante se produzisse, o acolhimento que tiveram as suas palavras, tudo impressionou os que presencaram a jornada apoteotica e a reputaram, sem melindre da tropa, mais brilhante do que a parada do dia 9 do corrente, que fôra tida como um triumpho militar e presidencial. O sr. dr. Sidonio Paes teve, á noite, em S. Carlos, novas manifestações que se repetiram á saída do teatro, cêrca das duas horas da madrugada, vendo-se entre os manifestantes da rua muitas senhoras. Hontem, novamente o festejaram com ovações entusiasticas na Sociedade Nacional de Bellas-Artes, e tanto no Campo Pequeno, como no teatro lirico e no palacio da exposição notou-se que varios membros do corpo diplomatico, e nomeadamente o embaixador do Brazil, se apressaram a cumprimentá-lo e a trocar com elle frases cordeaes. O nosso eterno messianismo revive! Assim comentam alguns o que se está passando, do mesmo modo que outros se comprazem em afirmar que nunca, depois da efemera realceza de D. Miguel I, um chefe da nação suscitou alvoroços taes e tão potentes simpatias como está acontecendo com o presidente actual.»

Assim, D. Miguel! Não o creio. No que absolutamente creio é no caso do embaixador do Brazil, porque sei o que é a diplomacia e sei o que são os seus representantes. A Inglaterra tomou a iniciativa de reconhecer o Sidonio, como se tivesse havido em Portugal uma mudança de regimen e as outras nações seguiram-na. O peor é o embaraço em que vam ficar quando o Sidonio cahir. Os republicanos portuguezes

estão deixando prolongar uma situação que quanto mais durar, mais se complicará! Espero todos os dias que venha de Portugal um trovão. Os dias passam o elle não vem, mas continuo a confiar em que virá. Entretanto que horas amargas!

LES TOURS, 23 DE MAIO

O Giovetti chegou. Trouxe noticias de Lisboa. Confusas. No entanto, num ponto as suas affirmações são precisas: não serão enviadas mais tropas para a frente de batalha. Segundo o Galhardo, com quem falou em Madrid, este programma tem a simpatia de todas as familias que não querem mandar os filhos para a guerra. Por outro lado, e segundo as suas observações, a situação é appoiada por tudo quanto Portugal conta de reaccionarios e germanofilos. No trajecto conversou com um d'estes individuos que, celebrando a obra de Sidonio Paes, se declarou monarchico e lhe disse todo o mal da França e do Lloyd Georges. Em Lisboa falou, entre outras pessoas, com Chatani, agente francez junto da Legação de França, o qual lhe manifestou a sua magoa por ver Portugal completamente nas mãos da Inglaterra, ao que elle chama *la main-mise anglaise*. Giovetti vocifera contra o general Bernardiston, que não tem cessado de dar o seu apoio á situação Sidonio. Esteve com o Teixeira Gomes, a quem foi absolutamente prohibido sahir de Portugal e voltar a Londres. Nem mesmo este caso teve o poder de impressionar desfavoravelmente o governo inglez. A Inglaterra, hoje, como no tempo da Regencia, está sendo a inimiga da

liberdade em Portugal. Só lhe falta fazer enforcar outra vez Gomes Freire d'Andrade. Entretanto, a policia do Sidonio não dorme, como dormiu a policia da Republica. A' data da partida de Giovetti, continuavam as prisões. Preso o Alvaro de Castro, que era ha pouco governador geral de Moçambique. O general Correia Barreto fôra outra vez preso, bem como o viseconde da Ribeira Brava, surprehendido (sic) no Jardim da Estrella, a falar com um grupo de officiaes do Corpo Expedicionario. Do Campo Entrincheirado tinham sido presos cinco officiaes. Giovetti diz que se trama em toda a parte, sobretudo nas provincias, para acabar com aquillo, e se está nas vespervas de uma guerra civil. A' volta, ao passar por Hendaya, não encontrei o Affonso Costa, que está para Paris, onde foi ver o filho. Assim nem o trouxe a elle, nem o Bernardino Machado, pelo que mo felicito. D'este ultimo diz-me que lhe pareceu um homem absolutamente ôco mas sempre prompto a encher-so de orgulho e do vaidade. Viu melhor num dia a sua personalidade do que os portuguezes em muitos annos.

LES TOURS, 24 DE MAIO

Jornaes de Lisboa. Aquillo attinge o maximo do torpeza! O Sidonio foi ao Porto, soltou os presos politicos do Aljube. Eis aqui como elles contam a um redactor da *Montanha* o que passaram :

«Nessa manhã — disse José Cardoso Teixeira — ás oito horas pouco mais ou menos voltaram de novo a

buscar-me. Desde logo conjecturei da minha triste sorte; desde logo presumi que ia ser o bode expiatorio das furias carniceirescas do cabo Barros e seus auxiliares.

Não me enganara. Introduzido numa das dependencias da Judiciaria, onde já estava o cabo Barros e o tal Barbosa, um empunhando o cavallo marinho, outro um grosso «porrete» de marmeleiro; eu sofri durante perto de tres horas toda a especie de supliciações. O cavallo marinho trabalhou; trabalhou o marmeleiro, e já quando exausto, exangue, sem forças, desfalecido, eu me entreguei resignadamente aos horrores de aquelle banditismo, para o chão me deixei cair.

Os meus agressores não se dispensaram de calcar aos pés, como se eu fora materia inerte, massa insensivel ante as suas loucuras pandomaniacas.»

(Estes factos são reproduzidos pela *Manhã* (20-5-18).

Outro preso, Antonio Luiz Ferrão, disse:

«Levado para o Governo civil, ahi foi esbofeteado pelo cabo Barros, espirrando-lhe o sangue pelo nariz, e, seguidamente, «mimoseado» com uma carga de marmeleiro pelo mesmo sr. cabo, seguindo depois para o Aljube, onde o deixaram cheio de sangue!

Um outro, Annibal Barbosa Cardoso, disse:

«A's oito horas da manhã do dia 4 abriram-me a prisão e conduziram-me á presença do cabo Barros, que me

intimou a fazer revelações de coisas para mim estranhas ; como não fôsse atendido, desancou-me terrivelmente com um cacete. A certa altura, de tanto mo espancar, o cacete quebrou-se, e o cabo Barros, que estava furioso, dementado, monomaniaco, vendo que se lhe quebrava o ázurrague, serviu-se da parte quebrada, que ficou em forma de farpa, e tentou espetar-ma no peito, sendo d'isto impedido pela intervenção d'um individuo que assistia á barbaria. Meteram-me outra vez na prisão, eram tres horas aproximadamente. No outro dia pela manhã é que foi verdadeiramente o meu suplicio ! Levaram-me para os baixos do Aljube, o uma vez na presença do cabo Barros, armados de cavallo marinho o cacete, começaram a desancar-me, a pontapear-me, a insultar-me ; arrancaram-mo os cabelos, quando cahi sem sentidos ; contundiram-me o pescoço com as mãos, parecendo quererem-me esganar, calçaram-me aos pés, emfim, aviltaram-me estupidamente ! »

Um outro, Santos Costa, esereve a *Montanha*, tem a cabeça «*um verdadeiro S. Lazaro*». Um individuo do nome Militão Barbedo soffreu «horrores indescriptiveis.» — «Ao bater das vinte o quatro horas (*Manhã*, 20-5-18) Militão Barbedo era amarrado do pés e mãos, numa posição de Christo crucificado, sendo depois submettido á tortura do cavallo marinho e coberto de vaias e insultos.»

Era isto o que meu pae contava dos miguelistas. Assim em volta do Sidonio — D. Miguel laico — ter-se-hia agrupado tudo o que resta do velho Portugal. Mas o que me indigna, o que me enoja o que me faz

envergonhar da sociedade a que pertenço não é este phenomeno de regressão, mas a cobardia dos homens que estão assistindo a elle de braços cruzados. Mayer Garção não encontra na sua penna para commentar estes factos monstruosos mais do que alguns timidos reparos, e como é empregado publico e não quer perder o emprego, fica-se por ahi não sem ter celebrado o que elle chama — o gesto do Sidonio.

Da *Manhã* (20-5-18):

«A libertação dos presos foi um gesto do sr. Sidonio Paes que nem deve mesmo discutir-se. A espontaneidade dos actos generosos coloca-os acima de quaisquer formalidades ou praxcs. Que a um acto de violencia se façam todos os reparos, toda a critica, que se investigue até que ponto as leis o permitem, comprehende-se e justifica-se. E' necessario, é indispensavel. Mas aos actos que affirmam um movimento de alma, essa caracteristica nobre cobre-os como um paladio. Actos d'essa natureza não se discutem: reconhecem-se, veneram-se e oxalá nunca ninguem se excedesse senão no bem.»

Torpe homem!

No entanto, espero, firmemente espero o fim d'estes horrores sem nome.

Novo raid de Gothas em Paris. Uma creada de Madame Giovetti escreve-lhe que aquillo foi aterrador, durando toda a noite, e que suppozera chegada a ultima hora da sua vida. Aqui nos Tours bom tempo, primavera, paz.

LES TOURS, 26 DE MAIO

Os americanos trouxeram num *camion* o piano de Tours, que estava na casa dos Giovetti em Bordous. Até á meia noite, Madame Velardo e o captain Van Vleck fizeram musica. Hoje vieram visitas, aviadores francezes, officiaes americanos, amigos da casa. Ao almoço eram quinze pessoas. Um official francez fez fotografia no parque. O captain tocou para dançar. Depois tocou Sinding, Liszt. As rosas rebentam por toda a parte. O Giovetti, que não pára de viajar, voltou a Paris.

LES TOURS, 29 DE MAIO

Novas commoções. A nova offensiva allemã recommençou hontem. Os communicados falam já em superioridade numerica e annunciam um novo recuo das tropas francezas e inglezas. Entretanto o canhão monstro, depois de se ter calado por algum tempo, recommençou a bombardear Paris, agora a noventa e cinco kilometros. Os jornaes dizem que os allemães fazem o ultimo esforço. *«Les énnemis ne veulent pas d'une nouvelle campagne d'hiver. Ils craignent l'effort americain; ils ont constaté l'échec de la guerre sous-marine; ils ont des difficultés en Ukraine, en Russie. Ils doivent jouer le tout pour le tout.»* Eu continuo na crença firme, mística de que a Allemanha acabará por succumbir, embora não veja ainda de que modo. Assim estas offensivas não alteram sensivelmente o meu moral. O que me perturba um pouco é a noticia que o Giovetti me dá de Paris de que os operarios de Saint

Étienne et Saint Chamond estão em greve; só uma intriga allemã poderá produzir em França estes resultados e eu receio mais a intriga dos allemães que os seus canhões. O Bernardino Machado telegrafa-me de Hendaya: «Desirerais votre conseil document important très urgent. Pourriez vous et Madame nous donner plaisir visite quelques jours? Souvenirs.» Respondi-lhe cortezmente que me deixasse em paz e que a minha bolsa não está para viagens. Ao sobrescriptar a minha resposta ia escrever *B. Machado — Président de la République Portugaise*, porque sei que isso lhe é agradável, mas reflecti que lhe outorgava um titulo a que elle já não tem direito depois que a Inglaterra e com esta as outras nações reconheceram o Sidonio. E então pela primeira vez examinci com vagar esse acto do reconhecimento do Sidonio. A Inglaterra e as nações procederam como se em Portugal tivesse havido uma mudança de regimen e ainda neste caso procederam de um modo irregular, pois o que haveria então a reconhecer seria o regimen e não o seu representante. O que está estabelecido para este é que elle mesmo communique a sua eleição aos Chefes d'Estado, os quaes, segundo o que igualmente está estabelecido, accusam recepção d'esta communicação. Assim se fez com o primeiro Presidente da Republica Portugueza e com os dois que se lhe seguiram. Não tendo havido em Portugal uma mudança de regimen, o reconhecimento do Sidonio foi um acto sem precedentes e que, dada a origem revolucionaria e inconstitucional do poder d'este aventureiro, revestiu o caracter de uma verdadeira intervenção na politica interna

do paiz. Entretanto em Portugal ninguem deu ou pareceu dar por esta anomalia e é assumpto corrente que as nações reconheceram a sedição de 5 de dezembro na pessoa de Sidonio; e o que me surprehende não é Portugal, que enferma de uma irreductivel nevoa mental, nem a Inglaterra, que se serve do Sidonio, como já se serviu da Regencia para nos eseravisar, mas a França, com a sua clara intelligencia, a deixar-se conduzir pela mão no meio d'este eahos.

LES TOURS, 30 DE MAIO

Novo encontrão dos allcmães e lá passaram o Aisne, lá tomaram Soissons, preparando-se para tomar Reims. O receio d'esta gente é que elles entrem em Paris. Não creio já isto possivel, depois do Marne. O tempo tem estado maravilhoso. Raras vezes tenho visto uma tão longa serie de dias bonitos em França — eeu azul, *beau fixe*. Diante das janellas do nosso quarto, o que era um tapete de relva é hoje um campo de feno. Um prisioneiro allemão oocupa-se justamente neste momento a cortá-lo com uma foice. Está só no meio do prado e trabalha com tanto afinco e interesse como se elle fôsse propriedade sua. São todos assim — os que estão no *château* — disciplinados, zelosos, trabalhadores. Não abrem o bico, fazem tudo o que lhes mandam fazer e apesar de nenhum d'elles ser homem do campo, fazem-no bem, melhor do que os francezes, diz-me o feitor da easa e aerescenta com um suspiro — *Hélas!* como quem diz: — Não ha remedio senão reconheeê-lo! Estas qualidades estão ao serviço de eseravos. Se elles

as podessem praticar no estado de liberdade, que granda democracia não se fazia no centro da Europa! Lá parou elle de trabalhar o ou imagino que vae metter as mãos nos bolsos, sacar um pacote de tabaco, enrolar um cigarro. Nada d'isso. Ageitou simplesmente o bonnet na cabeça e recomeçou a ceifar o seu feno. D'esta tarefa nada parece distrahi-lo. Não faz um movimento que não seja util. E' uma machina de ceifar feno, depois do ter sido uma machina de ceifar vidas. Tiraram-lhe uma foice da mão e metteram-lhe outra.

LES TOURS, 31 DE MAIO

Hontem vieram jantar ao *château* dois coroneis de artilheria americanos. Um d'elles informou que Reims tinha sido tomado. Afinal, os jornaes d'hoje não confirmam a noticia. Os jornacs portuguezes continuam publicando longas listas de officiaes feitos prisioneiros pelos allemães, por occasião da offensiva de 9 de abril. Os irmãos Olavos, de quem se disse que tinham morrido heroicamente em combate, tambem estão prisioneiros. Foram feitos prisioneiros tenentes-coroneis, majores e grande numero de capitães, tenentes e alferes. Parece-me muito prisioneiro para gente de quem se disse que so bateu heroicamente. Por outro lado, o numero de officiaes mortos em combate é diminuto. Na sua maioria esta gente veio para a guerra pelos cabellos e por não poder de todo em todo esquivar-se a fazê-lo, amaldiçoando a Republica e os homens que os levaram a essa provação. Recordo-me de ter lido em Paris uma carta apprehendida pela censura portu-

gueza em França e na qual o seu signatario, official do Corpo de Artilheria Pesada, escrevia: «Se sahir inteiro d'aqui, heide tomar severas contas aos autores d'esta aventura.» Essas contas foram tomadas já e aqui estou eu a saldá-las no exilio. Prisioneiros dos allemães, estes bravos portuguezes devem agora respirar melhor. D'esta estão livres e eu não duvido que sejam excellentemente tratados na Allemanha, pois estão em paiz amigo. No entanto é com verdadeira amargura que escrevo estas palavras, em que não ponho parcialidadc, ou resentimento, mas apenas uma parte da horrenda verdade. E' possivel ainda reconstituir moralmente um paiz cujas classes superiores são assim e foram sempre assim?

LES TOURS, 1 DE JUNHO

As noticias da offensiva não são boas e os jornais de Paris mostram-se inquietos. Os allemães conseguiram penetrar até Chateau Thierry, chegando assim novamente ao Marne. Um jornal escreve: «Já não nos sobra muito terreno para recuar.» E assim é. Entretanto, começam a discutir-se as responsabilidades do novo recuo e o inconstante espirito francez retoma os seus direitos. Os socialistas, na Camara, querem interpellar Clemenceau, que ainda hontem era o primeiro homem da França e hoje já o é menos. A idéa de que Paris pode correr novamente o risco de ser tomado entrou naturalmente nos espiritos. E' evidente que se os francezes recuarem sistematicamente isso pode succeder, mas eu espero que a iniciativa dos seus generaes intervenha mais uma vez a tempo. Entretanto,

não se pode ser superior ao sentimento de que a direcção militar da guerra é mediocre. Neste momento por exemplo em que os francezes são fortemente atacados, os inglezes dão a impressão de estar inactivos. Emquanto o angustioso communicado francez d'hoje assignala que os allemães estão outra vez no Marne, o communicado inglêz da tarde regista placidamente pequenos episodios, recontros de patrulhas, tomada de um posto, feitos alguns prisioneiros, etc., e o communicado da noite diz apenas isto: *Rien de particulièrement intéressant à signaler sur le front britannique.* Podéra! Pois se os allemães estão atacando noutra parte! E assim tem sido desde o principio da guerra. Dir-se-hia que estes dois exercitos, o francez e o inglêz são independentes e dir-se-hia mais, pois dir-se-hia que são indifferentes um ao outro. Batem-se isoladamente e são isoladamente batidos. O commando unico d'estes dois exercitos, entregue ao general Foch, inspirou grande confiança e despertou grandes esperanças, mas os effeitos d'este successo ainda não se fizeram sentir de um modo que as confirme. A minha confiança no resultado final d'esta horrenda lucta não é comtudo abalada por estes factos e persistiria mesmo se visse amanhã Paris occupado pelos allemães. Os inglezes não cedem, os americanos muito menos e a França, enquadrada por estas energias ferozes, quando mesmo seja amanhã, toda ella, um immenso campo de batalha, resistirá como um corpo que já não se per-tence. O tempo continua maravilhoso e este sitio de uma doçura paradisiaca. Assim as angustias d'esta terrivel crise nos permittissen sentir o prazer de viver!

LES TOURS, 8 DE JUNHO

A offensiva está neste momento travada, mas a sorte de Paris continua a inspirar receios. A semana foi de alternativas. Em Paris, ora bombardeado pelo grosso canhão, ora bombardeado pelos Gothas, voltaram os dias angustiosos da offensiva de 1914, mas a confiança renasce. O tempo radioso continua, noites estrelladas, manhãs, dias perennemente azues, gorgeios d'aves, silencios apaziguadores, mas os nossos corações fatigados, exhaustos, não cessam de bater em sobresalto. De Portugal nenhuma noticia. Ha dias mesmo que os jornaes não vêm. O Bernardino Machado escreve-me de Hendaya: «Os nossos amigos não descansam, mas não têm meio de se pôr em communicação conosco. Se as pessoas que vêm a França são suspeitas á dictadura, apalpam-nas na fronteira. Outras não são proprias para transmittir confidencias. De modo que estamos cá forçosamente todos muito sequestrados. Um individuo que por aqui passou e que pode subtrahir-se á vigilancia da fronteira, trouxe-me muitas esperanças. O que elle conta do estado do paiz é tremendo. Está a saque.» O governo, que não pára um momento quieto, voltou a Paris, onde está agora.

LES TOURS, 9 DE JUNHO

Apesar da offensiva sobre o Marne parecer travada, os allemães estão tão proximos de Paris que a cidade começa a debandar. A condessa de Carvalhido eserevenos: «Tout le monde se sauve. Nous allons en faire

autant.» O meu creado manda-me dizer: — «Paris se vide» e aconselha-me a pôr *mon bien en lieu sûr*. Quer referir-se á nossa casa que lá ficou. Já lhe dei ordem para encaixotar o que pudesse. Os jornaes asseguram que a frente do Marne está bem defendida, mas um parente dos Giovetti que está ao serviço do estado maior em Bordeus conta-me que os bancos de Paris estão a transferir-se para ali como em 1914. Os americanos começaram já a combater. São valentes, decididos e já prestaram grandes serviços na defesa do caminho de Paris, mas quando estarão em numero sufficiente para pesar no destino da guerra? No entanto são hoje a unica esperanza dos Alliados. O momento é angustioso, sem duvida dos mais angustiosos da guerra. Nós, aqui encalhados neste valle de verdura, impacientamo-nos, soffremos tantas emoções que não sei como os nossos peitos podem contê-las a todas. Os jornaes de Portugal cada vez se tornam mais raros. Nos de Paris leio que a Inglaterra vae elevar a embaixada a sua legação de Lisboa, «para reconhecer os serviços prestados por Portugal na guerra.» Assim, a Inglaterra reconhece esses serviços na pessoa dos homens que mais os contrariavam! Entretanto, o ministro inglez em Lisboa offerece na Legação (30 de maio) um jantar a alguns dos mais cotados monarchicos e reaccionarios portuguezes: o conde de Sabugosa, o Balthazar Cabral, o Campos Henriques, o Paço do Lumiar, o Maia Cardoso. Isto porem não é novo. O Saint René Taillandier, ministro de França, já reunia em sua casa esta gente, e do Garcia Sagastume, ministro da Argentina, chegou-se a dizer que se enten-

dia com o barão de Rosen, em Madrid, depois do rompimento das relações de Portugal com a Allemanha. Não me consta que algum dos ministros dos Negocios Estrangeiros da Republica tivesse feito quaesquer observações a este respeito aos governos que estes homens têm representado em Portugal. E como o fariam! A preocupação do Augusto de Vasconcellos era a de evitar attrictos. O Freire d'Andrade agonisou litteralmente sobre a sua pasta. O Antonio Macieira sentia-se tão envaidecido pelo facto de a dirigir, que ao referir-me num officio para Paris que fôra procurado no Ministerio pelo Saint René Taillandier, exprimia-se assim: «Tivo a honra de receber a visita de sua ex.^a o sr. Ministro de França.» O Augusto Soares, esse, molle, preguiçoso, inapto, fraco, consentiu tudo.

LES TOURS, 10 DE JUNHO

A offensiva recommçou noutro ponto, entro Mondidier e Noyon, com violencia. O bombardeamento de Paris pelo grosso canhão continua, o que não impedo que o Giovetti escreva d'ali que esteve hontem no Griffon a almoçar com amigos. Em Portugal continuam as prisões por motivos politicos. Os jornaes continuam publicando listas de nomes de officiaes portuguezes feitos prisioneiros pelos allemães, na offensiva de 9 do abril. Felicitando-se por que um d'elles, um certo capitão Fonseca Almeida, se encontre nesta invejavel situação, o *Diario de Noticias* escreve: «Quando do movimento de 13 de dezembro, foi um dos seus mais entusiastas cooperadores, organizando, sob o chefia

do sr. Machado Santos, a columna revolucionaria de infantaria 15, que de Thomar marchou sobre Abrantes, o que lhe valeu alguns meses do prisão a bordo de um navio de guerra, e depois no forte da Graça em Elvas. » O qual movimento de 13 de dezembro foi feito contra a guerra. Não se deve sentir mal na Allemanha o capitão Almeida. Entretanto, a imprensa d'esse paiz reconhece com a sua habitual inconsideração como uma virtude civica — a indisciplina. Os titulos de gloria dos officiaes do nosso exercito são as revoluções e sedições em quo tomam parte.

LES TOURS, 12 DE JUNHO

A offensiva entre Mondidier e Noyon prosegue com violencia, mas os francezes vam resistindo como podem. Os jornaes dizem que as perdas allemãs são consideraveis e assim o creio. Entretanto, os americanos começam a augmentar o seu esforço. Já setecentos mil homens estão em França. O filho do Giovetti esereve que os vê por toda a parte, na frente. O Giovetti chegou do Paris, d'onde tem sahido muita gente — *triste*, diz elle. A situação, apesar da bella resistencia franceza, continua sendo angustiosa e Paris continua em perigo de ser investido. Para Bordeus está-se fazendo sempre a mudança dos baneos e companhias. No caso do ter de abandonar a capital o governo mudar-se-hia para Bordeus e Lyon. Eu espero no entanto com esta confiança que não me abandona nunca, quo tal não chegará a succeder, mas a minha confiança nem sempre é partilhada. Assim, hontem, um amigo do Giovetti quo vom

ao *château* disse-me que se Paris fôr tomada é preciso fazer a paz e que neste caso seria preferivel fazê-la antes. — Quem faria semelhante paz? perguntei-lhe eu. — O Clemenceau! respondeu-me elle. E como eu lhe objectasse que a Inglaterra e a America não vieram á França para serem esmagadas, reterquiu-me que, sem a França, inglezes e americanos *n'en feraient qu'une bouchée pour les Allemands!* Per menos do que isto está gente na cadeia em França. De resto, o espirito francez não tem nenhuma resistencia moral, passa facilmente da esperanza para a desesperança, da confiança para a duvida, da alegria para a tristeza. O que e ampara é a solidariedade das nações, mas mesmo a respeito d'estas é injusto, quando as coizas não eorem bem. Sempre que os inglezes soffrem um revez, o concurso inglez perde tode o valer aes elhos dos francezes. As sympathias d'hoje vam todas para es americanos, mas euidado! que elles não se deixem bater embora parcialmente, aqui ou ali, se as querem conservar intactas. O espirito francez é movido pela sensibilidade. Per isso é inconstante. Per isso é injusto. Por eutro lado, os francezes soffrem uma certa humilhação pele facto de reconhecerem a necessidade de serem ajudados. Quando essa ajuda não é effieaz, a sua humilhação ainda é maior. O seu orgulho — esse orgulhe que é e de todas as grandes nações e que nem as privações da guerra puede ainda abater — re-toma então os seus direitos e traduz-se em injustiça. E' este sentimento que leva algumas vezes certos francezes a perguntar o que vieram cá fazer es'inglezes, esquecides — ai d'elles! — que sem a Inglaterra e o

concurso do seu poder naval, a França teria já sido obrigada a capitular.

Como eu manifestasse a minha estranheza ao Bernardino Machado pelo facto do o Affonso Costa, que está com elle em Hendaya, não ter tido ainda uma palavra para o que se passou em Portugal, Bernardino escreve-me: «O Affonso Costa não tem escripto nada pelo receio do dar côr partidaria ás reivindicações da Republica e porque, diz elle, só deve falar quando estiver dentro do paiz.» E acrescenta: «A segunda razão, porém, não eolhe, porque elle está por emquanto inhibido de lá ir. Aquelles bandidos matavam-no.»

Assim, o Affonso Costa não vac a Portugal, não se colloca ao lado dos seus amigos, perseguidos, porque tem medo de que o matem! O receio de dar côr partidaria ás reivindicações da Republica, receio que já o assaltou depois da revolução do 14 de Maio, não é senão um aspecto mais da sua fraqueza moral e da sua pusillaniedade. O que elle tem é medo de assumir responsabilidades que o façam correr riscos pessoais, attentados, etc.

Entretanto aquillo em Portugal continua e não é já soquer o Sidonio quem governa, com os seus secretarios do Estado, mas os bandos que tomaram o paiz de assalto. Todos dão ordens e dá-se o caso de apparecerem publicadas nos jornaes notas officiosas que são contestadas pelas secretarias de que emanam e que são feitas pelo primeiro que se lembra do pegar numa penna o de as escrever. Secretarios de ministros dão ordens, que o proprio Sidonio, em apuros, é obrigado a annullar pelo telefone. A censura é feita por gente

desconhecida, que talha nos jornaes como lhe apraz, a ponto de o *Dia* escrever:

Dia (6-6-18)

«Quando a tanto se desee e o abuso se faz assim desmaredadamente, á bruta, aos ponta-pés no senso comum, indecentemente, ignobilmente, só apetece partir a pena e dar por finda uma missão jornalística que, exercida sob uma tão estúpida opressão, deixa de ser uma gloria para chegar a ser uma ignominia!»

Os bandos do 27 de Abril e outros prendem gente, dão assaltos, semeiam o terror. A' sahida de uma conferencia na redacção da *Lueta*, o conferente foi espancado, a ponto de o *Seculo* pedir que essa escumalha seja deportada para as colonias. Todos os dias se fazem prisões e buseas domiciliarias. Um dia d'estes foram presos duzentos individuos. Em meio d'esta situação, o Sidonio faz passeiar pelas ruas de Lisboa Cavallaria 4 e a Escola de Guerra, com as suas baterias.

LES TOURS, 13 DE JUNHO

O problema que mais nos preoccupa neste momento é o da nossa casa de Paris. O nosso arrendamento termina em setembro e até lá devemos despejar a casa, arrumar noutra parte o que temos, que infelizmente é muita coisa. Nos *garde-meubles* pedem-nos preços pesados e os encaixotadores pagas fabulosas. Tenho tratado este assumpto, por correspondencia, com o Ri-

chard, mas as difficuldades são taes que só a nossa ida a Paris as poderá resolver. Esta manhã decidimos ir metter hombros á tarefa melancolica de desfazer um lar que levámos seis annos a constituir e que desaparece, varrido pelo furacão da desgraça quo ha seis mezes sopra sobre o nosso destino. Os nossos recursos são tão pequenos que todas as despezas nos assustam. De vez em quando considero o futuro com inquietação, pergunto a mim mesmo quanto durará ainda a crise que estamos atravessando. O meu proposito até hoje tem sido o de esperar, ganhar tempo, mas já lá vam seis mezes e o meu coração confrange-se á idéa de me encontrar um dia em circumstancias de não poder esperar mais. Depois a guerra difficulta todos os nossos passos e acções. Pois se até para sahir d'esta casa, mudar de poiso, são precisas interminaveis formalidades, documentos, papeis, quo levam infinito tempo a obter. As conduções são difficeis. Os comboios não transportam grandes malas. Emfim! O tempo continua de rosas. A vinha está magnifica. Ceifa-se o feno.

LES TOURS, 19 DE JUNHO

O Manuel Gustavo appareceu aqui no sabbado, trazido pelo Giovetti, que o encontrou em Bordeus. Esteve até hontem. Trouxe consigo a risonha bonhomia e uma onda do recordações da minha mocidade. Também trouxe confusas noticias de Portugal, a vida cara, as rendas de casa pelo dobro. O Sidonio «lá está» como elle diz mas accrescenta que aquillo não pode durar. Ha odios terriveis. Os republicanos do Porto

dizem que são precisos cinco dias para «o ajuste de contas.» Parece que é na provincia que o sentimento republicano é mais activo. No entanto, Manuel Gustavo insiste em que é preciso não voltar á antiga. O que chama elle — «á antiga?» Quer referir-se ao regimen dos amigalhaços do Affonso Costa, ao regimen dos Tudellas e dos Arthur Costa. Fez-se então uma revolução em Portugal por tão miseraveis motivos? Confirma que a sedição de Lisboa se fez contra a guerra e aos gritos de abaixo a guerra! Ouviu-os elle esses gritos, no dia 5 de dezembro, partindo d'entre a populaça que assaltou a casa do Norton de Mattos, de quem elle é visinho. Conta o que foi o assalto a casa do Norton. Escangalharam tudo, levaram tudo, até talheres. Umás damas da vizinhança levaram almofadas da sala de visitas. Que especie de gente era essa? Garotos, mas especialmente soldados, os soldados do 33, que devia partir para a guerra e não partiu. A soldadesca pilhou Lisboa. Conta elle ter visto um corneta marchando á frente de um grupo de soldados, trazendo pendurados dos botões da fardeta dois pares de botas roubados no saque de uma sapataria. Como é muito anecdótico, como já o pae o era, conta muita anecdota sobre o que se está passando em Portugal, diz que os jovens alferes, que constituem uma especie de estado maior do Sidonio e aos quaes este tem distribuido recompensas sob a forma de subsidios, são por isso conhecidos por *subsidonios*. Pergunto-lhe com insistencia como é que a opinião publica em Portugal julga o facto de se ter interrompido a remessa de tropas para França. Responde-me que as mulheres não têm inte-

resse em que os maridos venham bater-se. Sidonio Paes conta por esse motivo com a sua sympathia. Uma d'ellas ter-lhe-hia dito: — *O' senhor doutor, faça-se rei!* Pergunto-lhe o que significam as aclamações de que Sidonio tem sido objecto nas ruas de Lisboa. Diz-me que desejou ver com os seus olhos o que isso era e foi assistir á passagem de Sidonio, pela Avenida, no dia da sua proclamação. O que viu a festejá-lo foram bandos de garotos. A multidão assistia impassivel a estas manifestações. Quando acabará aquillo? Elle diz, e diz reflectir a opinião de toda a gente, que aquillo não pode durar. Pensa que Sidonio está muito defendido em Lisboa, onde o cerca a gente que fez a sedição de dezembro e já ouviu que Lisboa será atacada, quando a reacção vier. A sua presença nesta casa distrahiu-me por um momento dos cuidados da guerra. A offensiva allemã em França, depois do ataque entre Montdidier e Soissons, parou. Começou ontra offensiva na Italia, mas os italianos, como diz o Giovetti, d'esta vez enganaram-se e em vez de se deixarem aprisionar, fizeram já cinco mil prisioneiros e aguentam-se nas margens do Piave.

LES TOURS, 20 DE JUNHO

Ultimo dia nos Tours. Partimos amanhã para Paris. O meu creado escreve-me d'ali: «Les Gothas ont jeté quelques bombes samedi soir Boulevard Voltaire. Un grand magasin a été incendié. Les gares sont très encombrées de voyageurs. Il y a beaucoup de départs.» Espero que nestas condições não nos faltarão logares

no comboio de Paris. As noticias da offensiva são boas. Um ataque contra Reims falhou. Os italianos fizeram até agora oito mil prisioneiros austriacos. Em Portugal continua a prender-se gente a torto e a direito. Os jornaes que appoiam o Sidonio e os orgãos monarchicos renovam a discussão das razões por que Portugal entrou na guerra e as condições em que o fez. Segundo o novo jornal *A Situação*, a Inglaterra recusou o concurso que lhe offerecemos e só o accitou em virtude de pressões da França. «Isto é gravissimo!» brada o *Dia*. «Esclareça-se tudo!» clama a *Capital*. Entretanto, o antigo ministro dos Negocios Estrangeiros Augusto Soares que está em Lisboa e a quem Sidonio não inquieta, quo podia desfazer mais esta estúpida intriga e esclarecer tudo, não abre o bico, deixa falar, deixa correr. A afirmação de que Portugal entrou na guerra por pressão da França, essa visa-me especialmente a mim. O quo essa cambada mais uma vez pretende insinuar é quo fui eu que levei Portugal á guerra, indispondo-me assim com a poltroneria nacional, quo assegura a dictadura de Sidonio com a condição de que não parta mais um homem para a guerra.

PARIS, 21 DE JUNHO

Paris! O comboio, apesar de tudo o que corre na provincia sobre a situação de Paris, vinha cheio. E' verdade que vinha cheio do capellães militares americanos e damas da Y. M. C. A. Civis, poucos. Ao passar pela gare de Austerlitz reparo que todo um lado da cobertura de vidro está em estilhaços, em resultado

do obus que ali cahiu ha dias. Não é sem uma certa emoção que entro de novo no Caes d'Orsay e em Paris. Na garo, o doutor Lopes, que nos veio esperar, conta-nos logo o ultimo boato: corre que o rei de Hespanha está incognito em Paris e que é por esso motivo que os allemães suspenderam o bombardeamento e os ataques dos Gothas. De resto o doutor Lopes, que nem um só instante abandonou Paris, está em optima disposição de espirito. Procuro saber se tem partido muita gente. Muita! Pela Praça da Concordia, pelos Campos Eliseos verifico com effeito que Paris está deserto. Talvez seja porque são oito e meia e é a hora do jantar. O aspecto dos Campos Eliseos é no entanto impressionante. Durante o nosso trajecto até ao Hotel Majestic, aonde viemos novamente dar fundo pelo pouco tempo que devemos estar em Paris, não cruzamos um só carro. No Hotel é quo reina uma animação quo contrasta com a situação que se presume ser a de Paris. Está muita gente no *hall*, senhoras em pequena *toilette*, mas em *toilette*. Conversa-so ruidosamente, ri-se, tomam-so licores. Um empregado do hotel diz-me que o que se conta do Paris é exaggerado e que são as pessoas que fogem que espalham pela provincia noticias terroristas sobre a situação na capital, para justificar a sua fuga. No entanto concorda quo se os allemães se approximarem mais, a fuga será geral.

E' meia noite. Vamo-nos deitar e aqui está porque Paris não é actualmente uma cidade habitavel: vamo-nos deitar com a apprehensão de que o nosso somno será interrompido pelas bombas dos Gothas, o que já não nos dispõe a um somno agradável, como nos

Tours, onde era um verdadeiro prazer, dormir, dormir na paz dos campos, sob o ceu benigno. A' hora em que escrevo estas linhas, um silencio absoluto reina nesta outr'ora ruidosa capital. A esta hora antes da guerra que folia não era Paris, com os seus cafés abertos derramando luz a jorros sobre os passeios, as suas orquestras de zingaros tocando valsas viennenses, os seus restaurantes da moda onde, á sahida dos theatros, as mulheres deixavam esborregar das espaduas nuas os mantos opulentos, os seus boulevards vibrantes de vozes e pregões, a onda dos seus automoveis luxuosos, o fogo de artificio dos seus letreiros luminosos. Ao entrar uma noite em Paris, quando Paris não era ainda e que foi depois, Edmundo d'Amicis lia nas fachadas fosforescentes dos grandes boulevards, como nos frisos dos palaeios arabes, a palavra *felicidade! felicidade!* inscripta em caracteres d'oiro. D'esse grande clarão e d'esse grande ruido que foi Paris resta hoje treva e silencio, um silencio tumular que gela o coração e que é talvez um dos mais sombrios espectaculos d'esta terrivel guerra. Minha mulher deitou-se e para que ella possa encetar tranquillamente o seu primeiro somne de Paris, fieo eu velando, e não é isto horrivel? Ainda nós, neste robusto edificio que é o Hotel Majestie, estamos em relativa segurança; mas toda essa pobre gente que habita os mil casebres de Paris, toda essa pobre população das mansardas e dos quintos andares, que sobresaltados somnes não dormirão!

PARIS, 22 DE JUNHO

O aspecto de Paris é impressionador. Nunca o vi tão deserto, nem em 1914, quando voltámos de Bordeaux. Esta tarde, em toda a longa avenida Kléber caminhavamos duas pessoas, eu e ao longe uma mulher. As casas, d'onde os seus moradores abalaram, estão fechadas. Em muitas d'ellas, as janellas e os postigos das caves estão tapados com sacco e mesmo obstruidos com argamassa. Minha mulher passou todo o dia a lamentar-se e a chorar com cruciantes dôres reumaticas num braço. Eu passei-o em nossa casa, ou na que foi nossa, a emmalhar roupa, a reunir em pequenas valises que possamos levar connosco algumas coisinhas de estimação que temos, o nosso serviço de prata para chá, os nossos talheres e os bibelots da nossa vitrine. Numa mala reuni toda a minha copiosa colleção de cartas e documentos. Quando esta manhã entrei em casa, depois de uma ausencia de tres mezes, fiquei aterrado considerando o numero avultado de moveis e objectos que accumulei no decurso de seis annos em volta de mim. Que fazer-lhes? Que destino dar-lhes? A impossibilidade de os transportar é absoluta. Onde deixá-los? Procuro dar uma solução a este problema. Se ao menos pudesse vender uma parte dos nossos moveis, mas onde encontrar compradores de moveis, neste momento em que toda a gente foge de Paris? Durante o dia, appareceu-me o Leote do Rego, que não tornou a sahir de Paris depois que o desastre de Lisboa o atirou para o exilio. E' um homem solido e não parece affligir-se, ou perder confiança. E' pobre,

como o são os portuguezes quando são pobres. Vivia unicamente do seu soldo. Como se arranja ello para so ir aguentando aqui? Disse-me, sem melancolia, estar reduzido a vender meias de seda que manda para Portugal. Este pequeno negocio, disse-mo elle, dá-lhe uns oitocentos francos por mez. Teve dois filhos na guerra: um foi gravemente ferido por um estilhaço de granada e está a tratar-se em Portugal, o outro encontra-se em Paris, de licença. Peço-lhe com vivo interesse que me diga o que so tem passado em França com as nossas tropas, como se bateram ellas por occasião da offensiva de 9 de abril o qual é a sua situação actual. As tropas bateram-se bem. Houvo muitos prisioneiros, mas isso deve-se ao facto de os inglezes, numa ala, ou em duas, terem cedido, o que descobriu a nossa gente da primeira linha. Esta informação já me chegara aos Tours, por Augusto Pina, que a ouvira a uns officiaes portuguezes. A offensiva allemã custou-nos onze mil homens fora de combate, entre mortos, feridos e prisioneiros. Quanto ao Corpo Expedicionario deixou de existir. A artilheria, ou o que resta da artilheria, foi incorporado nas forças inglezas. A infantaria trabalha nas linhas da rectaguarda, a cavar trincheiras. O estado de espirito dos homens que restam do desfeito Corpo Expedicionario é o peor. Os officiaes, diz Leote do Rego, recemchegado a Paris, o que querem é que os deixem voltar para Portugal. Nem so importam já com os soldados, accrescenta elle. Em Brest, cerca de cinco mil homens aguardam transporte para Portugal. De Portugal nunca mais veio um homem e assim o objectivo do golpe do mão de Lis-

boa foi plenamente attingido. A Inglaterra está satisfeita. Portugal recahiu no regimen de vassallagem de que ella a muito custo consentiu que sahissemos. Em Lisboa, o general Bernardiston, novo Beresford, dá força ao Sidonio, como Beresford a deu á Regencia, contra os patriotas portuguezes. De Lisboa dizem-lhe no entanto que se trabalha ardentemente para pôr um termo a estas vergonhas. Quem dirigo este empreendimento seria o Alvaro de Castro. Emfim, a sua apparencia não é a de um homem deprimido, mas animado e batalhador. Este Leote do Rego foi o primeiro portuguez que em agosto de 1914 soltou em Portugal o grito de guerra á Allemanha. Está-lhe custando caro.

PARIS, 23 DE JUNHO

O espectaculo de Paris deserto, neste domingo do junho, ainda me pareceu mais impressionador. Aonde está ao menos a população operaria d'esta grande colmeia? Assim deve ser exacto, como ouvi, que um milhão e quihentas mil pessoas abandonaram Paris! Dia passado em casa, a fazer malas. Como pensamos voltar para Bordeus, onde talvez encontremos uma barraca em que possamos fazer cosinha, encaixoto algumas das provisões, assucar tão caro hoje, chocolate, conservas com que minha mulher tinha enchido a dispensa, na previsão de maus dias. Ella, coitada! não tem arredado pé do quarto do hotel, torturada sempre por dores reumaticas, que lhe arrancam gritos e lagrimas. Hontem á noite foi preciso dar-lhe uma injeção de morfina. Faltava-nos mais isto. Entretanto, os allemães, que se

preparam para um novo assalto, como quo suspenderam as hostilidades. Os communicados francezes registam calma. Os Gothas ha dez dias que não apparecem e os canhões monstros deixaram de so fazer ouvir. Esta calmaria porem não traz os espiritos mais socegados. De um dia para o outro espera-se nova crise. Alguem no hotel explicava hoje que os allemães estão esperando o vento norte, para lançar as nuvens do gazes asfixiantes, com que precedem os seus ataques.

O Leoto do Rego voltou a apparecer-me, acompanhado pelo filho, que vem da frente com licença. E' um rapaz de vinte annos, de fisionomia doce, sem o aspecto do energia do pae. Interrogo-o largamente. Responde-me com precisão e dá-me uma idéa muito exacta do que foi a offensiva allemã do 9 do abril contra o sector portuguez. Com os elementos de informação que já possuia e que tenho deixado esparsos neste diario, reconstituo o que so passou. O moral das tropas que occupavam o sector ha quasi um anno, sem serem rendidas, era muito mau. Já em feveiro, ou março se dera um episodio significativo do seu estado de indisciplina. Um batalhão de infantaria 7, constituido de duas ou tres companhias, insubordinara-se, recusara-so a marchar. Foi tudo preso o o batalhão riscado do corpo expedicionario. Alguns officiaes foram castigados mollemente como sempre. Os inglezes eram de opinião que deviam ser fusillados. Entretanto, o general Tamagnini, o Gomes da Costa promettiam á tropa das trincheiras que brevo seria rendida, e com effeito, a ordem de recolher á linha da rectaguarda veio. Os portuguezes deveriam ser rendidos por escocezes. Estava-se a fazer a

relewa o já uma parte da soldadesca abandonara as trincheiras, occupava os camiões, quando a offensiva começou, favorecida por um intenso nevociro e precedida do um diluvio de obuzes asfixiantes. A ala direita e a ala esquerda dos inglezes cederam, sem so fazerem acompanhar neste movimento de recuo pelos portuguezes, que ficaram assim á mereê. Um vivo tiro de barragem cortou-lhes as communicações com a rectaguarda. D'ahi a pouco estavam envolvidos e eram apauhados todos ou quasi todos. O total das perdas computa-se em onzo mil homens. A artilheria perdeu-se toda — umas noventa peças. Apenas se salvou uma bateria. Aqui e ali resistiu-se com energia. Houve actos do bravura. No entanto, outras informações que me chegam cousignam quo nesta terrivel jornada apenas seis officiaes se fizeram matar, enquanto quo os officiaes prisioneiros foram em numero de trezentos e cincoenta. Em Alcaçer Kibir ficou mais gente. O estado maior e as tropas da segunda linha salvaram-se precipitadamente abandonando tudo, e assim acabou o Corpo Expedicionario Portuguez porque, acerescenta-se — acabou. O quo hoje resta, disperso, incorporado no exercito inglez, são sobreviventes de um desastre. Confirma-se o que me disseram hontem: ninguem se quer mais bater. As juntas do saude funcionam noite e dia e liceneciam toda a gente. Um d'estes dias licenceou de um bloco setenta e dois officiaes. Os inglezes aprovitam ainda o que resta da artilheria e engenharia, mas segundo me dizem, a infantaria, que está sendo neste momento empregada a cavar trincheiras, acabará por recolher a Portugal. Antes da offensiva conta-se que os allemães, que

não cessavam de fazer communições impressas ás trincheiras portuguezas e se mostravam perfeitamente informados do que se passava em Portugal, aconselhavam os soldados a irem-se embora, antes que os atacassem. Estas communições eram acompanhadas de malevolas referencias á intervenção de Portugal na guerra e em especial ao Norton de Mattos. O filho do Leote do Rego é de opinião que a offensiva sobre o sector portuguez não teve outro objectivo que não fôsse o de inutilisar o esforço militar de Portugal. Varrido o corpo expedicionario, os allemães deixaram-se ficar nas posições que lhes conquistaram, não exploraram o seu avanço. Mais uma vez me recordo das palavras da carta de Luis Galhardo. Assim, os allemães teriam feito duas offensivas combinadas — uma nas ruas de Lisboa, outra nos campos da Flandres. Como qualificará a historia este espantoso conluio! Para que nada reste do que foi o nosso esforço guerreiro, os scelerados de Lisboa mandaram ha dias recolher a Portugal onze aviadores, que se achavam encorporados na esquadilha franceza de *Jeanne d'Arc* e eram ali muito estimados. Como alguns d'esses aviadores se mostrassem pouco dispostos a partir (um d'elles mesmo, o capitão Norberto Guimarães, falava em desertar) vieram ordens terminantes para que não se demorassem um dia mais em França. O valor moral dos portuguezes foi posto a uma rude prova. Falhou. O edificio de gloria nacional que alguns homens tentaram edificar não tinha base na sociedade. Foi-se abaixo a esperanza de um Portugal novo, renascido, grande nação, entrando de cabeça erguida no concerto das nações. E sobrevem-me este desengano

depois de trinta annos de illusão, com cincoenta e cinco de idade, pobre proscripto, procurando salvar no meio de uma cidade onde plana a morte alguns trapos com que me cubra! E' preciso que eu tenha um reservatorio inexgotavel de energia moral para não succumbir sob o peso de tamanho desastre.

PARIS, 24 DE JUNHO

Dia passado em casa, a cmmalar.

Encontradas no *hall* do Hotel Madame Hesse e a filha, a quem conhecemos ha dois annos em Annccy. Mais tarde na salla de jantar, encontrados o Sabatier, da Agencia Radio, a mulher e a filha. Toda esta gente, obrigada por varios motivos a permanccer em Paris, procura dar a impressão de um estado de espirito optimista. A que abandona Paris é ao contrario pessimista. A razão d'este pessimismo, dizem os primeiros, é que os que abandonam Paris procuram fundar os seus receios nalguma coisa. São esses os que espalham pelas provincias as noticias terroristas.

Entretanto, o exodo continua e já hoje me aconselharam a marcar com antecedencia os meus logares no comboio de Bordeus, pois no Cacs d'Orsay ha um formigueiro de gente ás bilheteiras. A Maria não tem sahido do quarto, mas felizmente soffre menos. A minha tenção é partir na quinta-feira para Bordeus, se o Giovetti, como me prometteu, tiver arranjado ali onde eu me metta com a Maria. Senão, voltaremos para os Tours. Felizmente que podemos contar com um abrigo naquella enseada tranquilla. A guerra soffreu

uma como que subita interrupção em França. Dir-se-hia que as grandes operações cessaram, mas esta acalmia não faz senão tornar a situação mais angustiosa. O que preparam os allemães? Na Italia, as coisas correm resolutamente bem. Os austriacos tornaram a passar o Piave.

PARIS, 25 DE JUNHO

Os resultados desastrosos da offensiva austriaca em Italia enche de novas esperanças os Alliados. Até Lloyd Georges, que tão angustiado se mostrou por occasião da offensiva allemã d'abril sobre Amiens, volta a affirmar a sua convicção de que a victoria final será completa. Os jornais d'esta manhã cobrem a Italia de flores. Fui aos armazens do Printemps, comprar uma pequena valisc. Os preços das coisas attingiram o inverosimil. Os objectos custam quatro, cinco vezes mais do que custavam. Eram cinco horas quando estive no Printemps. A essa hora, ha pouco ainda só muito difficilmente se circulava nos armazens de Paris. A multidão que os frequentava desapareceu. O movimento é sensivelmente menor e nalgumas secções nullo. No boulevard Haussman, em volta da Opera, ha bastante animação. O que me surprehende é o numero de mulheres que ainda se vê por toda a parte. O numero dos homens é tão limitado que dir-se-hia que o que resta de habitantes nesta cidade são mulheres. Nos grandes boulevards circula bastante gente e os terraços do café de La Paix têm o aspecto d'antes da guerra. Quando Paris deserta os grandes boulevards, é que entrou com elle o panico. Foi assim que os vi desertos nos primeiros

angustiosos dias de agosto de 1914. Pelos Campos Eliseos acima, vou notando os raros transeuntes. Descem e sobem mulheres, sempre mulheres. A' beira de um dos passeios, do lado dos Ambassadeurs, uma creatura loira, recostada numa cadeira de ferro, a perna traçada, deixando vêr o sapato de camurça branca e a meia de seda branca, gosa os Campos Eliseos, gosa Paris, indifferente á guerra e aos seus terrores. Nos bairros abastados, principalmente na Etoile, as persianas da maior parte das casas estão fechadas. Os seus habitantes partiram e tudo isso é muito triste. Tem-se a impressão de que Paris é uma cidade abandonada. A gente que partiu levou tudo o que possuia de precioso o que foi susceptivel de ser transportado, deixando o resto *à la grâce de Dieu*. Foi o que fiz. Dez malas nossas lá partiram hoje para Bordcus, carregadas do roupas de cama e de mesa, de vestuario, de cobertores, de colchas. Levamos connosco as poucas pratas que temos, os nossos talheres, alguns pequenos bibelots. O resto fica. Ficam os nossos moveis adquiridos tão penosamente e que são a nossa unica fortuna, ficam alguns quadrinhos interessantes, comprados durante os meus passeios pelos velhos bairros de Paris, ficam sobretudo os meus dois mil volumes e a minha colleção, tão pacientemente reunida, das obras francezas, monografias, livros de historia, memorias sobre Portugal e que eu me propunha deixar, nos meus dias de patriotismo ardente, á Bibliotheca de Lisboa. Felizmente pude fazer um accordo com o gerente da casa que habito, que digo eu ? que habitei. Elle consente-me, mediante uma indemnisação que não é muito pesada,

mas que me foi preciso regatear palmo a palmo, que eu deixe fiar os meus moveis na easa emquanto esta não se alugar, o que não é provavel que succeda emquanto durarem as circumstancias actuaes. Esta combinação dá-nos uma relativa trauquillidade. De resto, disse-mo elle, dentro em tres mezes a situação da guerra dovo estar esclarecida e os destinos individuaes mais desaffogados. Tambem o creio. Quando voltei a easa esta tarde, vi de longe o Betteneourt Rodrigues que entrava na Legação acompanhado de Augusto Vasconcellos, esse homem que o Sidonio eneontrou para o representar em Londres, como eneontrou o outro para o representar em Paris. Ia todo curvado sobre o collo, a segredar-lhe ao ouvido sem duvida as torpezas do Portugal. Tinha fama em Lisboa como parteiro, mas este destino não era o que lhe convinha, porquo apenas a Republica veio, passou a ser o seu homem do recados e fez recados a todos. O outro é um fantocho inventado pelo Brito Camacho. Medico. Trinta annos do clinica em S. Paulo. Camacho eondecorou-o com o titulo de homem de seieneia, porquo para este nefasto jogral da politica portugueza não ha medioero que o ajude que não seja um grande homem. Veio para Portugal depois da republica feita. Nunca abriu a boeca, nunea escreveu uma linha. E' ministro em Paris, e a cada passo o lembram para todas as grandezas do Portugal. O seu nome era ha poueo indicado para a Presideneia da Republica. Este Pacheco da demoeracia portugueza não parecee eomtudo confiar na solidez do seu novo destino. O meu senhorio fez-lhe offereer o meu *appartement*, para o easo de lhe

convir. Bettencourt Rodrigues recusou polidamente e esclareceu que não pensava fixar-se em Paris, mas voltar para o Brazil, depois de casar a filha. Os dois agentes de Sidonio entraram na Legação de Portugal. Eu subi após elles ao meu *appartement* a dar uma ultima demão aos meus arranjos domesticos. A' tarde encontrei no *Temps* um excerpto de um discurso de W. M. Hughes, primeiro ministro da Australia, pronunziado hontem em Londres, num bauquete que lhe foi offerecido pelos seus compatriotas, e li com interesse estes numeros a respeito da participação da Australia na guerra: alistaram-se até aqui no exercito inglêz quatrocentos e vinte seis mil recrutas australianos e nove mil na marinha. Morreram até hoje na guerra quarenta e oito mil setecentos e oitenta soldados australianos. Foram feridos mais de cento e oitenta e tres mil. Apenas tres mil duzentos e setenta e quatro foram feitos prisioneiros pelos allemães. A lista total das perdas da Australia ó assim de cento e oitenta e seis mil homens. Até este mez a guerra tem custado á Australia 220 milhões de libras esterlinas.

A Australia tem pouco mais de quatro milhões de habitantes. Portugal tem seis milhões. Forneceu penosamente um esforço militar de quarenta e cinco mil homens e concluiu-o por um desastre.

PARIS, 26 DE JUNHO

Os Gothas, que ha talvez quinze dias não davam que falar de si, voltaram esta noite. Cerca das onze e meia, preparavamo-nos para nos deitar, quando a sereia se

fez ouvir. Logo o telefone do nosso quarto retiniu e a telefonista annunciou a alerta. Depois foi a creada que veio a correr recommendar que fechassemos a electricidade e iamos fazê-lo, quando subitamente cortaram a luz em todo o hotel. Minha mulher ainda muito resentida do seu reumatismo e mal podendo fazer uso do braço esquerdo, vestiu o seu casaco. Eu vesti o meu. Pelos corredores passava gente a correr riscando espavoridamente os maus fosforos de pau, a que a guerra nos reduziu; outra illuminava-se com lampadas de algibcira. Descemos ao *hall*, acompanhámos as muitas pessoas que nos precediam e fomos ter a um vasto recinto illuminado e cheio de cadeiras como uma salla de theatro. E' ali que os hospedes do Hotel Majestic se refugiam agora em noites de bombardeamento. Dentro em pouco, esse refugio encheu-se do uma onda ruidosa, que tomou as cadeiras, poz-so a tagarellar com tanta animação que não diriamos estar ali fugida a um perigo, mas reunida para assistir a um espectaculo, a ponto que alguém disse: — Falta aqui um cinematografo! Como era já tarde, (ás onze e meia, desde que Paris soffre a guerra, toda a gente está na cama) a maior parte das senhoras mostravam por baixo das capas e casacos vestidos á pressa, a fimbria dos seus penteadores. Um sujeito desceu trazendo nos braços um bóbé enrolado em mantas. No meio d'esta gente havia militares, entre os quaes tres officiaes americanos. O ruido das conversações mal deixava escutar os tiros de barragem, que chegavam até nós muito amortecidos a principio e que finalmente deixaram de se fazer ouvir. Todos falavam, as mulheres principal-

mente, que nestas circumstancias se tornam muito communicativas. Uma senhora idosa, acompanhada de uma rapariga nova, que segundo nos disse assistia pela primeira vez a este espectaculo, contou-nos que chegara na vespera de Cuba. Quiz saber se o recinto em que estavamos offerecia garantias de solidez e como lh'as dessemos, gabando a forte construção que se erigia acima do nós, contou-nos a sua viagem no *Lorraine*, um barco magnifico. Tinham vindo por New-York e tinham desembarcado em Bordeus. A viagem fez-se sem grandes sustos, mas estavam as duas extremamente fatigadas. Depois foi um velho casal que se poz a falar comnosco, para nos contar as desgraças da sua familia que é da Somme o perdeu tudo quanto tinha. Não são hospedes do hotel. Vivem em frente na rua de la Perouse, onde o velho homem dirigo o *bureau de poste* o refugiam-se no Majestic, sempre que os Gothas vêm. Pobre gente. No entanto elle felicita-se por ter esse refugio á mão, diz: — *Nous avons tout de même de la chance!* Passa-se uma hora. Algumas pessoas commecam a retirar-se. Finalmento cerca da uma hora, o gerente do hotel, que é um coronel francez reformado, grita da porta: — *Mesdames et Messieurs, la berloque!* Cercam-no, pedem-lhe noticias. Elle refero que ha um incendio violento para as bandas da gare d'Austerlitz e mostra um estilhaço de granada, ainda fresco, ainda reluzente, apanhado na rua de la Perouse. De volta ao nosso quarto, abro a janella. O ceu está um pouco coberto, mas a noite está clara. Ha luar. Na rua bruxoleia um bico do gaz velado por vidros azues. Não passa viv'alma. Algures pela cidade, correm carros de bom-

beiros aecudindo a incendios. Em nossa casa ficou tudo quanto possivel em ordem e nos seus logares. Partimos depois d'amanhã para os Tours e minha mulher diz, deitando-se do novo:— Só nos falta uma noite!

PARIS, 27 DE JUNHO

Ultimo dia em Paris. Ultimo olhar á casa da avenida Kléber. O Alvaro Poppe, vindo do Wimereux e sabendo-me em Paris, passou por cá á tarde. Dizem-no attingido pela tuberculoso e elle mesmo apontando com um dedo ao peito, diz que «aquillo não vae bem». Este Alvaro Poppe é dos raros portuguezes que ainda nos prendem á nossa terra. Que gentil creatura! Vem desolado, desilludido, convencido de que falhou, de que falhámos! Aquillo por lá, entre a tropa portugueza, está em via de liquidação. A indisciplina é geral. Os soldados não respeitam os officiaes, estes não acatam as ordens que lhes dão e o que querem é ir-se embora. O Tamagnini, sem força, sem prestigio, absolutamente incapaz. O general eahiu completamente no conceito da tropa. De Portugal, isto está assente, não vem mais ninguem. Não se tira ninguem, mas deixa-se acabar o que está. Os inglezes tratam-nos o peor possivel. Um desastre. Passa a mão pela cabeça, volta a dizer: — Falhámos! Falhámos! Quizemos construir um edificio numa terra que suppunhamos solida. Era lama, lama! Sahimos de casa e na avenida Kléber sentámonos um pedaço num baneo. Um grupo de officiaes portuguezes passou, uns altos, esgrouviados, ossudos, outros baixos, atarracados, grossos como salpieões. Fizeram-lhe

a continencia, mas nem o conheceram a elle, nem a mim. Elle correspondeu com fastio á continencia e quando se afastaram, lançando-lhes um olhar carregado do despreso, disse: — São uns indecentes! Parte hojo para Lisboa. Os medicos agora recommendam-lhe o Gerez. Não sabo o que hade fazer á sua vida. Em Portugal não quer ficar. Quer exilar-se, quer fugir.

A's onze da noite, os Gothas voltaram. Descemos ao refugio do hotel, onde como hontem so reuniu muita gente e onde o tempo se passou em conversações, sem que ouvissemos o ruido da batalha. O exodo de Paris entretanto continua. Quem pode sabir sabe e leva o quo pode. Muita gento tem conseguido levar comsigo quadros, objectos d'arte, etc. O Estado toma as mesmas precauções. Quatrocentos caixotes contendo preciosidades bibliograficas da Bibliotheca Nacional já foram expedidos de Paris. A idéa da tomada de Paris pelos allemães parece por agora afastada, mas receia-se para breve um bombardeamento intenso. No hotel só estão pessoas de passagem, que vieram como nós retirar das suas casas o que poderam retirar e se demoram o menos tempo que podem. Não ha panico, mas um estado de latente inquietação, como nas vespas de terriveis acontecimentos.

CHÂTEAU DES TOURS, 29 DE JUNHO

Hontem, quando o comboio que me trouxe abalou da gare do Caes d'Orsay, a unica pessoa que lá ficou foi o doutor Lopes, a dizer-nos adeus. Em toda a nossa plataforma, não havia mais ninguem! Espectaculo

impressionador! Só vi assim a gare do Caes d'Orsay na noite de setembro em que o corpo diplomatico, abandonando Paris com o governo, partiu para Bordens. Então tambem lá ficou apenas um homem, na gare deserta, o embaixador da America, a agitar o seu chapéu. O comboio no entanto não vinha a abarrotar. Estavam occupados todos os logares, mas pelos corredores circulava-se sem difficuldade. A maior parte da gente que devia partir já partiu. A que ficou em Paris é a que não o pode abandonar, ou só o abandonará em circumstancias muito criticas. A viagem fez-se sob um sol ardente. O regresso aos Tours foi bem agradável. Minha mulher ainda não está completamente restabelecida e eu estou extremamente fatigado. Procuro agora encontrar em Bordeus um nicho onde nos alojemos, mas Bordeus abarrota de refugiados e o caso não é facil. Em Paris houve um novo raid de Gothas.

LES TOURS, 30 DE JUNHO

O Giovetti apparece-nos agitando um jornal de Lisboa: — O Sidonio acaba de pronunciar a sua sentença de morte! O Sidonio esteve em Elvas. Discursou. Disse: «Quando sahi para o parque Eduardo VII achava natural que me fuzilassem. E' o que farei a quem tentar revolucionar o paiz.»

Do *Seculo* (21-6-18):

«Ponha-se de parte a politica e os partidos, mas do vez, o não com intuitos reservados, pois não está para ser guarda do paiz até seis mezes depois da guerra. E' rude na sua forma do dizer, mas não tem azodumo nem opiniões reservadas. O que vê é a necessidade de encerrar para sempre o ciclo das revoltas em que se tem vivido, estando decidido a meter na ordem todos os que se desmandem por qualquer fórma, dando, nesso sentido, ás autoridades ordens severas e inexoraveis. Quando saíu para o parque Eduardo VII achava natural que o fuzilassem. E' o que fará a quem tentar revolueionar o paiz. Terminou, felicitando o povo e o Sindicato de Elvas e a sua obra, por entre entusiasticas ovações, o vivas á Patria e á Republica nova. A' noite realisou-se um banquete oferecido pelo Club Elvense em que foram troeados muitos brindes e amanhã o sr. dr. Sidonio Paes visitará os quarteis da guarnição, regressando a Lisboa ás quatorze horas. — *Oldemiro Cesar.*»

LES TOURS, 2 DE JULHO

Esforços para encontrar uma casa que nos abrigue em Bordeus. As nossas dez malas de Paris chegaram. Já temos ao menos com que nos cobrir e, quando chegar o inverno, com que nos agasalhar. Quando chegar o inverno! Dura situação a nossa! Proscriptos, pobres, num paiz em guerra, onde a vida so torna dia a dia mais difficil! Se até aqui nesta casa hospitaleira a sentimos! Falta tudo — o pão, o assucar, os viveres de

alimentação. Dias ha em que não se sabe o que se hade comer. O tempo, esse é que continua magnifico. Paris, depois que o deixámos, tem sido bombardeado todas as noites.

LES TOURS, 3 DE JULHO

Homem Christo Filho fez uma conferencia na Sociedade de Geografia de Paris celebrando o esforço militar de Portugal. Este mesmo aventureiro escrevia em 1916 ao publicista francez Marius Ary Leblond, replicando a um artigo do *Paris Midi*, em que este deixava entrever a possibilidade de Portugal entrar na guerra: «Não é exacto que Portugal esteja em condições de entrar na guerra. Uma commissão ingleza foi ha pouco a Lisboa verificar as condições do exercito portuguez. As suas conclusões, ou o seu relatorio, transmittido ao governo inglez, são uma vergonha para nós (*sont une honte pour nous*). Foi Marius Ary Leblond, elle mesmo, quem me communicou uma copia d'esta carta. Foi de resto o mesmo aventureiro quem, numa conferencia realisada na Liga Naval, em Lisboa, no principio d'este anno, denunciou os meus esforços em favor da participação de Portugal na guerra como o maior crime da nossa historia. A situação de Portugal neste momento caracteriza-se assim pela mais impudente mentira de que ha memoria na historia das mistificações internacionais. Entretanto, B. Machado escreve-me de Hendaya: «Meu presado amigo. Acaba de sahir d'aqui o dr. Santos Silva, que seguiu para o C. E. P. E apresso-me a communicar-lhe que trouxe auspiciosas noticias. Como estão? Nossos cordeaes vo-

tos por v. ex.^{as}. Todo seu *Bernardino Machado*.» Auspiciosas noticias! Uma d'ellas chega-me pelos jornaes. Roma reata as relações com a Republica do Sidonio. O papa esereve ao patriarcha de Lisboa annunciando-lhe a proxima reconciliação da egreja com o Portugal republicano.

Do *Temps* (3-7-18):

«Après avoir protesté contre la violation des droits de la religion qui marca le régime de la séparation au Portugal, le pape exprime dans ce document sa satisfaction sur la situation actuelle de la catholicité dans la République. Il déclare que «lorsque l'Eglise jouira à nouveau de tous ses privilèges l'heure de la réconciliation complète avec l'Etat portugais aura sonné».

LES TOURS, 5 DE JULHO

Hontem celebrou-se em toda a França a data da independencia americana. A aldeia de Montagne esteve em festa, toda flamante de galhardetes, bandeiras, balões venezianos... Pela manhã o commandante das baterias, acompanhado do *mair*e, que cingia a sua *écharpe* tricolor, passou revista á tropa Durante o dia, os americanos folgaram num campo visinho de Saint Emilion: houve assalto de box, tracção de corda, espectáculo. Nós almoçamos frugalmente e de pé, a convite do commandante. O dia esteve maravilhoso. Ao jantar, no *château*, disse-se mal dos ingleses. O capitão Van Bleck exprimiou assim o sentimento americano a

respeito d'elles: «O nosso desejo seria que a Allemanha fôsse vencida... e a Inglaterra tambem.»

LES TOURS, 6 DE JULHO

O presidente Wilson autorizou a publicação do relatório official no qual se precisa o numero de soldados americanos que se encontram actualmente em França. Exactamente, um milhão dezenove mil cento e quinze. Assim o especifica esse relatório, que aqui tenho presente.

Entre le mois de mai 1917 et le mois de juin 1918, le chiffre des embarquements a été le suivant :

1917	Mai.....	1.718	hommes
»	Juin.....	12.261	»
»	Juillet.....	12.988	»
»	Août.....	18.323	»
»	Septembre.....	32.523	»
»	Octobre.....	38.259	»
»	Novembre.....	23.016	»
»	Décembre.....	48.840	»
1918	Janvier.....	46.776	»
»	Février.....	48.027	»
»	Mars.....	83.811	»
»	Avril.....	117.212	»
»	Mai.....	244.345	»
»	Juin.....	276.372	»

O numero dos soldados portuguezes que vieram para França esse ficou sempre ignorado. Portugal, *d'accordo com a Inglaterra*, como não cessava de me dizer nas suas communicacões officiaes o Augusto Soares, nunca o revelou. Quando eu em Paris affirmava nas minhas conversações que um numero já avultado de portuguezes se encontrava em França, os meus interlocutores não deixavam de exclamar surprehendidos: — Mas porque não se diz isso? O certo é que nunca se disse, e sempre que algum jornal o pretendeu dizer, a censura franceza foi-lhe á mão. Reclamei contra a censura franceza e sempre, sempre as autoridades francezas me objectaram que a censura obedecia a um *mot d'ordre* inglez: era preciso occultar aos allemães o numero de portuguezes que se encontravam em França. O Soares achava isto naturalissimo. O papel da Inglaterra junto de nós, nesta guerra, faz honra ás tradições de perfidia dos inglezes. Os Gothas não têm voltado a bombardear Paris e o grosso canhão ha muito tempo que não se faz ouvir. Continua-so na expectativa da nova offensiva allemã. Começam a chegar agora aos Tours a *Republica* e o *Mundo*. Dão a impressão de orgãos de opposição monarchica, como antes do 5 de outubro.

LES TOURS, 7 DE JULHO

O presidente Wilson definiu mais uma vez os objectivos da guerra em um discurso que pronunciou quinta-feira passada junto do tumulo de Washington. Segundo elle esses objectivos são os seguintes:

«1.° La destruction de tout pouvoir arbitraire, en quelque lieu que ce soit, qui puisse, isolément, secrètement et de par sa seule volonté troubler la paix du monde; si ce pouvoir ne peut être détruit actuellement, le réduire au moins à une virtuelle impuissance;

2.° Le règlement de toute question concernant soit les territoires, soit la souveraineté nationale, soit les accords économiques ou les relations politiques, sur la base de la libre acceptation de ce règlement par le peuple immédiatement intéressé et non sur la base de l'intérêt matériel ou de l'avantage de toute autre nation ou de tout autre peuple qui pourrait désirer un règlement différent en vue de sa propre influence extérieure ou de son hégémonie;

3.° Le consentement de toutes les nations à se laisser guider dans leur conduite à l'égard les unes des autres, par les mêmes principes d'honneur et de respect pour la loi commune de la société civilisée, qui régissent les citoyens pris individuellement de tous les Etats modernes dans leurs rapports réciproques, de telle sorte que toutes les promesses et toutes les conventions soient religieusement observées, qu'aucun complot ni aucune conspiration particulière ne soit tramé, qu'aucun préjudice ne soit impunément causé dans un but égoïste, et qu'une confiance mutuelle, établie sur le noble fondement d'un respect mutuel du droit, soit instaurée;

4.° L'établissement d'une organisation de la paix qui donnera la certitude que le pouvoir combiné des nations libres empêchera tout empiétement sur le droit

et qui contribuera à assurer davantage lo respect de la paix et de la justice par l'établissement d'un véritable tribunal de l'opinion dont les décisions devront être acceptées par toutes les nations et qui sanctionnera toute modification internationale sur laquelle les peuples directement intéressés ne pourraient se mettre d'accord amicalement.»

Arquivo expressamente nas paginas d'este diário estas definições dos objectivos da guerra actual, para o caso de ser preciso recordá-las um dia, quando se fizer a liquidação dos interesses comprometidos nesta guerra. No mesmo pensamento, junto aos objectivos da guerra definida pelo presidente Wilson os seus objectivos definidos por Lloyd Georges, no discurso que pronunciou em Londres, em 5 de janeiro d'este anno, na presença dos delegados das Trade Unions. Justamente encontro esse documento entre alguns dos meus papeis.

Lloyd Georges começou por dizer que as declarações que ia fazer exprimiam não só a opinião do governo, mas a da nação e a do imperio britannico.

Le Temps :

«Par les paroles que je vous adresse aujourd'hui, et qui seront entendues du monde entier, j'ose dire que j'exprime non seulement l'opinion du gouvernement, mais encore celle de la nation et de l'empire britannique dans son ensemble.»

A Grã-Bretanha entrou na guerra para defender o direito publico o a justiça internacional ameaçada.

«Ils nous fallait soit entrer dans la lutte, soit roster spectateurs, voir l'Europe vaincue et la force brutale triompher du droit public et de la justice internationale.

Seule la perception de cette effroyable alternative a contraint lo peuple britannique à entrer en guorre.»

Referindo-so ás vagas declarações feitas pelo conde Czernin, em nome da Austria, sobre as intenções das potencias centrais, disse :

«Est-ce à dire que la Belgique, la Serbie, le Montenegro et la Roumanio seront aussi indépendants, aussi libres de diriger leurs destinées que les Allemands eux-mêmes ou que toute autre nation, ou bien est-ce à dire qu'on leur imposera toutes sortes d'ingérences et de restrictions politiques et économiques incompatibles avec la situation et la dignité d'un peuple émancipé qui so respecte? Si telle est l'intention de nos ennemis, il y a done une espèce d'indépendance pour une grando nation et une espèce inférieure d'indépendance pour une petite nation. Il nous faut savoir ce que l'ennemi veut dire, car l'égalité des droits des nations, les petites aussi bien que les grandes, est un des principes fondamentaux pour lesquels la Grande-Bretagne et ses alliés combattent dans cette guerre.»

Finalmente (e aqui termina a parte do discurso de Lloyd Georges quo interessa ás pequenas nações) defi-

nindo o direito que os povos têm de dispor de si mesmos, disse :

«L'époque du traité de Vienno est bien loin de nous. Nous ne pouvons plus remettre l'avenir de la civilisation européenne aux décisions arbitraires d'une poignée de négociateurs s'efforçant par la chicane ou la persuasion à garantir les intérêts de telle ou telle dynastie ou de telle ou telle nation. Le règlement de l'Europe nouvelle devra être fondé sur principes de raison et de justice qui en garantissent en quelque mesure la stabilité. C'est pourquoi nous estimons que le principe du gouvernement par le consentement des gouvernés doit servir de base à tous les règlements territoriaux qui suivront cette guerre. C'est pourquoi aussi les traités doivent être respectés et que chaque nation doit être prête, quoi qu'il lui en coûte, à faire honneur à sa signature. Sans quoi, tout traité de paix ne vaudra même pas le papier sur lequel il est écrit.»

Sinto não ter colligido desde o principio da guerra todas as afirmações que neste mesmo sentido têm sido feitas pelos homens d'Estado inglezes.

Desordens violentas em Lisboa numia conferencia promovida pelos evolucionistas. Intervenção dos sicarios do Sidonio. Tiros de revolver, bengaladas. Um morto. Feridos.

LES TOURS, 10 DE JULHO

Fui a Bordeus procurar casa. Um calor infernal. Eu, muito deprimido. Passoi a manhã o a tarde a correr

Bordeaux num automovel de praça. Nada quo nos sirva. Os bordelezes, hoje, como em 1914, estão fazendo pagar cara a guerra aos que procuram a sua hospitalidade. Pelo menor coehicho, com alguns moveis, se pede 500 a 1000 francos mensaes. Na tarde d'esse dia, fui dar fundo ao escriptorio do Giovetti, na casa da rua do Jardin Publie, que habitámos em 1914, e ahi, *à bout de souffle*, extenuado, deixei-me cahir numa cadeira, mais morto que vivo, e tive então a impressão de ser bem uma *épave* do naufragio do meu paiz. Passei a noite num pequeno quarto d'hotel. Pela manhã senti-me mal, fraeo, sem pernas. Felizmente, o Giovetti voltou aos Tours o eu voltei com elle, mas em Libourne teve que fazer, demorou-se e emquanto foi á sua vida, esperei-o num café deserto, olhando tristemente para um grande largo vasio e varrido por turbilhões de poeira. Nos Tours, a ealma, a serenidade, o sileneio de sempre, mas tambem a depressão do isolamento. Cansaço. Cama. Das novas intenções allemãs não ha noticias. Dir-se-hia que o seu poder offensivo acabou por eeder. Franceezes e inglezes prenunciam todos os dias ataques, com pequenos ganhos de terreno, mas sempre com gauhos o fazendo prisioneiros. Os Gothas não vêm a Paris ha muitos dias já. O grosso canhão não voltou a falar. O que esperam os allemães. ? O que estão fazendo ?

LES TOURS, 11 DE JULHO

Em Portugal chegou-se a isto. A' porta da casa onde se realisou a conferencia evolucionista, um empregado do ministerio das Subsistencias espancava as possaoas

que sahiam com um chicote de cavallo marinho. Um medico escreve á *Manhã*: «O povo portuguez contem o germen de todas as escravidões.» O auctor d'este conceito invoca a sua autoridade de medico e — accrescenta — de psychologo, para o tornar publico. Assim, no momento em que todas as energias nacionaes nos eram precisas para mais uma vez reagir contra os golpes de um nefasto destino politico, o que apparece são pedantes a fazerem frases sobre o afinal menos culpado dos males que nos affligem, que é o *povo*.

LES TOURS, 15 DE JULHO

Um destacamento de soldados portuguezes desfilou hontem nas ruas de Paris e recebeu das mãos do Presidente da Republica a Legião de Honra e a Medalha Militar. Á avenida de Sofia (pobre avenida de Sofia! não tem cem metros de comprimento!) foi dado o nome de avenida de Portugal. O actual ministro de Portugal em Paris assistiu da tribuna do corpo diplomatico ao desfile dos soldados portuguezes, que, dizem os jornaes, foram muito aclamados. Sidonio Paes telegrafou ao presidente Poincaré. Assim a abominavel traição que um grupo de agentes allemães levou a cabo em Portugal está recebendo um pleno coroamento. Os homens que levaram Portugal á situação de nação belligerante estão proscriptos; os amigos da Allemanha estão no poder e esta enormidade recebe a consagração dos Alliados!

LES TOURS, 16 DE JULHO

Os allemães recommçaram a offensiva cntre Château Thierry e Reims. Ao mesmo tempo, o grosso canhão recommçou a disparar sobre Paris. Os resultados do novo ataque dão a impressão de que os allemães perderam uma parte do seu poder offensivo. O seu objectivo é o de passar o Marne, o que fizeram nalguns pontos, mas foram repellidos pelos americanos. Os jornaes de Paris são optimistas. A Republica do Sidonio fez as pazes com Roma, e Lisboa, como no tempo da realeza, tem outra vez um nuncio. O *Mundo*, como no tempo da monarchia, appella para os *liberaes*. Pobre *Mundo*! esqueceu-se de que está em republica! Não appella sequer já para os republicanos. Entretanto o auctor da lei da separação não encontra na garganta um grito de protesto contra a destruição da sua obra e continua em Hendaya, calado como um rato, á espera dos acontecimentos. «O Affonso Costa, dizia-me ha dias em carta o B. Machado, *tem estado* para lhe escrever.» Do Galhardo, que nunca mais deu razão de si e continua em Madrid, diz-me: «O Galhardo ia escrever-lhe.» Que gente e que lingua!

Ha tres dias faz aqui um calor excepcional e como só o senti em 1892, no Gabão. Não se pode dormir. A questão da casa em Bordeus está ainda por resolver. Dei a mim proprio seis mezes para ver acabado aquillo em Portugal. Vamos a caminho de sete e minha mulher diz que aquillo não acabará enquanto não acabar a guerra.

O *Temps* publica o telegramma de Sidonio Paes ao Presidente Poincaré :

«Je saisis avec empressement l'occasion de la fête nationale française du 14 juillet, pour adresser à Votre Excellence le salut amical que la République Portugaise envoie à la France. Fidèle à ses sentiments envers les pays amis et alliés, c'est du fond du cœur que le Portugal célèbre aujourd'hui le nom de la nation à laquelle la liberté moderne est redevable de si précieuses conquêtes et dont l'héroïsme sublime enorgueillit tous les peuples qui luttent pour la même cause invincible.

En assurant donc Votre Excellence des vœux ardents que je forme pour le bonheur et la prospérité de la France glorieuse, j'exprime mes sentiments personnels et ceux du gouvernement de la République et je suis l'interprète fidèle du peuple portugais.»

SIDONIO PAES

Président de la République Portugaise.

Não sei o que o Presidente Poincaré lhe respondeu, nem o dizem os jornaes que me chegam ás mãos, mas é preciso que as relações entre os Estados sejam uma coisa bem precaria para que um aventureiro do estofo de S. Paes se faça reconhecer até este ponto como chefe d'Estado. A quem cutretanto este facto mais affecta é a B. Machado, que não vê nelle senão uma manifestação de *déchéance* pessoal. Seja como fôr, não

É menos certo que o homem a quem em outubro de 1917 o governo da Republica Franceza concedeu tantas honras tem razões para estar surprehendido com o que se passa.

LES TOURS, 17 DE JULHO

As noticias da offensiva chegam amortecidas, como um facto que se passasse longe d'aqui, noutra paiz. No *château* estão só as duas pequenas e Madame David. Madame Giovetti está em Vichy e o marido outra vez em Paris. Não ha aqui actualmente com quem falar, com quem trocar impressões ! Não me correspondo com ninguem. O silencio e a calma d'este sitio pesam sobre mim como chumbo. Vêm jornaes portuguezes, mas é um mau bocado. Antes não viessem ! Que baixa mentalidade a nossa e como nesse paiz se escreve mal !

LES TOURS, 19 DE JULHO

Grande noticia ! Os francezes e os americanos tomaram a offensiva, ganharam já dois ou tres kilometros de avanço. Será d'esta vez ? O Giovetti chegou de Paris. Trouxe consigo o Dubarry. Ao almoço falou-se da victoria d'hontem e do processo Malvy que está correndo. Este Malvy é o bode expiatorio da Republica Franceza. Mas tambem como a sua personalidade se presta a esse papel ! Ainda me recordo da impressão que elle me produziu a primeira vez que o vi no Ministerio do Interior, onde exercia, creio, as funcções de chefe de gabinete do ministro. Foi isto em 1911, ou 1912. Nunca vi creatura de tão fraco aspecto : magro,

esgrouviado, livido, de uma lividez cadaverica e mal apresentado! E' certo que o aspecto geral do Ministerio do Interior não era melhor do que o d'elle. Tudo nessa casa nos deixava entrever um pouco d'aquella Republica a que aqui chamam *la République des camarades*. O que vi emquanto me demorei na ante-camara do ministro deu-me a impressão de estar num logar mal frequentado. Mais tarde, tive occasião de o procurar nesse mesmo ministerio, sendo elle ministro. O seu aspecto era melhor e estava mais bem vestido, mas guardava na face escaveirada a sua lividez caracteristica. O que me levou a procurá-lo foi o caso Oscar Blanc, um Oscar Blanc nascido em Portugal e filho de allemão, expulso de França a reclamação da autoridade militar de Paris, e por quem o Governo Portuguez se interessava. Recebeu-me com aquellas maneiras artificiosas que são as dos homens publicos da Republica quando têm que se entender com diplomatas; e como ignorava completamente o caso Oscar Blanc, tocou uma campainha, pediu o *dossier*. Reparei que se tratava por tu com o individuo que veio trazer-lho. Mais tarde increparam-lhe o tratar-se por tu com o celebre Almereyda do *Bonnet Rouge*, um tratante que veio a morrer na cadcia. Este tratamento familiar é de resto corrente nos meios politicos francezes e em especial na Camara, o que já fez dizer não sei a que malevolo espirito *qu'à la Chambre tout le monde se tutoie comme au baigno*. O desgraçado Malvy lá está pagando as favas da *république des camarades*. O Dubarry diz com um regosijo cannibalesco, *qu'on lui foutra au moins cinq ans de prison*. Se as negligencias, as con-

descendencias, as transacções e fraquezas de que o Malvy é accusado deversem levar á cadeia os homens que têm governado a Republica em l'ortugal, não ficava um só em liberdade. Na Republica Portugueza, o principio de governar pactuando com os inimigos do regimen foi erigido em principio de governo. O resultado deste methodo viu-se. O Malvy era jogador e esta paixão não contribuiu pouco para o seu descredito. Em Portugal, o Alexandre Braga arrasta uma vida sem pudor pelas tavolagens publicas, o que não o impede de ser o porta-voz dos democraticos, o amigo de Affonso Costa, o menino bonito de B. Machado. Não se tem desacreditado só a si, mas á Republica. Quando foi ministro do Interior, toda a autoridade do governo se foi abaixo. Pouco antes de se dar a sedição de 5 de Dezembro, foi ao Brazil, presidindo a uma embaixada de intellectuacs, dizia-sc. Foi isto uma ideia do Bernardino Machado, que este anno em Paris me explicava ter tomado a iniciativa de pôr o Alexandre, como elle diz, á testa da missão — para «o regenerar»! Com um mentecapto de tal tara á frente da nação, era inevitavel o que succedeu. Não sei se contei neste diario que em novembro de 1918, quando o Affonso Costa e o A. Soares vieram a Paris assistir á conferencia dos inter-Alliados, o Alexandre Braga ficou a dirigir interinamente a pasta dos Extranjeros e que aproveitou esta circumstancia para continuar pela via diplomatica a sua correspondencia amorosa com uma franceza com quem se mostrou em Lisboa, em taes termos que até os jornaes se occuparam do caso. O certo é que Alexandre Braga entrou a enviar as suas missivas á fran-

ceza na correspondencia official da Legação de Paris. De resto, é incorrigivel. Quando passou por Paris, vindo do Brazil, já depois do golpe de Lisboa, que o atirou a terra, trazia consigo o Bessa de Carvalho e o cunhado, poeta, e com estes gastava-se ás noites nos peores sitios gastando dinheiro á doida, como sempre. Creio que está agora em Portugal, escondido, á espera da revolução.

LES TOURS, 20 DE JULHO

As noticias da contra-offensiva são cada vez melhores: desesete mil prisioneiros, tresentos e sessenta canhões tomados. Grande momento de esperanza!

LES TOURS, 31 DE JULHO

Excellentes noticias da offensiva, vinte mil prisioneiros, quatrocentos canhões. Mas proseguirá ella, ou soffrerá como todas, mesmo as dos allemães, uma subita paragem? E' o que ainda hoje pergunta num jornal de Bordeaux um general francez, que parece não comprehender a razão por que os belligerantes d'esta guerra *n'exploitent jamais leurs succès*. E' o que eu pergunto a mim mesmo. Entretanto a contra-offensiva actual é, depois da Marne, o facto que está destinado a attingir mais profundamente o prestigio militar dos allemães, porque se dá justamente na occasião em que o seu poder inspirava mais receios aos seus adversarios e mais esperanças aos seus amigos, entre os quaes conto os de Portugal. Por isso, as noticias que vem vindo

me trazem um grande regosijo, porque são outros tantos golpes que estes recebem.

Exactamente como em Lisboa, os germanofilos da Romenia tratam como criminosos os homens publicos que levaram este paiz á guerra. Appareco publicada esta carta de Victor Antonesco, que foi ministro da Romenia em Paris, dirigida ao rei Fernando :

Le Temps (21-7-18) :

«Sire

J'apprends par les journaux que le gouvernement roumain, d'accord avec ses Corps législatifs, est décidé à mettre en accusation les membres de l'ancien gouvernement de M. Jean Bratiano. Comme j'ai eu l'honneur de faire partie de ce gouvernement, je prie Votre Majesté de daigner intercéder pour que je puisse rentrer à Jassy, ainsi que ma femme, avec toutes les garanties nécessaires.

Je conteste le droit de faire des actes d'autorité à un gouvernement qui fonctionne sous le contrôle militaire de l'Allemagne et qui, à l'égard de notre mise en accusation, exécute un ordre reçu publiquement de Berlin. Je conteste la légitimité des Chambres élues pendant l'occupation militaire de l'ennemi, en vertu d'un système électoral aboli par la Constitution révisée en 1917 et à la suite d'une dissolution irrégulière des Chambres constituantes élues par la Roumanie libre.

Mon devoir me commande néanmoins de me trouver dans le pays à côté de mes anciens collègues. Le règne de Votre Majesté marquera dans l'Histoire par

la lutte du peuple roumain pour son unité nationale. Les ennemis de notre race, par un procédé politique indigne, croient pouvoir souiller cette noble action ; c'est une indignité de plus à leur charge déjà trop lourde.

Le ministère Bratiano, en exécution de la volonté unanime de tout un peuple, en août 1916, a déclaré la guerre à l'Autriche-Hongrie, et a affirmé ainsi le droit imprescriptible de notre race à son unité.

Si c'est de ce crime que nous nous sommes rendus coupables, nous en faisons, sire, l'honneur de notre vie, et nous espérons fermement que la conclusion naturelle de cette terrible guerre en fera une réalité pour notre cher pays.

De Votre Majesté, le très obéissant serviteur — *Victor Antonesco.*

Bordeus, 29 DE JULHO

Durante oito dias andamos a monte, dormindo num hotel e comendo pelos pequenos restaurantes, enquanto não se arranjou o nicho em que vimos finalmente abrigar-nos. Receiava ter de cair no horror das velhas casas de Bordeus. A realidade d'esta vez deu-me satisfação. A casinha que começamos a habitar numa tranquilla ruella da communa de Candéran, é pequenina, mas construida de freseo: um rez-do-chão e um andar, tudo exiguo, mas novo, intacto. O rez-do-chão compõe-se de um quarto, uma salinha de jantar, uma eosinha minuscule e uma varanda vidrada que abre sobre seis metros de quintal, onde começam a creseer um platano, uma cerejeira e uma nogueira. Este é o nosso dominio. Em cima mora, com a mulher

e a filha, o proprietario d'este palacio, um reformado da guerra, ferido em Tahure. Viemos para aqui ante-hontem, com um carregamento de mallas. Não temos creada. Minha mulher faz o comer: nunca comi tão bem. Pela manhã ajudo-a a fazer a cama, com os nossos lençois e os nossos cobertores trazidos de Paris. Esta manhã sahi ás compras, no boulevard de Candéran. O tempo está fresco e estes primeiros dias passados na intimidade depois do tumulto domestico do Château des Tours, parecem-me bem agradaveis.

Entretanto, as noticias da guerra continuam a ser excellentes. Os franco-americanos têm continuado o seu movimento de avanço e hontem occuparam o Tardenois. Château Thierry já se encontra a vinte kilometros da linha da frente. A Marne, onde pela segunda vez os allemães vieram baquear, está livre. Está livre Paris! As noticias do Oriente são confusas, mas de um conjuncto agradável. O Japão vae intervir na Siberia. A Ukrania está levantada contra os allemães. O bolchevikismo tem os seus dias contados. Na Albania, os austriacos cedem terreno, fazem-se bater. Em França renasceu a tranquillidade. A victoria, agora, parece certa. O vinco que todo o francez trazia na fronte desapareceu. Em Portugal abriram as Camaras, com o apparato dos tempos da realza. Como porem a Republica ainda existe nominalmente, tocou-se a *Portuguesa* na sala da Camara dos Deputados. A minoria monarchica não se levantou. Este facto não provocou protestos e sem duvida já ha a esta hora em Portugal quem explique que elle é uma manifestação legitima de opinião. Sidonio Paes, que se apresentou na Ca-

mara como outr'ora o rei, leu uma especie de discurso da corôa. Procurei-o com curiosidade nos jornaes portuguezes, porque o vi annuciado na *Gironde*, como uma affirmação mais dos sentimentos de fidelidade do governo portuguez para com os Alliados. A mentira continúa. O que o Sidonio disse foi que procuraria render a gente que está em França, isto para tapar a bocca aos paes e mães de familia que reclamam os seus que cá estão. Em Portugal convencionou-se chamar a isto o *roulement*, como se um exercito em campanha se revezasse! Não ha, nem haverá *roulements*, está claro, porque não foi para que os mandasse para a guerra que os nossos bravos militares inventaram o Sidonio, o qual se encontra assim num mau passo visto não lho ser possivel prolongar indefinidamente uma situação segundo a qual uma parte do exercito portuguez está na guerra e outra nas ruas de Lisboa a passeiar. Como procura elle conjurar a difficuldade? ganhando tempo, a ver, como se diz no nosso calão nacional, em que param as modas — se os allemães entram em Paris, o que seria para elle a mais favoravel das hypotheses, ou mesmo se a guerra acaba. A sedição de Dezembro foi feita contra a guerra o para que não fôsem mais soldados para a guerra. O destino de Sidonio Paes está amarrado a este *desideratum*.

Bordeus, 1 DE AGOSTO

Desde que viemos para aqui, não tornei a sahir de casa. Minha mulher faz a cosinha, lava a loiça — a pobre, emquanto não so arranja uma creadita que a

ajude. Apesar d'isso, o nosso destino açoutado por tantos furacões parece ter encontrado um ancoradouro. Hoje, depois do jantar, fizemos as contas das nossas despesas. Gasta-se pouco, apesar da vida extremamente cara, o que nos traz uma certa tranquillidade. A vida em hotéis e restaurantes é ruinosa. Pela manhã e à tarde, os jornaes de Bordeus trazem-me as noticias da guerra. As de hoje dão a impressão de que a contra-offensiva franco-americana está detida pelo menos momentaneamente. Ao saber isto, não somos superiores a um sentimento de enfado, de quasi *découragement*. Quando, quando virá o dia do definitivo arranco, aquelle que não parará mais e que nos dará enfim, enfim, a impressão definitiva da victoria? Toda a esperança, agora, está depositada nos americanos, mas quando, quando serão elles bastante numerosos para quebrarem a cintura de ferro da Allemanha?

Bordeus, 2 DE AGOSTO

Passando em revista um antigo caderno d'este *Diario* (o 1.º de 1914) leio em 29 de janeiro: «Alludindo á minha mania dos moveis antigos, minha mulher disse-me hoje: — *Poderemos pôr uma loja de antiguidades, quando vier o exilio.*» E mais adiante, a 1 de fevereiro do mesmo anno: «Como vae acabar isto? (a crise politica em Portugal). Hoje, mau dia, desassocego, idéas negras. Minha mulher continua a falar no exilio.» Boas noticias da guerra: os franco-americanos recommçaram o seu avanço. Em Portugal assalto ao jornal *A Montanha* do Porto, por um bando de sicarios.

Na nova camara, um certo Tamagnini Barbosa, que desempenha as funcções de secretario d'Estado do Interior, disse: «Ninguem ignora que as autoridades estão exercendo a sua acção numa atmosfera de crimes. Emquanto eu fôr secretario d'Estado do Interior, hei-de fazer tudo para manter a ordem». E acrescentou: «Oxalá eu não tenha de trazer á camara um projecto de lei violento, o mais violento possivel para reprimir certos actos que se estão succedendo hora a hora.» Estas enormidades, na bocca de um ministro, só em Portugal se ouvem. Parece um país de doidos. E est'outro caso? Entrevistado por um redactor da *Lucta*, o commissario geral da policia de Lisboa disse-lhe:

— Os policias não são para levar *porrada*!

— São para dar? perguntou-lhe o homem da *Lucta*.

— Sobretudo nos formigas braneas! contestou o commissario. E acrescentou:— Eu sou principalmente anti-democratico. E é por isso mesmo que aqui estou.

Encontro isto narrado no *Mundo* de 28 de julho ultimo e pergunto a mim mesmo se uma sociedade em que são possiveis e consentidas estas manifestações ainda é susceptivel de transformação.

O tipo de reacção que se está operando em Portugal é absolutamente miguelina. E' um caso espantoso de repressão.

Bordeus, 3 DE AGOSTO

A grande noticia d'hoje é a da *reprise* de Soissons. As tropas alliadas continuam a avançar. Os jornais da tarde exprimem já os primeiros regosijos da victoria. E' o principio do fim? Talvez. A Allemanha começa

a declarar-se fatigada e a reclamar — a paz. Num artigo commemorativo do quinto anno da guerra, a *Gazeta de Colonia* escreve :

«Le peuple allemand a déjà consenti de très grands sacrifices. Il en supportera d'autres encore. Mais quant à l'état d'esprit des masses, il n'est plus le même qu'au début. On comprendra qu'il n'a pas pu se maintenir toujours au même niveau. Déjà, au commencement des hostilités, nous désirions tous ardemment que la guerre ne fût pas longue, mais ce désir est devenu, avec chaque semaine qui passait, plus fort et plus impérieux. Aujourd'hui, un seul appel se fait entendre dans toute l'Allemagne, un cri qui domine tous les autres : «La paix !»

Em outro artigo expondo a situação ao cabo de quatro annos de guerra, as *Ultimas noticias de Munich* escrevem :

«Tout parti qui se mettrait en travers de cette volonté de paix aurait le peuple allemand tout entier contre lui.»

E' evidente que estes votos, tão claramente expressos, são já o resultado do insuccesso da grande offensiva allemã.

Por outro lado, o imperador lançou esta proclamação :

AU PEUPLE ALLEMAND

Quatre années de durs combats sont écoulées, remplies d'actes éternellement mémorables ; l'exemple de

ce que peut un peuple qui lutte pour la cause la plus juste, pour son existence, a été donné à tous les siècles.

La cinquième année de guerre, qui pointo aujourd'hui, n'épargnera pas non plus d'autres privations et d'autres épreuves au peuple allemand.

En ce jour anniversaire, nous pensons tous avec douleur aux lourds sacrifices qu'il a fallu faire à la patrie, aux grands vides qui existent dans nos familles.

Nous n'avons rien épargné pour amener la paix dans le monde bouleversé, mais la voix de l'humanité ne trouve pas encore accès dans le camp ennemi. Chaque fois que nous avons prononcé des paroles de conciliation, on a répondu par la raillerie et la haine. Nos ennemis ne veulent pas encore la paix. C'est pourquoi il faut combattre encore et agir jusqu'à ce que nos ennemis soient prêts à reconnaître notre droit à l'existence, tel que nous l'avons disputé et conquis, victorieusement, contre leur formidable assaut.

Dieu soit avec nous.

En campagne, 31 juillet 1918. — *Guillaume, I. R.*

Este documento é que caracteriza o momento presente para a Alemanha. Sem o insucesso da grande offensiva outra seria a linguagem do imperador. A duplicidade e o espirito de mentira do caracter allemão não cessa de manifestar-se pela voz d'este homem, que ora é volumosa e arrogante, ora é baixa e timida segundo as circumstancias. Mas se não ha povo mais impostor e mentiroso do que o povo allemão, não ha povo que empregue mais grosseiramente a mentira. A montira é uma arma elegante. Os allemães servem-se

d'ella como uns desastrados. Quando depois d'esta guerra se colligirem as proclamações do imperador o mundo pasmará de tanta contradição.

BORDEUS, 4 DE AGOSTO

Hontem, parou-me á porta um automovel e logo me pareceu, ouvindo-o, que um automovel á porta d'esta casinha modesta e nesta rua deserta, devia ser para mim. Era com effeito para mim e trouxe-me um emissario. Fi-lo entrar na nossa exigua sala de jantar. Elle depoz sobre a mesa tres cartas e falou de Portugal, onde vae frequentemente porque ó negociante de vinhos e tem um escriptorio em Bordeus. E' republicano, já se vê, e collabora na obra que, segundo me disse, se está apprehendendo para acabar com a vergonha nacional. Como todos os portuguezes é muito impreciso e confuso nas suas palavras, mudando constantemente de assumpto. Eis, segundo elle, o que se passa. No Porto e nas provincias a situação ó excellente para os republicanos. No Porto contar-se-hia com as forças da guarnição. Em Lisboa ó que a situação seria difficil. Os regimentos estão nas mãos de monarchicos. No entanto poder-se-hia contar com a Guarda Fiseal, que foi sempre e continua fiel á Republica, e parece que com o Campo Entrincheirado. As difficuldades da situação em Lisboa, onde parece que Sidonio Paes ó fortemente apoiado pela tropa da guarnição, levam-no a dizer que a opinião de muitos é que a melhor maneira de as vencer seria começar por derrubar o Sidonio. Entretanto, o Porto está segundo parece decidido a romper

as hostilidades se a situação de Lisboa se mantiver e falam-me então numa marcha possível sobre Lisboa. Seria a guerra civil. Entre os homens que andam mettidos nesta empreza, citou-me o Alvaro de Castro e o official do marinha Lança, que se distinguiu pela sua bravura na defeza do governo legal em dezembro do anno passado e foi gravemente ferido na jornada de 5. O que porem me referiu de mais interessante, pedindo-me primeiro que eu lesse uma carta que me trouxe de Luiz Galhardo e na qual este escreve: «Entreguei á Legação de França um interessante documento, cujo conteudo lhe será referido verbalmente», foi o que segue: uma portugueza que so encontra actualmento na Allemanha, internada, segundo elle diz, descjando corresponder-se com a sua familia em Portugal, utilisou-se da intervenção de um secretario da embaixada hespanhola em Berlin, o qual transmittiu a um irmão, que reside em Madrid, com o pedido de *faxer seguir*, uma carta que a referida portugueza lhe confiou. O irmão do secretario de Hespanha, segundo pude deprehender da narrativa que me foi feita, seria diplomata tambem, ou funcionario do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de Hespanha e como, por motivos que desconheço, esteja em relações com Luiz Galhardo, e saiba que este entretem activa correspondencia com Portugal, pediu-lhe para fazer chegar ao seu destino a carta da portugueza internada na Allemanha. Recusa de Luiz Galhardo, que lhe fez ver o risco que importava para elle o facto de se tornar intermediario de correspondencia entre a Allemanha e Portugal. O irmão do secretario de Hespanha concordou com este ponto de vista e a

carta ia ser simplesmente inutilisada, quando antes do fazer, os dois se lembraram de a abrir e tomar conhecimento do seu contheudo. Sinto que Luiz Galhardo não me tenha enviado simplesmente a copia da carta. Este Luiz Galhardo faz sempre as coisas incompletas o parece apostado em me intrigar. Segundo o atabalhoado resumo que me foi feito por Emigdio Pereira (chama-se assim o correspondente de Luiz Galhardo) a portugueza da Allemanha informaria a familia de que contava regressar breve ao país e estava sendo ali muito bem tratada *graças á intervenção de Sidonio Paes*. Convencido como estou de que Sidonio Paes é simplesmente um agente allemão, esta informação imprecisa e incompleta não me trouxe aquella especie de satisfação que ainda espero ter um dia, quando a minha convicção ficar absolutamente demonstrada. No entanto, para que Luiz Galhardo julgasse conveniente, communicar este caso á embaixada de França, é preciso que elle tenha alguma significação. A carta de Galhardo, que apenas contem algumas linhas, diz mais: «Tencionava ir agora ahi, mas sou aqui indispensavel em faeo do communicações recentes.» Com effeito Emigdio Peroira diz que se espera para breve alguma coisa em Portugal. Afim de obter d'elle algumas informações mais precisas, interroguei-o. Perguntei-lhe principalmente se a força de Sidonio Paes não correspondia ao medo á guerra e ao sentimento, que é o de muitos, da cobardia. Concordou em que assim era até certo ponto, mas que por outro lado o claro abandono a que foi votado o esforço militar (já não se preparam soldados e a Eseola dos Officiaes Milicianos por assim dizer

deixou de funcionar) está provoeando uma reaeção de dignidade patriótica. Esta reaeção é principalmente alimentada pelos officiaes que voltam do *front*, ou vam a Lisboa com licença e que contam aos seus camaradas até quo ponto esse abandono é completo. Entre esses officiaes, mesmo os que têm opiniões monarchieas estão indignados com o quo se passa. Perguntei-lhe se em Portugal se viu já claramente que o objectivo da dietadura Sidonio Paes é fazer cessar o esforço militar de Portugal. Respondeu-me que toda a gente o sabe, assim como toda a gente sabe que são os allemães quo alimentam a actual situação em Portugal. Para esse effeito funciona em Madrid um *comité* constituido do allemães expulsos do Portugal e ao qual presido o negoeiante Wimmer. Sobre isto, o homem foi-se embora.

Os americanos fizeram oito mil prisioneiros e tomaram cento e trinta e tres canhões; mas porque é que a imprensa de Bordeus não regista este faeto no meio das suas apparatusas *manchettes*, nem lho faz no texto dos seus artigos entusiasticos a allusão que elle merece? O certo é que apenas o vejo assignalado no comunicado americano, modelo de energia e de confiança. Não resisto a deixá-lo fiar aqui:

3 août (soir).

Les résultats de la victoire acquise par la contre-offensive entreprise si glorieusement par les troupes franco-américaines, le 18 juillet, ont été complètement obtenus aujourd'hui.

L'ennemi, qui a subi sa seconde défaite sur la Marne,

a été repoussé en désordre au delà de la ligne de la Vesle.

En dépit de très lourdes pertes, l'ennemi s'est montré incapable d'arrêter l'attaque de nos troupes qui combattent pour la liberté côte à côte avec les soldats aguerris de la France, de la Grande-Bretagne et d'Italie.

Au cours des opérations, huit mille quatre cents prisonniers et cent trente-trois canons ont été capturés par nos soldats.

E' este talvez o primeiro viril documento de victoria que cae sob os meus olhos, depois que começou esta interminavel guerra. Por outro lado, um milhão e trezentos mil americanos estão já em França (só em julho passado chegaram trezentos mil) e como a minha alma democratica, tão escandalizada pelo spectaculo das falsas democracias, se regosija com o facto de ser uma verdadeira democracia que dá ao mundo este grande exemplo de força moral e material!

Bordeus, 7 DE AGOSTO

Malvy, o antigo ministro do Interior, foi condemnado a cinco annos de banimento. O que o processo d'este desventurado veio afinal provar foi que a Republica Franzeza vive entre duas pressões — a dos reaccionarios e a dos revolucionarios. Foi para não irritar os revolucionarios — socialistas, sindicalistas, anarchistas — que o Malvy pactuou durante quatro annos com muitos

d'elles, que não eram dos melhores. Foi cedendo ás pressões dos reaccionarios que a Republica, neste caso o Senado, condemnou Malvy a uma pena infamante. O Gustavo Hervé disse que este processo foi intentado não contra um determinado ministro da Republica mas contra a Republica mesma, pelos inimigos d'esta. O certo é que o processo Malvy, como o processo Caillaux, que vae desenrolar-se, é o desenlace e pode dizer-se o triumpho de uma das muitas campanhas comprehendidas pelos reaccionarios contra a Republica Franceza. E o que torna odioso o processo Malvy é que elle se instaurou a seu pedido, para que se liquidasse em publico a accusação de traição que lhe foi feita pelo reaccionario Léon Daudet, cuja unica garantia social é ser portador do nome de um grande homem de letras, pois fóra d'isto não é outra coisa, não passa de um diffamador de profissão e de um energumeno. Essa accusação foi pelo proprio tribunal repellida como absolutamente destituida de fundamento e qualificada de calumniosa e dir-se-hia que sendo esta a base do processo, esta deveria ser a base da accusação official e o fundamento da sentença. Pois não succedeu assim. A accusação de traição passou para um plano secundario e sob a base de uma accusação nova — complacencias, negligencias, fraquezas de autoridade — Malvy foi condemnado ao banimento. No decurso do processo, todos os presidentes do conselho, que dirigiram os gabinetes de que elle fez parte — Briand, Viviani, Ribot, Painlevé — vieram solidarisar-se com elle e affirmar que os seus actos como ministro do Interior inteiramente correspondiam á linha de conducta approvada pelos seus

governos para com as classes operarias e os elementos populares de agitação da sociedade franceza, linha de conducta cujo objectivo era o do não dividir, não irritar, mesmo á custa de certas transacções. Todos o em especial Viviani declararam que, em sua consciencia, Malvy havia desempenhado o seu mandato como um bom cidadão. Depois d'estes depoimentos, suppoz-se que Malvy seria absolvido. Mas o que diria Léon Daudet, o que diria a *Action Française*, o que diriam os roaccionarios so isto succedesse! O que diria o exercito, convencido pelos reaccionarios de quo Malvy é um traidor? Era preciso immolar Malvy, radical, socialista, amigo de Caillaux, livre pensador, *franc-maçon*, atheu! Immolou-se o homem e os reaccionarios estão contentes. Léon Daudet dá-so por satisfeito. E' lamentavel ver uma democracia como esta cahir em tal estado de dependencia e de servidão. O socialista Renaudel já hoje grita: «Isto não fica assim. O suffragio universal responderá!» Mas eu receio bem que isto fique assim. Em França tudo esquece e com mais fundada razão um homem como Malvy, tão mal dotado pela natureza. Agora toca a vez a Caillaux. Ah! quando, depois da guerra, se fizer — se se fizer — a revisão dos processos de traição a que ella deu lugar, a que terrivel apuramento não se chegará! Quantos erros não se terão commettido e não so estarão commettendo e, quem sabe? talvez se prove um dia que nunca a França foi dirigida por homens mais criminosos do que aquelles que estão fazendo julgar e condemnar os traidores d'hoje! Entretanto que grande lição não poderiam os portuguezes tirar d'este processo se ali chegasse d'elle

alguma coisa mais do que o sumido echo dos telegrammas da Agencia Havas! Malvy foi condemnado ao banimento por não ter sabido, durante a guerra, defender a ordem interna contra os inimigos d'esta. A quo penas deveriam ser condemnados os homens publicos de Portugal que, antes e depois da guerra, permittiram com as suas cumplicidades e fraquezas que este paiz se transformasse num foco de anarchia! Malvy allégou em favor da sua politica a inalteravel paz interna do que a França gosou durante os quatro annos que esteve á frente do Ministerio do Interior. A politica dos homens que têm dirigido a Republica Portugueza não lhe consentiu seis mezes do socego! A contra-offensiva soffreu uma nova paragem e é como se nos faltasse a respiração. O que nos dá força para esperar são os americanos que continuam chegando. As noticias de Portugal dão, por um lado, a reacção desenfreada levantando na propria Camara a já agora velha questão das responsabilidades dos democraticos perante a guerra; e por outro a Republica succumbida. A questão das responsabilidades perante a guerra não encontra um unico republicano que a ponha no seu pé. O Augusto Soares, antigo ministro dos Negocios Estrangeiros, e por cujas mãos todo este assumpto passou, não abre bico o dir-se-hia ter morrido, se eu não soubesse que alguém o viu um d'estes dias a jantar no Tavares.

Bordeus, 9 DE AGOSTO

O Portugal miguelino resnsceitou e com ello a sua litteratura. O novo governador civil do Porto, major

Margarido, monarchico, fez diante de um auditorio monarchico as seguintes declarações:

«Farei politica nacional e não partidaria, porque não pertença a partido algum. Todos, para mim, são portuguezes. Comtudo, sou militar e, se depois de usar processos leais, me corresponderem com bombas, revoluções, greves, comicios, assaltos e tudo mais que ha tanto tempo nos traz sobresaltados e mal dispostos, não permitirei a continuação d'esse mal. E para lhe pôr um termo, recorrerei a toda a minha actividade e desembaraço, parecendo-me que, com uma lição memoravel, acabarei de uma vez para sempre com esta situação desagradavel e insustentavel em que ha tanto tempo vivemos».

E terminou com a seguinte expressiva frase:

«Parece-me ter sido claro e devemos estar entendidos.»

O velho Portugal caracteriza-se pela «brutalidade soez», dizia Oliveira Martins. A sua incultura é uma das suas manifestações. Os jornaes de Lisboa publicam cartas de monarchicos portuguezes, em especial officiaes do exercito, que são documentos de ignorancia e incapacidade intellectual, como não creio os produza outra sociedade. Tenho tido na minha mão autografos de alguns dos actuaes caudilhos monarchicos. São uma vergonha! Numa carta dirigida em tempos de Paris a B. Machado, o capitão Camacho escreve como não o faria um illetrado. Numa outra, de Paiva Couceiro, cujo *fac-simile* foi publicado num livro apparecido ha

cinco annos, ha erros do ortografia que fariam reprovar um estudante de instrução primaria.

A sentença do Malvy parece ter por effeito o indispôr o Quarto Estado com a Republica e dividir a opinião. Uma parte da imprensa de Paris não a acolheu bem. Um jornal observou isto : que a sentença não é a obra da «serenité de la justice, ou de l'aprêté de la passion», mas antes parece ser o effeito de uma «combinaison». O socialista Compère Morel escrevo :

«La condamnation qui vient de frapper l'ancien ministre de l'Intérieur — couvert, ne l'oublions pas, par quatre anciens présidents du conseil — est incontestablement hors de proportion avec les «erreurs d'action» qui lui ont été reprochées et les attendus du jugement en exagèrent fortement l'importance et la gravité.»

O que porem é mais significativo é a manifestação da Confederação Geral do Trabalho, quo diz o seguinte em manifesto :

«C'est avec stupeur et indignation que nous avons appris le jugement de la Haute-Cour, jugement qui atteint la classe ouvrière.

Il y avait à choisir entre deux politiques. L'une de liberté à l'égard de la classe ouvrière ;

L'autre de provocations par l'emploi des moyens policiers.

L'ex-ministre de l'Intérieur choisit la première de ces politiques et fit dans une certaine mesure confiance au prolétariat organisé.

Cette attitude, il la paye aujourd'hui de la peine du bannissement.

Nous ne voulons pas être dupes des attendus de la sentence. Dans son esprit, elle frappe bien la classe ouvrière de suspicion dans ses intentions et dans son action. Le jugement de la Haute-Cour a porté un coup à l'unité nationale et divisé ce pays à une heure grave.

Nous en laissons la responsabilité à ses auteurs.»

Os inglezes e os francezes pronunciaram uma nova offensiva no sector de Amiens, já com alguns bons resultados. Hontem, esteve aqui a visitar-me o Brandão, genro de Madame Velarde e secretario da Legação do Brasil na Belgica. Falou-se da contra-offensiva entre Reims e Soissons e dos seus resultados e Brandão disse, com a sua pronunciada accentuação brasileira, cravando melhor o monoculo no olho *bistré*: — Não lhe parece que o oiro americano entrou por muita coisa nos resultados da contra-offensiva? Queria dizer que os americanos teriam comprado espiões, ou soldados alle-mães, que teriam feito uteis communicações aos Allia-dos sobre as intenções do Estado Maior allemão. Esta é a these, por meio da qual a imprensa allemã procura explicar o segundo desastre da Marne. Como eu lhe objectasse que se assim tivesse sido, muito bem teriam feito os americanos e que outrotanto fazem os allemães em larga escala, Brandão calou-se. E' um germano-filo e já não é a primeira vez que o apanho. Os ger-manofilos, em paizes alliados, como a França, como Portugal, têm uma psychologia especial. Procuram tanto quanto podem dissimular as suas sympathias pela

Allemanha, porque sabem que ellas lhes trariam dissabores, se as revelassem; mas apesar do seu trabalho de dissimulação, a cada passo e mau grado seu, se denunciavam. O que caracteriza a sua mentalidade é a hipocrisia e não ha hipocrita que saiba dissimular completamente os seus verdadeiros sentimentos. O numero dos germanofilos hade diminuir no mundo inteiro, quando vier a derrota dos allemães, mas ainda fica uma boa cambada a celebrar hipocritamente o triumpho dos Alliados.

Esta tarde, optimas noticias da guerra! Os inglezes desenvolvem com exito a sua offensiva a leste d'Amiens, fazem quatorze mil prisioneiros, tomam um *butin* consideravel. Recebidos jornaes de Lisboa. Parece que aquella gente começa a abrir os olhos. Leio no *Mundo*:

«Se o paiz soubesse o que so passa, se soubesse tão somente o que se passa sob os nossos olhos, o que os nossos ouvidos ouvem, o que lemos em cartas que elles, os soldados, nos escrevem, uma onda de indignação e de odio levantaria o paiz inteiro numa revolta sagrada contra a obra miseravel e impatriotica que se está praticando.»

E noutro logar leio que o actual secretario d'Estado da guerra, Amilcar Motta, que acaba de fazer na Camara dos Deputados o processo dos «responsaveis da guerra», dizia depois do triumpho da sedição de 5 do Dezembro: — *O que é isso de C. E. P., ou F. E. C.? . . . Tudo isso acabou!*

BORDEUS, 11 DE AGOSTO

«A contra-offensiva no sector de Amiens prosegue com exito. Mondidier foi retomado e as esperanças renascem, renascem... Lloyd Georges diz: «Começa a ver-se luzir a claridade, á sahida do tunnel.» Num jornal de Paris encontro este excerpto de um artigo da *Gazetta de Francfort*, que me faz reflectir:

«Les troupes qui arrivent chaque jour d'Amérique pour alimenter la guerre ne nous rendront pas la lutte facile. L'Amérique s'est précipitée dans la guerre à la suite de son président qui, tout imbu de théories et de préjugés, voulait à tout prix empêcher l'Allemagne de vaincre. *L'état d'esprit des Américains est tel que leur ardeur guerrière dépasse tout ce que nous avons connu en Europe.* Nous n'avons donc pas lieu d'entonner des chants de victoire et de célébrer la splendeur de l'Allemagne.»

Dir-se-hia que os allemães encontram pela primeira vez um adversario na sua frente. O certo é que, a despeito de tudo o que se tem dito e escripto sobre o valor militar dos Alliados, muitas vezes tive a impressão de que o seu poder offensivo foi sempre frouxo, talvez porque o seu estado de espirito não foi nunca como é hoje o dos americanos, segundo diz a *Gazetta de Francfort*. Se esse estado de espirito fôsse o de homens convencidos de que faziam um sacrificio necessario, não leriamos tão frequentemente nas falas dos homens publicos das nações alliadas tantas exhorta-

ções destinadas a levantar o moral dos combatentes e até o dos não combatentes. Agora mesmo que o clarão da victoria parece despontar, Lloyd Georges exhorta os inglezes a permanecer firmes :

«Nous pouvons encore avoir des jours sombres. Aussi maintenons haut nos cœurs. *C'est le moral du peuple qui compte pour la victoire.*

On m'a souvent accusé d'être trop optimiste. Je ne fus jamais de ceux qui pensaient que la lutte serait courte. J'ai toujours pensé qu'elle serait longue et terrible, mais j'ai toujours eu confiance.

Je connaissais l'esprit de ce pays, sa détermination. J'ai aussi une admiration sans bornes pour la France.

Par nos souffrances nous obtiendrons finalement le triomphe du droit sur la force. Demeurez fermes. Tout ira bien.»

E em França, o que vemos? Em França o esforço gigantesco que consistiu em levantar o moral publico durante a guerra foi quasi tão grande como o da propria guerra. Não houve eloquencia, persuasão que não se dispensasse para isso. Por outro lado, a cada passo se lia e ainda hoje o li — «As nossas perdas foram minimas», porque esta segurança é a que mais tranquillisa o espirito publico. Um *sous-lieutenant* disse-me um dia em Montagne, em resposta a uma pergunta que lhe fiz sobre a razão por que não se contra-atacava resolutamente na Marne: — A França não quer fazer saerificios! Tem-nos feito no entanto, prolongando a

guerra, mereê do prinípio, que tornou o marechal Joffre tão popular, de que ó preeiso economisar os homens. Na guerra não se obtem grandes resultados sem grandes sacrificios. Os francezes não os quizeram fazer. A guerra dura ha quatro annos e as suas perdas de existencias são em tudo iguaes ás que teriam tido, se os fizessem. A Inglaterra veio para a guerra, não como a America, pelo impulso dos seus cidadãos, mas arrastada pelo sentimento do dever imposto. A França, apesar de ter o seu territorio invadido, foi para a guerra porque não houve remedio senão ir para ella. A grande ambição dos soldados francezes não era a de se cobrirem de gloria, mas a de receberem a boa ferida, *la bonne blessure*, que os affasta depressa e por muito tempo, para sempre talvez do campo de batalha, sem os deixar perdidos para a vida. O homem em easa de quem estou alojado recebeu na faee um pequeno estilhaço de granada, cujo ferimento o desfigurou ligeiramente. Foi por isso reformado, embora pudesse dar ainda um soldado util. Declara-se felicissimo. Soldados d'estes não fazem offensivas fulminantes. O espirito de que estão animados os soldados da America vem talvez mudar a faee da guerra, mostrar á Europa reacionaria o que são e de que tempera são os filhos da Liberdade. Ainda bem! Talvez a França se lembre então que os soldados da Revolução que se bateram em Valmy e em Jemmapes tambem eram filhos da Liberdade e que só ella engendra a deeição e a bravura, e talvez se decida emfim a encarar de frente o seu problema politico, a romper os seus vergonhosos contaetos com a reacção politica e religiosa e a enveredar definitiva-

mente pelo caminho da democracia. Assim a America teria vindo dar uma grande lição á Europa. Para que a França entro nesse caminho talvez o processo Malvy não tonha doixado de contribuir. Malvy não é ninguém, mas o sou caso é alguma coisa, as reivindicações revolucionarias e oxtremistas da classe oporaria franceza vinham como que affastando-a da Republica, para ondo não soi ! Para chimoras ! O triumpho dos reaccionarios no processo Malvy, que lhe mostrou um ministro da Republica porseguido por haver em uma hora grave da vida da França feito credito ao patriotismo das classos trabalhadoras, abriu-lhes os olhos sobre uma realidade quo lhes interessa muito mais do que as suas chimeras, qual é a existencia mesma da Republica, compromettida e posta em risco pelos seus pertinazos inimigos. E' possivel que d'esta demonstração vonha d'olles para a Republica uma solidariedade nova, mais consciendo, mais apaixonada, e quo a França acabe emfim por ser a democracia quo não é. Se esse dia vior, os democratras francozes lembrar-so hão com pouca simpathia do homem sob cuja influencia a Republica foi mais surdamento atacada e monos defendida, esse famoso sr. R. Poincaré, eleito Presidento da Republica pelo voto dos roaccionarios o cuja horrenda mediocridade a guerra está pondo om apparatuso relevo. A França está-lhe entrotanto fazendo justiça, porque não ha homom neste paiz em quem menos se fale o quo monos interesse do que elle. O Presidente da Republica é Clemenceau, de quom Poincaré parece ser simplesmente um *sous-ordre*, chamado pela Constituição a assignar os decretos que ello reforenda.

BORDEUS, 12 DE AGOSTO

Na Camara dos Deputados, em Portugal jogou-se o socco, deram-se vivas á Republica e vivas á monarchia, o governador civil de Coimbra, nomeado pelo Sidonio, declarou-se monarchico. O *Dia* escreve:

«Voltará a reunir-se este parlamento? Não virá deitá-lo por terra um novo ciclone revolucionario?

Se esse vencer não se tratará de retorno democratico. Seria pouco e já impossivel! D'aqui ou sahir-se-ha para um regimen definitivo de ordem — que não é o republicano e cuja oportunidade as circumstancias externas ainda não marcaram — ou se vai para o «fim do fim», para os «sovicts» e para a comuna!

Estes trez mezes vam ser decisivos na vida da «republica nova!»

O general Bernardston offereceu um almoço ao subsecretario da Guerra, coronel Amilcar Motta, aquelle que ha dias na Camara fez o processo dos «responsaveis da guerra». Pergunto a mim mesmo se isto é franca cumplicidade, ou simplesmente estupidez. Os inglezes não passam por ser intelligentes.

BORDEUS, 13 DE AGOSTO

Não sci se o escrevi já neste diario, mas creio tê-lo escripto, que o desabamento do moral allemão, quando elle vier, será como o de uma casa que cahc, isto é — subito. O moral allemão, abalado pela noticia dos ultimos revezes do seu exercito, começa a dar estali-

dos. Na imprensa allemã não se occulta já que elle é muito mau. Os pangermanistas começam a ser reeriminados por terem querido conquistar o mundo, que afinal não se deixa conquistar. Reconhecem-se as primeiras derrotas. «Les evenements de la Somme et de l'Anere, escreve a *Deutsche Zeitung* sont la première grave défaite de l'Allemagne au cours de cette guerre.» O correspondente de um jornal inglez na Hollanda, diz d'ali: «Lo moral du peuple allemand a reçu un rude coup par la défaite sur le front occidental. On constate partout le plus grand abattement.» E conclue: «Ceux qui connaissent l'Allemagne déclarent que si elle ne trouve pas bientôt un soutien, son moral sombrera dans un abyme de défaitisme, avec la rapidité de l'éclair.»

E' logico que assim succeda. A força moral não socorre o orgulho abatido. O outro polo do orgulho tem um nome só — humilhação.

Os problemas politicos e sociaes que esta guerra suscitou começam a despojar-se das nevoas que os envolviam e a tornar-se claros. A revolução russa, cahida nas mãos da Allemanha o precipitando a Russia na anarchia, ennegreecu por um momento os horisontes da democracia. Por um momento a palavra democracia teve um sentido inquietador. A Russia, entregue á Allemanha pelos Lenine e pelos Trotsky, começa a despertar do seu terrivel pesadelo e uma outra democracia, de que aquella era apenas a horrenda e sangrenta caricatura, começa a fazer a sua apparição. Na França, onde a hipocrisia dos reaccionarios pode, ao abrigo de quatro annos de guerra, atacar traiçoeira-

mente a democracia, as grandes massas populares em que ella funda a sua força abriram os olhos, graças ao processo Malvy, viram os perigos dos extravios da doutrinação socialista, da guerra á burguesia, da guerra do classes e voltam a reunir-se em volta da Republica. Eu espero muito d'este caso, sobro o qual os orgãos da grande imprensa franceza procuram já lançar a poeira do esquecimento. Este caso é uma especie de caso Droyfus, porém mais preciso do que o de Dreyfus, porque emquanto esto suscitou a discussão e a defeza de generalidades generosas — Direito, Justiça, etc., o de Malvy põe sobre a mesa a questão mais concreta da Republica. Dreyfus dividiu a opinião entre os convencidos e os não convencidos da sua culpabilidade no crime do traição de que foi acusado. Malvy, cuja accusação de traição foi completamente destruida aos olhos de todos, devido á opinião entre os republicanos e os monarchicos, entre a liberdade e os seus inimigos, o que é mais claro. Emfim, a situação geral é melhor, muito melhor do que o tem sido. Caminhamos para a luz. O tempo não cessa de estar bonito, mas eu não saio. Não me lembro de me haver immobilizado por tanto tempo senão quando estive preso.

BORDEUS, 14 DE AGOSTO

A questão do moral allemão começa a ser apreciada como um facto novo da guerra. Os allemães supportam difficilmente a idéa da derrota. Mas sendo isto assim quando a Allemanha ainda não soffreu um revés decisivo, o que pensar do quo poderá succeder nesse

paiz se peores dias vierem? pergunta um jornal da Suissa allemanica, a *National Zeitung*. «L'Allemagne n'a pas encore subi de défaite vraiment decisive. Si ses chefs n'osent pas lui avouer un echec de moindre importance, qu'advierait-il si la situation devait empirer?» Vou consignando estes testemunhos em confirmação da minha velha these.

Os democraticos publicaram um manifesto. Lamentavel documento! documento de impotentes! documento de vencidos!

Desde a afirmação de que responde ás declarações do «*Sr. dr. Sidonio Paes*», até á saudação á «*memoria dos mortos adversarios, que julgaram cumprir o seu dever*» que miseria! Estes democraticos representam o unico partido politico da Republica, pois são o partido republicano historico. E' o unico que tem força, porque foi o unico que conservou reunida em volta da Republica a opinião republicana d'outr'ora. Pois esta força unica é a maior fraqueza da Republica. Combatidos, atacados, postos em risco de ser aniquilados, os democraticos encontram nas horas mais difficeis quem se bata e morra para que a Republica, que elles consubstanciam, volte a viver com elles. Graças a estas generosas solidariedades, os democraticos triumpham, mas o dia do seu triumpho é o dia da sua abdicação. Nesse mesmo dia declaram-se culpados, declaram-se arrependidos e estendem os braços aos seus peores inimigos. Foi assim depois do 14 de Maio e já está sendo outra vez assim. Depois do 14 de Maio, a sua primeira palavra foi para dizer que a Revolução não se tinha feito em favor d'elles, o sen pri-

meiro gesto foi subir as escadas da *Lucta* do nefasto Camacho e pedir-lhe collaboração. Neste momento já correm para elle de braços abertos, já se dizem outra vez culpados, já se confessam outra vez arrependidos, pedem o concurso de todos para salvar a Republica, porque afinal, não é verdade? somos todos republicanos. «O Partido Republicano Portuguez reclama para si e reconhece aos outros partidos o direito á vida politica considerando que a acção de cada um pode ser delimitada pelas correntes de opinião nacional.» Sobro a questão essencial da guerra este documento de incapacidade e de pusillaniedade não ousa pronunciar-se abertamente. «Quando um dia se poderem violar os segredos das chancellarias, a posteridade fará justiça aos que assim souberam enobrecer e honrar a sua patria.» Os segredos das chancellarias! A posteridade! Finalmente, da propria questão religiosa de que fizeram até agora dentro da Republica uma pedra de escandalo, os democraticos fazem taboa raza. Promettem rever a lei da separação, promettem tudo! O que é preciso é que o cavallo marinho do Sidonio desapareça da politica portugueza. Que isto se faça, porém, «*sem violencias, que só fatalmente surgem avassaladoras quando o poder tiranico e arbitrario as torna inevitaveis e irresistiveis.*»

Este documento teve porem a vantagem de levar o meu espirito á conclusão, diante da qual elle vacillava ainda, de quo semelhante sociedade politica não tem direito a qualquer solidariedade intelligente.

A offensiva franco-britannica no sector do Amiens não prosegue com o mesmo exito dos primeiros dias,

o que impacienta os *grogards*, designação pela qual já são conhecidos os que nunca estão contentes e querem sempre mais e melhor ; mas certas indiscreções dos jornaes dêixam prever para breve uma acção nova, talvez dos americanos, noutro ponto da frente, talvez na Flandres, talvez na Alsacia. Justamente os americanos acabam de constituir o seu primeiro exercito autonomo, de setecentos e cincoenta mil homens, dizem uns, de quatrocentos e cincoenta mil dizem outros, e o cuidado com que elles se apressam a annuncia-lo, os proprios termos em que o fazem nos telegrammas de Washington, parecem dar a entender que não lhes convem continuar por mais tempo a combater amalgamados com as tropas francezas, com risco de ver distribuidas por estas, em condições de relativa injustiça, as palmas da victoria. O facto de a imprensa franceza não ter feito referencia especial á tomada de Fismes e aos sete mil prisioneiros e aos cento e trinta e trez canhões de que elles se apoderaram ali, não deve ter-lhes passado despercebido. O amor proprio dos francezes não lhes permite ver estas coisas, mas os americanos têm o falar claro. Assim, como ha dias os jornaes dissessem que instructores francezes acompanhavam as tropas americanas, um telegramma de Washington respondeu logo : «Les nouvelles armées recevront l'instruction finale de veterans du general Pershing, au lieu de la recevoir d'instructeurs britanniques et français, de sorte que ces armées seront entièrement americaines, depuis le general jusqu'au simple soldat.» O mais curioso ó que esta mesma especie de sentimento parece inspirar os inglezes em relação aos francezes, que tantas vezes, e

sobretudo depois que os americanos entraram na guerra, têm esquiccido o valor do seu concurso, porquanto o communicado britannico d'esta tarde diz: «Le total des prisonniers faits par la quatrième armée britannique depuis le 8 août au matin s'élève actuellement à vingt et un mille huit cent quarante quatre. Pendant la même periode, la première armée française en a capturé huit mille cinq cents», o que dá uma impressão desagradavel de confronto entre os resultados da acção ingleza e os da acção franceza. Eu estou convencido, pelo muito que tenho lido e ouvido, que a tradição do valor militar dos francezes não fica mais robustecida depois d'esta guerra. Quem sabe? Talvez os americanos venham acabar por a destruir.

Os jornaes já inserem artigos sob a rubrica — *L'affaïsement de l'Allemagne*. Os jornaes allemães não procuram já dissimular a depressão do espirito publico.

BORDEUS, 17 DE AGOSTO

A Republica velha, como se diz agora em Portugal, encontrou um novo paladino — o Homem Christo Pac. O filho é paladino da nova. Aqui está como o pae ainda hoje escreve, com applauso do jornal do Antonio José d'Almeida, para quem elle é sempre um «grande jornalista»:

«*Ele é o Pimenta, já se sabe. O grotesco Pimenta. A bestiaga do Pimenta. Dois artigos interessantes, pela bestialidade sem par que os distingue, publicou no Diario Nacional a grande cavalgadura. Um intitulado*

14 de Julho, ha quinze dias. Outro intitulado *Educação popular*, na quarta-feira ultima. Não vale a pena analisá-los. São os pedantismos burleseos e as formidaveis sandiees do costume. A gente lê-os e só tem, ao findar, este comentario de indignação, de assombro, de nojo e de desprezo: *que besta!* E dizendo isso, diz tudo. Note-se: de assombro, porque é raro encontrar cavalgadura tão repelente; de indignação, porque a besta, no fim de contas, vergonha de uma raça, naseu em terra portugueza.

Não vale a pena analisá-los. Mas vale a pena frizar o seguinte: a besta enche, nesses artigos, de improprios os democratas e a demoeracia, os republicanos e a Republica. A besta dirige as maiores afrontas aos jornalistas e escriptores democratas, tornando-os *responsaveis* pela *desgraça* da sociedade portugueza. Responsaveis, note-se, não pela maldade ou o erro d'elles, mas pela *maldade e o erro dos principios que defendem*. Atenda-se á diferença, que é capitalissima. Mas o pulha, o biltre, o asqueroso sapo *ainda hontem*, por assim dizer, deixou de se dizer *democrata* e de defender a *democracia*. Logo é a *si proprio*, mais do que a ninguem, que o miseravel canalha e repugnante bestiaga dirige os seus insultos. É um pulha d'estes, sem auctoridade nenhuma, que devia estar de boca fechada, *mudo de vergonha e aterrado de remorsos*, se está convencido do que diz, e um tratante d'esta laia, que devia passar a sua vida *em penitencia*, se é do coração que fala, é erguido e consentido como *ensor e juiz* pelos do *Diario Nacional*, e por todos os capadocios portuguezes, no fundo ainda *mais pulhas do que ele*.

O miseravel podia ter atenuantes, sendo larvado, inconsciente, doido, como é. Mas para os pulhas dos monarchicos em geral é que não ha atenuantes nenhuma.»

Este Homem Christo pae é um caso de atavismo: é o padre José Agostinho de Macedo, com a sua amoralidade e a sua bestialidade. E' o antepassado, com todos os seus horrores. Sobrevive e não tem nada o ar de ser um anachronismo na nossa sociedade. Do que seja a miseranda decadencia da intellectualidade portugueza e da imprensa dos nossos dias fala este documento que os mais torpes semanarios humoristicos do Paris, e Deus sabe se os ha torpes, so recusaria a publicar. Vem no entanto publicado nas columnas do jornal *A Republica*, orgão de um chefe do partido :

TOQUE... A NECESSIDADES

Recebemos a seguinte carta :

Snr. redactor. — Acabo de ler no ultimo numero da *Republica* uma nota, subordinada á epigrafe «Uma... necessidade», em que v. regista a explicação, dada pelo snr. Antonio Cabral, da saida da minoria monarchica em meio de uma recente sessão de S. Bento. De facto essa minoria saiu da sala para satisfazer necessidades corporaes.

Posso depôr sobre o caso porque assisti á referida sessão e conheci a coisa... pelo cheiro. E permitta-mo v. que esclareça o assumpto com o que sobre elle sei mais.

A minoria monarchica é uma corporação politica admiravelmente disciplinada, e tão subordinados estão os subalternos aos gestos politicos do seu *leader* como este está attento aos desejos e ás necessidades d'aquelles. Como porém o snr. Ornelas seja um tanto surdo e miope, carece de um intermediario para nunca romper o contacto em que sempre deve estar com o seu grupo. Fz esse intermediario, com mais ouvido e mais olho, é o snr. Antonio Cabral.

Ora, para desanuwear o intestino, que na fisiologia do monarchico exerce primaciaes funcções... politicas, usam os subordinados do snr. Ornelas, e creio que elle mesmo, de processos carminativos, evidentemente plagiados dos processos alemães de desenvolvimento de gazes asfixiantes. O grupo entra na sala já preparado com esses processos carminativos, os quaes vão exercendo a sua acção no interior dos respectivos corpos á medida que a sessão avança.

Em dado momento, um aroma muito subtil se evola das bancadas e atinge a pituitária do *sub-leader* que, baixinho, segreda ao *leader*:

— Toque... a necessidades!

O *leader* não toca. Faz um simples gesto. Ergue o dedo ao ar, o que quer dizer:

— Vamos... necessitar.

E todo o grupo, á uma, se levanta, e segue o *leader* que, magestoso, sai da sala e envereda pelos corretores.

Posso garantir-lhe a veracidade do facto, snr. redactor. Senti o cheiro causado pelos processos carminativos, surprehendi as palavras «toque... a necessi-

dades», vi o gesto do *leader* e a presteza com que todos atraz d'elle, de mãos nas costas, so esgueiraram.

Agora, só mo resta dizer que ó provavel que na local da *Republica* que aqui eselareço houvesse erro de revisão. O jornal traz: «explicando-se assim as necessidades corporaes da minoria pela boea eloquento do snr. Antonio Cabral, e que não ó, precisamente, a do snr. João Crisostomo». Naturalmente, em vez de *expli-cando-se* v. teria escripto *expressando-se*, e em vez de *snr. João Crisostomo* teria escripto *S. João Crisostomo*.

Não seria assim?

Um espectador das galerias.

BORDEUS, 18 DE AGOSTO

Signal dos tempos: no *Figaro*, Polybe escreve:

«Le temps est passé des Majestés et dos Altesses qui so font des politesses, pendant que pourrissent dans la terre les millions d'hommes qu'elles ont tués pour le plaisir do la bataille, comme a dit le kronprinz, et qui se croient encore, ô misérables! lo pouvoir do trafiquer des peuples comme d'un ehamp, d'une vigno ou d'un troupeau.»

Romain Rolland, o autor de *Jean Christophe*, germanofilo apezar do franceez e refugiado na Suissa, declara ter perdido a fé na Allemanha o que só uma revolução a salvará.

Zurich, 18 août. — Une rovue suisse publie une con-

versation entre Romain Rolland et un républicain allemand réfugié en Suisse :

«J'ai eru pendant longtemps, a-t-il dit, qu'on pouvait conjurer la présente eatastrophe par une paix de compromis, sans attendre la transformation préalable de l'Allemagne en un État démocratique. Je ne le erois plus aujourd'hui depuis la paix hontense de Brest-Litovsk, qui a déshonoré à jamais les vainqueurs. J'ai perdu tout espoir d'une paix durable avec une Allemagne qui ne serait pas délivrée de sa charte féodale et de ses réactionnaires prussiens. J'appelle de tous mes vœux une révolution allemande qui renverserait l'absolutisme et le militarisme. L'effort militaire de l'Entente peut aider à ectte révolution, mais il ne peut pas l'imposer. La liberté allemande doit être le résultat de l'action révolutionnaire du peuple allemand luimême.»

A fé na Allemanha é um sentimento que vae declinar eom o declinio do seu poder. O numero dos germanofilos do mundo inteiro vae diminuir. Esta guerra veio revelar que a baixeza entra em grande proporção no caracter humano.

A intervenção militar da America está tomando, pelo menos atravez da imprensa franceza, um eacter fabuloso. Nos jornaes d'hoje leio que o recenseamento militar americano vae attingir brevemente vinte e cineo milhões d'homens e que, antes de quatro mezes, haverá mais um milhão de soldados americanos na linha de batalha. Do esforço industrial americano canalizado para a guerra e as suas neecessidades, eontam-se pro-

digios. O Governo americano teria feito ás fabricas de conservas de Chicago encomendas para a execução das quaes seria necessario abater 1.900.000 porcos e 900.000 bois e carneiros!

Os russos voltaram a combater na frente franceza, onde se encontram já italianos o polacos. Um jornal d'hoje celebra as façanhas da nova legião russa nos combates do Somme. Nos portuguezes nunca mais se voltou a falar. Hontem, no Cours de l'Intendance, vi numa *vitrine* um lenço bordado a seda com um trofeu de bandeiras, entre as quaes a nossa. E' o que resta do nosso esforço. Comprei-a para enriquecer a collecção iconografica que ou estava reunindo em Paris e que destinava ao Museu da Guerra.

O Museu da Guerra foi encerrado pelo Sidonio: foi mesmo um dos seus primeiros actos. Faço eu o Museu, para mim, para olhar para ello mais tarde. Que esforço não me foi necessario dispendir para tornar popular a nossa bandeira em França. Quando Portugal entrou na guerra, a nova bandeira verde e encarnada, que não era ainda conhecida, não apparecia em parto alguma ou em seu logar appareciam as bandeiras do antigo regimen. Mandei vir de Portugal as brochuras coloridas do Columbano e espalhei-as por toda a parte. Não houve fabricante de bandeiras que não as recebesse. Cheguei a andar pelos armazens a comprar bandeiras portuguezas para lhes dar salida. Escrevi cartas, fiz reclamações. De uma vez subi ao Grande Hotel a reclamar a substituição de uma bandeira azul e branca. No dia seguinte, nas varandas do Grande Hotel lá flutuava a nossa.

Quando começaram a apparecer collecções de bilhetes postaes com as nossas côres, comprava-as aos fabricantes ás centenas. Levou seu tempo a familiarisar os francezes com as nossas côres. Finalmente no 14 de Julho de 1917 foi uma Alleluia. Todo Paris appareceu coberto de bandeiras portuguezas.

A principio, quando apparecia alguma era uma emoção. Até paravamos, miuha mulher e eu, para a ver. Por fim já não reparavamos nellas, tantas eram. Depois começaram a apparecer bibelots, joias de esmalte, lenços de seda em que a bandeira portugueza figurava entre legendas patrioticas, ou occupava o seu lugar no meio das outras, e a iconografia apoderou-se definitivamente das nossas côres.

Tudo isto devia acabar num desastre!

BORDEUS, 19 DE AGOSTO

Os germanofilos que tomaram conta da Romenia estão procurando fazer pagar caro ao ministerio Bratiano e aos seus amigos o terem-na levado á guerra. Os jornaes d'hoje annunciam que em Bucarest se fez uma busca á casa do general Ibesco e se lançou um mandado de captura contra este. Bratiano está exilado em Paris e ali estão exilados tambem Take Jonesco, Victor Antonesco, o ultimo ministro da Romenia em Paris e muitos outros.

E' uma situação como a nossa, com esta differença espantosa: é que a nossa não merece reparos aos Allia-dos e até mesmo se mantem com o seu applauso.

A Inglaterra acha-a optima e, como isto é assim, os

restantes Alliados, para os quaes Portugal é um pupillo inglez, não lhe encontram nada que dizer. Os proseritos do ministerio Bratiano, esses beneficiam aos olhos dos Alliados de uma situação mais elara: são vietimas dos allemães. Nós não temos esta sorte. Na situação da Romenia o que encontro ineoneebível é a situação do rei, que depois de ter assinado a paz com os allemães, se poz á testa de uma politica de perseguição contra aquelles que lhes declararam a guerra com o seu assentimento e o seu concurso, pois foi o generalissimo das tropas romenas. Diz-se em Portugal que os homens que nos levaram á guerra se tornaram culpados do maior crime da nossa historia. O mesmo se diz na Romenia. Cada povo tem o seu Sidonio.

O Leotte do Rego esereve-me de Paris: «Sou informado de que os inglezes não querem dar transportes. Uma completa comedia, preparada entre Sidonio e o general Bernardiston para levarem a cabo o seu plano que a allemães e á velha corrente conservadora ingleza por egual agrada: destruir o esforço portuguez. O lacaio da Inglaterra que é o general Rosado foi encarregado de fazer a parte.» Não importa! Eu tenho a esperanza de vir ainda um dia a pôr a nú esta torpeza internacional. Os americanos ahi estão para acabar a guerra. Quando ella acabar falaremos. Vivo na esperanza d'esse desaggravo. No sector de Amiens, ahi entre Roye e Lassigny, francezes e inglezes procuram lentamente empurrar os allemães para traz, mas dir-se-hia que quando os allemães não recuam, elles não avançam. Vamos a ver se os americanos são mais bem sucedidos e se avançam *quand même*.

BORDEUS, 20 DE AGOSTO

Dir-se-hia que o pensamento dos americanos é o de inaugurar a entrada na guerra do seu primeiro exercito organizado, invadindo a Alsacia, e quem sabe? resgatando a Alsacia. O certo é que estão neste momento nos Vosges, que na Lorena se apossaram já de uma localidade, Frapelle, e que, segundo um telegrama d'hoje, de New-York, já pisam ha algum tempo o territorio allemão. A reconquista da Alsacia Lorena pelos americanos! Que lição esta jovem democracia vae talvez dar á velha Europa!

Os inglezes avançam sobre Armentières. Era entre Armentières e La Bassée que se encontrava o Corpo Expedicionario Portuguez. Dentro em pouco talvez a terra que os soldados portuguezes abandonaram seja recuperada, mas não serão elles que a reoccuparão. Vac começar a campanha final. E' a hora da victoria. Não é a d'elles — ai d'elles e de nós todos!

BORDEUS, 23 DE AGOSTO

Parece que o *Times* publica um artigo aggressivo para os democraticos. Espalha-se pela Inglaterra um folheto sob o titulo *Portugal and the Allies*, com o retrato do Sidonio. Uma revista semanal *New Europe* faz o elogio d'este e da sua obra. O Sidonio não faz economias de publicidade, como as fez a Republica. Em Portugal *pavoroso* como elles por lá dizem, prisões e annuncio de medidas repressivas. Aqui as coizas continuam bem, embora vagarosamente. Os inglezes toma-

ram Albert. Todos os dias se fazem prisioneiros. Os allemães reeuam a ponto de que um jornal parisiense já considerando Paris ao abrigo das *grosses Berthas*, escreve: «Les parisiens peuvent dormir sur les deux oreilles.» A presença dos americanos nos Vosges já faz falar numa offensiva por ali. Entretanto rego-sijo-me a ler estas viris afirmações :

Londres, 20 août. — On télégraphie de Washington au *Morning Post* :

«En ee qui concerne la conférence de la paix, dont on parle eomme devant naturellement avoir lieu à la cessation des hostilités, l'opinion américaine est que, une fois vaineue, ses armées brisées ou anéanties, lorsque, enfin, elle ne pourra plus poursuivre la guerre, l'Allemagne capitulera.

«A ee moment les Alliés feront eonnaître les eonditions auxquelles ils eonsentiront à cesser la lutte. Cela étant, il n'y aura aucune necessité d'ouvrir une conférence de paix, attendu qu'il n'y aura rien à discuter.

L'Allemagne doit ee accepter les termes qui lui seront imposés ou se soumettre à un nouveau châtiement.

«Des conférences de paix furent tenues après d'autres guerres, par suite du désir du vainqueur de reprendre des relations amieales avec le vaineu et de rétablir l'harmonie dans la famille des nations.

«Cet esprit n'existe pas aujourd'hui. L'Amérique n'a pas l'intention de considérer l'Allemagne eomme une amie après la guerre. Elle n'a ni l'intention d'oublier rapidement le passé ni de renouer des relations

sociales ou d'affaires avec l'Allemagne et avec son peuple. L'Amérique sait maintenant, par une cruelle expérience, que l'Allemand est une brute inapte à entrer dans une société d'hommes civilisés.»

Que linguagem! E que differença isto faz do nosso animo capitulador, que nos vem inspirando as perspectivas de um congresso da paz, com as suas mezas forradas de baeta encarnada, e os allemães já outra vez amigos, ou já em vespervas de o ser outra vez a lerem *memorandos!* Provavelmente, haverá um bufete — não ha congresso que não o tenha! — e em intervallos das sessões, francezes, inglezes, italianos, belgas e alemães está claro, roçando os cotovellos das sobrecasacas, gabarão a freseura das laranjadas. A' entrada, á sahida, cada um se disputará a primazia de ser mais cortez. E assim acabariam os massacres da Belgica e da França, o assassinio de Miss Cavell, o torpedeamento do *Lusitania*, o bombardeamento de Londres e de Paris, a hecatombe de milhões de preciosas existencias. Assim acabaria, entre mesuras, o mais terrivel pesadelo que a humanidade tem vivido! Os americanos têm uma outra concepção da justiça e se assim é, é preciso que sejam homens de um modelo bem differente do resto da humanidade.

E' possivel que o seu programma moral não possa ter realisação e que a humanidade, que afinal é mais numerosa do que o povo americano, acabe por contrahir novas relações amigaveis com a raça que pretendeu escravisal-a, começando por a exterminar. Ainda assim, as palavras que acabo de ler trazem-nos o con-

forto que sempre nos traz a justiça, mesmo quando não é senão uma expressão verbal; e a idéa só do que ellas possam cahir sob o olhar de um allemão, é tão consoladora quo quasi satisfaz os nossos aneios do reparação.

BORDEUS, 24 DE AGOSTO

Noticias do Portugal trazidas por dois portuguezes. A mesma imprecisão de sempre. No entanto toda esta gente affirma que o Porto e a provincia, no norte pelo menos e no centro, Santarem etc., as guarnições estão dispostas a virem para a rua. Noutro ponto todos concordam: Sidonio Paes está bem defendido em Lisboa, por uma especie de guarda pretoriana, bem paga, bem alimentada, mas um dos individuos que me procurou hoje diz que mesmo de Lisboa podem vir surpresas. Sobro a solução politica parecem todos concertados, mesmo aquelles que se dizem amigos do Affonso Costa, em affirmar que a solução democratica não é possivel. E' curioso que o mais forte partido da Republica so declare elle mesmo incapaz de a governar. Estes homens estão animados das melhores intenções d'esto mundo, mas todas as suas concepções pairam em volta de personalidades. O que observo é quo estas mesmas são cada vez menos numerosas. Dir-se-hia quo a Republica não tem senão tres homens, e que estos mesmos já não têm utilidade, impopularizados, estragados, gastos. Não me falam noutros. No Affonso Costa não se fala senão para recordar os seus defeitos o os seus erros. Nenhumas esperanças novas parecem depositar nelle. Está-se nisto: um dos individuos que mo pro-

curou hoje disse-me:— Porque não pega o sr. naquillo? Tenho a impressão de que Portugal está bem mal.

BORDEUS, 25 DE AGOSTO

A comedia de Lisboa:

L'ARMÉE PORTUGAISE

Londres, 24 août. — Le général Thomas Garcia Rosado, qui vient d'être nommé au commandement en chef de l'armée portugaise, a quitté Londres le 23 août pour aller prendre son poste.

Este general Garcia Rosado tem sido cosinhado á *toutes les sauces* na imprensa franceza pelos agentes de publicidade que a Republica do Sidonio mantem actualmente cá fora. Procura-se d'este modo dar a impressão de um Portugal belligerante e de uma actividade militar que não existe. Nunca a imprensa serviu de instrumento a uma tão odiosa mentira!

Num livro sobre a Africa do Sul, d'um certo Hamilton Fife, antigo redactor do *Daily Mail*, livro publicado pela livraria de Pierre Roger, sob o titulo — *Aux pays de l'or et des diamants*, leio, a pag. 139: «On se plait à insinuer à Cape Town que Johannesburg ne durera que ce que durera l'or. Quoiqu'il en soit, on prévoit, d'après les évaluations les plus pessimistes, qu'il faudra soixante quinze ans pour epuiser les mines. Mais longtemps avant déjà Johannesburg sera devenu un grand centre industriel. A vrai dire il

ne jouira pas des avantages naturels nécessaires à une ville manufacturière: pas de rivière, pas de port, quoique le jour ou Delagoa Bay (Lourenço Marques) deviendra anglais ne semble plus maintenant très éloigné...» O livro é de data recente. Foi escripto depois da viagem que o duque de Connaught fez á Africa do Sul. O auctor fazia parte da *entourage* do duque. Não deve ter sido publicado muito antes da guerra, pois faz parte de uma collecção que sob o título *Les pays modernes*, a livraria Pierre Roger vem dando a lume.

Os inglezes nunca se referem a Portugal d'outro modo. Salvo rarissimas excepções não nos vem de semelhante gente uma palavra de sympathia.

As noticias da guerra são excellentes. Os allemães, que parece terem perdido completamente a iniciativa das operações, continuam recuando e d'esta vez cedendo á pressão.

Jornaes do Portugal: nas cadeias do Porto os presos politicos continuam a ser espancados. «Os espancamentos, diz a *Montanha*, foram cannibalescos. Alguns dos presos ficaram de cama.» Entretanto annunciam-se prisões em massa, feitas especialmente, diz um jornal da tarde a quo se refere o *Mundo* (20-8-18) o que supponho ser a *Capital*, «no partido que arvorou a bandeira intervencionista na guerra.» A idéa de que aquillo está sendo uma especie de Romenia começa a saltar aos olhos mesmo dos mais cegos. O mesmo jornal escreve: «A guerra hade acabar um dia. Os Alliados perguntarão então que diabo de Romenia é esta do occidente, onde os amigos dos Alliados são persegui-

dos como se fôsem leprosos, cães damnados.» Entretanto um jornal monarheico do Porto ameaça com a intervenção ingleza (correspondencia politica do Lisboa, em data provavel do 18, ou 19 de agosto): «A chegada de um emissario inglez a Lisboa, militar do envergadura, tem dado margem a differentes boatos. Ha quem diga quo ele teve uma larga entrevista com o sr. Sidonio Pais, e que so falou na melhor maneira de se manter a ordem em Portugal. Ha quem afirme que a Inglaterra, sem propositos desagradaveis para o nosso brio nacional, está disposta a intervir se os desordeiros tentarem um golpe favoravel.

Dou estas informações que correm, sem desmentido officioso, a titulo do curiosidade.»

Pobre paiz!

Outros aspectos da situação :

Do *Mundo* (20-8-18):

A CORTE EM CINTRA

Quem por estas ardentes tardes de agosto fôr do passeio até Cintra não perderá o seu tempo. Alem do gosar das fresecas sombras das estradas, das aguas puras e leves, das queijadas (se houver açucar) e de todas as cantadas belezas daquela aprazivel estancia de verão, assistirá ao curioso espectaculo da passagem do sr. major Pais pelos Pizões entre filas de *palacinhas* que se curvam reverentes, quasi ajoelham á sua passagem, rendidas á sua formosura! Uma pequena côrte

em republica... é verdade que Republica com r pequeno!

BORDEUS 27 DE AGOSTO

Aquillo em Portugal está neste estado. «A's duas horas da madrugada — leio com horror no *Seculo* — policias fardados e á paisana abrem os carceres para onde mais de cincoenta cidadãos tinham sido arremesados, por denuncia ou por suspitas, que fariam honra aos esbirros do Santo Officio; trazem-nos para um pateo e ahi os desancam ferozmente, deixando-os a cseorrer sangue.»

O *Jornal de Noticias* do Porto dá o nome d'estes desgraçados: o Lello, antigo governador civil, o negociante Midões, o proprietario Tavares Valente, um redactor da *Montanha*, professores, industriaes, e accroseenta: «Tendo sido hontem á tarde postos em liberdade, tiveram que recolher os mais attingidos ao hospital, ou á cama, apresentando ferimentos, contusões, echimoses. Todo o corpo das principaes victimas é um verdadeiro sudario.» Na estação das Devesas um grupo de operarios dos caminhos de ferro desancou a pau os passageiros do um comboio. Em Lisboa, um official do exercito deu voz de prisão a um sargento que passava por uma rua e, como elle se escapulisse, cahiu-lho em cima aos tiros. E' uma sociedade sem autoridade e sem disciplina, em que os cidadãos se conduzem como bebedos, ou dementes. O caso do Porto fez-mo andar todo o dia num estado de extrema agitação.

BORDEUS, 28 DE AGOSTO

Hontem visita de Lima Basto, ministro que foi das Subsistencias no ministerio cahido em 5 de dezembro. Vae a Paris tratar de negocios. O que consta de mais curioso é que o Sidonio Paes tem uma amiga franceza no palacio de Belem. Pergunto-lhe se não é do dominio publico. Responde-me que anda dito em folhas avulsas que se distribuem clandestinamente e que toda a gente o sabe, e accrescenta que a referida franceza é hoje o melhor empenho que ha em Portugal para o Sidonio.

Nunca suppuz quo chegassemos a isto. Segundo elle, aquillo não pode continuar e rebenta. O que o inquieta é o futuro. Que gente virá depois? Falo-lhe no Affonso Costa: repete-me o quo me dizem todos os portuguezes que vêm de Portugal — que o Affonso Costa se isolou demasiado, que irritou muitos dos seus amigos, que estava mal cercado, etc., etc.

A' tarde, no terraço do Café de Bordeaux, avisto o antigo adido naval á Embaixada russa em Paris, um homemzarrão quo apparecia em todas as cerimoniaes officiaes, com o seu uniforme coberto de condecorações. Fez-me dó. Vestia um velho fato coçado e trazia um chapéu de palha deformado, que nem um pobre o quereria. Qual será a situação d'este desventurado? Provavelmente está na miseria depois de ter conhecido os esplendores de uma situação brilhante. *Nes-sun maggiore dolore che ricordarsi dei tempi felici nella miseria!* Dir-se-hia, depois que se sentou a uma mesa do Café de Bordeaux, que era d'isso quo se

estava lembrando, dos tempos felizes em que fazia luzir o seu uniforme nos salões do Eliseu e das enbaixadas, porque levou todo o tempo em que o estive observando a morder sombriamente as guias do bigode, do olhos postos no chão, indifferente á turba que passava. Ah! que terrivel epoca estamos vivendo e que subitos pés de vento saecodem os destinos das sociedades e dos homens! E eu, eu que o estava observando do meu canto, o que sou eu senão um d'esses destinos! Russos, romenos, portuguezes, servios, andam assim neste momento pelo mundo á mercê da sorte. Quando vi este pobre homem, lembrei-me ter lido ha pouco que na Russia autenticos generaes vendem jornaes pelas ruas e autenticas condessas sollicitam logares de figurantes nos teatros de S. Petersburgo. Não andarâ elle por aqui a offerecer-se por sua vez, a quem o tome por um pedaço de pão?

BORDEUS, 29 DE AGOSTO

Os allemães foram empurrados para lá do Sommo e continuam cedendo terreno, em constante retirada que não se sabo onde se deterá, largando prisioneiros e material de guerra, peças de grande calibre, comboios carregados de munições, e então pergunto: como se explica que esta formidavel machina de guerra que tem tido até aqui a Allemanha, quo ha pouco ainda ameaçava Paris e fazia tremer pelos destinos do mundo, entre subitamente em desaggregação, transforme em derrota o que ia ser a victoria, annunciada, proclamada, dada como certa? O que se passou que expli-

que o subito *volte face* de fortuna que estamos presenciando? Eu creio que a explicação d'este enigma está nisto: os allemães foram especialmente batidos duas vezes em França, no Marne, isto é, ás portas de Paris, porque só ali tem encontrado na sua frente as energias desesperadas da defeza e sempre que assim succede, cedem, surprehendidos e desconcertados, porque é um povo que nunca mette em linha de conta a bravura, o heroismo, o espirito de sacrificio até á morte, mas tão somente a força — a força do numero, a força do material. A primeira derrota do Marne deixou-lhe de pé muitas esperanças, porque a guerra começava e a sua confiança na sua força não foi por esse motivo abalada. A segunda derrota, ao cabo de quatro annos de guerra, foi o desmoronamento de todas. O seu moral, aquelle moral dos conquistadores a que tantas vezes tenho feito allusão nestas paginas e que só é bom emquanto a conquista prosegue, cahiu de chofre como uma vela enfunada a que falta o vento. E' este estado de espirito que neste momento o enfraquece perante inimigos que afinal não augmentaram sensivelmente a sua força e que são os mesmos que elles ha pouco ainda atacavam com a certeza de vencer.

A Maria, que começa a estar inquieta, por ver que aquillo em Portugal vae durando e o nosso novo destino não se fixa, dizia-me hontem: — O que sinto é não saber fazer nada! Vae para Bagnoles no dia 2, porque precisa absolutamente d'essas aguas, e durante um mez vou ficar só. O tempo tem estado de uma inalteravel serenidade, mas os dias começam a ser mais pequenos e as tardes começam a ter uma tristeza outonal. Vae

ahi vir o inverno e passá-lo-hemos nós ainda nesta pequenina toca, onde vae talvez fazer muito frio, ou noutra parte? Onde? Ás vezes consideramos a eventualidade de voltar para Paris, que é afinal, de toda a França, o unico lugar onde se está bem. Os jornaes portuguezes occupam-se dos espancamentos do Porto como de um caso administrativo. Os individuos espancados, o corpo cheio de nodoas negras e feridas abertas na cabeça, são entrevistados pelos jornaes como personagens curiosos. Não se ouve um grito de indignação. Não se ouve a detonação de um tiro. Um dia d'estes correu em Lisboa que a revolução ia rebentar. O Sidonio veio de Cintra, passou a noite num quartel a jogar as cartas com os officiaes, e o *Primeiro de Janeiro* gaba-lhe o sangue-frio e a coragem, a *Manhã*, do jesuitico Garção murmura: — «A lenda cresce...» Entretanto os hoteis do Estoril estão cheios e meio Portugal, indifferente ao desastre que o está anniquilando, gosa o mez de agosto no campo e nas praias.

BORDEUS, 30 DE AGOSTO

Os portuguezes não estão apenas sendo objecto do maior attentado, mas da maior mistificação da sua historia. O paiz está a ser ludibriado nos seus sentimentos mais sagrados. Agora faz-se correr que as tropas portuguezas têm desempenhado «um papel muito importante nas ultimas offensivas das tropas alliadas na frente occidental.» Eis aqui por que meio. «Correm insistentes boatos, diz um telegramina datado do Rio de Janeiro e distribuido á imprensa de Lisboa, de que

as tropas do Corpo Expedieionario Portuguez em França desempenharam um papel muito importante nas ultimas offensivas das tropas alliadas na frente occidental.» Pobre Corpo Expedieionario Portuguez, desorganizado, desfeito, desaparecido, nas mãos dos allemães uns, outros esparsos entre os inglezes, recolhendo os que restam a Lisboa, á sueapa, em transportes de guerra da marinha britannica. Mas a abominavel mentira não tem limites! Sempre que uma voz mais alta pergunta por que motivo se abandonam os soldados portuguezes que estão em França o por que motivo não são elles substituidos, ou reforçados, a imprensa officiosa responde que a Inglaterra não pode actualmente dispôr de transportes para esse effeito, mas que se está tratando d'isso. Pois a Inglaterra, que não pode dispôr de transportes para levar os nossos soldados a França, dispõ de transportes para os re-embair para Portugal. No dia 25 ultimo, chegou a Lisboa vindo de Brest—leio no *Diario de Noticias* de 26—«o antigo transporte de guerra russo *Kursk*, hojo ao serviço marinha ingleza, sob a administração da Cunard Line, trazendo a bordo mil tresentos e setenta e nove soldados, eabos e sargentos e dez officiaes, na sua maioria enfermos.» A redação ambigua d'esta noticia pode dar a entender que na sua maioria estas tropas vieram enfermas, mas a *Manhã* do mesmo dia eorrige: «Chegou hontem ao Tejo mais um grande transporte inglez (mais um!) trazendo mil tresentos e setenta e nove militares regressados da França, a maior parte em licença. Entre os repatriados vieram sete officiaes mais ou menos doentes e cento e quatorze pra

ças enfermas.» E acrescenta que os repatriados vi-
nham quasi todos «de excellento aspecto e boa saude.»
Os soldados atravessaram a cidade «cantando alegre-
mente.» De um d'elles conta o *Diario de Noticias* que
ao desembarcar beijou as pedras do caes, dizendo:
— Ai! julgava que nunca mais via a minha terra!

De homens d'estes não é possível tornar a fazer
soldados.

Entretanto, a mistificação sahe cá para fóra, e a
cada passo o Christo Filho e outros agentes do Sido-
nio em França espalham nos jornaes de Paris noti-
cias tendendo a fazer acreditar ao publico francez que
um Portugal belligerante continua a dar um concurso
activo aos Alliados e ora é o general Gareia Rosado,
que vem tomar o commando do Corpo Expedieionario,
ora é o general Garcia Rosado que foi a Londres ul-
timar a questão da reorganisação do Corpo Expedicio-
nario. O Leote do Rego tem razão. Este Garcia Rosado
foi mandado para aqui, como elle diz — «para fazer a
parte.»

Em Lisboa pergunta-se (já o pergunta a *Manhã* com
a sua habitual candura) se é certo que o Corpo Expe-
dicionario tenha tomado parte nas ultimas offensivas
alliadas na frente occidental. «Seja como fôr, diz o or-
gão do Garção, somos de opinião que o governo deve-
ria dizer alguma coisa sobre taes noticias, negando-as,
ou confirmando-as. O governo, está claro, não abre o
bico, deixa correr que as tropas portuguezas em França
se estão cobrindo de gloria e que Portugal está aqui
conquistando louros immarcessiveis.»

O Sidonio, em Cintra, organisa festas de caridade,

como outr'ora a rainha. Não se sabe depois d'isto por que buraco Portugal deva desaparecer, ou se ainda fluctuará.

BORDEUS, 31 DE AGOSTO

Encontrado o X. de Carvalho. Conta, muito alarmado, que o novo consul em Bordeus, Simão Lopes, lhe dissera que aquillo em Portugal ia agora muito melhor, depois da queda dos democraticos, que tinham acabado as desordens, que se entrou emfim num regimen decente. Está muito surprehendido de que o consul seja, como elle, diz um *thalassa*. Este Simão Lopes era ultimamente, creio eu, consul em Cantão, para onde fôra transferido de S. Francisco, por ter dado muito nas vistas e suscitado reclamações dos republicanos o modo como ali representava a Republica. A Republica applicou-lhe a sanção maxima que dava a estes casos, que era a transferencia na maioria dos casos para um posto igual ou melhor, com agradaveis viajens pagas pelo Estado, pois d'outro modo não viajam estes inuteis funcionarios. Assim o pessoal de reaccionarios que a Republica manteve ao seu serviço nunca foi tão favorecido pelas circumstancias. Quando são os republicanos que governam, têm d'elles o que querem; quando estão os reaccionarios nada lhes falta porque estão com a sua gente. Quer dizer: têm uma situação ideal, e nada os inquieta, porque a dobléz dos republicanos por um lado e a simpathia dos monarchicos por outro garantem-lhes os seus logares e asseguram-lhes os seus destinos. A unica contrariedade que os aborrece é a de terem de servir-se de

simbolos que detestam — a bandeira, o cseudo, o himno, etc., mas d'esta mesmo se isemptam esquecendo-se de que elles existem ou tratando-os a ponta-pés. — O que é isto? Tire isto d'aqui! dizia muito irritado o Arenas de Lima para o continuo da Legação de Portugal. Isto era a bandeira verde e encarnada, que estava enrolada sobre uma mesa. Para que o primeiro consul que a Republica teve em Paris, o Jayme de Seguier, se deidisse a mandar fazer um carimbo com as armas da Republica foi preciso que alguns individuos da colonia portugueza o reclamassem, annunciando que fariam uma subscrição para o adquirir e offerecer ao consulado. Quando tomei conta da Legação de Paris não foi sem difficuldade que consegui levar os consules a inutilisarem os antigos carimbos e a mandar fazer carimbos novos. No consulado de Bordeus deseobri eu, muito tempo depois de estar em França, que o formulario dos passaportes era ainda o do antigo regimen. Os consules de resto não occultavam a quem os quizesse ouvir os seus sentimentos monarchicos. O publicista francez Marius Ary Leblond perguntou-me um dia:— Que diabo de consules têm os senhores ao seu serviço? E referiu-me quo passando por Zanzibar, de volta de uma excursão pela costa de Moçambique e falando ali com o consul de Portugal, Leopoldo d'Oliveira, que mais tarde veio a ser secretario em varias legações e ultimamente na de Paris, lhe ouviu dizer cobras e lagartos da Republica. Mesmo os mais favorecidos pela Republica lhe faziam as peores ausencias. Mas tambem como não havia de ser assim! Nunca se viu um Estado mais desprovido de autoridade e menos desejoso de a

tor! Depois de ter passado pelas mãos de Bernardino Machado, quo fez taboa raza do toda a preocupação do autoridade, o Ministerio dos Negocios Estrangeiros foi um verdadeiro alfobre de reaccionarios o inimigos da Republica, a tal ponto encorajados pela incapacidade e pela fraqueza dos ministros que o dirigiram que nem sequer se davam ao trabalho de mostrar algum zelo ou dedicação, contando antecipadamente com a promoção systematica que nunca deixou de vir. No tempo da monarchia, os secretarios de legação encaneciam sob o arreo. Quando a Republica veio havia-os com mais de eincoenta annos, ainda segundos secretarios e sem esperanças de ainda virem a ser um dia ministros, porque no tempo da monarchia não se era ministro por escaia, só o era quem o rei queria ou tinha bons empenhos na côrte para o ser. Com o advento da Republica, a maior parte d'esto pessoal, condemnado a situações subalternas, numa carreira fechada, viu abrir-se diante do si novos horisontes, e eu pergunto a mim mesmo qual não terá sido a surpresa d'essa gente ao verificar que a queda da monarchia não tinha sido para ella o mal ha tanto tempo temido, mas ao contrario uma inesperada *aubaine*. A idéa d'esta gente era a de quô a Republica se inspiraria num sentimento legitimo de defeza e não collocaria cá fóra a representá-la senão homens da sua inteira confiança. Felizes so consideravam esses antigos servidores da monarchia se a Republica os esquecesse e os deixasse continuar a encanecer nos seus apagados postos de secretarios. Qual! A Republica premiou os seus serviços... á monarchia e fê-los a quasi todos ministros. Fez minis-

tro o Bartholomeu Ferreira que me dizia a mim que seria feliz se a Republica o mantivesse no seu antigo logar de secretario em Paris; fez ministro o Calheiros, ha muitos annos encalhado em Madrid; fez ministro o Camara Manuel, ha muitos annos esquecido em Londres; finalmente fez ministro o Lambertini Pinto, segundo secretario em Roma á data da proclamação da Republica; fez ministro o Baudeira, fez ministro o Martins. O Bartholomeu Ferreira foi colocado na Haya, o Baudeira em Berne, o Calheiros em Vienna, o Martins em Guatemala, e se os outros não tiveram postos, foi porque não os houve disponiveis. Entretanto estas promoções abriram as portas da ambição aos mais insignificantes secretarios de Legação. O Montalvão encarava a serio a hipotese de vir a ser ministro e o Oliveira, em Paris, dizia ser numero quatro, ou cinco para attingir essa situação. No Ministerio dos Negocios Estrangeiros quem mandava eram os funcionarios que a Republica lá encontrou e deixou fiar nas suas situações quando não lhes dava situações de maior autoridade ainda. Os ministros nunca foram senão a chancella d'esses individuos. Não conheciam os serviços tinham a idéa de que o seu mechanismo era uma coisa misteriosa em que só elles sabiam tocar, até certo ponto tinham a idéa de que elles mesmo eram funcionarios munidos de uma experiencia e de conhecimentos que os tornavam insubstituiveis e entregavam-se-lhes nas mãos, procuravam captival-os, propicial-os não fôsem elles largal-os no caminho, ou leval-os a fazer alguma *gaffe*, como se diz aterradamente nos meios do Ministerio dos Negocios Estrangeiros. A di-

plomacia e tudo o que diz respeito á vida diplomatica dos Estados tem ainda um grande prestigio. Ao transporem os humbrais do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, onde um velho porteiro annunciava solennemente a sua chegada, tangendo uma sineta de cobre, os homens da Republica iam sob o peso d'esta superstição e tudo nesse escuro casarão, desde o Vilela muito perfilado a dar-lhes rodas de *senhor ministro* até aos mais obseuros amanuenses espreitando ás portas, lhe pareciam tocados de um prestigio especial que não tinham os funcionarios dos outros ministerios. Depois, no gabinete, deante do retrato do Conde da Barca, que tinha visto os Metternichs do velho regimen, e onde dentro em pouco passaria o corpo diplomatico, os pobres homens da Republica debatiam-se nas agonias de uma verdadeira iniciação. Era então que vinham em seu socorro o Gonçalves Teixeira, o Espirito Santo Lima, a porem-nos muito sollicitos ao corrente das coisas, tornando-as faceis, simples, accessiveis, e então o sentimento d'esses homens (foi o de todos) era o de que o Ministerio dos Negocios Estrangeiros estava muito bem servido de funcionarios e de que não havia motivo para duvidar da sua dedicação á Republica. O que era essa dedicação viu-se. Quando o Sidonio precisou de um sequaz no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, encontrou o Espirito Santo Lima. Este homem, que se prestou a collaborar na mais feroz tentativa reaccionaria que se tem empreendido em Portugal, foi no entanto durante sete annos o director dos Negocios Politicos e Diplomaticos. A administração de ministros como os que a Republica teve nesse mi-

nisterio havia de ser o resultado d'esta situação de inferioridade junto de homens, com a dedicação dos quaes na realidade não se podia contar. A Republica manteve o pessoal diplomatico e consular que a está neste momento atraçoando, porque quem na realidade o segurou nos logares que hoje occupa foram esses homens, com a sua permanente influencia junto de ministros sem sombra de autoridade. Para introduzir a autoridade da Republica nesse ministerio teria sido preciso começar por substituir todos os funcionarios da secretaria, o que nunca se fez. E como o fariam, se a Republica estava persuadida de que elles eram insubstituiveis! Os que não sustentavam que elles eram maravilhosos, allegavam com tristeza que não havia gente. A Republica tinha gente: o que não tinha era o espirito republicano. A sua maior fraqueza não foi a sua falta de homens, mas a sua falta de principios, e como os havia de ter um regimen que se instaura sob a inspiração de homens como Bernardino Machado, velho monarchico fontista, divorciado da monarchia por motivos de vaidade offendida e para o qual a Republica não foi senão uma forma de desaggravo pessoal! Foi pela sua mão que a Republica fez alguns dos seus primeiros passos. Haviam de ser maus, tropegos.

Os allemães continuam a retirar, mas quão lentamente para as nossas impaciencias! E os americanos? O que fazem? Onde estão? Eu espero vel-os irromper de um momento para o outro num ponto da linha da frente. Em Bordeus não se vê senão americanos. São tantos que dir-se-hia submergirem a população.

Durante o dia ouvem-se os canhões com que elles se estão exercitando na artilheria pesada.

BORDEUS, 1 DE SETEMBRO

Os inglezes começam a reconquistar a zona occupada pelos portuguezes antes da offensiva de 9 de abril. Hontem tomaram o monte Kimmel, e andam pelos arredores de Laventie, de Lestrem, logares familiares a ouvidos portuguezes, pois ali estiveram eerea de um anno. Quando os nossos soldados vieram occupar este sector e eu o examinava na carta de França, pensava commigo observando que Lille lhes ficava justamente em frente e a curta distancia: — Quem sabe? Talvez nos esteja reservada a gloria de reconquistar Lille!

Hoje, dia dos meus annos. A Maria parte amanhã para Bagnoles.

BORDEUS, 2 DE SETEMBRO

Os inglezes começam a preoccupar-se com o ascendente que os americanos estão tendo em França. O Giovetti, que veio hontem de Paris, contou-me que o Adam, correspondente do *Times*, fôra convidado a tomar a presidencia de uma commissão que deverá encarregar-se da propaganda ingleza em França. Os americanos, esses, não occultam a sua pouca sympathia pela Inglaterra. O Robert Foy, que está actualmente de serviço junto d'elles na gare de Saint Jean, diz-me que elles exprimem com a maior franqueza os seus sentimentos a este respeito. Da gare de Saint Jean sahem constantemente comboios cheios de tropas americanas,

de material americano, em direcção á frente, e Roberto Fay está entusiasmado com o que vê, diz que é uma maravilha de organização e que nada lhes falta. Antc-hontem partiu para a frente a 60.^a bateria de artilheria americana, que vimos em Montagne e de quo fazem parte aquelles encantadores officiaes que conhecemos nos Tours. A guerra vae bem. Os allemães continuam a ceder terreno. As preoccupações desappareccram. Nem já mesmo se pergunta quando isto acabará. Espera-se tranquillamente o fim e está se certo da victoria, e dir-se-hia que mesmo os sacrificios que ainda scrá preciso fazer para o attingir não contam já. A Maria partiu esta manhã; e esta noite, ao voltar a casa, encontro-me bem só.

BORDEUS, 4 DE SETEMBRO

Passando esta manhã os olhos por um antigo caderno d'este *Diario*, que apczar das suas interrupções já vac no 11.^o, li isto em data de 14 de agosto do 1914: «Estou persuadido de que esta guerra não chega ao fim e de que a paz scrá proposta, ou accito quando os allemães abrirem os olhos á verdade e se sentirem perdidos. Resiste-se á derrota na guerra de defeza: o ultimo homem morre na esperanza de que o seu sacrificio servirá ainda para alguma coisa. Quando a derrota se chama orgulho abatido e decepção, os animos cahem. Estou persuadido de quo assim succederá na Allemanha e que a meio caminho de Berlim os exercitos da colligação terão de voltar para traz, se a França não tiver o capricho de ir — emfim! — a Berlim.»

Hoje leio no *Matin* estas reflexões de uma personalidade suíça, que viaja frequentemente na Alemanha :

« Pour résumer ces impressions sur la situation chaotique et soudaine créée par les événements, je pourrai dire que, dans la formidable désillusion que l'Allemagne vient de subir, on ne saurait encore voir les germes d'une révolution très proche. Pour qu'il y ait révolution, il faut que la colère contre les vrais responsables l'emporte sur la crainte et l'abattement. Or ce n'est pas encore le cas. Le sentiment qui domine en Allemagne c'est la désillusion. Mais elle l'a conduite jusqu'ici à la terreur du lendemain plutôt qu'à la révolte.

Pendant un temps, il est même probable que la dictature du parti militaire deviendra de plus en plus absolue, à mesure que le péril national grandira. Il est probable que, si un gouvernement parlementaire, d'aspect démocratique, s'installait d'ici peu à Berlin, sa politique ne pourrait pas différer sensiblement de l'ancienne.

Mais les choses marchent d'un tel train que, si les événements militaires restent ce qu'ils sont aujourd'hui, toutes mes prévisions se dérouleront dans un espace de quelques mois et qu'aussitôt après l'Allemagne tombera dans un désordre qui fera peut-être oublier même le bolchevisme. »

BORDEUS, 5 DE SETEMBRO

No communicado inglez d'esta tarde leio : « *Au sud de Neuve Chapelle jusqu'à Givenchy, nous avons repris l'ancienne ligne que nous tenions avant le 9 avril.* »

Era a linha que os portuguezes occupavam. Não tiveram sequer a consolação de a reconquistar!

Os inglezes approximam-se de Douai e de Cambrai. Os jornaes escrevem: «São permittidas as mais largas esperanças.» Agora, meio mundo começa a esperar. Eu esperei sempre, e esperi com confiança porque os termos do problema não comportavam outra solução. De um lado estava a Allemanha poderosa, mas do outro estava uma colligação de interesses ameaçados e capazes de fazer prodigios para se salvarem. Por outro lado, logo que a Allemanha mostrou ser um perigo para o direito das nações, desencadeou contra ella uma colligação de forças moraes. A invasão da Belgica marcou o seu fim. A partir d'esse dia a Allemanha tornou-se impopular e a sua guerra odiosa. Com a sua logica de caserna e a sua absoluta falta de senso moral, os homens que conduzem os seus destinos não viram isto e de erro em erro, de crime em crime acabaram por levantar contra o povo allemão todas as forças moracs do universo. «Porque somos nós tão detestados?» perguntava ha pouco um publicista allemão. Não o sabem. São cegos moracs. Depois da Belgica, o *Lusitania*. O *Lusitania* foi para o fundo mas arrastou consigo a Allemanha. Quando se soube que os allemães tinham feito cunhar uma medalha satirica para commemorar este crime monstruoso (essa medalha, cujo desenho foi reproduzido na *Illustration*, representava em uma das faces os passageiros do *Lusitania* precipitando-se sobre um guichet onde a Morte vendia os bilhetes) o mundo moral comprehendeu que estava em presença do maior perigo que o tem ameaçado. Nada d'isto viu a Allema-

nha e accumulou crimes sobre crimes. Tratou os povos que invadiu como escravos romanos e sob o pretexto de fazer a guerra assassinou ás cegas: bombardeou Londres, bombardeou Paris adormecida, massacró mulheres e creanças. Semeou a devastação, o terror e a morte, mas entretanto forjou os gladios de justiça que haviam de lhe varar a sua couraça de ferro. Sempre acreditei que isto havia de ser assim, fôsem quacs fôsem os accidentes de guerra.

BORDEUS, 9 DE AGOSTO

A offensiva parece por um momento ter estacado deante das antigas linhas dos allemães, para onde estes voltaram. Esperemos que não volte tudo outra vez para debaixo de terra e que o forte arranco dos Alliados continue a guerra para que a guerra acabe. Entretanto os americanos continuam chegando. O Bernardino Machado manda-me do Hendaia um manifesto, ou projecto de manifesto ao paiz no qual encontro uma referencia ao convite que a Inglaterra nos fez em 10 do outubro de 1914, para enviarmos forças para a frente occidental da guerra. Nessa referencia reproduz elle esso documento, em muitos pontos textualmente: «Em 10 de outubro — escreve B. Machado — o Governo Inglez declarou-nos que, em presença da *«forma leal e sem hesitações»* porque procederamos, *«se animara a invocar a antiga alliança para convidar formalmente o Governo Portuguez a collocar-se activamente ao lado da Grã-Bretanha e dos outros Alliados, expedindo forças a cooperarem com as suas, na presente campanha»*

e accentuava em primorosos termos que, com o nosso concurso, «*ficaria muito sensivelmente fortalecida a posição dos exercitos alliados, no theatro occidental da guerra.*»

A inepcia dos governos democraticos fez que este documento nunca viesse a lume e agora mesmo ao fazer-lhe uma referencia tão precisa, B. Machado abstem-se de accentuar que essas foram as expressões textuaes empregadas pela Inglaterra no convite dirigido a Portugal para tomar parte na guerra.

BORDEUS, 13 DE SETEMBRO

A derrocada do moral allemão começa a produzir-se em toda a linha. Já os poderes publicos a reconhecem. «*La véritable cause de notre depression — morale disse o vice chanceller Von Payer em Stuttgart — ne reside pas dans les faits partiels, mais dans le sentiment posant lourdement sur nos cœurs que les previsions de paix reculent toujours davantage, quo nous devons envisager la possibilité d'un cinquième hiver de guerre.*»

O allemão dissimula a verdado. A verdadeira causa da depressão moral da Allemanha ó que os allemães vêem a guerra perdida, e já não vêem meio de a ganhar. A guerra para a Allemanha não tem já objectivo. Começa a ser um desastre. Amanhã será uma catastrophe. O que provocava a ceguira dos allemães era a confiança absoluta em si mesmos. O dono d'esta casa contou-me que, no hospital em que foi tratado, so encontrara com um ferido allemão que lhe dissera em excellente francez: — *Vous ne viendrez jamais à bout*

de nous. Nous sommes trop forts. A confiança começa a faltar-lhes: começam a abrir os olhos para uma realidade que nunca entreviram e que os apavora. O proprio imperader já se debate nos transes da duvida. O seu discurso de ante-hentem em Essen é já significative d'este estado angustioso. — Pois Deus, abandonar-nos-hia ne ultimo memento? exclamou elle. E' do prever.

A' ferça de dizer enermidades Guilherme II fez-so uma reputação de hemem de genio junto da humanidade que precedeu a guerra o que é muito differente d'aquella que lhe vae succeder. Nunca, porem, elle as disse tão fabulosas como nesse diseurse d'Essen, quando declarou ter ehegade á conclusão de quo a guerra entre a Allemanha e o mundo colligado é a lueta do bem contra e mal. O desenvolvimente d'esta these, no discourse d'Essen, dá logar a perguntar-se se Guilherme II é simplesmente e mattoíde de que fala Lombroso, ou se nãe é principalmente e mais monstruoso caso do hipocrisia e de falsidade que a humanidade ainda conheceu. Aqui está e que elle disse:

«J'ai longuement réfléchi à ce propos. Je suis arrivé à cette conclusion: sur la terre, le bien lutte contre le mal. Cela fut décidé ainsi par le Très-Haut: le oui et le non, le non sceptique, le oui du Créateur, le non du pessimiste contre le oui de l'optimiste, le non de l'incrédule contre le oui de celui qui a la foi forte, le oui du ciel contre le non de l'enfer.

Vous me donnerez raison si je dis que cette guerre est née de la grande négation. Et si vous me deman-

dez de quelle négation il s'agit, je repends: c'est la négation du droit à l'existence pour le peuple allemand, c'est la négation de toute notre civilisation, c'est la négation de nos exploits, de nos actes. Le peuple allemand était appliqué; il vivait en lui-même, était actif, montrait son génie inventif dans tous les domaines, travaillait de l'intelligence et du corps. Mais il y a des gens qui ne désiraient pas travailler et voulaient dormir sur leurs lauriers, c'étaient nos ennemis.

Nous les gênions par notre travail productif, par le développement de l'industrie, de la science, de l'art, de l'éducation du peuple, de la législation sociale, etc. C'est par là que notre peuple grandit; c'est ainsi que naquit la jalousie. Cette envie, qui poussa les adversaires à la lutte et à la guerre, s'abattit sur nous. Et maintenant que nos adversaires ont vu que toutes leurs espérances avaient été trompeuses, que nos prodigieux généraux, dont on a donné avec raison le nom à de nouvelles usines, les ont accablés de coups, maintenant s'ajoute encore la haine.»

E' licito acreditar que Guilherme II esteja convencido da verdade d'estas afirmações? Não! Foi elle que organisou a guerra, foi elle que a declarou contra povos inermes. A falta de sinceridade das suas declamações salta aos olhos.

BORDEUS, 14 DE SETEMBRO

Os americanos entraram em scena e de que modo! De um pulo libertaram Saint Mibiel, onde o allemão parecia ter pousado desde 1914 uma garra de ferro,

do um pulo conquistaram trinta kilometros de territorio o estão a distancia do canhão de Metz.

A intervenção fulminante d'estes homens na guerra deita a terra num dia todas as velhas concepções militaristas dos exercitos permanentes, das leis dos tres annos, do longo estagio nas casernas, da disciplina o sobretudo do espirito militar. Os americanos vêm provar, como até certo ponto o provaram já os inglezes, que o exercito não é sequer a nação armada, como o pretendiam muitos antes da guerra. Para constituir rapidamente um exercito, o que é condição essencial não é quo haja homens preparados para serem soldados, mas para serem cidadãos. Esta é que é a verdadeira preparação militar e foi com ella que a America entrou em scena. Os recursos matoriaes do povo americano não entram em linha de conta na apreciação d'este caso prodigioso. Todo o oiro da America não saberia fazer um soldado, se o povo americano não constituisse um poderoso nucleo moral de cidadãos consciences o fortes. Entretanto que derrocada não provoca esto facto no mundo das velhas idéas! O quo estarão pensando neste momento os decrepitos generacs, com um resto de cera no bigode á Luiz Napoleão! Quo cogitações não serão as dos velhos, ventrudos majores reformados do nosso tempo! O André Brun, que voltou a Portugal, depois do passar um anno no *front*, como elles lá dizem, escrevia um dia d'estes num jornal do Lisboa que esta guerra é feita por paisanos contra militares. Assim é, e por isso a guerra dura ha tanto tempo. Simplesmente, entro as nações armadas contra o poder militar da Allemanha, a uniea quo fornece o

tipo modelo do soldado paisano de que fala André Brun é a America. Quando a guerra começou, a França, a Russia, a Italia, a propria Inglaterra tinham exercitos, grandes ou pequenos, que se foram tornando maiores ou mais fortes, segundo velhos modelos de organização. Só a America entrou na guerra com uma massa compacta de homens, tirados de um dia para o outro da vida civil, desde o soldado até ao commandante. Os officiaes da 60.^a bateria de artilheria que eu conheci nos Tours eram engenheiros uns, architectos outros, mechanicos todos, pois foi nesta profissão que se recrutaram os quadros de artilheria. Nesse paiz não ha tradições militares, ou espirito militar, ou disciplina militar, o que não impediu que de um dia para o outro a America constituisse um exercito e alcançasse a fornalha com o ardor que se vê. Não foi preciso a esta gente passar quatro annos na caserna, a engraxar botas de officiaes de monoculo e a levar cavallos á data d'agua, para se bater como até aqui se dizia que se batiam os soldados. A entrada d'esta democracia na guerra vem assim a ser o facto essencial da guerra, porque é a demonstração viva de que a guerra era uma ficção monstruosa.

BORDEUS, 16 DE SETEMBRO

E' preciso que a intelligencia allemã seja bem guerreira e que os allemães formem um bem mediocre juizo da intelligencia alheia para que pretendam fazer acreditar ao mundo que a proposta de paz, que acaba de ser feita aos Alliados pela Austria, é obra da iniciativa do governo d'esta nação, como so a Austria,

Estado vassallo da Allemanha, tivesse tido, ou pudesse ter alguma iniciativa nesta guerra. O que succede é que a Austria continua a ser o instrumento da duplicidade allemã. Foi o seu instrumento quando a Allemanha desejou provocar a guerra; é de novo o seu instrumento agora que a deseja acabar. Está hoje demonstrado que o ultimatum á Servia foi concertado com a Allemanha. De resto, tudo na attitude do Governo Allemão, nesses dias angustiosos do fim do julho de 1914, clamava a conivencia da Allemanha com a Austria. Eu officiaua ao Governo Portuguez: «A attitude da Allemanha nestas circumstancias é *louche*». Tudo nessa horrenda machinação que havia de fazer conhecer á humanidade os seus dias mais angustiosos, foi urdido pela Allemanha, até a comedia da excursão do imperador pelas costas da Noruega, pretendendo dar a impressão de quo nesse calmo mez de agosto de 1914 nada fazia suppor que a guerra estivesse prestes a rebentar. Dois apaches concertados para um assalto de surpresa não se conduziriam de uma mancira differente d'aquella por quo se conduziram essas duas nações.

A proposta de paz, que acaba de ser feita pela Austria, é uma idéa allemã, que esta mais uma vez se encarrega de executar. Esta idéa é machiavelica. Tem um fim unico: o de provocar a desordem nos espiritos, nos paizes alliados, levando-os a crer que se a guerra continua não é porque a Allemanha a queira continuar. Este infame estratagemma visa á desmoralisação das sociedades que enviam os seus filhos a baterem-se contra ella. Na realidade visa á guerra civil. Assim este caso monstruoso do amoralidade que é o povo allemão não

promove senão devastações — devastações na ordem material, devastações na ordem moral. Por onde passa um allemão passa a brutalidade, a violencia, a falsidade, a duplicidade, a traição, a mentira, a hipocrisia. Assim passou pela Russia; assim passou pela Grecia; assim passou pela Hespanha; assim está passando por Portugal e o quo é curioso observar é que om toda a parto os seus collaboradores são os individuos de todas as raças que têm com elles affinidades moraes. Em toda a parte são os falsarios, os duplices, os mentirosos, os hypocritas que estão com elles e os servem. Na Russia são os Lenines, falsos defensores do povo; em Portugal, são os Sidonios, falsos defensores da Republica. Assim, o povo allemão seria o prototipo da falsidade e reuniria em volta de si tudo quanto na humanidade é falso.

A guerra dos allemães é um monumento de falsidades. Elles só tiveram uma hora de sinceridade quando em agosto de 1914, pela bocca de Bethman Wolveg, declararam ao embaixador de Inglaterra que os tratados não são mais do que pedaços de papel. Tendo-lhes escapado esta profissão de fé, nunca mais abriram a bocca que não fosse para mentir.

No mesmo dia em que se tornou publica a nota austriaca propondo uma conferencia preliminar para a paz, isto é, hontem, os Gothas vieram a Paris e, dizem os communicados allemães, despejaram sobre a cidade vinte e dois mil quilos de explosivos. Para quê? Para bem accentuar que a nota austriaca é do iniciativa austriaca? Tudo é possivel da parte d'estes sinistros impostores.

A Maria annunea-me que chega na sexta-feira. Bem-vinda seja! Bem difficil me tem sido passar estes vinte dias sem o amparo da sua companhia. A esta casa não tem vindo ninguem. Os jornaes de Portugal dão-me a impressão da impotencia. A *Republica* continua a entreter-se com o Pimenta germanofilo; o *Mundo* gra-ceja, faz dichotes como no tempo da monarchia; a *Manhã* repisa que os monarchicos querem apoderar-se da Republica. Chegou um novo transporte com tropas de França. Tenho contado nestes ultimos tempos pelo menos uns cinco mil homens. «Vêm em goso de licença» esclarece a *Manhã*. Pergunto a mim proprio como acabará isto e que irreparavel desqualificação nos espera perante o mundo. A sociedade portugueza dá-me a impressão de estar toda contaminada por um mal de morte.

BORDEUS, 18 DE SETEMBRO

Os jornaes de Lisboa dão extensos pormenores da chegada dos soldados portuguezes que voltam de França. No dia 13 chegaram num transporte mil quatro eentos e quarenta e sete, dos quaes uns cento e tantos doentes e dezenove mutilados. «A bordo, diz o *Diario de Noticias*, havia um communicativo contentamento, pois todos estavam anciosos por pisar o solo patrio. O aspecto da amurada era interessante. A soldadesca agitava bonets e lenços, mostrando satisfação.» Um soldado desceu com um gato que lhe deram em França: foi uma risota! Os officiaes traziam una pêga numa gaiola. D'esta vergonha, d'este desastre fala-se como de um acontecimento jubiloso. Os jornaes encabeçam

estas noticias eom titulos festivos: *Voltando á Patria!* *Regressando de França!* Os soldados são rcebidos por commissões de madrinhas de guerra, que lhes distribuem refrescos, bolos, tabaeos, eomo se voltassem de uma campanha gloriosa. E' o *complot* desmasearado, é a traição a escancaras, é o Portugal reaccionario e germanofilo, que não queria ir para a guerra, destruindo á luz do dia a obra da nossa cooperação militar. No meio d'isto pode ler-so em jornaes como o *Primeiro de Janeiro* (11, 12 ou 13 setembro) «que os membros do governo frequentam a horas avançadas da noite logares de prazer, restaurantes de clubs carissimos, camarins de actrizes acquiescentes, bancas de jogo» que «altas figuras da politica e da administração so encontram frequentemente em tavolagens mais ou menos luxuosas» que «personagens militares do grande nomo se não dedignam entrar nessas easas e arriscam os seus eobres na batota.»

BORDEUS, 19 DE SETEMBRO

Os jornaes trazem-nos todos os dias notieias de novos progressos dos Alliados. Inglezes e francezes começam a envolver Saint Quentin. Na Lorena parceo que os americanos investem resolutamente eom Metz. Na Macedonia, o general Franchet d'Ésporey tomou por sua vez a ofensiva contra os bulgaros, eom excellentes resultados. A proposta de paz da Austria foi repellida em toda a linha. Os Alliados felicitam-se. Trocam-se telegrammas ehcios de esperanza. Poincaré telegrafou ao principe herdeiro da Servia felieitando-o pelo exito

das suas tropas na Macedonia. Sobre Portugal fez-se o silencio dos tumulos.

BORDEUS, 20 DE SETEMBRO

No Senado Francez o presidente Dubost informou ter recebido o seguinte telegramma do Senado da Republica Portugueza:

«Le Sénat de la République Portugaise, finissant aujourd'hui ses travaux, saluo l'héroïque armée française, sa brillante reconquête du sol de la patrie, et ses idéaux de justice et de liberté — Signó: Président *Forbes Bessa.*» (Aplaudissements.)

E' com estas imposturas que se vae occultando ás vistas dos estrangeiros o quo se passa em Portugal. No entanto parece que o velho Dubost não tem uma grande idéa do quo ali se passa, porque o seu telegramma de resposta manifesta uma evidente reserva:

«Le Sénat Français envoie son salut cordeal au Sénat de la République Portugaise et félicite avec lui les armées alliées qui poursuivent leurs succès avec do nouveaux titres de gloiro et marchent à la victoire.» (Vive approbation.)

Por outro lado a *France* d'esta manhã publica este telegramma de Lisboa:

EN PORTUGAL

UNE PROCHAINE AMNISTIE

LISBONNE, 9 septembre. — A l'occasion de l'anniversaire de la République, le président Sidonio Paes signera un décret d'amnistie visant les délits politiques au bénéfice duquel seront admis les citoyens portugais qui se sont expatriés, et notamment M. Bernardino Machado.

Era o que me faltava para coroamento da minha carreira: ser amnistiado pela Republica! Entretanto em Lisboa, no Porto e nas provincias continuam a prender gente a torto e a direito. A Maria chega logo; e este facto para o meu coração tem mais importancia que tudo. Esta tarde sahi, andei por Bordeus. Os americanos pullulam e já entre elles se vêem feridos, mas que bellos feridos! Que simplicidade do porte e como esta democracia sabe trazer bem um braço ao peito!

BORDEUS, 21 DE SETEMBRO

O *Diario de Noticias* abriu uma subscrição a favor dos prisioneiros portuguezes de guerra e tem sido um verdadeiro plebiseito. Tudo quanto Lisboa eonta de reactionario e germanofilo tem eoncorrido com o seu obulo á boa casa do *Diario de Noticias* — o alto commercio, os Bancos, as Companhias, o conde de Sabugosa, até a madre prioriza do Bom Successo; e como as estancias balnearias estão ehcias de *thalassas*, como lá se diz, a sua occupação favorita é fazerem *quêtes* a favor

«dos nossos pobres prisioneiros de guerra.» Para que isto fôsse completo faltava que o Sidonio tambem contribuisse. Tambem contribuiu e o *Diario de Noticias*, orgulhoso, poude dizer :

«A subscripção aberta por esta folha tem hoje, por assim dizer, a sua consagração official e solemne.

O sr. Presidente da Republica, louvando calorosamente, nos termos mais cativantes, a iniciativa do *Diario de Noticias* que deseja ver proseguida sem desfalecimento e com exito cada vez maior, e affirmando que todas as coadjuvações de character particular são preciosas para auxiliarem a obra do governo que, aliás, não desampara um momento os que na guerra empenharam a sua vida e o seu futuro, teve a gentileza de querer que o seu nome figure tambem na lista dos subscriptores que concorrem ao nosso appello. E assim pessoalmente no-lo communicou hontem.

Tendo a comprehensão nitida do que valem e podem os esforços particulares postos dedicadamente ao serviço da causa comum, que é afinal a causa sagrada da patria, o sr. dr. Sidonio Paes reconhece, como devem reconhecer todos, que esses esforços facilitam consideravelmente a missão das estações officiaes por muito que estas só de per si façam e consigam. É muitissimo, effectivamente, tem ella já feito a favor das victimas directas e indirectas da guerra, quer pela acção e influencia do sr. Presidente da Republica, quer pela do governo e dos seus delegados.

Ao entusiastico incitamento e aplauso com que S. Ex.^a quiz estimular a iniciativa do *Diario de No-*

ticias corresponde este, apresentando ao supremo magistrado da nação as homenagens do seu reconhecimento, e, por justa deferencia, inserevendo hojo na lista dos subscritores um só nome — o do illustro Chefo do Estado.

Transporte rectificado	31.510\$50
Do Sua Excecellencia o sr. Presidente da Republica	<u>200\$00</u>
	31.710\$50

A subscripção do orgão surdamente reaccionario quo é o *Diario de Noticias* está assim servindo do pretexto aos reaccionarios e germanofilos portuguezes para mais uma manifestação contra a guerra. O que essa gente pretende fazer com os seus obulos a favor dos prisioneiros de guerra não é manifestar a sua simpathia aos soldados, mas ás victimas da Republica que levou Portugal á guerra. O pretexto foi oxcelente para fazer esta manifestação, mas ella não tem outro caracter que não seja este. E' uma forma de protesto que tem a vantagem do poder ser feita á luz do dia o que não dá logar senão a louvores. Fizeram-se subscripções em França, ou na Inglaterra, ou na Italia a favor dos prisioneiros do guerra? Não consta. A Cruz Vermelha recolle obulos para os seus serviços, mas é tudo. Os prisioneiros de guerra, esses, ficam ao euidado dos sous ou do Estado. O embaixador Gerard conta nas suas Memorias que o primeiro euidado do governo inglez foi occupar-se dos seus prisioneiros, enviando-lhes recursos, roupas e alimentos por intermedio da embaixada

dos Estados Unidos, a cargo da qual estavam então os interesses inglezes na Allemanha. Dos prisioneiros francezes são principalmente as suas familias que so occupam enviando-lhes o que lhes é necessario por intermedio de *bureaux* especialmente creados para esse effeito na Suissa, e eu estou convencido de que a idéa de se fazerem subscripções publicas a favor de prisioneiros de guerra parcceria absolutamente indigna a inglezes e francezes. Prisioneiros de guerra não são individuos cahidos na desgraça e que se soccorram com esmolas. Em Portugal os nossos são tratados como victimas do um tremor de terra. Nem mesmo porem nesta conjunctura a alta sociedade portugueza sahe da sua habitual mesquinharia: a casa Anjos & C.^a contribue com cem mil reis; mas a contribuição que dá a nota do que seja a falta de bom senso e de equilibrio intellectual dos portuguezes é a do homem que actualmente so intitula em Portugal presidente da Republica, pois nada ha mais estúpido do que vor o mais alto representante do Estado contribuir para uma iniciativa que devia ser officialmente do Estado, em termos que parece estar contribuindo para uma obra do caridade privada. Duzentos mil reis para os prisioneiros de guerra! O que porem é mais inquietador, pois rovcla um estado geral de baixa mentalidade, é quo ninguem parece dar por semelhante anomalia, toda a gonte acha naturalissimo quo os prisioneiros de guerra sejam tratados como victimas de uma catastrofo o que á testa do movimento filantropico o de piedade em scu favor se colloque o chefe do Estado, o qual por sua vez nem é chefe d'Estado, nem coisa alguma.

BORDEUS, 24 DE SETEMBRO

Barbosa de Magalhães, o ministro da Instrução do ultimo governo democratico, escrevo no *Mundo* :

« Ao mesmo tempo que machinava e forjava a diminuição politica do nosso papel em França, quiz o governo do sr. Sidonio poupar ao chefe do Estado Maior do C. E. P. o desgosto profundo de lho dar esta noticia e assim, em obediencia a influencias desconhecidas, exonerou grosseiramente e mandou apresentar em Lisboa o sr. coronel Roberto Baptista, official muito considerado e que tinha dado o melhor do seu esforço pela vida do C. E. P, não sendo talvez estranha á sua exoneração o facto muito conhecido de elle ser um eminente patriota, pugnando sempre mais pelos interesses do seu paiz que pelos de qualquer outro.»

O coronel Roberto Baptista não devia com effeito ser pessoa grata junto dos inglezes. E' um patriota, como diz Barbosa do Magalhães o como tal interessou-se apaixonadamente pela intervenção de Portugal na guerra. Logo que assumiu a direcção do Estado Maior das forças portuguezas que então tinhamos em França o verificou o papel subalterno que os inglezes lhes queriam attribuir, correu a Lisboa a reclamar que ellas fôsem elevadas á categoria de um corpo de exercito, para assim constituirem uma unidade independente. Isto se fez, porque no Ministerio da Guerra estava outro patriota — Norton de Mattos. Roberto Baptista voltou para França extremamente satisfeito

com este resultado. Mais tarde, foi elle que me permittiu fazer publicar os primeiros communicados do guerra do Corpo Expedicionario. As suas relações com os inglezes não foram boas. Os inglezes queriam mandar no Corpo Expedicionario como em sua casa. Freqüentes vezes elle teve de os chamar á razão. Não me surprehende por isso que «influencias desconhecidas», como escreve Barbosa de Magalhães, tenham contribuido para a sua exoneração de chefe do Estado Maior do Corpo Expedicionario. Os inglezes nunca viram com bons olhos os patriotas portuguezes que não se dobram á sua politica de dominio em Portugal.

Entretanto a comedia de um Portugal belligerante continua. Os jornaes de Lisboa noticiam: «Partê hoje para França (20-9-18) afim de assumir o commando de uma das divisões na frente de batalha, o sr. coronel Alves Roçadas.»

Nem ha divisões, nem frente de batalha, nem portanto commando. O que ha, continua a haver é uma abominavel impostura.

BORDEUS, 26 DE SETEMBRO

«Para qualquer lado que nos voltemos — doloroso é reconhecêl-o — a sociedade portugueza é um organismo gasto, a caminho da decomposição.» Acabo de ler isto no *Seculo* e é como se estivesse a ler a nossa historia. Desde os confins do seculo xvii que Portugal vem a dizer isto de si mesmo, que está em decomposição. Creio mesmo ser este o titulo de um dos capitulos da *Historia de Portugal*, de Oliveira Martins. Quando, no exilio, ouvia dizer que a França estava morta, Edgard

Quinet replicava — A França, morta? Quem está morto é o senhor. Diga-me quando é o seu enterro, porque quero assistir a elle! (*La Republique et la régénération de la France*). Em Portugal não ha, não houve nunca gente d'esta tempera. A historia é cscripta por coveiros e no que cada um se empenha é em deitar uma pásada mais cheia de terra á cova sempre aberta da nacionalidade. Houve no entanto um tempo em que o pessimismo encarnou em certos homens, como o atrabiliario Herculano. Hoje é anonimo, e não ha sacripanta o mais obscuro que não atire Portugal para a cova. A Republica trouxe comsigo um espirito diferente, esperança, fé, confiança no futuro; mas quem encarnou este espirito? Ninguem. O Portugal renascido da Republica não teve cantores e, ao contrario, dir-se-hia que neste regimen a todos falta a voz.

Os inglezes estão reconquistando a I'alestina, os servios a Servia e do fundo da Allemanha não vem senão uma palavra — paz! paz! Mas como tudo isto leva tempo a acabar!

BORDEUS, 27 DE SETEMBRO

Nova offensiva franco-americana, entre Reims e Verdun. Esta região é justamente aquella que percorri de automovel em outubro do anno passado, com os dois presidentes. D'um pulo, os americanos ganharam doze quilometros de profundidade, tomaram treze localidades, fizeram cinco mil prisioneiros. Os francezes parecem ter ficado para traz e já os habituaes commentarios ao communicado vam explicando que os allemães esperavam o ataque do exercito Gouraud, emquanto

que o ataque dos americanos foi para elles uma surpresa, a que oppozeram «une faible résistance et des troupes peu nombreuses.» No entanto, o communicado americano regista que o avanço das suas tropas se fez através «une résistance acharnée.» Não creio que a polemica surda que se contem nestas contradicções seja muito do agrado dos americanos. A verdade é que o amor proprio parece ter entrado na scena da guerra, depois que os americanos intervêm nella com a sua extraordinaria energia. E' evidente que o amor proprio francez se sente attingido quando é levado a collocar ao lado dos seus os resultados obtidos pelos americanos. A rapida tomada de Saint Mihiel, que durante quatro annos os allemães mantiveram em seu poder o que os americanos libertaram num dia, já deu logar a certas manifestações, como a noticia de que o primeiro official que entrara na cidade recuperada fôra um official francez, o que não constituiu façanha digna de ser assignalada, porquanto os allemães, sentindo as suas communicações cortadas pelos americanos, se apressaram a evacuar Saint Mihiel, que deixaram intacta. Na offensiva que acaba de se iniciar, a imprensa procura francamente reduzir a importancia do esforço dos americanos. Assim, tendo consignado que os allemães foram surprehendidos por estes e lhes oppozeram tropas pouco numerosas, o commentario ao communicado diz: «Ces circonstances leur ont permis (aos americanos) de realiser une avance sensible, douze kilomètres, en prenant Monfaucon.» Oxalá os americanos não tenham em conta estas fraquezas do espirito francez. Entretanto, reccio que estas questões de amor pro-

prio possam influir em certos resultados da campanha. Mesmo nos momentos mais criticos da sua existencia os homens deixam-se tantas vezes guiar por pequenas razões!

Todo o entusiasmo guerreiro dos portuguezes — ai de nós bem efemero! — está liquidando num movimento sentimental a favor dos prisioneiros do guerra. A grande preocupação d'este momento ó se elles terão que eomer, se terão eom que se eobrir, e já a imprensa republicana faz d'isto o seu cavallo de batalha de opposição, desviando assim do espirito publico a uniea preocupação que o deveria absorver e que seria a de saber em que estado de desprestigio sahirá Portugal d'este conflicto.

BORDEUS, 28 DE SETEMBRO

Como numa mutação á vista, a vietoria que parecia até aqui hesitar entre a Allemanha e os Alliados passou resolutamente para o lado d'estes e, dos confins do Oriente até ao Mar do Norte, desfraldou todos os seus estandartes. Na Palestina, os inglezes pozeram fóra do combato o exereito tureo. O exercito de Saloniea que parecia immobilizado, inerte, inutil, sahiu subitamente da sua longa inaeção e vae a estas horas a eaminho de Sofia, com os seus francezes, os seus inglezes, os seus servios, os seus gregos. Toda a frente occidental despartou e dos Vosges até o Iser, milhões de homens empurram furiosamente o allemão para fóra da França. Os belgas ha quatro annos immobilizados reeonquistam Dixmude, tumulo de horoes. Cambrai vae eahir. Saint

Quentin cairá amanhã, ou depois. Metz está a ser evacuada sob o fogo dos canhões americanos. Finalmente, a Bulgaria pediu um armistício, propoz a paz. O órgão socialista allemão *Vorwaerts* escreve:

Bâle, 29 septembre. — «Il ne s'agit pas maintenant de conquêtes, mais d'arriver à la paix sans conditions insupportables. Il y a toute vraisemblance que la situation actuelle ne durera plus très longtemps. Le gouvernement doit tout faire pour arriver aussitôt que possible avec les Alliés à la table des Conférences. Il faudra que ce soit le gouvernement de la démocratie allemande qui y aille.»

E' o fim? F' evidentemente o fim. Nesta hora suprema, todos os povos que soffreram e se bateram querem á compita apparecer, mostrar-se ao mundo de gladio em punho na peleja commum. Cada um põe nesso empenho uma porção de orgulho. Ao lado do communicado francez de Franchet d'Esperey, apparece o communicado servio. Pelo communicado belga, ha tanto tempo sem vida e sem interesse, passa um sopro de libertação. A propria Grecia iniciou os seus communicados officiaes, quer tambem que a vejam, que a saibam de arma em punho a resgatar as suas faltas. Dos belligerantes, o unico povo que desappareceu da scena da guerra fomos nós! Era este para nós o grande momento da nossa historia. Perdemol-o. Ainda não se pergunta o que é feito dos portuguezes, mas não tardará que essa pergunta se faça com uma curiosidade que nos encherá de vergonha e de humilhação, e assim

se terá consumado a obra de destruição apprehendida pelo velho Portugal sobre o Portugal novo.

Chamei hoje um medico e como elle, depois de me auscultar, me dissesse que o meu coração está intacto, fiquei surprhendido. Devia tel-o em pedaços.

BORDEUS, 29 DE SETEMBRO

A Allemanha encontra-se enfim em presença das primeiras derrotas insofismaveis, de cujo effeito no seu moral sempre esperei a sua queda. Vae durar muito a sua resistencia moral á derrota? Não o creio e do que estou persuadido é que os Alliados vam ser surprhendidos mais dia menos dia com uma proposta de paz, não intercalada ou dissimulada em discursos officiaes como até aqui, mas apresentada na haste de uma bandeira branca. Esse será talvez o momento mais grave da guerra, porque será talvez aquelle que abalará a consistencia das sociedades que têm defrontado os seus exercitos com os da Allemanha. Estou convencido de que o que mais interessa neste momento aos allemães não é a Alsacia Lorena, que elles de qualquer modo se resignarão a abandonar, mas as suas colonias. Estão os Alliados decididos a restituir-lh'as? Não o creio. A Inglaterra, em especial, não quererá certamente voltar a partilhar a sua influencia na Africa com a Allemanha. Já esse regimen a levou, como o revelou o conde de Lichnowsky, a fazer com a Allemanha um accordo de partilha de influencia economica sobre as colonias portuguezas, accordo que não se chegou a ultimar, mas que não foi senão o resultado da

pressão allemã e o receio por parte da Inglaterra de um conflicto com a Allemanha por este motivo. Como sempre, a Inglaterra não hesitou nestas circumstancias em nos sacrificar, o que não impede que esse projecto de regimen de partilha de influencia tenha sido um golpe no orgulho dos inglezes. Assim, estou convencido de que conseguindo desembaraçar-se do seu antigo competidor em Africa, a Inglaterra se opporá a todo o transe a que ella volte para ali e ali restabeleça o seu regimen de condominio com ella. Obterá porem esta resolução a approvação das classes trabalhadoras inglezas e francezas, no seio das quaes se estão observando sentimentos que estão muito longe de ser os que manifestam os poderes publicos? Ha pouco ainda, em Londres, um representante das classes operarias teve palavras da maior benevolencia para a Allemanha, e no Havre, ha dias, uma moção dos sindicatos operarios relativa á continuacão da guerra consignava que a expressão d'este voto não comportava a idéa de odio aos allemães, o que tudo é muito significativo. Felizmente, os americanos estão cá não só para fazer a guerra, mas tambem para fazer a paz e eu cspero que o bom senso d'estes grandes democratas acabará por se impôr ao espirito chimerico dos democratas europeus, mais inclinados a devanearem do que a verem de frente a realidade.

TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
RUA AUGUSTA — 44, 46 E 48
LISBOA





